

ANTÔNIO CARLOS GALVÃO DA SILVA

**O SERINGAL NO MUNICÍPIO DE LÁBREA:
O ESPAÇO VIVIDO E A RESISTÊNCIA DE UM TEMPO**

**PORTO VELHO
2008**

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA – UNIR
NÚCLEO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA – NCT
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM GEOGRAFIA - PPGG**

Antônio Carlos Galvão da Silva

**O SERINGAL NO MUNICÍPIO DE LÁBREA:
O ESPAÇO VIVIDO E A RESISTÊNCIA DE UM TEMPO**

**PORTO VELHO
2008**

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA – UNIR
NÚCLEO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA – NCT
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM GEOGRAFIA - PPGG**

Antônio Carlos Galvão da Silva

**O SERINGAL NO MUNICÍPIO DE LÁBREA:
O ESPAÇO VIVIDO E A RESISTÊNCIA DE UM TEMPO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia – PPGG, Núcleo de Ciência e Tecnologia, da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, para obtenção do título de mestre em Geografia.

Área de Concentração: Populações Amazônicas e Cidadania.

Orientador: Prof. Dr. Josué da Costa Silva.

**PORTO VELHO
2008**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

981(811.3) Silva, Antônio Carlos Galvão da.
S586s

O seringal no município de Lábrea: o espaço vivido e a resistência de um tempo / Antônio Carlos Galvão da Silva. -- Porto Velho, 2008.
209p.

Dissertação (Mestrado). – Fundação Universidade Federal de Rondônia, 2008.
Orientação Prof. Dr. Josué da Costa Silva, Núcleo de Ciência e Tecnologia.

1. História – Amazônia 2. Extrativismo – Amazônia 3. Cultura Ribeirinha I. Título II. Silva, Josué da Costa.

Dissertação defendida e aprovada, em 25 de abril de 2008, pela banca examinadora:

Prof. Dr. Josué da Costa Silva
Orientador

Profa. Dra. Maria das Graças S. N. e Silva,
Examinadora

Prof. Dr. Wolf Dietrich Gustav Johannes Sahr (UFPR).
Examinador

DEDICATÓRIA

À minha esposa Vanilda e minhas filhas Amanda e Carla Gabriela, pelo estímulo, carinho e compreensão.

À minha mãe Dalvanira pelas privações e dedicação em prol de sua família.

Em memória de meu pai, Manoel Coelho da Silva, que certamente estaria muito satisfeito por saber que este estudo é fruto de virtualizações adquiridas ao longo da íntima convivência que tivemos nos rios e igarapés amazônicos. Meu eterno agradecimento e respeito.

AGRADECIMENTOS

O ser humano é dotado de valores poderosamente grande com tudo que lhe rodeia, em especial com outros seres humanos. Possui uma necessidade instintiva e insuperável de associação, impulso associativo natural que mesmo estando em abundância de todos os bens não consegue viver isolado. Assim, acreditamos que para termos uma condição essencial de vida é necessário buscar sempre um relacionamento de apoio mútuo. Este trabalho não se configurou de forma diferente.

Partindo dessa premissa, não podemos esquecer que para a concretização desta dissertação muitas foram as colaborações, de maneira que, este estudo se traduz em uma somatória de esforços por vários agentes sociais. Assim, com muito amor, consideração e reconhecimento agradeço:

À Universidade Federal de Rondônia e ao Departamento de Geografia pela oportunidade de realizar este curso;

Ao meu orientador, professor Doutor em Geografia, Josué da Costa Silva o qual a cada momento de encontro para as orientações aprendi a trilhar não só os caminhos acadêmicos, mas, sobretudo, a arte da tranquilidade e serenidade com que devemos nos encontrar para superar os obstáculos apresentados em nossa caminhada, sendo, desta forma, não só um professor, mas, também, um grande amigo e colaborador na minha vida acadêmica e pessoal, não medindo esforços para guiar-me, estando comigo todos os momentos, inclusive na pesquisa de campo coordenando os trabalhos;

À Professora, Dra. Maria das Graças Silva do Nascimento Silva, pelos ensinamentos dos estudos de gênero os quais me serviram de base para demonstrar, dentro deste estudo, um pouco da vida das mulheres nos seringais amazônicos;

Aos amigos pesquisadores Professora Mestre em Desenvolvimento Sustentável Lucileyde Feitosa Sousa e Professor Mestrando em Geografia Adnilson de Almeida Silva que juntos, imbuídos de muita determinação e companheirismo, tornaram possível o sucesso da pesquisa de campo quando da aplicação dos questionários, entrevistas e sugestões. A estes, destino minha eterna gratidão;

Aos tripulantes da embarcação Comandante São Francisco, Jesus, Abidon e Íbicio que nos conduziram com segurança no rio Ituxi adentro até a cachoeira da Fortaleza do Ituxi.

Ao Manoel, Afonso, Nazaré, Elenildo, Edenilson, Agostinho, Francisco, Rodrigo e ao pequeno Juninho os quais fizeram parte da comitiva da exuberante pesquisa de campo nas

comunidades do rio Ituxi. Obrigado pela postura respeitosa, companheirismo e dedicação no desempenho de suas atribuições;

À estimada Profa. Dra. Tânia Brasileiro pela confiança e incentivo para a consecução do meu ingresso no mestrado;

Ao Professor Nilson Santos pela participação na Banca de Qualificação, onde, suas orientações foram de extrema relevância para este trabalho;

Aos professores Carlos Santos e Dorisvalder Dias Nunes pelas disciplinas ministradas com muito afinco;

Aos companheiros do Curso de Mestrado com os quais convivi e partilhei momentos de alegrias e também de aflições e ajuda mútua ao longo desses dois anos;

Ao Tenente Sávio Mayer Gomes Pinto, da Base Aérea de Porto Velho, que por várias vezes me estimulou a inscrever-me no Curso de Mestrado;

Aos amigos da Base Aérea de Porto Velho pelo estímulo e apoio durante essa jornada;

Ao amigo Roberto Rivelino pelo apoio quando da formatação dos gráficos;

À gentil amiga Aline Zangrando pela colaboração no decorrer do curso e nas transcrições das entrevistas;

Aos amigos e casal Adriane Hirschky e Denilso de Lima pelos bons serviços prestados quando da transcrição das entrevistas e traduções de textos;

Aos amigos Raimundo Nonato Mesquita de Melo, Lacerda e Joaquim do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário do Estado do Amazonas – IDAM - na unidade local de Lábrea, pela relevante atenção e colaboração no fornecimento de informações históricas e extrativistas daquele município;

Ao bispo da cidade de Lábrea dom Jesus Moraza Ruiz de Azúa o qual permitiu que efetuássemos pesquisas em arquivos e livros tombo da Prelazia de Nossa Senhora de Nazareth, bem como a recortes de jornais antigos;

Ao Pastor Antônio Vasconcelos de Souza, morador de Vila Vitória, pelas valiosas informações prestadas;

Aos ribeirinhos moradores nas comunidades Nova Esperança, Floresta, Volta do Bucho, Vila Vitória, Fazenda Chefe, Fazendinha e Fortaleza do Ituxi pela recepção acolhedora a toda equipe de pesquisadores;

Aos entrevistados – seringueiros e seringueiras, parteiras e rezadores, - que com muito entusiasmo, disposição e carinho acolhedor nos prestaram de maneira minuciosa as

informações empíricas vivenciadas ao longo da dura vida nos seringais, sem as quais, este trabalho não se configuraria da maneira em que se encontra;

Ao Coronel Aviador Luiz Carlos Lebeis Pires Filho, então Comandante da Base Aérea de Porto Velho, pelo apoio e compreensão da importância do curso de mestrado na minha carreira profissional e particular, dando, desta forma, as condições necessárias para o desempenho e cumprimento de minhas atividades acadêmicas;

Ao prefeito da cidade de Lábrea, Gean Barros, pelo apoio e hospitalidade com que acolheu a comitiva de pesquisadores;

Ao meu grande amigo poeta, Elias de Souza, exímio conhecedor da cultura ribeirinha e que desde o início de minha trajetória acadêmica vem contribuindo com suas orientações científicas. Sem dúvidas é um dos grandes responsáveis por esta vitória;

Aos meus irmãos Maria do Livramento Galvão da Silva, Ana Lúcia Galvão da Silva, Raimunda Nonata Galvão da Silva e Manoel Antônio Galvão da Silva que, a distância, acompanharam e muito me estimularam;

Ao meu estimado irmão e colaborador Francisco Jordeval Galvão da Silva, sua esposa Adalcicléia Feitosa e filha Larissa Feitosa Galvão por, efetivamente, proporcionar o suporte necessário para realização da pesquisa de campo, bem como, pela maneira dedicada e acolhedora destinada a toda equipe, nos dando o conforto e segurança de seu lar. Obrigado;

Por fim, Dedico meu agradecimento especial ao nosso senhor Deus por proporcionar que tantas pessoas preciosas se fizessem presentes em minha vida, ajudando-me a construir e a trilhar um caminho orientado pela chama da justiça, perseverança, respeito e amor.

INDAGAÇÃO DO CABOCLO PURUENSE

Elias Bezerra de Souza

Mudam os rumos da vida no mundo,
Mas eu não sou desse mundo global.
Meu viver é no mundo da selva.
A floresta é o meu próprio quintal.

Mudam as fontes do capitalismo,
Mas a minha fonte está no caldário
Deste rio centenário e lendário,
É o Purus minha fonte afinal.

Transformam-se as paisagens urbanas,
Mas a minha paisagem é a paisagem rural,
É a selva, a floresta que encanta,
Minha terra cabocla, meu reino animal.

A borracha, a castanha, a madeira,
São riquezas que emanam da terra
Que aos olhos dos capitalistas
São motivos pra brigas e guerras.

E eu, caboclo dependente da floresta,
De onde vou tirar o sustento pra família
Quando a nossa fauna e a nossa flora
For uma extensa paisagem sem vida?

(Poema escrito especialmente para este estudo e dedicado aos amazônidas - caboclos ribeirinhos, pessoas especiais que fazem da floresta e dos rios sua eterna morada).

RESUMO

O SERINGAL NO MUNICÍPIO DE LÁBREA: O ESPAÇO VIVIDO E A RESISTÊNCIA DE UM TEMPO

Este estudo é fruto de pesquisas desenvolvidas, no período de 2006 a 2008, com ribeirinhos moradores de comunidades localizadas no rio Ituxi, afluente da margem direita do rio Purus, no município de Lábrea, sul do Estado do Amazonas, bem como com alguns ex-seringueiros que migraram para a sede deste município. Teve por objetivo Analisar o processo histórico do seringal no município de Lábrea, bem como o trabalho e o viver dos ribeirinhos com o meio onde vivem de modo a possibilitar conhecer a constituição do seringal no contexto atual. Nesta perspectiva, Levantamentos históricos, darão a compreensão do processo de ocupação dos seringais, não só na região puruense mas, no território amazônico de modo geral, bem como a organização espacial destes, e as políticas públicas adotadas para a região na busca da exploração do látex. Esse processo de exploração extrativista, legitimada pelo poder capitalista, levou milhares de pessoas a viverem uma vida insalubre nas densas matas amazônicas, onde, desde muito cedo meninas e meninos foram obrigados a despirem-se da inocência de criança e pôr sobre si a responsabilidade da árdua tarefa do corte da seringa, passando, assim, à condição de extratores. Essa corrida gumífera, transformou sobremaneira a região, tanto nos seringais como nas cidades. Hoje, a configuração geográfica nesses locais de seringal se dá de maneira bastante distinta da existente nos períodos áureos da corrida pela obtenção do produto da borracha. O sistema de barracão já não existe mais. As famílias, que tinham por características ou necessidade constroem seus tapiris em locais mais longínquos e isolados, hoje, formam comunidades. A prática da exploração do extrativismo de outrora, norteado praticamente pela produção da borracha, se diversificou, sendo conciliado aos mais variados produtos explorados na mata, como por exemplo, dentre outros, destaca-se a coleta da castanha, a extração do óleo de copaíba, de andiroba, do leite da sorva, da madeira, além da atividade pesqueira e do roçado. Entrementes, mesmo diante de um cenário mais favorável, no que tange ao modo de vida nos seringais, existem fatores que obrigam muitos ribeirinhos a partirem rumo à cidade em busca de melhores garantias de vida.

Palavras – chave:

Borracha/Amazônia. Cultura/Ribeirinha. Extrativismo/Lábrea. Seringueiro/Rio Ituxi.

ABSTRACT

RUBBER PLANTATIONS AREAS IN THE TOWN OF LÁBREA: THE INHABITED AREA AND THE RESISTENCE OF A TIME

This study is the result of a research carried out from 2006 to 2008 with dwellers along the riverside in communities located in Ituxi River, a right side tributary of Purus River, in the town of Lábrea, in the south of the State of Amazonas, as well as some former rubber workers who migrated to the this town. The aim of the study was to analyze the historical process in the Lábrea Rubber Plantation Area as wells as the work and the riverside dwellers' way of life with the environment they live on so as to make it possible to understand a Rubber Plantation Areas (Seringal) nowadays. From such a viewpoint, historical analysis will help us understand the occupation process not only in the region of River Purus but also in the Amazon region, its spatial organization and the public policies adopted in the region in search of latex exploration. This latex extraction process, made possible by the strong hands of powerful men in the region (coronéis), made a great number of people to live in very bad and poor conditions in the Amazon jungle, where many boys and girls were obliged to forget about their innocence and start at an young age to work hard in the extraction of latex from rubber trees. This unstoppable run transformed the region, in rubber plantation areas as well as in towns. Presently, the geographical constitution in these rubber plantation areas is undertaken in a very different way from those of the past. The shaft system no longer exists. Families, whose main characteristics or necessity was to build their *tapiris* in distant and isolated places, now organize themselves in communities. The exploration from the past, aimed mainly at the production of rubber, gave place to a great variety of natural products exploitation in the forest, such as the Brazilian nut, *copaiba* and *andiroba* oil, *sorva*, log, fishing and *roçado*. Meanwhile, even before a more favorable scenario, as far as rubber workers' way of live is concerned, there are factors which force the riverside dwellers to move into cities so as to find better guarantees of life.

Key words:

Rubber/Amazon. Culture/Riverside. Extractivism/Lábrea. Rubber worker / Ituxi River.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Mapa de Situação do Município de Lábrea.....	28
Figura 2 -	Carta-Imagem das Comunidades Pesquisadas e visitadas.....	30
Figura 3 -	Mapa de Pontos Amostrais – Comunidades.....	31
Figura 4 -	Esquema da Constituição Geográfica de um Seringal Proposto por Winstein.....	68
Figura 5 -	Esquema da Constituição Geográfica de um Seringal Proposto por Ferrarini.....	69
Figura 6 -	Gráfico do Grau de Escolaridade nas Comunidades Pesquisadas.....	114
Figura 7 -	Gráfico dos Principais Produtos Cultivados nas Comunidades Pesquisadas.....	116
Figura 8 -	Gráfico dos Produtos Explorados com Extrativismo nas Comunidades Pesquisadas.....	117
Figura 9 -	Gráfico dos Percentuais de Participação em Mutirão nas Comunidades Pesquisadas.....	120
Figura 10 -	Gráfico das Principais Doenças que Afetam as Comunidades Pesquisadas.....	121
Figura 11 -	Gráfico das Principais Atividades de Lazer nas Comunidades Pesquisadas.....	122

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Dados Comparativos da Produção de Borracha no Purus a Partir de 1900 a 1902.....	91
Tabela 2 -	Dados Comparativos dos Cincos Municípios, em Toneladas, que mais Produziam Borracha nos anos de 1920, 1940 e 1950.....	99
Tabela 3 -	Dados Comparativos dos Cincos Municípios que mais Produziram Castanha nos anos de 1940 e 1950.....	100
Tabela 4 -	Exploração do Extrativismo no Município de Lábrea de 2002 a 2007.....	128
Tabela 5 -	Produção de Caroços de Açaí.....	132
Tabela 6 -	Produção do Vinho do Açaí.....	132

LISTA DE ABREVEATURAS E SIGLAS

AFLORAM	Agência de Florestas e Negócios Sustentáveis do Amazonas
ASPACS.	Associação dos Produtores Agroextrativistas da Colônia do Sardinha
BASA	Banco da Amazônia
BCA	Banco de Crédito da Amazônia
BCB	Banco de Crédito da Borracha
CAETA	Comissão Administrativa de Encaminhamento de Trabalhadores para Amazônia
CCAW	Comissão de Controle dos Acordos de Washington
CNPSP	Centro Nacional de Pesquisa em Seringueira e Dendê
CNS	Conselho Nacional dos Seringueiros
CODAEX	Comissão de Desenvolvimento do Agroextrativismo
CPT	Comissão da Pastoral da Terra
DNI	Departamento Nacional de Imigração
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FUNASA	Fundação Nacional de Saúde
IAN	Instituto Agrônomo do Norte
IBAMA	Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDAM	Instituto de Desenvolvimento Agropecuário do Estado do Amazonas
IPEAN	Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuária do Norte
PROBOR	Programa de Incentivo à Produção de Borracha Natural
RDC	Rubber Development Corporation
SAVA	Superintendência para o Abastecimento do Vale Amazônico
SEMTA	Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia
SESP	Serviço Especial de Saúde Pública
SIPAM	Sistema de Proteção da Amazônia
SNAPP	Serviço de Navegação e Administração do Porto do Pará
SPVEA	Superintendência do Plano de Valorização Econômico da Amazônia
SUDAM	Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia
SUDHEVEA	Superintendência do Desenvolvimento da Borracha

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A – Questionário Sobre o Modo de Vida nas Comunidades Pesquisadas.....	203
Apêndice B – Mapas de Pontos Amostrais – Comunidades.....	209

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	16
INTRODUÇÃO.....	23
CAPÍTULO 1 TRAJETÓRIA DA PESQUISA.....	26
1.1 Caracterizando à Área Pesquisada.....	27
1.2 Procedimentos Metodológicos da Pesquisa.....	32
1.3 Pesquisa de Campo.....	45
CAPÍTULO 2 A CIDADE DE LÁBREA E A FORMAÇÃO DO ESPAÇO DOS SERINGAIS AMAZÔNICOS.....	54
2.1 Trajetória da Ocupação dos Seringais Amazônicos e Surgimento de Lábrea.....	55
2.2 Seringal e sua Organização Espacial.....	61
2.3 O Espaço Vivido do Seringueiro no Seringal.....	72
2.4 A Condição da Mulher na Estrutura do Seringal.....	80
CAPÍTULO 3 LÁBREA E AS FASES DO SERINGAL.....	89
3.1 Primeira Fase: 1877 - 1920.....	90
3.2 Segunda Fase: 1940 -1960.....	96
3.3 Terceira Fase: 1960 -1990.....	100
3.3.1 Políticas Públicas Para a Amazônia.....	103
3.4 O Seringal no Contexto Atual.....	110
CAPÍTULO 4 NARRATIVAS.....	133
4.1 Entrevista com a Parteira Brígida Ribeiro de Lima.....	134
4.2 Entrevista com o Soldado da Borracha Francisco Maciel Galvão.....	143
4.3 Entrevista com a Seringueira Maria das Dores do Nascimento Paiva.....	154
CAPÍTULO 5 FOTOS E VERSOS: Narrativas de Dois Ex-Seringueiros Cordelistas.....	163
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	181
REFERÊNCIAS.....	186
GLOSSÁRIO DE TERMOS UTILIZADOS NO UNIVERSO PESQUISADO.....	191
APÊNDICES.....	202

APRESENTAÇÃO

Este estudo faz parte de uma trajetória de vida marcada por momentos vividos ao longo da minha infância nas margens de rios da região puruense.

As décadas de 60 a 80 do século XX se caracterizam para mim num interregno histórico-social de cunho inesquecível. Filho de família camponesa de raízes nordestina estive inserido nesse contexto amazônico por praticamente duas décadas da minha vida. Experimentei a vida nos seringais nativos na região do alto rio Purus e seus afluentes extraíndo o látex, caçando, pescando, cultivando agriculturas diversas nas várzeas e terras-firmes da região puruense.

Nasci num lugar por nome de Miramar, local de nascimento também de meu pai, localizado à margem esquerda do rio Purus, à jusante da cidade de Lábrea, separado desta pelas praias do Pacιά, Santa Cruz, Pirão, Tauaruã e Catita. Navegando numa canoa empurrada por um **motor de rabeta** 5 HP essa viagem é feita em aproximadamente quatro horas.

O modo de vida que levei na mata, ainda hoje, se configura para mim tão próximos e nítidos que me fazem lembrar, com muita clareza, dos finais de tarde que meu avô José ia buscar eu e minha irmã para ouvirmos rádio em sua casa. Era o único daquele lugar a possuir um rádio. Como era o menor - tinha apenas três anos – recebia tratamento especial, era levado **varador** adentro sobre os ombros de meu avô, o que deixava minha irmã muito enciumada, uma vez que, ela sempre era levada conduzida pelo braço.

O rádio tinha o formato quase quadrado, com contornos revestidos em madeira e uma frente amarelada. A parte frontal tinha faixas também amarelas e botões grandes e redondos na parte inferior. Esse era o rádio que quase todos os finais de tardes tínhamos o privilégio de ouvir sob o aconchego caloroso de familiares, sempre presente no povo ribeirinho. Esses momentos foram interrompidos pelo falecimento de meu avô causado por um ferimento de **cavaco**, o que ocasionou tétano.

A maioria das casas do interior, naquela época, não tinha uma repartição definida de seus cômodos, sendo, na maioria das vezes, compostas por um único vão. Todavia, a casa onde morávamos, fugia um pouco a essas características. A casa, assim como a grande parte das encontradas nas margens dos rios e igarapés amazônicos, era do tipo palafita para nos proteger de animais e, principalmente, das inevitáveis inundações, provocadas pelas cheias do rio Purus. Deste modo, o tamanho dos **barrotes** ou esteios era determinado pelo tamanho da enchente do rio. Se num determinado ano a enchente foi acima do esperado, provocando

abandono da casa pela ação da água, no ano seguinte esta casa sofreria alteração em sua estrutura para que tal fato não voltasse a ocorrer novamente.

O assoalho e as paredes eram feitas de **paxiúbas**, retiradas principalmente do **açazeiro**. Antes da porta principal, havia uma escada com cinco degraus que dava acesso a um pequeno **jirau**. Na parte interna havia uma sala, com pequenos **toros** de madeira que tinham a função de **tamboretas**; um corredor do lado esquerdo, rente à parede, que dava acesso à cozinha e ao quarto; uma cozinha equipada com um fogão à lenha e algumas panelas bem **areadas**, penduradas nas madeiras que sustenta a parede; e, por um único quarto, onde, toda a família dormia separada por **mosquiteiros**.

Todos os anos, o espetáculo das cheias do rio Purus cobria o barranco ao qual se fixava a casa de minha família. Suas águas passavam por baixo de nossa casa e corria mata adentro formando um vasto igapó. Aquela terra que, antes de serem tomadas por águas, alimentava os porcos, patos e galinhas, agora dava o direito a inúmeros peixes de desfrutarem das riquíssimas iguarias alimentares existente na floresta.

Como num teatro, o terreiro, que no verão servia de palco e nos entretíamos com variadas brincadeiras, agora, no inverno, mesmo diante de um cenário diferente, continuava a propiciar momentos mágicos e inesquecíveis. Onde antes brincávamos com os pés sentindo o calor da terra, agora, eu e minhas irmãs aproveitávamos as cheias para “**batermos água**”, brincando de pega-pega, nadando de um esteio para o outro. O caminho que percorríamos para irmos à casa dos avós e tios, agora era executado em um **casco** ou **canoas**. A ferramenta de “correção” utilizada por minha mãe para nos mostrar que não poderíamos ter procedido deste ou daquele modo, no inverno, ficávamos a olhar aquela tão temerosa palmatória deslizar pelas águas correntes rumo ao igapó. Não surtia muito resultado jogá-la na água, pois logo uma outra tomava o seu lugar. A única saída era sermos mais obedientes.

A maioria das atividades desenvolvidas pelos ribeirinhos em uma estação do ano, não poderia ser feita em outra. O homem das águas e das matas é obrigado, por imposição da natureza, a levar duas vidas completamente distintas, uma no verão¹ e outra no inverno (estiagem e chuva).

A casa onde morávamos ficava no barranco, em frente à praia do Pacιά. No período da estiagem, além do corte de seringa, executada do mesmo lado do rio onde residíamos, plantávamos na praia feijão, milho, **jerimum**, melancia, macaxeira e mandioca. Vendíamos

¹ Na Amazônia, a expressão popular credita a existência apenas de duas estações do ano. Assim, o verão corresponde ao período da estiagem que vai do mês de maio a outubro, enquanto o inverno corresponde ao período das chuvas, que se estendem do mês de novembro a abriu.

somente o excedente de nosso consumo, isso nos garantia a compra de alguns mantimentos como sal, café, açúcar, munição, anzol e algumas **fazendas de pano** para minha mãe costurar as poucas peças de roupas de que precisávamos. Os produtos colhidos no verão eram estocados em quantidades cuidadosamente calculadas por meu pai, uma vez que estes produtos nos alimentaria por todo o período das chuvas. Não poderíamos correr o risco de ficarmos sem alimentos. Caso isso ocorresse, inevitavelmente recorria-se ao vizinho mais próximo, na maioria das vezes, parentes.

No inverno, o serviço era basicamente o da coleta da castanha e da pesca de malhadeira no igapó, para pegar, dentre outros, **matrinchá** e **jaraqui** e, de **espinhel**, para pegar **peixe liso**, como **pirarara**, **filhote** e **dourado**.

As cheias do rio Purus deixava muitos animais ilhados em pequenas porções de terra. Muitos enfrentavam as águas em busca de outras terras que propiciasse uma maior fonte de alimentação e melhores formas de defesa contra seus predadores, uma vez que aquele pequeno pedaço de terra cercado por água era muito vulnerável. As presas mais fáceis eram os tatus, que pegávamos com certa facilidade. Em uma dessas caçadas a tatus, em terras ilhadas, eu e meu primo Afonso fomos surpreendidos. Éramos acostumados a entrar e sair das florestas da região sem muita dificuldade, contudo, nesse dia não encontrávamos o caminho. Andamos por um bom tempo e quando percebíamos estávamos no mesmo lugar onde tivéramos antes. A referência era um litro de vidro transparente deixado ali há muito tempo, pois estava com marcas de terra, encardido. Ficamos por um longo tempo, mesmo contra a nossa vontade, andando em círculo e não conseguíamos firmar o caminho correto de onde tínhamos deixado à canoa. O sol tivera perdido a força, tanto pelo início da noite que se aproximava como também pela quantidade de nuvens que se preparava para despejar sobre a terra uma boa quantidade de água, o céu estava ficando escuro.

Diante do aperreio que pairava sobre nós, pensando em passar à noite na floresta, lembramos dos ensinamentos dos mais velhos que diziam que existem animais, como as cobras **jibóia** e **sucuri**, bem como o **sapo cururu**, que tem a capacidade de atração sobre suas presas e que a única solução para sair desta situação de perdido foi despir-se de toda roupa e vesti-la do lado avesso. Fizemos esse procedimento e, para nosso alívio conseguimos sair e encontrar o rumo certo.

No **verão**, as noites, com raras exceções, mantinham-se com um céu muito limpo, permitindo-nos - entre uma cauro e outro, contados pelos mais velhos - contemplar as infinitas estrelas. Mas, o que nos motivava ainda mais era quando nos preparávamos para ir à praia pegar "**bicho de casco**", ou seja, tartaruga e tracajá.

A sabedoria ribeirinha não falhava. Ao som de alguns trovões com um pouco de vento os mais velhos diziam: “hoje vai sair muito bicho de casco”. Não dava outra, podia ir à praia que pegava. Geralmente os horários que esses quelônios costumam sair do rio e subir a praia para desovar, costumeiramente se dava após as vinte e três horas. E nesse momento eram capturados. A carne e os ovos desses animais são bastante apreciados pela comunidade ribeirinha, onde, proporcionam alguns saborosos tipos de pratos. Os ovos podem ser comidos cozidos ou feitos **mujangué**.

Percorri vários seringais estabelecidos nos afluentes do rio Purus, dentre eles o Pacιά Marí e Ituxi. Muitas são as lembranças daquela vida simples, mas, vivida com muita intensidade. Em certo momento, em que acompanhava a família de um tio meu, por nome de Lázaro, o qual fora contratado para fazer farinha num lugar chamado Caioé, no alto rio Pacιά e, cortar seringa em um outro lugar próximo de Caioé, chamado de Castanheira. Morávamos em Caioé, onde as condições de moradia eram um pouco melhor. Trabalhávamos na roça arrancando a mandioca e pondo de molho para amolecer. Esse processo leva aproximadamente três dias. Durante esses dias em que a mandioca ficava de molho, meu tio aproveitava para cortar seringa na localidade de Castanheira. Levávamos meia hora a remo para chegar até esse local.

Enquanto cortávamos seringa, os cachorros adentravam na floresta em busca de caça. Num desses dias ouvimos um barulho, vindo em nossa direção, que a cada instante aumentava ainda mais. Não demorou muito e já se fazia bem próximo de nós. Meu tio pediu para que ficássemos atrás de uma árvore, enquanto ele, com uma espingarda calibre 20, posicionava-se no meio do caminho à espera da coisa que vinha fazendo aquele barulho todo. Foi tudo muito rápido. Quando meu tio tomou posição para atirar, o bicho já estava em cima dele. Efetuou o disparo mais só atingiu o chão. Era um porco do mato (cateto). Se por um lado meu tio não teve a felicidade de conseguir atingir o animal, por outro ele levou muita sorte, visto que esse animal tem suas presas (dentes) muito afiadas, podendo aferir cortes profundos.

A vida nos seringais me aflora muitas lembranças. Lembro-me dos **sapatos de seringa** que meu pai cuidadosamente fabricava, mas, que em algumas vezes as formas não corresponderiam com precisão o verdadeiro tamanho do pé, ora ficando grande, ora um pouco pequena. No último caso não tinha muito problema, uma vez que a elasticidade do látex era de uma qualidade muito boa - seringa forte - ajustando-se ao formato do pé. Quando caminhávamos por certo tempo e começávamos a suar, os pés dentro do sapato começava a ficar um pouco liso, devido o contato do suor com o látex defumado, as vezes provocando um certo barulho.

Do látex se fazia muitas coisas para uso próprio do seringueiro e de sua família, uma delas foi o **encerado**, utilizado tanto para colocar o leite da seringueira, quando o seringueiro percorria as estradas cortando, como para colocar roupas ou materiais que não poderiam ser molhados, visto que este era impermeável. Um outro objeto muito utilizado e motivo de confraternização e divertimento era a elástica bola feita da seringa. Ela por si só já tinha sua graça devido aos grandes saltos quando tocava no chão ou quando atingia qualquer superfície, não era nada fácil de controlar aquele objeto de risos.

Brincávamos de várias coisas, todas elas permeada de associações naturais. Comíamos, bebíamos, trabalhávamos, caçávamos, pescávamos e nos divertíamos com a maior interação possível com a natureza. Assim, a cada instante, essa relação de cuidado e cumplicidade tornava-se mais forte, transformando-se em uma relação saudável e construtiva, onde, homem e natureza, se interligam quase que formando uma unidade. É a consciência inerente ao homem ribeirinho que sabe da importância da mata e dos rios em sua vida e nas de seus descendentes.

Com meu pai, cuidei de roça na praia e na terra firme, **quebrei castanha** nos castanhais da família na Terra Firme do Pacιά, onde, aproveitávamos para apanhar frutos da mata como **uxi** e **pequiá**. Colhíamos o fruto da andiroba para minha mãe fazer sabão, bem como coletávamos o óleo da andiroba e da copaíba para usos medicinais. Muitas foram as atividades desempenhadas na companhia de meu pai em rios e floresta, mas, as viagens realizadas ao longo do rio Ituxi se configuraram como um marco em minha vida, não pelo fato de deixarmos, por um curto espaço de tempo, a condição de ribeirinhos, compradores de mantimentos e utensílios, para vivermos o outro lado da história, levar uma vida de regatão, mas, sobretudo, pela força que a natureza daquele lugar exerceu sobre mim e, de certa forma exerce sobre aqueles que têm ou que tiveram um vínculo com um ambiente tão lindo, belo, exótico, cheio de mistérios e interrogações, levando-nos a flutuar no imaginário, muitas vezes movidos pelos causos e histórias contados pelos mais velhos, quer seja de ouvir falar ou vivenciados por eles.

Nas cheias, o rio Ituxi tem a capacidade de se fazer navegável por **embarcações de grande calado**. Nesse período, há formação de imensos igapós, onde, alguns grandes lagos se fundem e se confundem com o próprio rio, exigindo dos que nele navegam um bom conhecimento de suas pseudo entradas. Em certos locais há duas, **três bocas**, fazendo com que aqueles que detenham pouca experiência da região, escolham a entrada errada. Quando der conta do engano, já deverá ter navegado por horas.

Com a aquisição de uma pequena embarcação e produtos comprados no comércio labrense, para serem pagos com produtos advindos dos seringais, partíamos do porto de Lábrea com duas **baleeiras** a reboque, uma de cada lado do barco. Estas seguiam vazias e serviam para acondicionarmos grande parte da produção que conseguíssemos negociar. Pelo fato dessas baleeiras serem desprovidas de cobertura, somente os produtos que não estragavam com a chuva poderiam ser acomodadas nessas embarcações, como por exemplo, a castanha e a borracha, mesmo assim, faziam-se cobertos por lonas.

Toda a venda se efetuava a base de troca, o que geralmente deixava o seringueiro em desvantagem. Caso o ribeirinho tivesse uma produção maior do que sua necessidade de mantimentos/utensílios, estes eram comprados.

A minha incumbência nessas viagens era a de maquinista que, apesar da pouca idade, desempenhava-a satisfatoriamente. Não tinha remuneração, no entanto, os objetos defeituosos eram dados a mim para que negociasse à minha maneira. Boa parte desse material com defeito era repassado, pelo comerciante da cidade, para que meu pai levasse para o seringal, uma vez que na cidade não havia interesse por sua compra. Assim, pegava balde, bacias, panelas... Algumas amassadas, outras sem a tampa e subia o barraco para falar com a esposa do seringueiro. As minhas trocas eram essencialmente por galinhas e patos, onde, já havia uma **capoeira** em cima do barco esperando pela minha única, mas, valiosa fonte de renda.

Décadas se passaram e, nos dias atuais, pude vislumbrar no Programa de Pós-Graduação, em nível de mestrado, a possibilidade de saber um pouco mais sobre o Seringal no Município de Lábrea.

Nessa busca, as disciplinas cursadas foram de extrema importância no norteamento e desenvolvimento da elaboração desta dissertação, uma vez que os capítulos são estruturados e fundamentados nos ensinamentos adquiridos em sala de aula. Assim, as disciplinas *Teoria da Geografia; Cultura, Populações Amazônicas e Sustentabilidade; Gestão Ambiental; Espaço Agrário; Estado e Políticas Públicas na Amazônia; e Gênero e Gestão de Políticas Públicas Sociais para a Amazônia*, levaram-me, além de ampliar meus conhecimentos teóricos, a rever alguns conceitos e também pré-conceitos a respeito de uma cultura que, mesmo tendo participado ativamente durante alguns anos de minha vida nesse contexto amazônico e sentir a força da valorização do espaço vivido, foi somente a partir do contato com o conhecimento geográfico que pude adquirir o conhecimento necessário para compreender o sentimento que repousa nas pessoas que têm a mata e os rios como fonte de vida de suas gerações. Pude, desta maneira, compreender a real valorização colocada ao mundo vivido.

Entrementes, esses ensinamentos levaram-me a escrever artigos como, dentre outros, “A Compressão do Tempo-Espaço e o Paradoxo da Modernidade”; “Processo de Des-(Re)Territorialização de Nordestinos nos Ciclos da Borracha na Amazônia”; “Mulheres no Contexto do Seringal”; e “Cultura e População Amazônica: A Saga de um Povo”, os quais serviram de suporte e balizaram este estudo.

Hoje, mesmo diante das inúmeras atribuições, inerentes e permeadas de ensinamentos competitivos que o mundo capitalista impõe, a essência da cultura nos anos compartilhados na mata, não só com meus pais, como também com os avós e tios, permanecem vivas e ardentes dentro do meu ser e, a cada momento, me transportam ao passado introjetando a sensação de que aqueles momentos fazem parte de um passado ainda presente, vivo... É como se o meu íntimo estivesse carente da verdadeira identidade constituída no seio da mata e rios amazônicos.

O SERINGAL NO MUNICÍPIO DE LÁBREA: O ESPAÇO VIVIDO E A RESISTÊNCIA DE UM TEMPO

INTRODUÇÃO

O seringueiro naquela época, não podia comer na boca da estrada. Levava comida, um peixinho torrado, não chegava a comer direito porque chegava lá, às vezes acabava de cortar, estava ali se preparando para comer aí vinha o trovão, deixava aquela comida e corria para colher.

(Francisco Maciel Galvão, Lábrea, 2007)

Registros mostram que a exploração da Amazônia brasileira teve início há pelo menos quatro séculos. Contudo, sua ocupação efetivamente tomou força na segunda metade da década de setenta do século dezenove, motivada pela procura da exploração do látex. Desde então, por muitos anos, esse tipo de atividade proporcionou à região uma nova configuração em seu espaço. Durante o apogeu desse processo extrativista, cidades foram erguidas e ostentavam grandes riquezas, aonde, boa parte das pessoas que nelas viviam levava uma vida regada de muito requinte. Entrementes, os que verdadeiramente proporcionavam esses momentos de glamour, eram submetidos a um modo de vida no seringal que em nada se assemelhava aos vivenciados nas cidades.

Com a segunda maior produção de borracha, o Estado do Amazonas chegou, em alguns anos, a ultrapassar o seu maior rival - o Estado do Pará (WEINSTEIN, 1993) - e teve como destaque o município de Lábrea que por muitos anos foi a maior força produtiva desse seguimento na região, chegando à expressiva marca de duas mil toneladas por ano.

O surgimento da cidade de Lábrea está estritamente relacionado com o início da movimentação do primeiro ciclo da borracha, onde, o rio Purus e seus afluentes detinham uma área de grande concentração de árvores de seringa, o que levou a formação de grandes seringais. Dentre os afluentes, o rio Ituxi ocupou um lugar de destaque, tanto pela qualidade de borracha ali produzida, como pela grande quantidade de seringueiros que abrigava.

Diante das peculiaridades contextuais extrativistas, características naturais muito próximas da existente nos períodos áureos da extração do látex e, dada à projeção no cenário

da exploração da borracha em que a região puruense esteve inserida por mais de um século, foi um dos fatores determinantes para que optássemos por desenvolver nossa pesquisa naquele município, e assim, poder fazer um estudo buscando contextualizar o seringal no município de Lábrea até os dias atuais.

Para isso, a realização deste trabalho teve, principalmente, como fonte de estudo as comunidades ribeirinhas do rio Ituxi: Floresta, Volta do Bucho e Vila Vitória, assim como foram efetuadas visitas à Fazenda Chefe, Fazendinha e Fazenda Fortaleza do Ituxi.

Nesse estudo, nos referiremos ao seringal como sendo o espaço vivido do seringueiro, ou seja, ao local de moradia, de sociabilidade e de produção e não como local de exclusiva extração de seringa. Do mesmo modo, quando utilizarmos o termo seringueiro, não significa que este homem da floresta viva unicamente do corte da seringa. Assim, o termo seringueiro, na maioria das vezes é para denominar o homem que mora na mata e que já não mais se prende unicamente à atividade do corte do látex. Do mesmo modo, pelo fato desse estudo estar direcionado ao estudo do seringal de modo geral e não exclusivamente da figura do seringueiro é que ao longo desta dissertação serão bastante usados os termos ribeirinhos, homem da mata, homens ou mulheres da floresta ou seringueiro para designar as pessoas que moram na área de um seringal, na beira de um rio.

As razões que nos levaram a trabalhar com esse tema está diretamente relacionada aos anos de vivência inserido nos seringais da região puruense e, assim, sabedor das dificuldades encontradas na área de um seringal, poder fazer um resgate que torne visível de como foi o processo da exploração do látex no município de Lábrea, bem como procurar saber a realidade no seringal nos dias presentes.

Assim, a relevância deste trabalho não se prende somente ao fato de mostrar como, em pleno século XXI, se constitui o espaço vivido nos seringais nativos no município de Lábrea, mas, também, com o propósito de nortear, principalmente, os agentes públicos no que tange à viabilização e aplicabilidade de ações que possam contribuir com a melhoria das condições daquelas famílias.

Para isso, procuramos destacar a trajetória da pesquisa com a caracterização da área pesquisada, como também os procedimentos teóricos metodológicos e os caminhos percorridos, quando da pesquisa de campo para chegarmos aos dados utilizados neste trabalho.

Posteriormente, busca-se retratar a trajetória da ocupação dos seringais amazônicos e a criação da cidade de Lábrea, onde, a organização espacial do seringal é mantida sob a base dos Barracões, dos Centros e das Colocações. Assim, por meio de cartogramas podemos

visualizar as partes constitutivas de um seringal. Por conseguinte, também são expostos os principais agentes que compunham esse sistema e a luta do seringueiro no corte da seringa na tentativa de sair do cativo, aonde, o recém chegado, tido como “brabo”, tinha que se adaptar ao serviço do corte da seringa, com os rios e igarapés, com a mata e tudo que lhe é peculiar – mitos, lendas, pragas, feras e doenças – bem como conviver com a solidão que permeia o interior da mata. Sua vida é norteada exclusivamente para a exploração do látex, impondo-lhes, desde muito cedo, a familiarização de suas crianças com a mata, rios e animais, bem como com as ferramentas de trabalho e transporte. Entrementes, procura-se dar visibilidade ao ser mulher que, na estrutura desses seringais e, na visão de muitos seringalistas, não passavam de estorvos no contexto da ambiciosa busca pela borracha, tratadas como um item/produto do barracão, prontas para serem incluídas na conta do seringueiro.

O cerne deste estudo, é composto pelas fases da corrida pela obtenção da seringa e, retrata a relação do processo de extração da borracha e o município de Lábrea, onde, podemos verificar a influência tanto do apogeu como da derrocada – esta vitimada principalmente pelo avanço da produtividade dos seringais do sudeste asiático - dessa atividade extrativista na região Amazônica. Nesse período, algumas políticas públicas foram aplicadas no intuito de minimizar as crescentes demandas internas e externas pelo produto da borracha. Assim, prioritariamente, procura-se destacar como os seringais da região puruense, no município de Lábrea, estão organizados no contexto atual.

Deste modo, este estudo ainda permite conhecer, por meio de narrativas, a história de vida de pessoas que muito contribuíram e que ainda contribuem, cada um em seu tempo e virtualidade, para a formação espaço-cultural dos seringais. Ao mesmo tempo, busca-se por meio de fotografias e de versos inserir o leitor no cenário do espaço vivido dos ribeirinhos, pelo qual essa pesquisa ganhou corpo, onde, os versos traduzem a vida dos seringueiros amazônicos, em especial os extratores da região puruense, no município de Lábrea.

CAPÍTULO 1 - TRAJETÓRIA DA PESQUISA

Marco de progresso?

Sebastião Ferrarini

Em meio aquela mata,
desolação.
Um resolveu fazer fortuna,
Maranhão

O rio Purus descoberto,
Encarnação
O ouro negro a grande riqueza,
Regatão

A mata com muitos atrativos,
Antonio Pereira
Homens e mais homens, rumam para
ocidente
Castanheira

A década de 1860 desponta,
Ituxi.
Em Belém está Brás.^{10}
Maciari.

Gente, escravos, mercadoria.
Canutama
Antonio Rodrigues Pereira Labre,
Uruburetama.

Grandes embarcações sobem o Purus,
Febre malarígena.
Labre não se contenta do local,
indígena.

A margem direita do Purus
Borracha.
A 903 milhas de Manaus
acha.^{11}

Desbravamentos em 1871,
princípio.
Em 1881 fala da tribuna Labre.
Município.

A borracha no mercado mundial,
riqueza.
Lábrea, centro de grande comércio,
nobreza.

1914 desponta,
Oriente,
Na Amazônia emagrece o extrativismo,
Decadência.

Meio século de intensa migração
Euforia.
O ano 2000 às portas,
melancolia.

A estrada faz concorrência com o rio.
Terra.
A luta da mata se desloca para a cidade,
Guerra.

Do Nordeste para a Amazônia,
Maldito destino.
Longe terra – longe e fortuna, eterno
peregrino.

(10) - Brás, filho de Manoel Urbano, encontrou-se com Labre em Belém. Posteriormente, ambos residiram no Rio Purus.

(11) -

1.1 Caracterizando a Área Pesquisada

Conforme classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE o município de Lábrea está situado na mesorregião nº. 04, microrregião nº. 12 e o seu código municipal é 130240 (BELTRÃO, s/d, p. 307). Sua população, de acordo com o senso do IBGE de 2007, é de 36.909 habitantes.

Lábrea é um município do Sul do Estado do Amazonas, e limita-se: ao Norte, com os municípios de Tapauá e Canutama; ao Sul, com o município de Boca do Acre e com os Estados do Acre e de Rondônia; a Leste, com o município de Canutama; a Oeste, com os municípios de Pauini e Tapauá.

A distância da cidade de Lábrea em relação à capital Manaus e demais cidades limítrofes. Conforme podemos observar, Ferrarini (1981, p.19), Lábrea dista:

de Manaus, em linha reta, 700 Km;

de Manaus, pela estrada, 820 Km;

de Manaus, em milhas, 903; de Porto Velho, em linha reta, 250 Km;

de Humaitá, pela estrada: 215 Km;

de Canutama 152 milhas; de Tapauá 409 milhas;

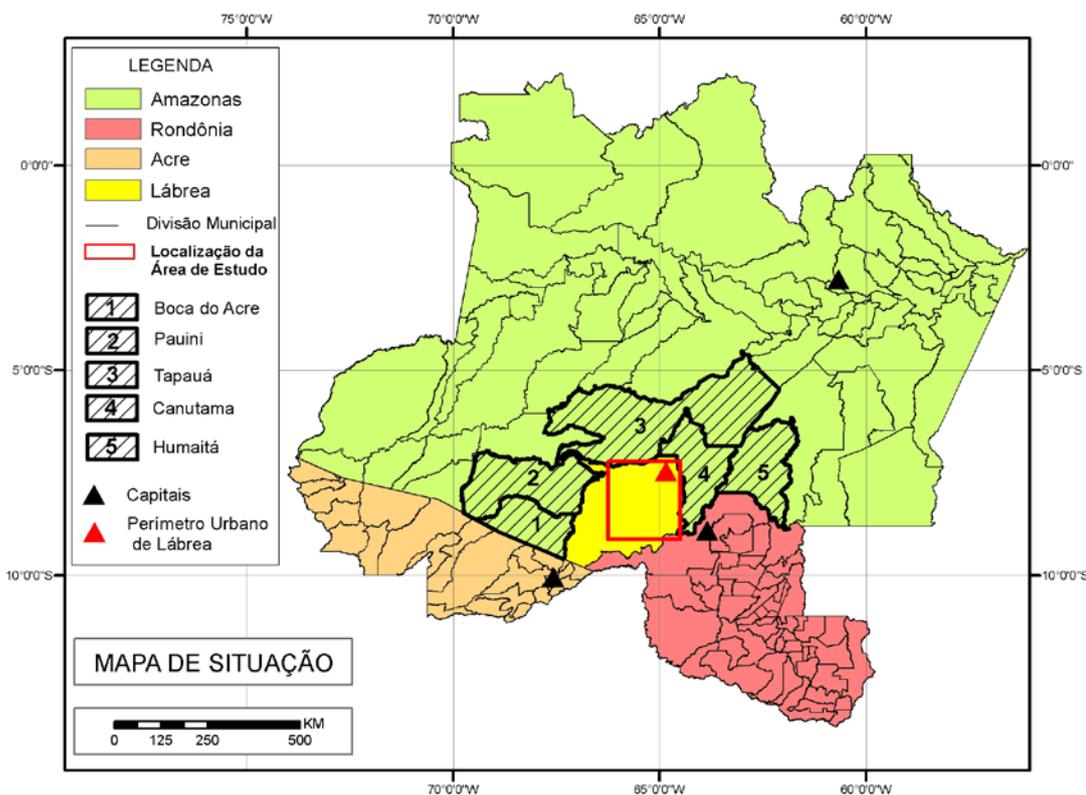
de Pauini 400 milhas.

Sétimo município em extensão do Estado do Amazonas com 67 259 km², de clima equatorial quente e úmido e de temperatura máxima de 33° C, mínima de 16° C e média de 28° C, Lábrea está localizada nas coordenadas cartesianas: 7° 15' 30'' de latitude sul e a 64° 48' de longitude a oeste de Greenwich. Sua altitude em relação ao nível do mar é de aproximadamente 60 metros (FERRARINI, 1981, p.19-20). Vale lembrar que os dados colhido junto ao IBGE (2007), referente à área da superfície do município, divergi dos apresentados por Ferrarini, uma vez que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística apresenta a superfície do município de Lábrea como sendo de 68 229 m².

Nesse sentido, na busca de uma melhor compreensão geográfica da área em questão, exporemos três ilustrações: mapa de situação do município de Lábrea (p.28); Carta-Imagem das Comunidades Pesquisadas (p.30) e um Mapa dos Pontos Amostrais (p.31). À luz da primeira ilustração procuramos proporcionar um entendimento localizacional mais nítido da região objeto deste estudo. Na segunda, retrataremos a localização das comunidades pesquisadas no município de Lábrea e, na terceira, intencionou-se visualizar o grau de desmatamento no entorno das áreas pesquisadas e visitadas. Deste modo, podemos perceber

que somente nas imagens 05, 06 e 07, correspondentes, respectivamente, à Fazenda Chefe, Fazendinha e Fortaleza do Ituxi, onde a criação de gado e a extração da madeira são as principais atividades ali desenvolvidas, é possível visualizar desmatamento.

Figura 1: Mapa de situação do Município de Lábrea. Escala: 1: 250 000.



Fonte: IBGE - base de dados municipais 2005.

O rio Purus é o principal acidente geográfico, e corta a parte Norte do município. Os afluentes da margem direita do rio Purus são: Pacιά, Ituxi, Sepatini, Acimã, Tumiã, Seruini, sendo o Rio Ituxi² o principal, atravessa o município em sua maior extensão. Na margem esquerda os rios Mamoriazinho, Mamoriá.

O rio Ituxi, é um dos principais afluentes do Purus e, nos anos da incessante procura pelo látex, os seringais constituídos em seu leito foram responsáveis por uma expressiva produção de borracha, de modo que, desta forma, buscou-se trabalhar com comunidades localizadas nesse rio.

² O Rio Ituxi e seus afluentes apresentam corredeiras e cachoeiras nos cursos superiores. A maior queda d'água está no Uaquiri e denomina-se "Água preta". Existem pedras e lajeiros no alto Ituxi – no Endimari e Iquiri, formadores do Ituxi.

Este estudo foi realizado principalmente nas comunidades Floresta, Volta do Bucho e Vila Vitória, passando pela Fazenda Chefe, Fazendinha e, estendendo-se até a Fazenda Fortaleza do Ituxi, região onde as corredeiras: do Uaquiri, do Meio e da Água Preta impõem sua força e interrompem a navegação. Estas comunidades estão localizadas no rio Ituxi, afluente da margem direita do rio Purus, centro-oeste do município de Lábrea, sul do Estado do Amazonas, fazendo fronteira com os Estados de Rondônia e Acre.

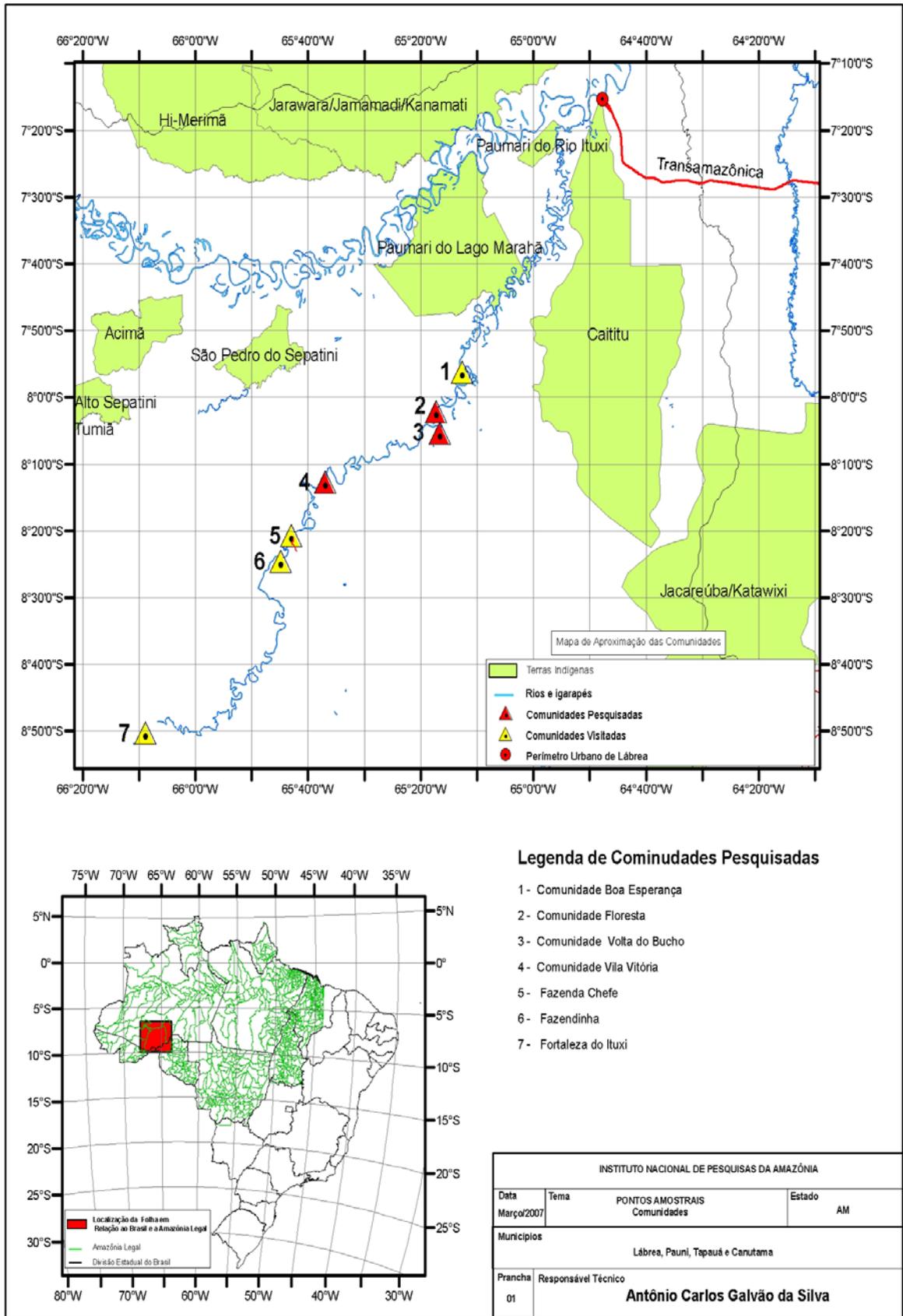
Dependendo do tipo de embarcação utilizada, a viagem efetuada às localidades pesquisadas, pode levar dias. Na embarcação na qual foi realizada a pesquisa, um barco equipado com um motor de 114 HP MWM, possibilitou-nos a chegar, após quinze horas de navegação, à primeira comunidade. Até Vila Vitória foram gastas mais seis horas. Para atingirmos o nosso destino final, Fortaleza do Ituxi, foram necessárias mais vinte horas, perfazendo um total de quarenta e uma horas efetiva de viagem. Como comparativo, podemos dizer que, partindo do porto de Lábrea, em uma **voadeira** com motor de 25 HP essa mesma viagem pode ser executada, de modo contínuo, até seu último ponto em aproximadamente quinze horas.

Estas comunidades, ainda hoje, são, em grande parte, constituídas por filhos de nordestinos que se deslocaram para essa região no período da exploração econômica da borracha, no entanto, há também grupos de pessoas que se estabeleceram nessa área somente a partir da segunda metade da década de noventa, como é caso de Vila Vitória.

Não encontramos em nenhuma comunidade pesquisada, ribeirinhos que vieram para o seringal na época da II Guerra Mundial. O seringueiro mais antigo na área pesquisada tinha sessenta e quatro anos, morador da Comunidade Volta do Bucho desde 1978, mas, está na região do Ituxi desde 1958.

Pouco mais da metade dos moradores nasceram nos seringais, e esse percentual é dado em sua grande parte aos moradores com idade mais elevada, enquanto que os mais jovens, em sua maioria, nasceram na cidade de Lábrea. Assim, os pais ou avós desses moradores que para os seringais se deslocaram quando do advento da Segunda Guerra, no início da década de quarenta do século XX, os que ainda não faleceram estão residindo na cidade de Lábrea.

Figura 2: Carta – Imagem das Comunidades Pesquisadas e visitadas



Fonte: SIPAM

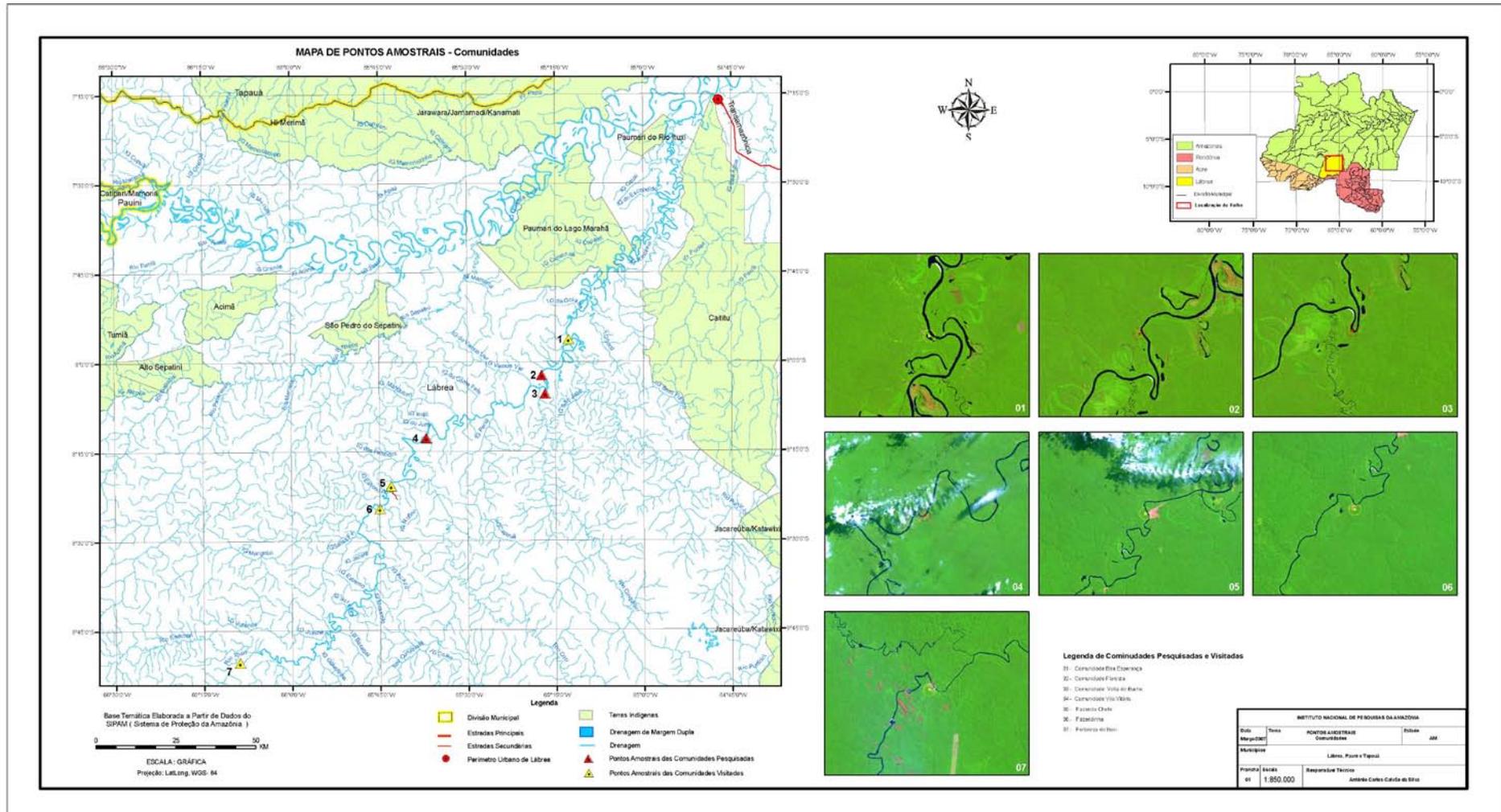


Figura 3: Mapa dos Pontos Amostrais - Comunidades

1.2 Procedimentos Metodológicos da Pesquisa

1.2.1 Escolha metodológica

Quando se propõe a trabalhar com populações tradicionais - nesse caso específico, entendidas por nós como sendo populações ribeirinhas, moradoras em comunidades na calha do rio Purus e Ituxi no município de Lábrea - tem-se que ter um cuidado todo especial quando da coleta dos dados, porque se não estivermos atentos e não trabalharmos com as técnicas adequada corre-se o risco de coletar informações que em nada tem haver com a realidade de determinado povo objeto da pesquisa. Isto é posto porque o pesquisador não trabalhará unicamente com dados ou fatos concreto, físicos, de fácil percepção, mas, acima de tudo, com uma maneira peculiar de viver de um povo que, na aparente simplicidade de seu modo de vida, esconde um complexo espaço vivido repleto de sentimentos, crenças e mitos. Essas características nos levaram a visionar nos métodos etnográficos a melhor maneira de desenvolvermos este trabalho.

Desenvolvida no início do século XX, o estudo etnográfico tem, entre outros nomes, Bronislaw Malinowski (1978), como sendo um dos criadores dessa metodologia. Etmologicamente etnografia significa “descrição cultural”, sendo assim, constituída por uma descrição vivida e detalhada da realidade de pessoas pertencentes a um determinado contexto cultural. Deste modo, a etnografia tem por objetivo estudar a sociedade, por meio de um conjunto de técnicas usadas para coletar dados como: valores, hábitos, crenças, práticas e comportamentos.

Por meio da etnografia, Malinowski proporcionou uma maneira nova de vê e pensa as culturas que diferem da que conhecemos, ou que estamos acostumados, evitando, assim, de se criar barreiras que impeça, quando da pesquisa, à apreensão do real modo de vida de determinado grupo. A partir de então, adentrou-se em uma nova visão no modo de compreender o comportamento humano. Nesse sentido, Malinowski diz ainda que deve-se procurar compreender o outro do ponto de vista dele, sua maneira de viver e ver o mundo.

Levando em consideração Malinowski, percebemos que, o seringueiro, para alguns que se auto-afirmam como detentores de grande conhecimento, os vêem como “aculturados”, não sendo capazes de compreender que ele, o seringueiro, é detentor de um grande saber. O saber da mata e das águas. O saber do tempo de plantar e colher, bem como o período ou dia propício para pescar determinado peixe ou caçar determinado animal, utilizando-se dos mais diversos tipos de técnicas a serem empregadas para cada situação. Um saber destinado a

garantia de vida (da própria, de sua família e de seu grupo). Assim, ele sabe que a estação chuvosa, período das cheias, é uma época que não é muito propício nem para pescar nem para caçar. Para pesca por que o elevado nível das águas que invadem a floresta e formam imensos igapós fazem com que os peixes saiam dos rios para ficarem no igapó, onde encontram uma maior quantidade e variedade de alimento. Para caçar também não é muito bom por conta das insistentes e constantes chuvas que caem nesse período do ano, apagando os rastros e tirando o cheiro característico dos animais, dificultando, desta forma, o bom desempenho dos cachorros para persegui-los e acuá-los. Do mesmo modo, nesse período chuvoso os animais pouco saem de suas tocas ou abrigos para andar na mata à procura de comida.

Conhece as artimanhas usadas por cada animal quando são perseguidos na mata. A onça, por exemplo, para enganar o cachorro, costuma subir em uma árvore e imediatamente pular para uma outra ou mesmo para chão e continua correndo. O cachorro inexperiente chega naquela árvore e fica latindo como se ela estivesse lá. Um outro truque que ela se utiliza é correr em círculo, na tentativa de surpreender o cachorro e pegá-lo. O caçador, desde muito cedo começa a adquirir experiência para saber qual o animal que seu cachorro está perseguindo, no intuito de antever aos movimentos que por ventura o bicho venha a fazer. No caso da onça, cuidar-se para não ser surpreendido por um ataque pelas costas, uma vez que o animal é perseguido pelo cachorro e o caçador, orientando-se por seu latido, vai perseguindo-o. Nesse processo, correndo em círculo, a onça encontrará primeiramente o homem.

Focar, como dizem os ribeirinhos quando querem caçar durante a noite descendo os igarapés de bubuia, é outra técnica utilizada para capturar animais no leito dos rios. Nesse tipo de caçada, quem vai à proa da canoa é quem tem o ofício de abater a caça, deste modo, carrega consigo a lanterna, um facão e uma espingarda. O que vai à popa do casco, tem a atribuição de governá-lo, ação que exige muita habilidade, uma vez que o bom desempenho dessa função facilita sobremaneira o abate da caça pelo proeiro.

O ofício de atirar à noite requer certa experiência. O ribeirinho, acostumado com essa realidade, consegue identificar o animal, pelo formato, altura, cor e até mesmo pelas manobras utilizadas por estes para driblar o foco da lanterna, como é o caso da onça que quando o foco lhe atinge, procura logo esconder-se atrás de uma árvore e sai caminhando sempre na sombra desta para não ser vista.

O tiro deve ser efetuado com a lanterna junto à arma, pode ser em um dos lados ou por baixo, mas, no momento do disparo, a visão não pode ser no fogo da lanterna e sim no ponto da espingarda, ou seja, na massa de mira.

As orientações e ensinamentos que o homem da mata utiliza são os mais diversos possíveis, indo desde a adestração do cachorro no que diz respeito ao tipo de animal que este deve ou não caçar, de modo que pelo comportamento ou pelo estilo de latido o caboclo saiba que tipo de bicho o cachorro está perseguindo ou, ainda se está ou não acuado. Quanto à questão de ensinar o cachorro a caçar este ou aquele animal, ou seja, fazer uma seleção do que deve ou não deve ser caçado é motivado pelo fato destes voltarem à atenção do cachorro para animais com maior porte ou até mesmo os de melhores sabores. Se não for deste modo, muitos animais tidos por estes caboclos como de grande importância deixam de serem perseguidos pelos cachorros por outros sem muita expressão. Assim, o ensinamento de um cachorro que está tendo o contato com a mata e os bichos reinantes nela é efetuado em companhia de outros experientes. Quando o caçador percebe a ação dos cachorros experientes, **atiça** o novato a seguir os passos destes, de modo a captar os tipos de animais que o seu dono quer que cacem. Quando perseguem algum animal que não está em conformidade com as caças pré-determinadas, os cachorros sofrem fortes repreensões de seus donos. Fazendo menção a maus hábitos de cachorros, dizem que os que acuam cutia é um animal que não presta para outro tipo de caça, deixa qualquer caça melhor para persegui-la.

Quando um cachorro corre em perseguição a um animal e o caçador não consegue acompanhá-lo e encontrá-lo, o caçador procura fazer com que o cachorro desista da perseguição por meio de gritos específicos de chamamento que os cachorros estão familiarizados ou, ainda, complementados com batidas da lâmina do facão em pequenas árvores. Por outro lado, também os cachorros, muitas vezes precisam de direção quando estão regressando de uma investida contra animais, assim, soltam uivos para o alto a fim que seu dono escute e retribua com gritos que os norteiam.

Essa pequena amostra do rico conhecimento do ribeirinho mostra que Malinowski (1978), expõe sabiamente quando diz que “a etnografia adquire a capacidade de reconstruir uma experiência de vida diversa da nossa, mas nem por isso menos rica, ou menos humana”.

Assim, dentro dos aspectos atribuídos à abordagem etnográfica, está a de que o pesquisador deva procurar fazer um trabalho de campo que permita uma longa imersão na realidade para entender as regras, costumes e convenções que norteiam a vida do grupo estudado. Este aspecto sugere que não façamos definições antecipadamente rígidas de hipóteses, visto que é somente por meio da pesquisa de campo que verdadeiramente percebemos que o problema inicial da pesquisa deva ser repensado e aprimorado.

Um outro aspecto importante é que o pesquisador deve estar presente na maior parte do trabalho de campo e por uma longa permanência no local a ser estudado, porque essa

vivência direta com a situação em estudo possibilita um contato íntimo e pessoal com a realidade pesquisada. Ao mesmo tempo, é importante que o pesquisador tenha experiência com outras culturas, isto lhe ajudará entender melhor o sentido que o grupo estudado atribui às suas experiências.

Entrementes, André (2008, p. 28) fazendo referência ao método etnográfico aplicado em pesquisa na área da educação, considera que dada à diferença entre o enfoque antropológico e o educacional, certos requisitos da etnografia, não necessitam ser cumpridos pelos pesquisadores da área educacional, dentre eles, por exemplo, a longa permanência do pesquisador em campo e o contato com outras culturas. Nesse sentido, a autora nos remete o entendimento de que no campo antropológico se faz pesquisa etnográfica no sentido restrito, enquanto que na educação fazem-se estudos do tipo etnográfico.

A mesma autora entende que, para um trabalho ser considerado do tipo etnógrafo será necessário que: faça uso das técnicas que tradicionalmente são associadas à etnografia. Assim, Pautando-se nos argumentos expostos pela autora, propusemo-nos a trabalhar com uma metodologia entendida por nós como sendo quase etnográfica, ou, se preferir, do tipo etnográfico, justamente pelo fato da não necessidade de que sejam veementemente seguidos e aplicados todos os aspectos inerentes à pesquisa etnográfica, como por exemplo, um longo tempo de permanência em campo ou que o pesquisador tenha tido contato com outras culturas.

A não necessidade de seguir rigidamente os aspectos mencionados acima se justifica pelo fato de que o estudo em questão não ter como objetivo estudar de maneira profunda e detalhada o modo de vida das pessoas que fazem parte das comunidades pesquisadas, mas, sobretudo, contextualizar - primeiramente por meio de um levantamento histórico e depois pela pesquisa de campo - o seringal no município de Lábrea. Diante disso, foi usado o tempo suficiente que atendesse ao objetivo proposto. Do mesmo modo, a nosso ver, em vez de o pesquisador ter conhecimento de outros povos, grupos ou culturas, configurou-se como de extrema importância e, por que não dizer, muito mais produtivo, nesse caso específico, à experiência do pesquisador anos em que esteve inserido no contexto dos seringais dessa região.

Nesse sentido, falar de: *O Seringal no Município de Lábrea: O Espaço Vivido e a Resistência de um Tempo* requereu, primeiramente, que fosse efetuado um levantamento bibliográfico e documental buscando uma contextualização do seringal na região do Purus e a criação do município de Lábrea. Ainda, por meio deste método de coleta de dados, pode-se perceber como era organizado espacialmente esses seringais, como viviam os seringueiros no seringal, como era percebida o ser mulher nas áreas de seringal, bem como as políticas

públicas adotadas para o estímulo da exploração do látex. Posteriormente, na pesquisa de campo, foram utilizadas a observação participante, entrevistas não estruturadas, histórias de vida, questionário e recursos fotográficos.

Deste modo, para fazermos um juízo de como os seringais estão sendo explorados nos dias atuais, estudamos as Comunidades Floresta, Volta do Bucho e Vila Vitória, localizadas no rio Ituxi, afluente do rio Purus, no município de Lábrea - AM, bem como alguns ex-seringueiros e seringueiras que hoje residem na cidade de Lábrea.

Apesar da existência, na calha do rio Purus, dentro do município de Lábrea, de muitas comunidades e, que tem no extrativismo sua principal fonte de renda, optamos por trabalhar com as comunidades localizadas no rio Ituxi, visto que estas se afirmam num espaço geográfico onde o acesso se difere das comunidades existentes ao longo do rio Purus. As últimas, apesar de toda dificuldade, que lhe são inerentes por natureza, podem desfrutar das inúmeras embarcações que sobem e descem constantemente o Purus, seja rumo ao Acre, seja com destino a Manaus e Belém. Diferentemente, as localizadas no rio Ituxi vivem praticamente isoladas, tendo que contar, quase que exclusivamente, com seus limitados meios, uma vez que, até a presença dos famosos **regatões** é praticamente inexistente. Essas particularidades se constituíram como fatores de escolha, por acreditarmos que esses fatores poderiam nos confrontar com um ambiente tipicamente parecido com os seringais existentes quando da procura intensiva da extração da borracha, no que diz respeito à preservação das características ambientais.

O leito do rio Ituxi abriga várias comunidades, no entanto, a escolha das três comunidades, objeto deste estudo, se deu em função da maior concentração de famílias em uma mesmo local, assim, na Comunidade Floresta moram seis famílias, na Comunidade Volta do Bucho quatorze famílias e na Comunidade Vila Vitória também com quatorze famílias, conforme informações colhidas junto ao Instituto de Desenvolvimento Agropecuário do Estado do Amazonas – IDAM na unidade local de Lábrea e a Comissão de Desenvolvimento do Agroextrativismo – CODAEX.

Nessas comunidades foram aplicados 20 (vinte) questionários aos chefes (a) de família. Essa amostra é significativa uma vez que representa cerca de 59% (cinquenta e nove por cento) do total de chefes (a) de família existente nas três comunidades em estudo e que envolveu um total de 126 (cento e vinte e seis) pessoas.

A escolha dos entrevistados teve como critério, certo grau de importância no que tange às atividades desenvolvidas no seringal e seus agentes sociais participante deste modo de vida. Dessa forma, optamos pelos relatos de seringueiros e seringueiras que ainda exercem

a profissão, de ex-seringueiro morando na cidade de Lábrea, de aposentados como Soldados da Borracha e de parteiras. Tal critério de seleção objetivou captar, de maneira holística, as mais variadas visões da vivência, bem como o sentimento desses atores sociais com o modo de vida em um ambiente de seringal. Assim, várias entrevistas foram efetuadas, mas, trabalharemos, na íntegra, somente três. As outras serão citadas no decorrer deste estudo. Optamos pela escolha das três porque a nosso ver elas contribuirão sobremaneira ao propósito ao qual estamos investigando. Deste modo, trabalharemos com uma parteira, que dedicou boa parte de sua vida, tanto no seringal como na cidade, aos muitos que de seus serviços precisavam; com um ex-seringueiro, agora aposentado como Soldado da Borracha e uma mulher que até os dias de hoje faz presente na mata cortando seringa.

No processo do desenvolvimento das entrevistas foram efetuadas, previamente, visitas aos possíveis entrevistados dando-lhes explicações sobre o trabalho que estávamos realizando e ressaltando a importância de se ter registrados os relatos do modo de vida vivenciado por eles nos seringais onde trabalhavam e, assim, possibilitando a visibilidade de uma rica cultura. Desta forma, e, mediante aceitação, fazíamos um pré-agendamento para a aplicação das entrevistas.

A finalidade de tal procedimento deu-se com o intuito de propiciar um clima amistoso, de cordialidade e de mais confiança entre o entrevistador e o entrevistado, bem como de deixar o entrevistado mais à vontade e preparado para falar sobre o que lhe convenha-se. Esse procedimento nos revelou que essas pessoas, no dia marcado para entrevista, estavam mais dispostas, com o cenário onde queriam que fossem entrevistadas, arrumados e, na maioria das vezes, apresentavam-se com suas vestimentas mais alinhadas, ou seja, com roupas melhores do que a usada no cotidiano. Esse tipo de atitude mostra que mesmo diante de toda simplicidade inerente a este povo, gostariam de ser vistos, de ser percebidos, de se sentirem importante por estarem relembando toda uma trajetória de vida, a qual, na maioria das vezes marcada por muito sofrimento.

Para trabalharmos as entrevistas, e obtermos um texto final, adotamos o modelo apresentado por José Carlos Sebe Bom Meihy (2005), onde, o autor trabalha com três métodos: *transcrição*, *textualização* e *transcrição*. A escolha por este modelo de trabalho foi com a intenção de obter um texto mais coeso e, a de transmitir com maior clareza, dando, conseqüentemente, um melhor entendimento do assunto tratado nas entrevistas. Esta metodologia é de fundamental importância para o tipo de trabalho ao qual nos preparamos a estudar, pois os nossos entrevistados são, em sua maioria, pessoas que sua linguagem foge em

muito da linguagem habitual das pessoas que provavelmente terão acesso a este estudo. Por isso, faz-se necessário esse modelo de estudo.

Entrementes, nos estudos bibliográficos, muitas foram às obras consultadas e que se configuraram de extrema importância na consecução deste estudo. Contudo, como análise geográfica, nossa fundamentação terá como base os ensinamentos dos Geógrafos Paul Claval (2001) e Milton Santos (2006), bem como, de Armand Frémont (1980).

a) Geografia, Cultura e Geografia Cultural

Na maioria das fontes pesquisadas, o termo Geografia é quase sempre entendido como uma ciência que descreve e analisa a superfície da Terra e estuda seus acidentes físicos, bem como as relações entre o meio natural e a sociedade. No entanto, essa definição mostra que a relação de aprendizagem do meio natural com o humano, ainda, é muito estudada, percebida e apreendida de maneira superficial e exclusivamente materialista, não dando a importância devida aos sentimentos que o humano, num convívio dialético, desenvolve ao longo do tempo com o meio ambiente. Nesse sentido, Paul Claval (2002, p.151), expõe que:

Estudar a Geografia de um grupo significa organizar o inventário de suas formas de utilização do solo, descrever a maneira como se explora e transforma os recursos, e compreender o modo como suas necessidades de consumo são atendidas. Mas significa também captar os risos das crianças, os gracejos dos pais, escutar os cantos, descobrir os instrumentos que os acompanham ou são utilizados nos espetáculos musicais. As pessoas participam de festas, desfilam, dançam. Nos dias de alegria coletiva, parece desaparecer toda a preocupação utilitária.

Levando em consideração tal aprendizado é que vemos na Geografia Cultural o melhor caminho para se chegar ao objetivo proposto deste trabalho, uma vez que ela propicia o estudo mais abrangente de todas as formas culturais, levando em conta, dentre outras, a significância sentimental e espiritual do espaço geográfico na vida daqueles que dela fazem parte.

O sentido da palavra Cultura, por sua vez, nos dá um entendimento de ser tudo o que é percebido, apreendido e desenvolvido mediante a trajetória do humano na superfície da Terra, são adquiridas pelo contato social e acumuladas ao longo do tempo. São conhecimentos empíricos e intelectuais, bem como, costumes e crenças. As diferenças culturais se apresentam como próprias de uma tribo, de uma comunidade, de um município, de um estado, de um país ou de um continente. Ou seja, é a marca, a identidade que cada pessoa carrega e que retrata sua verdadeira essência. Essa diferença cultural não pode servir ou ser vista de maneira discriminatória, mas, sobretudo, ser percebida e respeitada como uma riqueza

imperativa e inerente a cada povo que, num todo, contribui para a rica formação espaço-cultural deste Planeta.

Para Philip L. Wagner e Marvin W. Mikesell, (2003, p.28-29), ao falar sobre “Os Temas da Geografia Cultural”, afirmam que:

o conceito de cultura oferece um meio para classificar os seres humanos em grupos bem definidos, de acordo com características comuns verificáveis, e também um meio para classificar áreas de acordo com as características dos grupos humanos que as ocupam.

A cultura resulta da capacidade dos seres humanos se comunicarem entre si por meio de símbolos.

[...] A cultura atribui significado a tudo, desde sons vocais deliberadamente articulados até seres, objetos e lugares.

A atribuição de significados, inerentes à cultura, orienta a ação (quer vista como simbólica ou utilitária) e resulta, desse modo, em expressões concretas como sistemas de crença, instituições sociais e bens materiais.

A esse respeito, Claval (2002, p.141-143-145) tratando da “cultura como herança e como invenção” diz que:

[...] a cultura é o conjunto de representações sobre as quais repousa a transmissão, de uma geração a outra ou entre parceiros da mesma idade, das sensibilidades, idéias e normas. Ela inclui a imagem do meio ambiente próximo e os conhecimentos, práticas e ferramentas que permitem tirar partido dele. Ela comporta um arsenal de métodos para se orientar [...].

A cultura não é apenas herança. Ela comporta elementos novos, é fruto de uma incessante atividade inventiva.

[...] A dinâmica da cultura depende de crenças, convicções e comportamentos que são adquiridos.

A palavra cultura, segundo Claval (2002, p.136-137), foi introduzida nas análises dos geógrafos americanos, para diferenciar do que se tinha como natureza: subsolo, hidrografia, relevo ou à vegetação espontânea. Assim, as estradas, os caminhos, as construções, os campos, tudo que pudesse testemunhar o trabalho do homem fazia-se representar como cultura.

É importante que tenhamos consciência que o desenvolvimento da geografia cultural, com foco na vida coletiva, não se restringe somente ao campo político-sócio-econômico, mas também, às particularidades de representações, dos signos e dos símbolos pelos quais conseguimos apreender o todo e nos relacionar num processo dialético. Assim, em conformidade com Claval (2002, p. 139), a Geografia Cultural, quando de seu início, cometeu a falha de “ignorar quase que completamente os problemas de representação ou de comunicação: eles só são abordados tangencialmente, quando se investiga a difusão das técnicas ou das espécies domésticas. Eles nunca são apreendidos por eles mesmos”.

As vertiginosas mudanças ocorridas no mundo propiciaram, de certo modo, a renovação da Geografia Cultural, principalmente no que tange às direcionadas ao consumo. Com o advento da expansão tecnológica, o mundo se faz a cada dia mais comum. Onde as culturas, os costumes e gostos tendem, com o tempo, a se fundirem, impondo uma tendência de consumo mais igualitária e homogênea em diversas partes do planeta. Entrementes, há também àqueles que não são inseridos ou, de certo modo, não cedem a essas tendências, procurando mostrar as diferenças e, de algum modo, fortalecer e assegurar sua identidade.

Nesse particular, Claval (2001, p.39), nos ensina que o desenvolvimento do estudo da Geografia Cultural é indispensável para compreensão da ação humana, uma vez que o verdadeiro retrato da constituição das organizações sociais do mundo, bem como o modo de vida dos grupos humanos, não são permeados ou movidos puramente por anseios e desejos materiais. Mas, sobretudo, se configuram como a pura “expressão de processos cognitivos, de atividades mentais, de trocas de informação e de idéias”. Atribui, desta forma, que o homem, por meio das relações com o ambiente e o espaço, “têm uma dimensão psicológica e sociopsicológica” com o meio onde está inserido, visto que o espaço constituído é fruto das sensações que as pessoas experimentam e das virtualidades inerente e intrínseco a cada indivíduo. “Expressam-se por meio de práticas e habilidades que não são completamente verbalizadas, mas que resultam de uma atitude mental; estruturam-se pelas preferências, conhecimentos e crenças que são o objeto de discursos e de uma reflexão sistemática”.

Essa nova Geografia busca ir além do simples estudo do modo de produção. Procura compreender como e de que modo se constitui e se organiza a vida não só do indivíduo, como também o modo como se organizam em grupos. Trata da inter-relação do homem com a natureza, tendo-o como parte efetiva desta e não, simplesmente, como modelador ou transformador do espaço vivido, de modo que possamos ter a sensibilidade de saber e traduzir o conhecimento que o homem tem do espaço que o envolve, da representatividade que esse ambiente tem em suas vidas e sobre a maneira pela qual trabalham e modificam o ambiente, impondo-lhes suas características, convicções e anseios. Assim, Claval (2001, p.62) retrata que:

O objetivo da Geografia atual é compreender a maneira como as pessoas vivem sobre a terra, fazem a experiência dos lugares que habitam ou visitam, encontram indivíduos e grupos, dão um sentido a esses contatos e tentam modificar as realidades nas quais vivem.

Como podemos perceber, a Geografia Cultural nos leva a estudar e, desta forma, orientar nossos trabalhos tendo como ponto de partida as adversidades humanas e não mais as

orientações das pesquisas voltadas simples e puramente aos lugares. Neste particular, Claval (2001, p.61), diz que:

A grande preocupação é inventariar todas as facetas da experiência que os homens têm do espaço. Isto começa pela exploração do papel que o corpo e os sentidos desempenham em suas relações com o meio ambiente. Em seguida, trata-se de analisar as categorias mentais que as pessoas constroem para organizar suas experiências. A última etapa consiste em desenvolver novos instrumentos para explicar a natureza dos grupos sociais e suas formas de organização espacial.

Essa maneira de percepção no sentido de apreender a verdadeira essência formadora da cultura de um povo foi o que levou-nos a vislumbrar a Geografia Cultural como o pilar norteador do nosso estudo.

Ora, como podemos falar de um povo que se deslocaram para os seringais amazônicos munidos de uma forte esperança de poderem, num curto espaço de tempo, angariar recursos, voltar ao seio de seus familiares e poderem desfrutar de uma vida um pouco mais digna, se não levamos em consideração o modo de como se sucedeu o processo da coleta do látex e a relação dialética criada, com o passar dos tempos, entre seringueiro e meio ambiente? O abandono da terra, do lar, dos pais, de mulheres e filhos para viverem uma vida completamente diferente na exuberante e, ao mesmo tempo, sombria floresta amazônica, deve ser captada de maneira que expresse a essência, o sentimento e a representatividade que a terra onde vivem significa em suas vidas.

Às vezes interpretamos a vida ribeirinha como uma calamidade, é bem verdade que em muitos lugares a vida na floresta representa uma constante luta pela sobrevivência, mas, na maioria das vezes, o nosso olhar tem um foco completamente diferente, não apreendendo a real situação. A vida simples que a maioria dos ribeirinhos leva não significa essencialmente que vivam mal ou que desejam que apareça um salvador para lhes tirar daquela situação.

Nas pesquisas de campo pudemos perceber e sentir a força que há por traz deste “simples” modo de vida. Não é pelo fato de morarem na floresta, na beira do barranco, em palafitas feitas de paxiúba e cobertas com palhas, enfrentando os mais variados tipos de obstáculos que a natureza lhes impõe, seja na mata ou nos rios, que homens, mulheres e crianças não possam levar uma vida com muitos sabores.

b) Espaço e Espaço Vivido

Analisando o espaço como um sistema de objeto e um sistema de ações, Santos (2006, p.61), diz que “a Geografia poderia ser constituída a partir da consideração do espaço como um conjunto de fixos e fluxos”. Assim, o primeiro, “fixado em cada lugar, permitem ações

que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que criam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar”. O segundo, continua, “são um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que também se modificam”. Isso nos dá um entendimento que os dois sistemas não podem ser vistos de forma isolada, individual, mas, de maneira holística em uma interação contínua, uma vez que, ao passo em que as ações são condicionadas pelo sistema de objetos, essas ações também podem determinar a criação de objetos novos ou se concretizar sobre outros preexistentes. Nesse sentido, o mesmo autor (2006, p.62) afirma que:

[...] A configuração territorial não é espaço, já que sua realidade vem de sua materialidade, enquanto o espaço reúne a materialidade e a vida que a anima. A configuração territorial, ou configuração geográfica, tem, pois, uma existência material própria, mas sua existência social, isto é, sua existência real, somente lhe é dada pelo fato das relações sociais [...].

Tomando como base o conceito de configuração geográfica e espaço exposta por Milton Santos, podemos dizer que a configuração territorial dos seringais é formada pelo seu meio natural e pelos fixos artificiais ali presente, dentre outros, os Barracões, enquanto que o espaço pode ser visto como tudo isso mais as relações sociais existentes e desenvolvida pelas pessoas que de uma forma ou de outra fazem ou fizeram parte da formação daquele lugar, ou seja, formado por tudo e qualquer coisa pertencente àquele meio.

A configuração territorial é constituída pela ação do homem. Substituído a natureza natural pela natureza humanizada. Desta maneira os objetos naturais vão aos poucos perdendo lugar para os objetos artificiais, técnicos, fabricados de conformidade com as necessidades do homem. Tais objetos, com o passar do tempo foram adquirindo nova roupagem e ficando cada vez mais sofisticados, passando de simples objetos técnicos e mecanizados até mesmo ao cibernético.

Partindo do pressuposto de que o espaço é constituído por ações, podemos dizer que o humano não pode ser pensado sem o espaço e nem o espaço sem o humano. O espaço é constituído por ações conscientes dos homens e mulheres que ao mesmo tempo transforma o modo de vida deste humano que novamente interfere e molda esse mesmo espaço já existente em um novo espaço, ou seja, está estabelecido um ciclo onde um está intrinsecamente contido no outro, constituindo-se numa permanente dialética entre sociedade e espaço. Assim, podemos dizer que o espaço se configura como um legado da cultura social de quem o constitui ou constituiu.

Nesse particular, Silva (1994, p.59), em dissertação sobre populações tradicionais, intitulada de *Cuniã: Mito e Lugar*, nos remete o entendimento de espaço da seguinte forma: “O espaço com todas as suas representações é a expressão viva do homem, torna-se um espaço humanizado, aliado ao projeto de sobrevivência do homem, é o seu lugar de liberdade, de segurança, seu lar, seu lugar”. Como é percebido, o espaço é uma qualidade vivificada, inerente à sociedade, ele está presente à essência humana. Isso nos leva a crer que o espaço não se dá pelo acaso, uma vez que, de algum modo, sempre existe ou existiu um propósito para a configuração daquele espaço. Espaço este, fruto das virtualizações de quem o criou.

Nessa perspectiva, considerando a natureza como “celeiro do homem”, Santos (1986, p.161) assegura que seu “enfoque é fundamentalmente baseado no fato de ser o espaço humano reconhecido, tal qual é, em qualquer que seja o período Histórico, como resultado da produção. O ato de produzir é igualmente o ato de produzir espaço”.

Essa produção de espaço, advinda da virtualização e das ações humanas, não se dá de maneira uniforme em todo lugar. Assim, tipos de produção e ritmos de trabalho variam de acordo com a região, a necessidade da demanda, tanto de quem os produz, como de quem os recebe, assim como, também, dos meios a serem utilizados. Exemplo disso foi o vivido no período de grande procura pela borracha, onde todos corriam loucamente para tirarem o máximo possível de látex no período propício para tal atividade. Acabando esse período, procuravam explorar outras atividades, com ritmos diferentes. O tipo de atividade e a necessidade é que vai influenciar nesse ritmo de produção, quantas horas de trabalho, de descanso, assim como os períodos ou momentos certos para desenvolver as atividades ou etapas destas. Em se tratando de populações tradicionais, aqui entendidas como os ribeirinhos da região puruense e afluentes, também podem ser influenciados pela força da lua, da seca e das cheias; o dia e hora ideal para pescar e caçar, dependendo do tipo de peixe ou caça, como também os locais adequados para tal feito.

Todo esse aprendizado iniciou-se nos primeiros anos de vida. Assim, desde o nascimento o ser humano começa a desenvolver a formação de seu espaço vivido e, o desenvolvimento desse aprendizado está condicionado, primeiramente, à cultura dos pais bem como às características do lugar onde vivem, ou seja, ao modo de vida peculiar a cada grupo. Do mesmo modo, com o passar do tempo, os ensinamentos adquiridos vão continuamente se fundindo a outros. Assim, Armand Frémont (1980, p.23) diz que “as relações do homem com o espaço não constituem um feixe de dados imanentes ou inatos; combinam-se numa experiência vivida que, de acordo com as idades da vida, se forma, se estrutura e se desfaz”.

Seguindo os ensinamentos de Frémont que considera o espaço vivido como fruto de uma experiência contínua, um espaço-movimento e um espaço-tempo vivido, um espaço social, prático, efetivo, funcional e mágico, percebe-se que o espaço vivido está relacionado a tudo que vivenciamos ao longo da nossa trajetória de vida, desde o momento em que nascemos até o momento de nossa morte. Deste modo, tomaremos os ensinamentos de Frémont para caracterizar o espaço vivido de um grupo de pessoas que fizeram e que ainda fazem parte do modo de vida nos seringais constituídos no município de Lábrea.

Nesse sentido, delinearemos a trajetória dos migrantes nordestinos até a sua inserção nos seringais, bem como a convivência com a mata, com os rios, os bichos, lendas, com o regime cruel de trabalho imposto pelos patrões. Uma trajetória de sonhos e decepções, de trabalho árduo, de pouco conforto e de solidão, de estradas de seringa, de tapiri, de defumação de borracha, de sernambi, de pesca, de caça, de índio, de onça e de cobra-grande, de doenças, de curas. Enfim, de experiência contínua com todo esse espaço construído, de ensinamento e de aprendizado, com um espaço vivido dialeticamente como a natureza.

[...] Chegávamos às colocações do rio Nauni, onde existiam malocas de índios, e um igarapé conhecido por nome Arama... Eu trabalhei no igarapé com nome de São Domingos, afluente do Nauni que tinha um igarapé com nome de Poti e do Poti, tinha o Arama, aquele lugar era uma maloca de índio, só que lá ninguém ia, pois se fossem os índios matava na hora. Nesse período era um problema trabalhar no mato, existia essa grande dificuldade. O homem para trabalhar, tinha que ser muito corajoso, que não temesse o índio, porque nesse tempo os índios matavam a gente e comia assado.

[...] Quando os rios enchiam, as várzeas eram cobertas de água, mas tinha seringa na terra firme, seringa fraca. Chamávamos de seringa fraca. Na língua indígena é conhecida como seringa vermelha. A diferença entre seringa forte e a seringa fraca é que a forte dava na várzea e a seringa fraca na terra firme

[...] Mas, aqui no rio Purus, na boca do Mufuá, às cinco e meia da manhã, eu vi uma cobra da grossura de um tambor de duzentos litros, ela talvez more ainda ali. Ela estava boiada assim, só ali, no meio do rio, aí nós passando, vimos: rapaz olha que cobra grande! Ela foi, afastou-se devagarzinho, silenciosa, sem fazer um banzeiro. Parecia uma tora de pau. Muita gente diz que não existe cobra da grossura de um tambor, mas, eu vi essa... Nós a vimos, eu e outro rapaz, cinco e meia, o dia vinha clareando, ali na boca do Mufuá, abaixo da boca do Pacia. Não sei se ela mora ali ou se mora em outro canto ou se andava viajando, eu sei que nós a vimos ali, mas, isso faz muito tempo.

(Francisco Maciel Galvão, Ex- Soldado da Borracha, Lábrea, março de 2007).

[...] Deus o livre, eu tenho que trabalhar bastante para poder comprar essas coisas. Olha, se vocês chegassem no **interior** e vocês vissem o tanto de produto que a gente produz, e você visse a gente descer para o porto e subir levando a mercadoria na palma da mão. No interior a gente compra os produtos dos regatões. [...] Quando eu subo com esses poucos produtos e vejo que trabalhei tanto por tão pouco dá uma revolta, uma vontade de desistir do corte da seringa. O corte da seringa é bom, mas, o negócio é que o produto é que não anima.

[...] Para algumas doenças a gente utiliza alguns chás, como o da preciosa para acalmar a pessoa, baixar a pressão, porque às vezes está alterada. Tem o chá do cipó cravo. Para dor de barriga eu dou o chá do olho da goiabeira... Não tem o

marupazinho encarnadinho? Pois é, a gente faz o chazinho. Para verme, quando estão atacados, a gente dá o chá do mastruz. Para anemia não conheço nem um tipo de chá. Para malária a gente alivia com o chá da carapanaúba, mas, não cura não. Quando a malária pega mesmo o jeito é trazer para a cidade.

(Maria das Dores do Nascimento Paiva, Seringueira, Lábrea, janeiro de 2007)

Quando a criança nascia, no primeiro dia, nós recomendávamos para não dá banho. Eu só fazia enxugar, vestir e deitar ele lá, mas, quando era no outro dia bem cedinho eu dava banho nela. Quando o parto era de noite, eu ficava até umas horas do outro dia para ajudar com a mãe, após dar o almoço eu ia embora. Quando o parto era de dia eu ia embora só de tarde. Não precisava que eu ficasse, tinha outras pessoas para fazer as coisas, eu só dizia como fazer.

(Brígida Ribeiro Lima, Parteira, Lábrea, janeiro de 2007)

Um espaço de seringal criado e caracterizado pela precoce inserção de meninos e meninas naquele modo de vida. Assim, as crianças desde muito pequenas começam a perceber e apreender o funcionamento da rotina no seringal, onde, o modo de aprendizagem dessas populações tradicionais é apreendido de forma homogênea, onde pais e filhos participam das mesmas atividades, seja festivas ou trabalhistas. Deste modo, cada um com sua particularidade de conhecimento, tornam-se pessoas essenciais não só para manutenção da sua família, mas, para toda a comunidade.

Diante de um novo modo de vida e, mesmo com as dificuldades inerentes aos seringais, com o tempo, os migrantes passaram a tomar gosto pela região, pela mata, pelos rios, pelos animais, pela tranqüilidade do lugar e, mais tarde, quando muitos abandonaram o extrativismo, os que ficaram puderam sentir-se como verdadeiros donos da terra, tinham poder de determinar a sua produção, de ir ao rio e pegar seu peixe, entrar na mata e caçar animais. Nascia ali uma nova cultura, o espaço vivido nos rios, lagos, igarapés, várzeas, igapós, terra firme, estradas de seringa, casa de farinha, roça, canoa, bem como os mitos e lendas, tudo isso passou a fazer parte efetiva da vida de homens e mulheres da floresta e, é nessa perspectiva que iremos discutir ao longo de deste estudo.

1.3 Pesquisas de Campo

a) Primeira parte

As anotações que referenciam as pesquisas de campo deste estudo foram idealizadas durante o período de permanência no município de Lábrea, às quais, se configuraram como fundamental aporte no desenvolvimento desta pesquisa.

Deste modo, estes escritos vão além do simples relato de um percurso de viagem, dando, desta forma, espaço para reflexões advindas da relação de vivência com seringueiros, seringueiras, parteiras, rezadores e moradores em geral daquela região.

O propósito de nossa viagem de campo pautava-se à observação e à aplicação de questionários que tinham por finalidade nos remeterem dados dos quais pudéssemos captar o modo de vida dessas comunidades.

Assim, partimos no dia 13 de janeiro de 2007 para aquele município. Nessa época do ano, o acesso ao município de Lábrea, saindo de Porto Velho, só se efetiva por meio de transportes aéreos, visto que a rodovia Transamazônica que liga, nesse trecho, Humaitá / Lábrea não é pavimentada e, no inverno, o tráfego de veículos torna-se uma tarefa muito difícil. Diante disso, a alternativa mais viável foi o transporte aéreo, uma vez que bastaria somente 30 minutos de vôo para o destino inicial das pesquisas de campo, a cidade de Lábrea - AM.

O eixo central da pesquisa de campo, a que nos propusemos a desenvolver, dar-se-á no Rio Ituxi, afluente da margem direita do Rio Purus. Desta forma, nos dois dias seguintes procuramos providenciar os preparativos para nossa primeira expedição nas águas escuras do rio Ituxi.

O barco zarpou do porto de Lábrea às 20: 43 min. do dia 15 de janeiro de 2007, no Comandante São Francisco, barco com **passadiço**, nas cores branca e vermelha, medindo 16 x 3,5 metros e 1,5 metros de calado, com capacidade de 16 toneladas, empurrado por um motor 114 HP MWM, tendo como comandante o próprio dono da embarcação, que há vinte anos navega nas águas do Solimões, Purus, Rio Acre, Ituxi e Igarapés da região Amazônica, de Rio Branco à Manaus. Segundo o proprietário, o nome dado à embarcação se justifica pelo fato do Santo ser seu protetor.

Os tripulantes - **práticos** e do **maquinista** - tinham a missão de nos conduzir até a fazenda Fortaleza do Ituxi, último ponto, uma vez que a corredeira, a partir daquele ponto, não permite navegações. Esse local guarda, ainda de pé, um velho barracão bem como carcaças de barcos a vapores dos tempos do primeiro ciclo da borracha.

Após uma hora e quinze minutos que havíamos partido do porto de Lábrea subindo o rio Purus chegamos à **boca do Ituxi**, tendo as praias de Lábrea e a do Gado determinando a distância entre a cidade e o referido rio, mas, nessa época do ano estão em baixo d'água. Viajamos Ituxi adentro por toda noite e às quatorze horas e vinte minutos do dia dezesseis chegamos à Comunidade Floresta, constituída por onze famílias, onde iniciamos a aplicação do questionário à apenas três famílias que se faziam presentes naquele momento, visto que

algumas tinham ido à cidade de Lábrea e outras haviam partido para outras localidades no intuito de poderem trabalhar na coleta da castanha.

A receptividade do ribeirinho é marca registrada, faz parte da cultura desse povo que aprendeu com os mais velhos o respeito e a arte de bem servir, de compartilhar. Desse modo, não demorou muito e nos víamos servidos de limões e castanhas que serviriam, dentre outras coisas, para tornar nossas refeições mais apreciáveis. Ao término da aplicação dos questionários nos despedimos e rumamos à outra comunidade que ficava - na velocidade que o Cmt. São Francisco imprimia - a trinta minutos de distância.

Ao chegarmos à Comunidade denominada Volta do Bucho, a determinação aos tripulantes era que ancorasse na primeira casa, onde um senhor que aparentava ter em torno de sessenta e cinco anos foi quem nos recebeu. Mediante a explicação do propósito da nossa viagem ele aceitou continuar a conversa, contudo esse senhor, deixava transparecer em sua aparência surrada, certamente pelos muitos anos de trabalho no interior da floresta, a desconfiança e aflição quanto à aceitação de responder às perguntas dos questionários, fazendo menção que primeiro o presidente da comunidade deveria se manifestar, ou seja, que este deveria dar seu aval. Após alguns minutos este decidiu por conversar com a equipe e depois fomos um pouco mais rio acima numa canoa empurrada por um **motor do tipo rabeta** no intuito de realizamos a aplicação de outros questionários às famílias que moravam logo a cima.

Já era fim de tarde e teríamos de trabalhar com muito afinco se quiséssemos prosseguir viagem. Por volta das vinte horas, conseguimos a aplicação de cinco questionários. Assim como na Comunidade Floresta, parte dos moradores de Volta do Bucho não se encontravam, uma vez que estavam em busca de outras atividades, principalmente a da coleta da castanha.

O nosso primeiro dia de atividade foi mágico. Parecia que estávamos em transe, partimos de uma realidade e adentramos em uma outra que nos tomou, nos sufocou, nos mergulhou em grandes reflexões. Foi espetacular. Poucas vezes na vida senti uma emoção tão profunda, tão intensa. Praticamente todos a bordo partilhavam desse sentimento, era um entusiasmo altamente positivo e contagiante, onde predominava o senso de colaboração, companheirismo, lealdade, compromisso e porque não dizer de comprometimento.

Diante da carência de alguns moradores por mantimentos, um sentimento dual pairava sobre nós, pois, ao mesmo tempo em que tínhamos condições de contribuir com alguns itens básicos como açúcar e diesel para a permanência de luz em suas **lamparinas**, também tínhamos a consciência de que aquelas pessoas certamente permaneceriam com dificuldades de manutenção de suas necessidades.

Naquela noite, eu, Adnilson e Lucileyde ficamos deitados na parte superior do barco contemplando o céu estrelado a nos iluminar naquele rio de águas escuras, cercado por uma densa, exuberante e imponente mata. Nesse momento procuramos reviver e analisar tudo que havíamos presenciado naquele dia.

Observações do modo de vida de um povo que, para muitos, acostumados com as facilidades de acesso à bens materiais que as cidades oferecem, ficariam com um sentimento de que ali não se podia levar uma vida de felicidade. Contudo, mesmo diante de algumas carências, todos apresentavam semblantes de felicidades e satisfação fraternal, provavelmente, advindo de uma relação bem vivida naquele espaço construído e, desta forma, constituído de virtualizações inerente a cada um pertencente àquela família. Eram felizes por que aquele lugar juntamente com a família se fazia representar como fator mais importante em suas vidas. Não precisavam ter mais que um hectare de terra para plantar, uma mata e um rio que lhe proporcionasse caça e peixe para a sustentação de sua família.

No dia seguinte chegamos à Fazenda Chefe, cujo proprietário é residente na cidade de São Paulo. Essa fazenda é administrada por um senhor de aproximadamente 65 e cinco anos, natural do Rio de Janeiro e ex-sargento Especialista em Manutenção de Aeronave da Força Aérea Brasileira, o qual nos atendeu e relatou sobre a sua vida na região do Ituxi. Nesta fazenda, além da criação de gado, também há búfalos, contudo, a verdadeira finalidade da implantação da fazenda é a exploração de madeira. No local, há uma grande e bem equipada serraria com vários tratores e máquinas. Há também uma pista de pouso e uma grande piscina, a qual requer um funcionamento maior do gerador de energia.

Para o funcionamento da serraria foram contratadas várias pessoas em Lábrea, esses funcionários vivem em casas feitas para tal fim na própria fazenda, constituindo uma vila com diversas casas alinhadas uma ao lado da outra. Segundo o administrador, a extração da madeira é feita mediante plano de manejo e que já foram plantadas muitas mudas de madeira de lei.

O diagnóstico da malária é feito na própria fazenda, onde, fomos informados de que, dependendo da emergência, o patrão, como é conhecido seu Frederico, manda avião para transportar o enfermo para Lábrea.

Esse simpático carioca se mostrou ser um exímio contador de história, dentre elas a de um amigo gaúcho metido a valentão, o qual dizia que onça com ele era no 38, se referindo ao revólver que sempre lhe acompanhava. Contudo, um dia esse valentão chegou em casa desfalecido e completamente despido, tanto de sua arma como de suas vestes, por conta da onça aparecer bem na hora que este gaúcho fazia suas necessidades fisiológicas em cima de

um tronco de árvore caído. Após dar-mos umas belas risadas do acontecido, nos despedimos e seguimos Ituxi acima rumo a Fortaleza do Ituxi.

Paramos num lugar chamado de Fazendinha, cujo proprietário também é dono da Fazenda Chefe. Alí, o responsável pela criação do gado, mora com sua esposa e seus filhos, a mais velha tinha 12 anos, enquanto que o mais moço tinha 01 mês.

Despedimos-nos afirmando que na volta encostaríamos para darmos uma caçada. Viajamos o resto do dia e por quase toda a noite, ancorando por volta das três horas da madrugada. O prático da embarcação achou por bem que o restante fosse efetuado com a luz do dia, por se tratar de uma região onde a possibilidade de batermos em pedras era iminente.

Logo que o dia começou a clarear, o barco tomava seu curso, lutando contra as corredeiras do Ituxi. Chegamos a Fortaleza do Ituxi por volta das oito e trinta da manhã. Duas coisas nos chamaram a atenção: a força da água tentando encontrar caminho em meio a tanta pedra. Pedra que chega a cruzar o rio em toda sua largura. É bonito ver aquele “mundaréu” de água preta e límpida roncar diuturnamente impondo sua força. Ali é o fim da estrada, ou melhor, ali é o fim do Ituxi, mas, é também o começo do **Uaquiri**. Para transpô-lo, somente por terra. A outra coisa que nos despertou foi a estrutura do Barracão construído na primeira década do século XX, construído praticamente todo em ferro.

Fortaleza do Ituxi, no início do século XX, no auge da extração da borracha, era uma vila constituída por aproximadamente 60 casas de madeira serrada. Ali havia de tudo para comprar.

Essa estrutura fora montada por ingleses que haviam arrendado a terra para explorar borracha. Ainda hoje podemos ver os vestígios de um passado áureo da borracha. Além do Barracão, vimos trilhos, imensas peças de ferro velho jogado ao longo do campo, um barco a vapor, que outrora carregava pessoas e o produto da seringa, hoje, abriga os mais variados tipos de árvore que se ergueram onde antes havia um fundo de ferro.

De acordo com informações do administrador da Fazenda Fortaleza do Ituxi, nesse local pretende-se fazer, nos próximos dois anos, naquele lugar, uma região de turismo ecológico, explorando as cachoeiras como lazer, a pesca esportiva e as caminhadas em pontes suspensas.

Já de regresso, chegamos em Vila Vitória por volta das vinte e uma hora do dia 20 de janeiro, estava chovendo, mesmo assim, subi aquela terra firme **assoalhada por muitos degraus**, denominados pelos ribeirinhos pelo nome de **estiva**. Conversei um pouco com o senhor Antônio Vasconcelos de Souza, pastor e presidente da comunidade, onde ficou

acertado que às oito horas do dia seguinte aplicaríamos os questionários e poderíamos também entrevistar alguns membros da comunidade.

Essa comunidade, em sua maioria, é formada por pessoas com pouca expressão financeira. É uma comunidade limpa e organizada. As donas de casa procuram manter, tanto as instalações do lar como os utensílios – panelas, pote, pratos, colheres - bem areados, chegam a brilhar. Exemplo disso é o lar do senhor João Rodrigues Dias e da senhora Maria de Nazaré, que nos convidaram para um excelente almoço, carne de porco do mato cozido. O povo ribeirinho de modo geral gosta muito de agradar os visitantes, o importante é valorizar a presença do seu convidado.

Chegamos a Lábrea por volta das dez horas do dia 22 de janeiro. Nesse dia procuramos nos recuperar das noites mal dormida a bordo. O dia 23 foi destinado para o agendamento das entrevistas. Fizemos várias visitas: à parteiras, benzedor, seringueiros e mulheres seringueiras, ex-seringalistas, presidentes de cooperativas, prelazia, dentre outros. Trabalho esse que foi realizado nos dias 24, 25, 26 e 27 do corrente mês. No dia 28 retornamos a Porto Velho.

b) Segunda parte

Partimos à segunda etapa da pesquisa de campo no dia 20 de fevereiro de 2007. Esta fase teve por objetivo a obtenção de dados documentais da constituição histórica da cidade de Lábrea. Cheguei em Lábrea as 15h e 30 minutos. Nesse mesmo dia dava-se início às festividades carnavalescas daquela cidade. Assim, pouco tempo depois de chegar à cidade, fomos assistir o desfile dos blocos que perfilaram pela Avenida Coronel Luis Gomes. As letras dos sambas apresentados (cantados) na avenida retratavam algum momento histórico por qual o município havia passado, exemplo disso foi o do Bloco das Casseteiras da Ville Roy, a grande campeã, com o enredo que conta toda a história da cidade, começando pelo seu criador Coronel Luis Pereira Labre.

Na busca de dados sobre a constituição histórica da cidade de Lábrea, fiz várias visitas à casa dos padres, onde fui plenamente atendido, sendo-me concedido até mesmo ausentar-me daquele local com alguns documentos antigos e raros para serem fotocopiados. Assim, pela manhã, realizava pesquisas na sala de estudos dos padres e, pela tarde, me dirigia para o Instituto de Desenvolvimento Agropecuário do Estado do Amazonas – IDAM, onde

procurava coletar dados sobre quais os tipos de extrativismo e o volume de produção extraídos pelos trabalhadores moradores da mata.

Procuramos realizar visitas a serrarias no intuito de obtermos uma idéia do fluxo de madeira tirada da floresta. Fiquei surpreso ao saber que restavam apenas duas serrarias de médio porte funcionando e, mesmo assim, de maneira precária. A surpresa deu-se por conta de que, num passado não muito distante, esta cidade contava com boa parte de sua arrecadação advinda do setor madeireiro. O dono da serraria Madelabre, antiga madeireira Ponta Negra, situada no Bairro da Fonte, reclamava de estar com as poucas máquinas que lhe restavam paradas por falta de madeira, uma vez que esta só poderia ser retirada da floresta com um plano de manejo e, dizia que o verdadeiro desmatamento não era efetuado pelos pequenos madeireiros, como ele, que retiram da floresta árvores dispersas uma das outras e que em pouco tempo a própria floresta reconstituiria aquela pequena e dispersa área desmatada, mas sim, os grandes fazendeiros, como está acontecendo no sul do município de Lábrea, os quais, para terem seus campos, saem derrubando todo e qualquer tipo de árvore, deixando uma grande área completamente desmatada.

Ainda nesta fase aproveitei para colher algumas entrevistas com ex-seringueiros, moradores na cidade de Lábrea, como foi o caso de dois ex-seringueiros, então aposentados como Soldados da Borracha, um de 91 anos e outro de 78 anos. Retornei a Porto Velho em 15 de abril de 2007.

c) Terceira parte

Mais uma vez fizemo-nos presente naquela cidade no dia 29 de dezembro de 2007. Desta vez o objetivo, além de colher informações junto a alguns setores municipais e ao IDAM, as quais se faziam relevante para este estudo, bem como dúvidas quanto aos procedimentos de algumas atividades, tanto produtiva como também do espaço vivido na região do seringal, desenvolvidas pelos seringueiros.

Nesse sentido, foi programado uma viagem de cinco dias para um lugar chamado de Morcego. Para chegar a esse local, partimos do porto de Lábrea as 07h00min, descemos o rio Purus, passamos pela boca do rio Pacιά e, mais ou menos um outro tanto dessa distância abaixo, entramos no rio Mari, afluente da margem direito do Purus e, deste entramos no igarapé do Morcego até chegar no **tapiri**, chamado de **primeiro ponto**, isso, porque igarapé acima, existem mais dois locais onde ali todos os anos, geralmente no mês de fevereiro, os

donos das terras vão coletar castanha. Assim, nos instalamos no primeiro ponto por aquele período de tempo.

Nessa época do ano, o acesso a esta localidade é um pouco mais acessível, visto que é o período em que os rios estão com uma razoável quantidade de água, fazendo com que o ribeirinho possa usufruir de muitos **furos** que, quando os rios estão com as águas baixas não podem ser feitos levando, quem por ele passar, seguir a rigor a calha do rio, fazendo com que a viagem leve, em muitos casos, o dobro do tempo. Desta forma, chegamos ao nosso destino final às 16h:30min.

Apesar de por muito tempo ter convivido nas matas e rios da região puruense, seja caçando, pescando ou desenvolvendo outro tipo de atividade, como por exemplo, o trabalho extrativista, voltar aos seringais na companhia de seringueiros experientes e participar ativamente das atividades de caça, pesca e coleta de castanha foi de extrema importância para compreender alguns ensinamentos inerentes à relação do homem do seringal com a mata e com os rios.

Esse igarapé é estreito e muitas árvores em seu leito caem, cruzando-o. Assim, para prosseguir-mos, tivemos que cortar de machado alguns troncos e galhos igarapé acima. Desse primeiro ponto, subíamos até bem próximo do segundo, que fica a uma distância de aproximadamente 3 horas num motor pequeno tipo rabeta. Para iniciarmos a subida desse igarapé até o local apropriado para descermos de **bubuia**, em cascos pequenos, focando nas duas margens do igarapé, não deixávamos que a hora ultrapassasse às 17h00min, visto que teríamos de parar de subir com o cair da noite, uma vez que se tornava muito perigoso continuar viagem num igarapé estreito, cheio de pau, muita correnteza e cobras penduradas nas ramas das árvores.

Assim como na cidade é utilizado sinais e nomes de ruas, também na mata o caboclo se utiliza de alguns sinais para orientar-se e, principalmente para orientar outras pessoas que, por ventura venha a passar por aqueles caminhos. Assim, alguns cortes, como eles próprios dizem, “**bico de gaita**” são efetuados em pequenas varas, mas, feito de modo que este corte aponte para a saída de um **varador, bordo** ou **manga**. As mangas e os bordos também recebem indicações, sendo utilizado em boa parte das vezes, as letras iniciais do nome, feitas na casca de árvores cortadas por um facão.

Um outro instrumento importante na comunicação na floresta é a **çacupema**, onde, é sabido que o caboclo utiliza-a para localizar ou ser localizado em caso de se encontrar perdido na floresta. O fato curioso que pudemos perceber nas vezes em que fomos para a mata caçar foi que esse tronco de árvore (raiz aérea) recebe estocadas diferente para determinada ocasião,

como por exemplo: se é para encontrar alguém perdido na mata, as estocadas de porrete nesse tronco é feito de modo compassado, mas se é para chamar um companheiro que saiu a procura de uma caça e está demorando a voltar, as estocadas são mais rápidas e, de modo que as duas primeiras, apesar de serem efetuadas bem próximas, não se compara com as duas seguintes que são efetuadas praticamente uma em cima da outra.

Algumas outras observações foram feitas durante esses cinco dias em que estivemos isolados da cidade, acomodados em um tapiri do tipo palafita, com cobertura de **palha de babaçu**, assoalho de paxiúba e sem nenhuma parede na frente, nos fundos ou em qualquer um dos lados. Ali pudemos desfrutar da tranqüilidade que a mata e o igarapé promove, quando em silêncio, pode-se ouvir os pequenos galhos secos quebrarem-se, o pouco vento a balançar as folhas, os inúmeros e diferentes cantos e grasnados de pássaros, grilos, sapos e até mesmo, à noitinha, de jacarés. Nesse lugar desfrutemos de diversas comidas tipicamente do caboclo da região amazônica, como por exemplo: peixe **moqueado** e assado e cozido de cutia no leite da castanha. Naquele lugar, o verde da mata, as águas limpas e negras do igarapé do Morcego, bem como o ar puro, afloram uma intensa sensação de tranqüilidade, sossego e liberdade. Nesse ambiente, percebe-se que o seringueiro mantém com os rios e a mata uma relação dialética.

CAPÍTULO 2 – A CIDADE DE LÁBREA E A FORMAÇÃO DO ESPAÇO DOS SERINGAIS AMAZÔNICOS

Rio Purus

Sebastião Ferrarini

Desde o século XVI vislumbrado,
Sua presença desde então se impunha.
Yanapuary era desconhecido,
pelo missionário Cristóbal d'Acuña.

Padre Fritz, do alto missionário.
sempre o chamava Cuchivara.
Este rio já nascido lendário,
os índios o tinham por Cuchiguara.

Wainy, pelos nativos Paumari,
Os índios Canamaris, Pacayá,
os ocidentais espanhóis de Beni.
Da foz do Cujar, por Purus passará.

O Presidente Joaquim do Melo e Paço.
Por esse rio proibiu penetração.
Esta medida foi um grande fracasso,
Revogada após sua exoneração.

Habitavam à sua foz os índios Muras.
Bem acima, o valente Apurinã
A todos com provações muito duras,
resistiram até além do Mahaã.

No século XIX penetrou
catador de droga pelo Purus.
Até o Ayapuá se colonizou,
mas pouco se foi além do Ituss³.

Pouco tempo antes de Silva Coutinho
Já Manoel Urbano o conhecia;
Penetrou até além do Riozinho,
Desvendando os segredos desta bacia.

Nas redondezas do Amaciari.
se instala o coronel Antonio Labre.
João Gabriel explora o Antimary.
Por todo o vale, grande porta se abre.

Algo ignoto existir se supunha.
William Chandless da geografia.
Limites, nascentes Euclides da Cunha
Alexandre Haag da engenharia.

Todos atônitos, abismados
desse grande caudal a tectônica;
por cada um ficou assinado,
as maravilhas dessa parte amazônica.

“Hevea Brasiliensis” em sua margem,
“Berthollecia Excelsa” em alta terra.
Do regatão engolida com voragem,
no extrativismo já se envolvera.

Imensas riquezas há nesta bacia,
Explorá-las, mas de modo racional,
para todos se beneficiarem um dia,

³ Ituss, segundo Ferrarini, era o nome atribuído ao atual rio Ituxi.

2.1 Trajetória da Ocupação dos Seringais Amazônicos e Surgimento de Lábrea

Desde o momento que deixava sua comunidade, começava a dever ao patrão. Devia a passagem do navio até o Pará e o dinheiro que recebia para se preparar para a viagem. E daí sua dívida aumentava constantemente. (Euclides da Cunha)

O deslocamento de tantas pessoas, principalmente do nordeste brasileiro, em especial do Estado do Ceará, para trabalharem nos seringais nativos da Amazônia, área até então desconhecida por boa parte destes, foi motivada por vários fatores como, por exemplo, fugir da condição de miséria, principalmente no campo, alicerçada por questões de conflitos e alargada ainda mais devido às secas da segunda metade da década de 1870 e, posteriormente a de 1904 e 1942, pela deflagração da Segunda Grande Guerra Mundial bem como pelo sonho de ficar rico e poder voltar à sua terra para viver em condições dignas de um ser humano.

Assim, a luta que milhares de pessoas se dispuseram a travar, mesmo sem saberem a real situação na qual poderiam se deparar, se constituíram, de certo modo, pelo imaginário, provocado por virtualizações que as induziam a saírem de um estado de penúria devido às péssimas condições de vida por qual boa parte destes retirantes estavam passando, bem como, condicionados e estimulados pelas agressivas propagandas que faziam com que os futuros seringueiros vislumbrassem, num curto espaço de tempo, mediante sua força de trabalho e, muitos, pela dedicação para com o país, poderem desfrutar de uma vida mais digna.

Com o intuito de nortear e dar uma melhor compreensão ao tema proposto, acreditamos ser relevante nos dedicarmos a fazer uma breve explanação sobre seringais e os principais tipos de extrativismo extraídos. Esse levantamento é de importância e se justifica uma vez que o objeto de estudo deste trabalho está diretamente ligado ao espaço do seringal de uma parte da Amazônia, onde, num passado não tão distante, pessoas se esmeraram, se doaram, morreram e, ainda hoje, percebe-se que muitos de seus filhos não fugiram à luta e bravamente continuam nas margens de rios e seus afluentes, botando roçado, caçando, pescando, quebrando castanha, extraindo o óleo de copaíba, andiroba e o látex.

Tratar de seringais na Amazônia e daqueles que deram suas vidas, embrenhados no coração da selva, na exploração do látex e não nortear o leitor da originalidade de tal acontecimento, de como tudo foi constituído, é pensar que a Amazônia, bem como a seringueira, tivesse surgido quando e somente quando foi efetivada sua exploração em massa, o que, sabidamente, não se configura como real.

Um outro fator importante e motivador é que muito se fala de seringais, seringueiros e borracha, contudo, são poucos os estudos no assunto que dão, efetivamente, a devida importância no que tange aos tipos de árvores produtoras de borracha bem como seu tempo de descoberta e, principalmente, o papel da mulher nesse contexto.

Conforme Ferrarini (s/n., p.10), de início a conquista do espaço interiorano amazônico deu-se por três categorias diferentes de pessoas:

- a) Pelas tropas militares de guerra que avançavam com dois principais objetivos: castigar os índios aliados dos estrangeiros, e resguardar o domínio de Portugal sobre outros povos;
- b) Pelos sertanistas que tinham como únicos objetivos capturar índios para o trabalho escravo e catar as “drogas do sertão”;
- c) Pelos Missionários, cujo objetivo era catequizar os índios e “defendê-los” das opressões dos “civilizados”.

Apesar da busca, no sertão amazônico, por Drogas do sertão (cacau, baunilha, canela e outras especiarias) no século XVII, a ocupação da Amazônia se fazia muito tímida. No entanto, essa timidez foi interrompida pela latente busca da seringa.

Com a extração da borracha silvestre, o interesse de nações estrangeiras, dentre outras, Estados Unidos, Inglaterra, França e Holanda, sobre a região Amazônica aumentou ainda mais, levando o governo brasileiro a sofrer pressões para adotar políticas de livre navegação de navios de bandeira estrangeira pelos rios amazônicos. Entrementes, os desfechos políticos da Guerra do Paraguai levou o Brasil, que até então se fazia firme em não permitir a entrada de navios de bandeira estrangeira adentrarem os rios amazônicos, a assumir outra postura, dando permissão à empresa de capital Inglês Amazon Steal Navigatin Company. Mais tarde, esta se tornou dona também das três companhias de navegação brasileiras que operavam na região (MARQUES, 1999, P.34).

Contudo, incerto das reais intenções dos estrangeiros, foi estabelecido que licença para exploração científica só mediante autorização governamental. Ao mesmo tempo, a crescente procura pela borracha estava mudando rapidamente os recursos regionais, a estimativa apontava que cerca de 25.000 pessoas estavam trabalhando na coleta da borracha, em especial nas regiões próximas à cidade de Belém.

Quando os europeus tomaram conhecimento da seringa, esta já era de uso costumeiro por parte da população local. Nesse sentido, Barbara Weinstein (1993, p.22), relatando sobre o viajante francês Condamine e suas observações em relação a seringueira e sua aplicabilidade, diz:

[...] aquela árvore grande e descolorada, de galhos altos e flores delicadas, que chamou a atenção do naturalista francês Charles Marie de La Condamine, quando desceu o Amazonas vindo do Equador, em 1743. La Condamine observou que os nativos extraíam um líquido leitoso, viscoso, dessa árvore – posteriormente chamada *Hevea brasiliensis* – e reparou que esse líquido, após coagulado, produzia uma substância maleável, de elasticidade e impermeabilidade sem-par, que os índios sabiam como moldar em forma de seringas, botas, garrafas e brinquedos.

O autor Warren Dean (1989, p.30), também contribui de forma significativa em relação aos primeiros relatos sobre a borracha quando expõe que:

Os mais antigos relatos sobre a borracha vieram da América Central, onde bolas e outros objetos eram fabricados com ela. Obtinha-se essa borracha a partir do látex de árvore do gênero Castilla (ou Castilloa). Colhida na selva, a borracha da Castilla, ou **caucho**, constituía um modesto artigo do comércio internacional até meados do século XVIII.

Em Belém, perto da foz do Amazonas, atraiu a atenção das autoridades coloniais portuguesas outro tipo de borracha, chamada “**seringa**” em referência a uma de suas primeiras aplicações. Por volta de 1750 botas do Exército, mochilas e outros artigos às vezes eram mandados de Lisboa para Belém a fim de ser impermeabilizados. Mas a primeira notícia publicada em Portugal acerca de artigos feitos dessa espécie de borracha data somente de 1799. Apenas um ano depois os comerciantes da Nova Inglaterra começaram a encomendar de Belém sapatos feitos de seringa. Por volta de 1839 aquela cidade realizava um comércio ativo: exportava 450 000 pares.

No obstante, percebemos que existiam outras espécimes de árvores de onde se poderia obter a borracha. Assim, fica configurado que a *Hevea brasiliensis* não era a única variedade de árvore produtora de borracha a ser explorada. Esse produto também podia ser obtido de outras espécimes de *Hevea*, dentre elas, em conformidade com Dean (1989), a *H. guianensis* e *H. benthamiana*, conhecida pelos moradores locais por seringa-itaúba e seringa-chicote. Contudo, ambas tinham um potencial de produção inferior a da *H. brasiliensis*.

Exploradas principalmente por peruanos, a castilla, “nativas de uma vasta região que se estendia da América Central até os limites oeste e norte da Amazônia brasileira”, (Ibidem, p. 70), tinha como característica um tipo de coleta itinerante, uma vez que a técnica, na maioria das vezes utilizada pelo explorador, matava a árvore, obrigando desta forma a busca de árvores em lugares cada vez mais distantes.

Vale salientar que, até meados dos anos da década de 1980, esse modelo de extração, essa técnica, apesar de já existir uma ferramenta chamada **espora**, também era comumente desenvolvida por seringueiros, quando da coleta do leite da árvore por eles conhecida pelo nome de **Sorva** e **Amapá**, estabelecidos nos afluentes do Rio Purus, dentre eles o Marí, Pacιά e Ituxi no município de Lábrea no Estado do Amazonas. Outras variedades também eram comercialmente coletadas no território brasileiro, entre outras, podemos destacar a **manicoba**, ou **Ceará-rubber**, a **murupita** (do gênero *Sapium*), a **mangabeira** que crescia ao longo da costa até a Bahia e a **maçaranduba**, conhecida como balata no mercado britânico (DEAN, 1989).

De acordo com Nascimento Silva (2000), o movimento migratório para a região amazônica teve início nos anos de 1877-1879, alicerçado por alguns proprietários de seringais que viajavam ao nordeste, principalmente ao Estado do Ceará, com a intenção de adquirir mão-de-obra para os seringais, aliciando-os com promessas de boas quantias em dinheiro e, tão logo chegassem às cidades amazônicas, especificamente Manaus e Belém, os levariam para os seringais. No entanto, vale ressaltar que raramente essa promessa era cumprida, devido às várias dificuldades, dentre elas, a logística, principalmente no que tange ao transporte e alojamento, uma vez que as distâncias para se chegar aos seringais eram bastante grande.

A esse respeito, Ferrarini (s/d, p.24/25) diz que:

Foi sobretudo a partir de 1870, e mormente com a grande seca de 1877, que levas grandes de nordestinos espalharam-se pelas florestas da Amazônia, subindo os grandes rios, particularmente o Purus. Primeiro foram os maranhenses, seguidos depois pelos cearenses; contribuíram também paraibanos, potiguares, alagoanos, baianos e pernambucanos. Foram os nordestinos os primeiros exploradores da borracha.

Para chegarem aos seringais, os migrantes nordestinos eram conduzidos, principalmente, pelas áreas geográficas da hidrovia do rio Amazonas/Madeira e seus afluentes, dentre eles, Jamary e Machado, bem como pela hidrovia Amazonas/Purus e seus afluentes, onde o rio Ituxi se destacava pela grande capacidade de produção de borracha - Acre/Juruá, rota que os levava também aos seringais instalados em terras bolivianas, hoje, Estado do Acre. Essa região vinha sendo ocupada por brasileiros desde a década de 1850 e, muito visada não só pelo fato de ali se encontrar o maior centro de coleta de borracha silvestre da Amazônia, como, também, por se tratar de uma região produtora de seringa de alta qualidade.

Nesse período, o fluxo de pessoas na região Amazônica torna-se cada vez maior, sendo que no ano de 1852, subindo o Rio Purus, o prático Serafim da Silva Salgado abre definitivamente caminho a outros explorados, como, dentre eles, Manoel Urbano da Encarnação, no ano de 1861, que, posteriormente, veio a fundar a cidade de Canutama, localizada no Purus, a jusante de Lábrea.

Nesse ritmo de exploração da região do Purus foi que, no ano de 1869, se obteve os primeiro registros da presença do fundador da cidade de Lábrea, Antonio Rodrigues Pereira Labre que, Após navegar pelo alto Purus, retornou ao Maranhão em buscar de mão-de-obra. Nesse particular, Ferrarini (1981, p.39) diz que:

Das comarcas de Gurupá e Santarém da província do Pará, tem entrado para os rios Madeiras e Purus alguns milhares de pessoas, que neles se dedicam à indústria extrativa.

Ultimamente entrou uma colônia cearense, e espera-se que até o mês de julho do corrente ano o tenente-coronel Labre, que visitou o alto Purus, venha da província do Maranhão acompanhado de algumas dezenas de pessoas livres e escravas com intuito de estabelecer-se naquele rio.

As constantes explorações tornaram a região do Purus bastante conhecida, contudo, os seus afluentes ainda eram quase inexplorados. Diante disso, foi criada a Lei nº 208 de 27 de abril de 1871 que autorizava o Presidente da Província do Amazonas a explorar os rios Ituxi e Mary. No caminho do desbravamento dessa região estavam presentes os missionários da igreja católica, cujo, constituíram em 1878 a paróquia de Lábrea.



GALVÃO DA SILVA, Antônio Carlos. Fotografia reproduzida de outra existente nos arquivos da paróquia de Lábrea. A Paróquia de Lábrea foi constituída em 06.09.1878 por D. Antônio de Macedo Costa e inaugurada no ano de 1911. Lábrea – AM, SD.

Por meio da Lei nº 523 de 14 de maio 1881, a freguesia de Nossa Senhora de Nazaré do Ituxi, título concedido em 1878, foi elevada à categoria de Vila com a denominação de Vila da Lábrea. Ferrarini (1981, p. 59), retrata que nessa época,

Abundavam então nas imediações os seringais. Fartura de toda caça, pesca e muito fruto. Organizaram-se linhas de navegação, das quais a Amazon River foi a primeira a fazer a linha até Manaus. Estavam o lugarejo e os seringais comunicados com a capital da província, Manaus. Atraídos pelas riquezas naturais afluíram negociantes portugueses, sírios, peruanos ect...

Como vemos, o município de Lábrea foi, desde o início, caracterizado pelo extrativismo, com destaque para a borracha como produto mais procurado e que contribuiu mais fortemente para o progresso da região, acompanhado posteriormente por outros produtos como a castanha, a sorva, os óleos de copaíba e andiroba e a madeira.

*Sinopse da Cronologia de Lábrea*⁴

- 10-05-1852 – Sobe o Purus o prático Serafim da Silva Salgado.
- 18-04-1861 – Passa pela atual Lábrea Urbano da encarnação.
 - Sobre o Purus o 1º vapor, Pirajá, com Coutinho e Urbano.
- 1869 – Labre chega ao Purus pelo vapor Madeira.
- 1871 – Labre vai ao Maranhão buscar mais gente.
- 16-06-1871 – Labre inicia o lugar S. Luis (Lábrea).
- 15-05-1873 – Criada a Freguesia de N. Sra. De Nazaré do Ituxi.
- 1877 – Chegada em Lábrea de grandes levas de nordestinos.
- 06-09-1878 – Instalada a Paróquia N. Sra. De Nazaré.
- 08-09-1878 – Pe. Francisco Leite Barbosa toma posse como 1º vigário.
- 30-09-1878 – Pe. Daniel propõe a elevação de S. Luis a vila.
- 06-02-1880 – Aprovado o projeto de Labre para abrir a estrada Lábrea-Beni.
- 14-05-1881 – Criados o município de vila de Lábrea.
- 24-05-1883 – Criada a Comarca do Rio Purus, com sede em Lábrea.
- 07-03-1886 – Instalação da Câmara Municipal da Vila.
 - Inauguração oficial e solene da vila.
- 07-09-1886 – Surge o jornal “O Purus”.
 1887 – Instalação da primeira agência dos correios.
- 24-01-1887 – Instalado o Termo Judiciário.
- 17-10-1888 – Surge o Jornal “Labrense”.
- 08-01-1890 – Dissolvida a Câmara Municipal.
 - Labre é nomeado prefeito.
- 22-10-1890 – Modificação de limites. Criado o município de Antimary.
- 24-10-1890 – Nomeação do primeiro Juiz efetivo.
- 24-11-1891 – Surge o jornal “Rio Purus”.
- 01-08-1893 – Surge o jornal “O Correio do Purus”.
- 11-10-1894 – Elevação à categoria de cidade.
- 03-08-1903 – Compra do terreno para a construção da Igreja-Matriz.
- 15-10-1911 – Inauguração da Igreja-Matriz de Lábrea.
 1916 – Instalação da estação Rádio-telegráfica.
- 08-08-1923 – Comarca de Lábrea é anexada ao Termo de Canutama.

⁴ Extraído do livro Lábrea: 1881 Ontem – Hoje 1981, p. 21-23, de Ferrarini.

01-05-1925 – A Santa Sé cria a Prelazia de Lábrea.

12-12-1928 – Restabelecida a Comarca de Lábrea.

1936 – Iniciada a construção da Escola Paroquial.

01-01-1937 - Inauguração do Colégio Nossa Senhora da Consolação.

15-08-1937 – Instalação da luz elétrica nas casas, graças aos padres.

1938 – Os padres abrem uma fábrica de ladrilhos.

1945 – Lábrea passa a pertencer ao Território do Guaporé.

05-09-1945 – Chaga a Lábrea grande contingente de soldados da borracha.

1946 – Lábrea retorna ao Amazonas.

1950 – Inauguração do Educandário Santa Rita.

2.2. Seringal e Sua Organização Espacial

O custo do aviamento dependia muito da importância, extensão e do número de extratores de cada seringal, além de sua localização geográfica. (Pedro Martinello)

Falar de Seringal na Amazônia é falar de índios, homens e mulheres de cores distintas, brasileiros e estrangeiros que contribuíram sobremaneira com a cultura estabelecida nessa região. É falar de explorados e exploradores. É falar de fortuna e de miséria. É falar de sonhos e mortes. É falar de um povo que aprendeu a conviver com os mitos e lendas, quer seja dos rios, quer seja das matas, estabelecendo uma nova cultura. É falar de uma população ribeirinha que tem como virtude a simplicidade e o respeito pelo espaço de onde retira o sustento de sua família e de seu grupo.

Leandro Tocantins (1982, p.102) diz que o seringal foi “a primeira grande unidade de produção na Amazônia”, e que pode ser entendido como uma unidade biótica, ou seja, uma “organização funcional e estrutural da vida, resultante da inter-relação e interdependência das espécies dentro de um habitat comum [...]”. Deste modo, a população desse território prende-se, quase que por completo, ao solo vivendo uma relação de dependência recíproca com tudo que gere aquele habitat. Ali, o humano, convive com seus costumes e crenças e, desenvolve técnicas visando garantir de sobrevivência de seu grupo. Assim, vemos o seringal como o ehtos maior do seringueiro, que, por sua vez, por conta das ações praticadas naquele local, deu existência à figura do seringal, ou seja, uma porção de terra, por si só, não constitui um

seringal, mas, somente a partir da presença humana. Assim, seringa e seringueiro se fundem, se constituem, se interagem, se completam.

É natural associarmos as palavras Amazônia, borracha, seringal e seringueiro aos migrantes nordestinos, em especial, do Estado do Ceará que, se fizeram presentes na região amazônica desde meados do século XIX. Grande parte destes migrantes não dispoem de alternativa, excluídos da oportunidade do trabalho, encurralados, buscaram na Amazônia sua sobrevivência. A dor do inevitável abandono das terras pelos nordestinos só não era maior por que se apegavam na esperança de obterem na Amazônia condições de voltarem “vitoriosos” para suas famílias que ficaram no Nordeste. Deste modo, projetavam virtualizações que, de acordo com Sebastião Ferrarini (1979, p.45), estes homens eram movidos pela idéia fixa: “o leite da seringueira é como ouro, diamante. Vamos ficar ricos! Voltar. Melhorar a situação! Não fosse essa idéia a animar aqueles corpos fracos e aquelas mentes obsequiosas, e muitos já no caminho teriam desfalecido”.

A luta que esse “exército” de migrantes estava preste a vivenciar, nas matas quentes e úmidas da floresta Amazônica, se configurou mais difícil do que a travada pelos Soldados da Força Expedicionária Brasileira nos campos de batalha no território Italiano. Contudo, esses nordestinos se dispuseram, mesmo sem conhecer o “inimigo” e muito menos o território onde se daria a grande e impiedosa luta, serviram com bravura à pátria que, mais tarde, os abandonaria, tratando-os como se estes nunca tivessem feito parte da história vivida pela nação brasileira nesse período de muitas turbulências.

Nesse sentido, Nascimento Silva (2000, p.61-62), ilustra bem esse momento de bravura e abandono à qual, milhares de pessoas foram submetidas.

Neste “exército da borracha” morreram mais “soldados” do que no exército da Força Expedicionária Brasileira que lutava nos campos da Itália, para onde foram enviados nos período de junho de 1944 a fevereiro de 1945 um total de 25.334, pessoas. [...] Fora os mortos e os que foram capturados como prisioneiros pelo inimigo, desembarcaram no total 23.811 pessoas. Nas trincheiras da “Batalha da Borracha” milhares de “soldados” foram exterminados pelas doenças que os debilitava sem terem o mínimo de assistência, abandonados pelos “comandantes” no meio desta “batalha”, vítimas do descaso do governo e seus representantes, além de lutarem praticamente a vida toda.

Após a longa viagem até as cidades de Belém e Manaus nos sujos porões de navios superlotados, com poucos recursos e uma escassa alimentação, os migrantes eram encaminhados para os seringais empilhados na terceira classe dos **navios gaiolas**. Geralmente quando ocorria tudo bem, quando a viagem saia como programado, esta se fazia em torno de vinte dias. Durante esse tempo de viagem o nordestino convivia num ambiente sem nenhuma

higiene. Mal alimentados, muitos adoeciam e, os que permaneciam de pé estavam debilitados. Com os corpos frágeis, ficavam muito vulneráveis às doenças reinantes da região dos seringais.

A implantação de seringais na Amazônia se configurou como um empreendimento de alto custo que se estende desde o processo de aliciamento, logística - tanto no transporte de trabalhadores como no abastecimento dos barracões com as mercadorias “necessárias” para manter o seringueiro no corte da seringa; abertura de estradas onde, a média de concentração de árvores gira em torno de três a quatro por hectare; treinamento dos novos seringueiros bem como a manutenção destes nas **colocações**.

Esse custo de instalação de um seringal e seu **aviamento** estava diretamente ligado às distâncias destes aos grandes centros comerciais, características geográficas da região, os riscos que essa região apresentava, bem como a amplitude espacial de domínio do seringal, ou seja, a quantidade de estradas de seringa existente naquele seringal, o que, evidentemente, estaria proporcionalmente ligado ao número de Centros e Colocações. Deste modo, um seringal com muitas estradas de seringa, instalado nos altos rios, contribuía para que aumentasse as dificuldades de abastecimento, quer seja pelo vultoso volume de mantimentos a ser transportado ou, pela variedade de riscos que essa atividade detinha.

O custo estimado para manter cada seringueiro nas colocações chegava, de acordo Dean (1989, p.72), a “5000 mil réis (337 libras), em 1910, o que implica um investimento total, para o setor borracheiro do alto do rio, de mais de 43 milhões de libras”. Quem no final das contas saía perdendo era o desprovido seringueiro, uma vez que todos os gastos relacionado à sua manutenção, inclusive a passagem de navio, lhe era cobrado.

Os **aviadores**, a maioria comerciantes portugueses, possuíam grandes instalações prediais nas principais cidades amazônicas, os quais, além de escritórios também serviam de armazéns de mercadorias que seriam destinadas para o abastecimento dos pólos produtores de borracha, ou seja, os seringais. Sobre esse envolvimento, Martinello (2004. p.187), diz que “A relação entre a casa aviadora e o **seringalista** se iniciava com a descoberta e abertura da área produtiva, estreitava-se ainda mais com a implantação definitiva e a posterior manutenção do seringal [...]”.



GALVÃO DA SILVA, Antônio Carlos. Barracão construído no início do século XX. Símbolo do potencial de borracha explorada na região. Fortaleza do Ituxi, Lábrea – AM, 2007.

Os seringalistas, detentores do direito de propriedade sobre as árvores de seringa, mantinham um regime extremamente rígido sobre os seringueiros. Estes, para conseguirem o “direito” de exploração de seringal eram obrigados a obterem os adiantamentos, em forma de mantimentos - Produtos do tipo: fumo, querosene, munição, sal, açúcar, café, aguardente, dentre outros utensílios necessários à sua manutenção durante a permanência nos seringal -, exclusivamente de seus **patrões** e, ao mesmo tempo, comprometer-se a destinar toda a produção ao patrão que lhe aviou. Assim, este modelo administrativo imposto pelos seringalistas se configurava como uma terrível e impiedosa exploração aos seringueiros, uma vez que o aviamento feito pelo seringueiro extrator era contabilizado no final do ano a preços vigentes, ao passo que, toda a produção do seringueiro era contabilizada pelo preço que a borracha tinha alcançado no início daquele mesmo ano. Esse sistema ficou conhecido como Sistema de Barracão.

A composição dos seringais, muito raramente se fazia de maneira amistosa. Assim, esse novo espaço configurava-se mediante muitos conflitos, principalmente, com tribos indígenas, no qual os seringalistas para expandir ou colocar novos seringais dizimaram tribos inteiras, onde, na maioria das vezes, utilizando métodos de extermínio. Assim, Wolff (1999, p.168), relata o apelo desesperado de uma índia capturada dando conselhos a outras índias, também capturadas, a não tomarem a atitude de fugir.

[...] “minhas filhas, não vão mais embora, nós não tem mais ninguém, mataram tudo do nosso pessoal, mataram tudo, tudo, tudo e nem escapou nem os pequenininhos, mataram com a ponta de faca, sacudia e aparava com a faca. Mataram tudinho, não deixou ninguém”.

Como podemos perceber, a vida na mata nesta época era ditada pela força, onde, o poder era legitimado pela capacidade de disparo do fuzil.

O patrão fazia e executava suas leis, impondo penalidades ao seringueiro que, em muitas vezes, culminava em sua morte. Exemplo disso são alguns depoimentos de seringueiros que contam que por não conseguirem quitar suas contas no Barracão, sempre se dava um jeito para que esse seringueiro permanecesse preso a terra e, desta forma, escravo do sistema administrativo praticado pelos patrões. Ali ele trabalhava por anos, sustentado pelo sonho de que no próximo ano seria melhor e, desta forma, poderia voltar à sua terra e poder viver novamente com seus familiares, sonho que poucos conseguiram realizar.

A estrutura e o funcionamento de um seringal seguem uma ordem estratégica e hierárquica, onde, nos moldes de uma organização tradicional, o Barracão está no topo da pirâmide, tendo os Centros numa posição intermediária, agindo como uma espécie de assessor, ou seja, apoio logístico e administrativo ao Barracão junto às suas Colocações, localizadas na parte de baixo da pirâmide. Deste modo, as pessoas que estão inseridas em cada parte desse processo estrutural são condicionadas a desenvolver suas tarefas de acordo com a “cartilha do patrão”.

Em geral, três esteios mantinham a composição estrutural de um seringal: o **Barracão**, o **Centro** e a **Colocação**. O Barracão era estrategicamente localizado às margens dos rios, objetivando facilitar o abastecimento de mercadorias utilizadas para manter o funcionamento do seringal e o escoamento da produção. Por conseguinte, os barracões, essencialmente, tinham que ter sua localização em pontos estratégicos, de modo que possibilitasse àquele **Centro Administrativo** estabelecer uma constante comunicação com os Centros.

Nas proximidades do Barracão moravam as pessoas que faziam os serviços diretos para o patrão, ou seja, para o seringalista dono do seringal, como por exemplo:

Gerente do Seringal - responsável pela administração do local da produção da borracha;

Noteiro, Aviador ou Guarda-Livros - hierarquicamente, está logo abaixo do gerente do seringal. Para exercer esta função, o pretendente tinha que gozar de muita confiança do patrão, uma vez que sua incumbência no Barracão era de extrema importância para manter elevado os ganhos do patrão. O detentor desta função era responsável pelo controle de entrada

e saída de toda mercadoria do seringal, assim, também mantinha o controle da caderneta de mercadorias e produção do seringueiro;

Empregado de Balcão - pessoa responsável pela manutenção do estabelecimento, guarda e venda de mercadorias no depósito;

Comboieiro ou *Tropeiro* - trabalhadores incumbidos de levar no lombo de animais como burros e ou cavalos as mercadorias ao seringueiro e trazer a produção de borracha. É bom que se diga que muitos patrões davam ordens aos comboieiros que, quando chegassem às colocações e o seringueiro não tivesse produção, era para não deixar o mantimento.

Mateiro - homem detentor de fina habilidade de orientação e conhecimento na floresta, cuja atribuição, além de encontrar as seringueiras e constituir as “**estradas de seringa**”, também, nos momentos em que não estivesse botando estradas, tinha a incumbência de localizar as aldeias e armar, contra essas tribos, as emboscadas; “Mateiro é o que entra no mato, se não for possível sair durante o dia, é só forrar o chão, deitar e dormir lá mesmo. Isso aconteceu diversas vezes comigo” (Francisco M. G. Lábrea, março de 2007)

Toqueiro - além de limpar o caminho das estradas, para que o seringueiro pudesse proceder o corte da seringa com a rapidez que o serviço requeria, uma vez que a chuva poderia levar o leite das tigelas, bem como evitar possíveis acidentes em pontas de paus e raízes, o toqueiro também, após o mateiro encontrar as árvores de seringa e definir a rota, a trajetória ou o rumo da estrada, abrir caminho ligando uma madeira a outra. O toqueiro, como acontecia em seringais do rio Pacιά, no município de Lábrea, também ajudava o mateiro, servindo-lhe como ponto de referência para ligar uma árvore à outra. Funcionava da seguinte forma: quando o mateiro encontrava uma árvore de seringa, o toqueiro ficava no local enquanto o mateiro saía à procura de outra. Encontrando-a, este procurava se comunicar com o toqueiro para que saíssem um ao encontro do outro fazendo uma **picada**. Essa comunicação geralmente era feita por meio de gritos. Caso o grito não fosse respondido, entendia-se que se tratava de uma distância que requeria outro tipo de instrumento de comunicação, assim, recorriam à çacupema. Nesse último modelo de formação de estradas de seringa, percebe-se que o mateiro, ao mesmo tempo em que localiza as seringueiras, também define a rota da estrada, uma vez que o toqueiro já vem construindo a picada.

Fiscal - por característica inerente a função, o fiscal estava em permanente contato com o seringueiro, uma vez que era o responsável por percorrer todas as estradas verificando sua conservação e, acima de tudo, observar se os seringueiros estavam trabalhando em conformidade com as exigências do patrão. A esse profissional lhe era dado o poder de “[...] suspender o produtor de seus trabalhos em caso de reincidência pela terceira vez, e neste

caso deverá valorizar os prejuízos (**sic**) causados para que sejam cobrados pela casa [...]” Benchimol (1992, p.101);

Trabalhadores de Campo – pessoas contratadas para zelar não só pela estrutura física do Barracão, como também, em toda a área em seu entorno, ou seja, eram responsáveis por manter o espaço onde se estava o Barracão sempre limpo. Dentre outras atribuições desses empregados, estava, por parte das mulheres, cuidar da limpeza interna das instalações, fazer comida e lavar louça, enquanto que os homens cuidavam do corte do mato em torno do barracão e da manutenção do porto. Estes poderiam ser contratados de modo efetivo ou como diaristas;

Pescador e Caçador - homens que tinha como atribuição o fornecimento de peixe e carne para o barracão. Nas bibliografias pesquisadas não foi encontrado referências de que a caça ou o pescado que esses profissionais produziam era ou não vendidas para os seringueiros. Por outro lado, (LIMA; 2002) retrata que as atividades de caça e pesca era terminantemente proibida pelos donos de seringais, até mesmo para o barracão, uma vez que o patrão não queria estimular os seringueiros a fazerem o mesmo, porque se essa prática se tornasse corriqueira diminuiria seu lucro, pois todos que moravam no seringal eram obrigados a comprarem tudo que precisassem no barracão; e.

Jagunços, contratados para fazer valer as imposições dos donos de seringais.

Como vemos, esses profissionais, cada um com sua importância singular, faziam com que o conjunto administrativo do barracão se mantivesse em plenas condições de funcionamento.

Nas colocações, as casas eram barracas ou **tapiris** cobertos de palha e assoalho de paxiúba⁵, casas do tipo palafita, algumas vezes eram cercadas por meia parede, conhecidas pelos ribeirinhos do Purus como sendo **para-peito**.

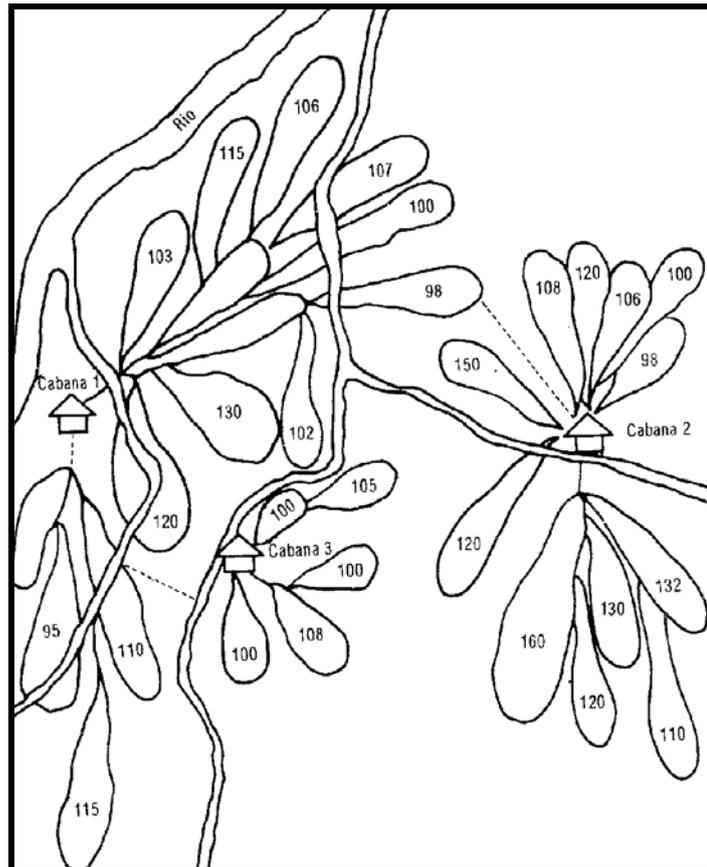
Para termos uma melhor compreensão da organização espacial de um seringal, achamos por bem demonstrar dois esquemas cartográficos de seringais que, apesar dos autores terem a mesma intenção - demonstrar a formação espacial de um seringal – o fazem de forma diferente e, em alguns casos, de modo que não corresponde a realidade de um seringal amazônico. Assim, entendemos que se juntarmos as informações certamente

⁵ A paxiúba pode ser retirada de alguns tipos de palmeiras, contudo, se tratando de construções de casas, os caboclos do município de Lábrea, estabelecidos ao longo do Rio Purus e seus afluentes, a retiram preferencialmente dos açaizeiros por darem um melhor acabamento quando da construção dos assoalhos e paredes. Para se obter a paxiúba parte-se o açaizeiro ao meio e raspa-se a parte externa, a qual será fixada no assoalho com essa extremidade voltada para cima. Uma outra maneira trabalhada da obtenção da paxiúba é batê-la para abrir e amaciar, ficando totalmente na horizontal, enquanto que a primeira fica em forma côncava.

poderemos obter uma mais rica compreensão de como é constituído a organização espacial um seringal.

O primeiro, diz respeito ao esquema cartográfico exposto por Weinstein (1993, p.32), baseada numa ilustração de Índia Rubber World (1902, p.15), que ilustra o cartograma de um seringal da seguinte forma:

Figura 4: Cartograma I - Organização Geográfica de um Seringa

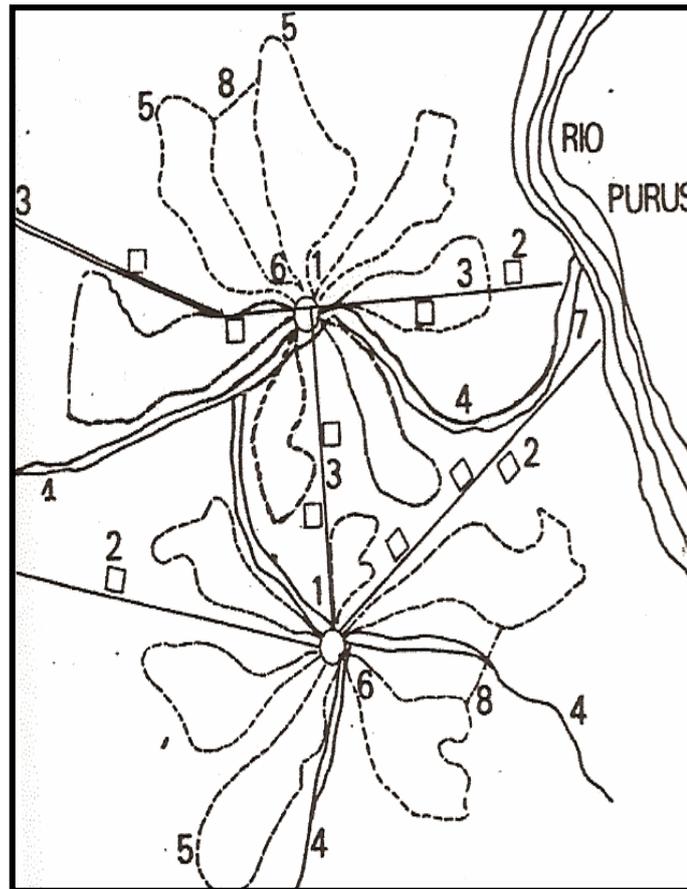


Fonte: Weinstein (1993, p.32)

Esquema de um seringal amazônico, por volta de 1900. As alças, em formato de gota, são as “estradas”, e os números indicam quantas héveas formam cada “estrada”. Quinze “estradas” partem da Cabana 1, empregando sete seringueiros, doze da Cabana 2, empregando seis seringueiros; e cinco da Cabana 3, empregando dois seringueiros. O número total de árvores nessa área é de 3.573, o que significa que essa é provavelmente uma área de cerca de 130 km². Baseado numa ilustração de Índia Rubber World, 1, out., 1902, p.15.

O segundo, é o modelo apresentado por Ferrarini (s/d, p.66), o qual retrata a composição de um seringal constituído às margens do rio Purus.

Figura 5: Cartograma II - Organização Geográfica de um Seringal



Fonte: Ferrarini, (s/d, p.66)

Analisando o cartograma I, apresentado por Weinstein, vemos que o formato das estradas, o número de seringueiras que as constitui, variando entre 100 e 120 madeira, sendo que as que excedem a esse número, como é o caso de estradas com até 160 seringueiras, é perfeitamente normal nos seringais amazônicos, uma vez que o número de árvore está ligeiramente condicionado ao grau de concentração destas no espaço geográfico formador destas estradas, ou seja, o tempo que um seringueiro leva para efetuar o corte de 100 árvores numa estrada de grandes dimensões territoriais, outro levaria, em tese, o mesmo tempo para cortar 160 seringueiras numa estrada com menor tamanho. Percebe-se também que a quantidade de estradas que cada seringueiro tinha capacidade de cortar, girando em torno de duas ou três, é demonstrada com propriedade, uma vez que o seringueiro cortava suas estradas em dias alternados com o objetivo de dar tempo de recuperação da árvore sangrada. No entanto, observa-se que o esquema apresentado pela autora, apesar dos pontos de extrema relevância expostos, poderia ter recebido uma ampliação argumentativa que desse uma

melhor e mais detalhada noção da composição da organização espacial de um seringal Amazônico.

Como expomos anteriormente, um seringal é constituído por um Barracão, um Centro e suas Colocações. Assim, o esquema proposto Weinstein, em vez de nos dar uma dimensão completa de um seringal, nos deixa um vago entendimento de haver somente um Centro, de onde parte todas as estradas. Contudo, mesmo tomando-o como Centro, onde cada Cabana, como se refere a autora, possa representar várias casas de seringueiros, fica muito difícil de imaginar um seringueiro saindo da Cabana 1 e tendo, por exemplo, que percorrer algumas estradas para cortar uma das últimas estradas, como é o caso da estrada localizada na parte superior da Cabana 1 que contém 106 madeiras. Este seringueiro teria que andar, partindo da Cabana 1, além do percurso até a boca da estrada a ser cortada, dar duas voltas nessa estrada, uma cortando e outra colhendo, mais o percurso de volta até sua casa, entendida aqui como sendo a cabana 1. Provavelmente não teria tempo para defumar o leite, tampouco, por mais resistente e valente que este fosse, não resistiria por muito tempo realizar tal façanha.

Essa indagação é respaldada na narrativa de dona Maria das Dores, quando afirma que: “Minha estrada tem cento e cinqüenta seringueiras, mas, tem uma lá que a gente corta quase duzentas madeiras. Dá um bom leite. Para cortar estas estradas eu saio às 05h00min para chegarmos às 15h00min”.

Diante dessa indagação, vamos imaginar que cada Cabana represente um Centro, assim sendo, nas estradas mais afastadas deveriam existir as Colocações mais próximas à boca das estradas destinadas aos seringueiros, de maneira que possibilitasse a viabilização do escoamento da produção, dando ao seringueiro um melhor aproveitamento do tempo destinado à extração do látex.

Nesse modelo apresentado por Weinstein, percebe-se que dois importantes esteios formadores de um seringal típico da região amazônica não aparecem, o Barracão e a Colocação.

No cartograma II, ilustrado por Ferrarini, podemos ver uma organização espacial de um seringal mais completa, típica das encontradas na calha do Purus. Essa estrutura expõe os três pilares constituidores do seringal: o Barracão, estrategicamente situado às margens de um grande rio e logo próximo da boca de seu afluente, o qual, muitas vezes, não permite o acesso de embarcações de grande calado. Assim, barcos menores transportam as mercadorias armazenadas no Barracão e traziam a produção da borracha; o Centro, que se configura, nesse caso como sendo a sede do seringal, o qual recebe os mantimentos e utensílios do Barracão; e

as Colocações, um pouco mais afastadas dos Centros, de onde recebem a assistência de que precisam para o período da coleta do látex.

Enquanto que no primeiro cartograma a autora se preocupa em demonstrar a composição do número de árvore que forma cada estrada de seringa, seu formato - em forma de gota- (esse formato permite que o seringueiro, quando terminar de sangrar a última árvore, esteja próximo ao local onde dera início ao corte, desta forma, pode começar a colher o látex. É uma maneira de ganhar tempo uma vez que a chuva estraga o leite); e a quantidade de estradas que cada seringueiro recebia para a extração do látex, Ferrarini, no esquema II, se preocupa em demonstrar a constituição hierárquica do seringal com o Barracão, Centro e Colocação, bem como o posicionamento e detalhamento desse espaço, como por exemplo: o número 1 representa a Sede do Seringal (Centros); o número 2 representa os Barracos ou casas dos seringueiros (Colocações); o número 3 representa o varador. Esse varador servia para ligar um Centro a outro, ligar as Colocações aos centros, em alguns casos ligava as colocações ao Barracão; o número 4 representa os igarapés; o número 5 representa a volta da estrada, o número 6 representa a boca da estrada (início da estrada); o número 7 representa a localização do Barracão; e o número 8 representa os caminhos ligando as estradas. Esses caminhos serviam para que o seringueiro encurtasse a distância entre uma estrada e outra para cortá-la.

Em muitos casos, quando o rio permite uma navegação de médio porte e a configuração geográfica do seringal permite, a figura dos Centros torna-se desnecessário, uma vez que o Barracão passa ser instalado em locais que permitam a essa casa comercial um contato direto com as Colocações, absorvendo, desta forma, todas as inerências de um Centro. Contudo, mesmo no caso do seringal Fortaleza do Ituxi, que detinha uma grande estrutura e, também um aglomerado considerável de moradores, formando uma vila, ainda assim, este estabelecimento necessitava ser abastecido pelo Barracão de São Luis do Cacánã, localizado às margens esquerda do rio Purus bem em frente à boca do rio Ituxi, o qual servia como a grande base de apoio para abastecimento dos seringais e o escoamento da produção. Este Barracão tinha como proprietário o “Coronel” Luis Gomes, homenageado com uma das ruas do centro da cidade de Lábrea que leva seu nome.

Diante das análises, percebe-se que os dois cartogramas, trabalhados de forma homogênea, ou seja, com a fusão das informações, resultará numa organização espacial de um seringal vivenciada nos altos rios amazônicos.

2.3 O Espaço Vivido do Seringueiro no Seringal

O sertanejo emigrante realiza, ali, uma anomalia sobre a qual nunca é demasiado insistir: é o homem que trabalha para escravizar-se. (Euclides da Cunha)

Ao chegarem aos seringais, “os brabos”, como eram conhecidos os novatos, pelo fato de não disporem de nenhuma habilidade no que diz respeito ao trato do corte da seringa, ficavam nos barracões ou em algum centro aprendendo com seringueiros experientes a maneira como se deveria proceder com o corte da seringa, bem como a familiarização deste com a mata. Após atingir certo grau de conhecimento na coleta do látex, ele era conduzido para as colocações. Como estava começando, o aviamento fornecido pelo patrão era mínimo, uma vez que o novato já se fazia com muitas dívidas no barracão.

Com o pequeno aviamento e apto no corte da seringa, a este era dado uma colocação com duas ou três estradas. Em média, uma estrada de seringa contém entre 100 e 120 madeiras, tudo dependerá da concentração de árvore nesse espaço, como é o caso da seringueira dona Maria das Dores que em entrevista concedida em 25 de janeiro de 2007 diz que: “Minha estrada tem cento e cinquenta seringueiras, mas, tem uma lá que a gente corta quase duzentas madeiras”. Na Amazônia, geralmente essas árvores se encontram bastante dispersas uma das outras, este fato tem levado muitos estudiosos a dizerem que por conta disso não há propagação do mal-das-folhas, como ocorreu nos seringas de Fordlândia e Belterra da empresa Ford.

A condição de seringueiro “brabo”, só lhe era retirada após o quarto ou quinto ano de dedicação, tempo considerado para que este adquirisse boas habilidades no processo do corte da seringa, passando, desta forma, a ser qualificado como “manso”.

No primeiro ciclo da borracha o regime era bastante rígido. Nessa época, o seringueiro não podia exercer outra atividade que não fosse o corte da seringa. Os seringalistas não queriam e nem permitiam que os seringueiros desviassem sua atenção do objetivo principal: a extração do látex. “Diziam ter trazido os brabos não para o amanhã do solo, mas simplesmente e tão-somente para tirar o leite das madeiras” (FERRARINI, 1979, P.51). Isso impedia que seringueiros fizessem roçados ou caçassem. Por outro lado, não eram poucos os seringueiros que também não tinham interesse em por roçado, fazendo-se ali presente simples e puramente para cortar seringa, ganhar dinheiro e voltar correndo para de onde viera. A esse respeito, Benchimol (1992, p.41) coloca que:

Seringa e roça, portanto, não rimam bem. O roçado só existe quando a seringa falece. Na época da crise, até que se vive bem nos seringais. Pelo menos o homem toma interesse para a plantação e volta as suas vistas à terra. Seringa rima bem é com béri-béri, com charque e farinha, com pirarucu seco e feijão. Não combina com batatas, legumes, galinha, ovos, leite. Se ela se juntasse com tudo isso o homem não vinha para voltar. O homem sentiria alguma coisa de seu trabalho e de sua pessoa ficando na terra.

Nas entrevistas que realizamos com seringueiros e ex-seringueiros, a maioria dos entrevistados disseram terem trabalhado com bons patrões, quebrando um pouco a generalização que tínhamos da relação seringalista/seringueiro, isso não quer dizer que a relação deixasse de ser uma relação de poder. Poucos disseram que os donos de seringais eram cruéis, como o caso do senhor Francisco Maia que afirmou ter visto, quando criança, ossadas humanas dependuradas no interior do calabouço do Barracão em Fortaleza do Ituxi, fruto da crueldade dos patrões contra seringueiros.

O compromisso do seringalista com o seringueiro se configurava em possibilitar o aviamento de gêneros alimentícios, roupas e utensílios necessários para o fábriço, bem como entregar-lhes estradas de seringa que estivessem condições de serem exploradas, além de apoio na construção de tapiris e defumadores. Em contrapartida, o seringueiro só poderia descansar um dia na semana e vender toda a produção de borracha para o patrão que lhe aviou. Esses compromissos se davam de acordo com as exigências e necessidades do patrão. Seringueiro e “coronel” mantinham uma ligação postulada nos pilares de uma relação de poder, onde o segundo detinha uma posição cada vez mais dominante, especialmente nos períodos de apogeu da borracha quando “[...] o látex de *Hevea brasiliensis* tornou-se o sangue vital para a Amazônia (WEINSTEIN, 1993, P.46) [...]”.

Na entrega da borracha, por lei o patrão deveria pagar 60% do valor do mercado, fato que na maioria das vezes não acontecia. Mesmo se pagassem de acordo com a lei, o seringalista tirava a diferença no preço de seus produtos. Quando o seringueiro ia entregar a borracha no barracão, ele recebia o valor desta com preços cotados no início do fábriço, enquanto que os produtos adquiridos eram notados em uma caderneta e cobrados valores atuais, ou seja, o seringueiro vendia sua produção de borracha a preços defasados, enquanto os produtos adquiridos no barracão, além de já inflacionados, ainda eram pagos em valores reais. É claro que esse tipo de transação deixava o seringueiro sempre endividado. Dean (1989, p. 139) relata que:

[...] A equipe de estudos descobriu que o seringueiro típico recebia três cruzeiros – ou quinze centavos de dólar – por quilo, enquanto seu patrão, ou quem o representasse, recebia 1,25 cruzeiro – 6,25 centavos de dólar. Mas os preços das

mercadorias no barracão do seringalista eram fixados de maneira a deixar o seringueiro de bolsos vazios no fim da estação [...]

No exercício da profissão, o trabalhador da floresta acorda muito cedo. Toma um café preto enquanto espera a carne de caça seca ou **peixe escalado** fritar em uma caçarola preta pela ação do fogo ardente expelida do fogão à lenha. Após colocar seu quebra-jejum em uma lata com **farinha d'água**, pega a poronga, a faca de cortar seringa, o balde, o paneiro, o **encerado**, o facão e o inseparável rifle ou espingarda, do qual provia seu alimento e sua proteção e, embrenha-se floresta adentro em busca do látex.

As estradas eram cortadas em dias alternados para não exaurir a capacidade do fluxo de leite da árvore. Dependendo do porte da madeira, nesta poderia conter duas ou três **bandeiras** ou **panos**. Estas eram feitas com a distância aproximada de vinte centímetros uma da outra. As incisões deveriam ser cuidadosamente executadas, não podendo ser nem superficiais, nem profundas o bastante a ponto de ultrapassar a casca e alcançar o caule. No primeiro caso, o fluxo do leite não corresponderia a real capacidade de produção da seringueira, fazendo com que a coleta do látex se faça muito tímida. No segundo caso, poderia acarretar o surgimento, no local da cisão, de um nó de maneira que, dependendo da quantidade de nódulos e da gravidade das incisões aferidas na seringueira, levava a árvore à diminuição e esterilidade de látex ou até mesmo, segundo alguns relatos de seringueiros, à sua morte.

Começava, na maioria das vezes, a dar seu primeiro corte iluminado pela **poronga**, fixada em sua cabeça. O motivo deste serviço começar tão cedo se justifica pelo fato de que, na Amazônia, o período de maior ocorrência de chuva dar-se-á no período da tarde. Deste modo, o seringueiro sai em disparada de uma árvore a outra, cortando, colocando a tigela e torcendo para que faça um dia de muito sol. Após cortar toda a estrada, pára à beira de um riacho, onde, apressadamente, come alguns punhados de farinha com peixe ou carne. Quando termina, toma uns goles de água na folha da **sororoca** e, mais que depressa, pega o paneiro, balde e o encerrado e sai colhendo o leite, que a essa altura já repousava nas tigelas. Das tigelas para o balde, o leite era levado e, quando este se fazia com uma certa quantidade de leite, o seringueiro o despejava no encerrado levado dentro do paneiro.

Como vimos no capítulo sobre a Organização Espacial de um Seringal, as estradas não eram constituídas em linha reta, mas, em forma de gotas. Esse formato permitia ao seringueiro cortar toda a estrada e terminar muito próximo de onde houvera efetuada a primeira incisão. Esse esquema facilitava em muito a vida do seringueiro, pois, quando este chegava ao final da

estrada, também estava em seu começo e, desta forma, pronto para colher o leite das primeiras seringueiras cortadas.

Ao terminar a coleta do leite, o seringueiro retorna à sua casa: prepara os cavacos, os cocos de babaçu e de ouriço de castanha para colocar no **boião** e fazer a defumação do leite. Quando este termina de defumar, quase sempre o dia já está no fim. Mesmo assim, o seringueiro pega a tarrafa e sai em um pequeno casco garapé adentro em busca do jantar. Ao chegar, toma um banho, janta e, em sua rede, põe-se a pensar no dia seguinte. Adormece pedindo a Deus que se tiver que mandar chuva, que seja após a coleta do leite.

Tinha seringueiro na época da guerra que fazia o seguinte: derrubava uma árvore que fosse boa de fogo, árvore grande, fazia o fogo, ali, aquele fogo ficava queimando aquela árvore por dias, ele chegava lá puxava umas brasinhas dali e fazia o fogo. Para economizar o fósforo, pois a venda era regrada. Assim, os seringueiros que eram prevenidos faziam isso. Nós, para defumar a borracha, fazíamos em fornalha ou em boião. Para fazer a fornalha, a gente fincava um tanque fundo, da altura dos peitos, na terra. Aí nós fazíamos um buraco por baixo e outro mais adiante. Nós furávamos e encontrava com o outro, aí nós fazíamos em cima um boião, feito com varas enfiadas com o formato arredondado e amarrado com cipó, tudo bem direitinho, pegava um barro bem ligado e cobria aqueles cipós e aquelas varas bem cobertinhas. Aquele barro quando secava ficava petrificado. Quando nós acabávamos de defumar, fechávamos embaixo e em cima. Quando nós chegávamos, de tarde, quatro, cinco horas, era só puxar aquilo ali, cutucava, jogava o cavaco e já acendia de novo. Aquilo passava o verão todinho acesa, era uma benção, já boião, o senhor acabava de fumar tinha que tirar o boião, colocava do lado, pronto... Acabavam aqueles caroços ou cavaco. Todos os dias tinham que fazer o fogo, já à fornalha não.

Para iniciar a **defumação**, pegávamos um rolo de pau de **imbaúba** da grossura de dois litros, metíamos um **cavador** e começava a defumar ali em cima, vai colocando o leite e vai defumando, quando defumava todo o leite, rasgávamos aquela capa, colocávamos numa tábua e enrolava a borracha em outro cavador mais ou menos da grossura de uma lata de leite moça para ficar o buraco para meter o outro cavador quando fosse defumar. Ali nós deixávamos enroladas. No outro dia, metia o cavador maior e defumava em cima. Tinha uma grade de um lado e de outro na qual se apoiava o cavador e ia colocando devagar o leite que ficava numa bacia e ia girando a borracha para defumar.

Quando está no começo da defumação, que a borracha está começando a ser formada, nós chamamos de princípio. Fazíamos borrachas de cinquenta, sessenta quilos. Se nós morássemos numa colocação que fosse difícil carregar aquela borracha nas costas, porque muitos e muitos seringueiros moravam em colocações bem distantes, aí, fazíamos borracha somente com quarenta ou cinquenta quilos. Tínhamos um paneiro que chamávamos de **jamachi**, no qual colocávamos a borracha, forrava as costas e saía com aquela borracha para o barracão, para a casa do patrão.

(Francisco Galvão Maciel, Soldado da Borracha, Lábrea, março de 2007)

Como viviam praticamente isolados, os seringueiros tinham como divertimento as pescarias e principalmente as caçadas. Este homem da mata utiliza-se de alguns tipos de caçada, como por exemplo, armar armadilha numa vereda por onde andam os animais, bem como onde eles comem e bebem. Também faziam caçadas a ponto, ou seja, somente provido do facão e da arma de fogo; um outro tipo de caçada é a de espera, que a pesar da grande

chance de êxito, também é tida como a mais perigosa, uma vez que quase sempre é feita à noite no local onde os animais vem para comer. A espera pode ser montada suspensa, a uma altura mais ou menos de três metros ou no chão. O perigo, primeiramente, está no fato de ser à noite e do caçador não poder acender qualquer tipo de luz, seus olhos, a partir de então, “são” seus ouvidos. Se estiver com um parceiro, estes devem ficar praticamente incomunicáveis, porque qualquer ruído diferente dos proporcionados pela própria natureza, como, por exemplo, a queda de pequenos galhos ou folhas os animais não se achegam. Além das cobras, o maior perigo está no fato da caçada ser realizada em um local freqüentado por vários tipos de animais, tornando-se muito propício também a presença de predadores como a onça que vem em busca de sua presa e, neste caso, pode ser o caçador. As lanternas somente serão utilizadas quando o caçador tem certeza que poderá efetuar o disparo. Contudo, um modelo de caçada mais apreciada pelos ribeirinhos é a executada com cachorros. Segundo eles é mais animada, divertida... gostam de ver a ação do cachorro perseguindo e acuando os animais. Logo que matam, retiram os rins, pulmão e coração e oferecem como prêmio e gratidão aos seus melhores amigos na mata, os cachorros.

No seringal, uma das grandes preocupações do seringueiro era a de se deparar com uma onça. Na verdade, tal preocupação estava pautada, não só pelas histórias de fatos acontecidos, mas, por que aquela região abrigava um grande número desses animais.

[...] teve uma vez que sai às 05:00 horas da manhã, levei um cachorro. Quando eu dei fé o cachorro latiu. Era perto da casa do meu filho mais velho, porque eu ia fazer minha casa encostada na dele. Quando o cachorro latiu, eu fui olhar, levei somente o terçado, olhei para um canto, não vi nada, não vi movimento de nada, pensei: não deve ser nada. Voltei, peguei o machado e encostei numa árvore e sai para casa. O cachorro latiu de novo. Chamei meu filho e fomos olhar. Isso era bem cedinho, a mata estava fria. Quando eu cheguei, tinha uma árvore inclinada, um pouco arriada. Quando eu olho para cima... Valha meu Deus! É uma onça meu filho. Cadê mamãe? Lá está! Vou gritar para barraca! Gritei, meu filho respondeu. Gritei novamente: aqui tem uma onça. Venha cá menino, olha a onça trepada! Olha a onça! Pois é, os meninos acharam que eu tive muita coragem por não ter saído correndo de medo.

(Maria das Dores, Seringueira, Lábrea, Janeiro de 2007)

No rio Mucuí, a onça pegou o seringueiro, matou, comeu a carne dos peitos dele e deixou o resto enterrado. O companheiro quando chegou a casa, notou que seu amigo ainda não havia chegado, então pegou o rifle e foi atrás pela perna da saída da estrada. Encontrou um monte de folhas, notou que tinha acontecido algo desagradável, infelizmente viu que era o companheiro que estava ali de baixo daquelas folhas. Ele subiu numa árvore... As pessoas que trabalham no mato têm experiência, quando deu uma hora mais ou menos a onça veio chegando, então ele foi, atirou e matou. A mão dessa onça deu cinco quilos, cortada na munheca. Aqui no Tauaruã, próximo à Lábrea, tem um lugar por nome Pinaunim. Tinha um barracão na beira do rio Purus e um varador de três horas que ligava o barracão às colocações. Então entrou um seringueiro, ele bebia muito e já estava muito pesado da bebida, então arriou o paneiro com as coisas que levava, deitou e dormiu. De

noite a onça veio e matou ele, comeu o quanto pôde e foi embora. Esses causos aconteceram com vários companheiros de luta.

[...] homem que tinha um filho de doze anos, quando esse menino vinha com o leite, a onça botou para pegá-lo, ele levou o balde e a onça pegou o balde, nesse momento ele deu uma facada nela, então ficou se batendo, ele furou bem seguro e acabou matando-a.

(Francisco Galvão Maciel, Soldado da Borracha, Lábrea, março de 2007)

Além das caçadas, o seringueiro desfrutava de raras festas ou festejos nos Centros ou nos Barracões. Contudo, principalmente no primeiro ciclo da borracha, por conta das quase inexistentes mulheres, muitos seringueiros se produziam como tais e aproveitavam o máximo daqueles também raros momentos de descontração. Em entrevista realizada em 09 de março de 2007, o senhor Francisco Canuto Barbosa, de noventa e dois anos, aposentado como Soldado da Borracha, morando atualmente na cidade de Lábrea, em meio a uma risadinha que expressava ar de encabulação, disse:

Eu não alcancei não, mais meu pai quando chegou do Ceará, faziam festa lá no seringal da Terra Firme, já tinha uns vestidos, umas camisolas para o companheiro vestir, se arrumar igual uma mulher. Aí eles sentam no banco e os outros iam tirar para dançar. Era a noite todinha... falta de mulher que não tinha.

Assim, entre a árdua luta no corte da seringa, enfrentando **mutucas, mucuins, meruins, piuns, carapanãs, borrachudos, potós**, bem como os demais desafios da floresta, o seringueiro ainda encontrava um tempo para festejar. Nada mais justo. A partir do segundo ciclo, principalmente após o término da grande guerra, onde os seringueiros tinham uma liberdade maior, há depoimento de que os rapazes remavam por mais de um dia para desfrutar de uma festa e poder galantear.

O modo de vida nos seringais, como sabemos, não é nada fácil. Desde muito cedo as crianças começam a dar seus primeiros passos rumo às atividades desempenhadas por seus pais, tios e avós. Assim, desde pequenas as crianças são familiarizadas com a natureza. Aprendem a conviver e brincar com os animais de criação e, acima de tudo, aprendem a respeitar e valorizar a mata, os rios e a terra, pois, é dali que proverão o sustento de toda sua geração.

[...] Aos oito anos de idade comecei a trabalhar no mato, perdi minha mãe e fui criado pelos meus tios, que eram cearenses, homens trabalhadores que vieram no período dos emigrantes para o Amazonas. Foi então que comecei a trabalhar no mato, abrindo estrada.

[...] Podia chegar numa casa, se tivesse cinco, seis meninos, todos aqueles meninos ajudavam o pai. Às vezes o pai cortava uma estrada grande de duzentas madeiras, aí quando dava àquelas horas a mãe dizia: meus filhos vão ajudar o pai de vocês a colher a estrada. Fazíamos as estradas e também fazia bordos, assim, ele saía colhendo aquele bordo, ajudando o pai. Quando era de tarde, lá pelas 17:00 hs,

chegava todo mundo com aquele leite, chegava o pai, os meninos com aquele leite...aí iam defumar. Mas, todo mundo tinha sua fartura em casa, todo mundo, graças a Deus.

(Francisco Galvão Maciel, Soldado da Borracha, Lábrea, março de 2007)

Eu trabalhei muito. Na minha época, os pais eram muitos carrascos com os filhos, não tinham pena, por esse motivo, eram obedientes por que tinham de ser de um jeito ou de outro.

(Brígida Ribeiro de Lima, Parteira, Lábrea, janeiro de 2007)

Na cidade temos que esperar nossas crianças completarem certa idade para levarmos à escola, procuramos casas de diversões para distraí-las e quase sempre com objetos artificiais e em ambientes modernos que em nada lembra o calor da terra, as cristalinas águas dos riachos, o cheiro das matas e o cantar dos pássaros no alvorecer e no crepúsculo da tarde, os quais nos transmitem uma sensação de conforto, paz e liberdade.

Ao contrário das crianças da cidade, as crianças dos seringais logo que nascem são apresentadas tanto à escola como ao seu imenso parque de diversões, ou seja, são orientadas para o contato direto com a natureza, sua eterna professora. As crianças se relacionam com a natureza brincando de esconder-se na mata; de por armadilhas para capturar animais, principalmente, armando arapucas para pegar juritis; brincar de balanço com cipó nas beiras dos lagos ou tomar banho nos rios e igarapés, onde podem disputar quem pula do galho mais alto, quem tem o maior fôlego ou quem consegue nadar mais rápido.

A fotografia abaixo retrata um bom exemplo de crianças que desde muito pequenas assumem responsabilidades que, nas cidades, levariam alguns bons anos para que estes pequenos recebessem tal delegação. É bem verdade que, na maioria das vezes, tal submissão ao trabalho é pela necessidade de melhorar a sustentabilidade familiar. Essas três crianças são moradoras da comunidade Floresta no Rio Ituxi, afluente do Rio Purus, a uma distância de 18 horas da cidade de Lábrea.



Foto: GALVÃO DA SILVA, A. C, Rio Ituxi – Lábrea – AM, 16.01.07.

Nesse momento, essas crianças estão chegando do cumprimento do mandado de seu pai que lhes deu a missão, enquanto nos prestava entrevista, de irem à sua casa, que ficava um pouco a cima e do outro lado do rio, pegar um balde para que fornecêssemos um pouco de diesel para suas lamparinas.

Como podemos observar, essas crianças têm aproximadamente entre 6 e 10 anos de idade. O de trás, na popa da canoa, devido à maneira segura com que manejava o timão e pela postura serena e firme com que controla o motor e, conseqüentemente toda a embarcação, nos transmitiu a sensação de que já o fazia há algum tempo. Na proa, a menininha mostra sua habilidade no manuseio do remo, fazendo com primor o controle da canoa para que esta encoste de maneira suave no porto. Enquanto os dois mencionados anteriormente estavam com a atenção voltada ao processo de atracação da embarcação, o terceiro, em pé no meio da canoa, preparava-se para exibir sua coragem atirando-se nas águas escuras do rio Ituxi.

O fato é que estes garotos se sentiam muito seguros do que estavam fazendo. Familiarizados desde pequeno com aquele espaço, estavam, de certo modo, no quintal de suas casas e, por isso, conhecedores de cada pedaço daquele espaço.

Como vemos, não demora muito e esses meninos e meninas abandonam de vez as brincadeiras, à responsabilidade de pessoas adultas.

A identidade destes jovens “homem do seringal” está vivamente ligada à capacidade deste torna-se capaz de cortar a sua própria estrada de seringa, ou seja, sua existência está intimamente condicionada ao fato de poder cortar seringa ou qualquer outra atividade inerente à vida ribeirinha.

2.4 A Condição da Mulher na estrutura do Seringal

Naquele tempo as mulheres não eram fracas, nós não podíamos ficar só em volta de casa com os filhos. Além de todo o trabalho da casa, nós trabalhávamos na borracha. Não havia tarefa que nós não pudéssemos executar. (entrevista de uma seringueira à Ligia T. L. Simonian)

A presença da mulher nos seringais, praticamente, passou despercebida. Muito se falou em seringueiros, seringalistas, Centros, Colocações, Barracões, suas finalidades e cargos, ocupados geralmente por homens, mesmo assim, é inegável que a mulher tenha tido uma participação fundamental em todo esse conjunto abordado em torno da exploração da seringa que, de certa forma, continua a representar - uma vez que, ainda hoje se faz presente nas beiras de rios e igarapés desta Amazônia - fortalecendo a formação do espaço geográfico e cultural desta região.

Mesmo sendo excluídas quando da convocação para os trabalhos de corte da seringa na Amazônia na década de 1940, onde, só os homens poderiam se inscrever, o contingente de mulheres vindo para essa região, nesse período, alcançou uma cifra considerável, de forma que o Departamento Estadual de Estatística do Amazonas registrou, entre os anos de 1941 - 1945, de acordo com Benchimol (1992, p.115), 46.955 mulheres entraram no porto de Manaus, sendo que no mesmo período foi registrada a saída de 39.426, das quais, a grande maioria destinou-se ao interior do Estado do Amazonas.

Os dados apresentados acima nos leva a pensar por que a mulher ficou praticamente à sombra dos relatos históricos desse período de exploração extrativista. Será que um contingente tão expressivo, como o acima mencionado, não contribuiu de maneira significativa para o processo de coleta do látex? Isso, porque estamos nos referindo à apenas um período de cinco anos de migração, sem levarmos em conta o início do processo migratório nos anos setenta do século XIX até o ano de 1960, onde, a estimativa aponta que em torno de 500.000 nordestinos vieram tentar a vida e, deste modo, “fazer a Amazônia”.

A existência de mulheres seringueiras é evidente, no entanto, estas, certamente, pelo preconceito em virtude do trabalho do corte de seringa ser uma atividade onde o extrator passa por vários riscos embrenhados na floresta e, desta forma, ser um trabalho entendido por uma parcela da sociedade machista como uma atividade masculina é que estas mulheres tenham tido tão pouca visibilidade até mesmo por muitos autores que abordam o tema. Nesse contexto, Ligia T. L. Simonian (1995, p.98-99) diz que:

Uma das poucas exceções a esse silêncio é o trabalho de Araújo e Araújo (1981). O qual revelou que no Rio Aripuanã, no estado do Amazonas, a maioria das mulheres trabalhavam como seringueiras, o que vinham fazendo há décadas.

[...] alguns dos principais líderes políticos entre os seringueiros negavam, em meados da década passada, a existência de mulheres seringueiras.

[...] homens e mulheres dos seringais da Amazônia ocidental têm, de todo modo, persistido com o silêncio e a tentativa de esconder, tornar invisível o envolvimento das mulheres na produção da borracha, isso para não falar da discriminação e opressão que sustentam tais processos.

Mesmo sem darem à devida visibilidade ao trabalho que as mulheres desenvolviam nos seringais, ainda assim, fez-se conhecer por meio de relatos que estas mulheres sofriam constantes maus tratos, nos quais, o abuso sexual e o espancamento encabeçavam a lista dessa crueldade praticada principalmente pelos dirigentes dos seringais e, muitas vezes, por seus próprios companheiros.

Simonian (1995, p.103) diz que: “[...] o governador do Amazonas ordenou à polícia de Manaus a prisão das mulheres dos cabarés, sendo 150 levadas por uma embarcação aos novos seringais do alto Juruá”. Após servirem sexualmente à elite dos seringais, estas mulheres eram vendidas para os seringueiros que tinham uma melhor condição financeira, ou seja, para àqueles que se destacavam na coleta e, conseqüentemente, obtinham melhor saldo.

O pouco número de mulheres nos seringais, principalmente, no primeiro ciclo do processo extrativista da borracha, fez com que a mulher se transformasse em um “artigo” de muita valia e, conseqüentemente, de disputa e cobiça. Assim, mesmo sendo um artigo de luxo principalmente nos seringais dos altos rios, tratadas como mercadoria, estas mulheres passaram a fazer parte das listas de compras dos seringueiros. Eram tratadas pelos patrões como qualquer objeto de uso diário.

Vale a pena salientar que tais abusos e crueldades não se restringiram somente às mulheres brancas que foram, muitas vezes, arrancadas das cidades e levadas aos seringais para servirem aos caprichos e desejos de seringalistas e seringueiros. Pelos relatos, esse tratamento dado à mulher, apresentou-se de forma ainda mais cruel com as índias, que, mesmo após presenciarem suas casas serem incendiadas, maridos e filhos sendo mortos, foram capturadas, submetidas a torturas e a um regime de escravidão e depois distribuídas entre os seringueiros sem expressão financeira, ou seja, aos pobres.

Nesse sentido, Simonian (1995), p.104) diz que:

[...] mulheres e crianças foram salvas mas forçadas a servir aos seringueiros, os executores de seus marido e parentes. Outras foram confinadas em estacas durante meses, onde eram repetidamente estupradas, enquanto que seus companheiros e parentes eram forçados a extrair o látex das seringueiras e executar as demais tarefas necessárias à produção de borracha.

Deste modo, os seringueiros, principalmente no primeiro ciclo, eram impedidos de constituir família. Mulheres e crianças eram consideradas pelos seringalistas como improdutivas para o seringal, uma vez que julgavam que jamais seriam capazes de se dedicarem à coleta do látex e, que atrapalharia o seringueiro de executar o serviço para o qual estava designado - viver exclusivamente para cortar seringa. Desse modo, achavam que uma mulher tendo criança todo ano e, tendo que cuidar dos filhos, obrigaria o seringueiro a dispensar parte de sua força de trabalho na manutenção da família. Nesse sentido, (LIMA, 2002, P.119) retrata da seguinte forma o pensamento de um “coronel” ao ver que existia seringalista que contratava seringueiros com mulher, dizia ele:

Fico besta de ver que ainda tem proprietários de seringal que contrata um brabo com **mulher pendurada**. E mulher de bucho cheio, no ponto de parir, comigo não tem disso, não. [...] Não quero nem fêmea de bicho. Já ando meio danado com um cearense lá que se meteu a comprar uma mula. [...] Como é que um seringueiro vai trabalhar direito, cortar mesmo de verdade desde manhã cedo, com mulher parindo a toda hora e cuidando de curumim? [...] **o tempo é pouco pra ficar em cima da mulher**. Começa a relaxar no corte. **E se dana logo a querer plantar porcaria**, pra não comprar no barracão. No fim, o patrão é que se dana todo. [...] **Seringueiro com fêmea fica é com uma ganância de saldo**... E, quando não consegue saldo depressa, quer logo fugir pra trabalhar noutra seringal. (grifo nosso)

Os destaques dados às frases acima foi com a intenção de dar uma idéia de como a presença da mulher era vista na região dos seringais. Quando o “coronel” usa a palavra – “**mulher pendura**” - ele deixa claro que a mulher vale menos que um objeto qualquer armazenado em seu barracão. Ora o seringalista não estava preocupado com o seringueiro e sim com a exploração exaustiva das estradas de seringa. Esse entendimento é claramente percebido quando afirma: “**o tempo é pouco pra ficar em cima da mulher**”. Contudo, verdadeiramente, o maior temor do “coronel” estava focado no fato de que um seringueiro com mulher passaria a “**plantar porcaria**”, logo, o seringueiro cultivando roças diversas, diminuiria sobremaneira suas compras no barracão, o que para o patrão era terrível, uma vez que sua maior lucratividade estava sustentada justamente na venda das mercadorias de seus armazéns. Assim, quando diz que “**Seringueiro com fêmea fica é com uma ganância de saldo**”, ele está afirmando que o importante é manter o seringueiro sempre com saldo devedor, deste modo, o seringueiro se tornava escravo do sistema imposto pelo seringalista. Por outro lado, esta mesma frase coloca a mulher como uma peça fundamental para a estabilidade do seringueiro, pois, além de ajudar o seringueiro nas atividades inerentes ao seringal, ela desperta o seringueiro para o compromisso com a família.

Essas condições impostas às mulheres nos seringais eram tão comum, abrangente e de tal maneira que poucas são conhecidas as menções de resistência por parte daquelas mulheres. A opressão era tão feroz que a maioria das oprimidas, não tendo a quem recorrer, internalizava essa agressão, submetendo-se ao “poder do macho”. Assim, a “inferioridade feminina” tomou conta das próprias oprimidas de tal forma que essas, na maioria das vezes, aceitavam com naturalidade e passividade os maus tratos deferidos por seus companheiros

Percebemos um pouco essa distinção homem/mulher quando da pesquisa de campo, em janeiro de 2007, no antigo seringal de Fortaleza do Ituxi. Ali estar registrado uma parcela desse preconceito que teima em submeter a mulher a uma condição e status inferior. Os cemitérios que lá existem, constituídos ao longo da exploração da borracha, onde, há registros de pessoas sepultadas em 1903. Nesse local, mulheres e homens não poderiam ser enterrados no mesmo cemitério, visto que os homens eram “superiores” e por isso deveriam receber tratamento diferenciado. Assim, os homens eram enterrados na parte de cima, mais próximo da cachoeira, enquanto que as mulheres eram enterradas na parte de baixo, mostrando, desta forma, sua inferioridade.

Algumas mulheres chegaram a se tornarem seringalistas, isso acontecia quando esta ficava viúva e passava a assumir a administração do seringal. Outras, mesmo estando o pai e marido vivos, também administravam, mas, o registro de propriedade do seringal sempre constava de nomes masculinos.

Como se sabe, a vida nos seringais não é nada fácil, o perigo que a mata e a águas representam é algo que não podemos mensurar, é estar diuturnamente convivendo com o perigo. Assim, Dona Maria, seringueira, e que, como ela mesma diz - “eu gosto de cortar seringa, mas eu faço é gostar mesmo” - contudo, por conta da necessidade de obter algum tipo de mantimento, esta senhora era obrigada a enfrentar a atividade do corte da seringa até os últimos dias de gravidez:

[...] Minha comadre! leve uma rede, leve ao menos um paninho para senhora! Tenho certeza que a senhora um dia vai **descansar** no mato e aí a senhora vai trazer o menininho num pano, na sarrapilha. Eu dizia: será? Minha comadre, a senhora no mês de descansar é **cortando direto**. Eu dizia para ela que era o jeito, porque se não, não conseguia comprar o enxoval da minha filha. Nove meses eu tirava cortando seringa, até no dia que descansava. Era a precisão. A precisão faz né.

Desde muito cedo estas meninas eram submetidas ao corte da seringa, de modo que, Nascimento Silva (2000, p.80), em entrevistas realizadas com mulheres seringueiras, retrata bem o espaço extrativista da seringa que aquelas então crianças eram postas a ocuparem.

A minha história é semelhante a de milhares de crianças e de jovens que viveram nos seringais da Amazônia (...) Eu comecei a trabalhar com meu pai desde muito criança, mas na atividade da extração da borracha da seringa eu comecei a partir dos onze anos, era natural, pois eu não conhecia outro tipo de trabalho (...) e isso chega a fazer parte da cultura das pessoas que trabalham na roça e que toda família desde cedo começa a ajudar.

Com onze anos eu já cortava seringa com meu pai, me casei com treze anos e continuei no corte (...) trabalhei uns sessenta anos no seringal.

Trabalhei no seringal do rio Abunã (...) Eu comecei com dez anos de idade, a caneta que meu pai me deu foi uma faca de cortar seringa. Eu não sei nem assinar meu nome (...) o trabalho que eu fazia era cortando, colhendo, defumando, tirando cavaco pra defumar.

Em conformidade com os relatos apresentados pelas mulheres seringueiras, elas não deixavam a desejar em nada para os homens. A primeira expõe de maneira bastante contundente que o vivido por ela era a realidade por quais muitas outras crianças do seringal passava, tanto é que, nos depoimentos das outras duas seringueiras, ratificam o seu posicionamento. O depoimento da segunda traz com bastante clareza que a mulher teve um papel muito importante na atividade de extração do látex, uma vez que, mesmo após o casamento, com apenas treze anos de idade, continuou a desenvolver as atividades por quase toda sua vida. A terceira, fazendo uma analogia entre a ferramenta do corte de seringa e a de aprendizagem, nos faz entendê-la e vê-la como uma analfabeta nas letras, mas, uma exime conhecedora do processo da produção da borracha.

Hoje, em pleno século XXI, a vida nos seringais ainda é permeada por mulheres que se dedicam ao corte de seringa para sustentarem seus filhos. Exemplo disso é o caso de dona Maria das Dores que, em entrevista concedida em 25 de janeiro de 2007, dizia:

Eu nasci e me criei no município de Pauini, em um outro seringal fora de Lábrea, meu pai é misturado com índio, ele e minha mãe nasceram por lá. [...] Com oito anos eu já fazia companhia à minha mãe, ela era seringueira. Quando eu cresci mesmo, e já não tinha medo de andar só, quem me acompanhava era meu irmãozinho, aí pronto, de lá para cá, até nessa idade, até o dia treze do mês passado, antes de sair de lá, ainda fiz dezoito quilos de borracha. [...] Minha vida todinha foi vivida no seringal, todinha lá com meus meninos.

Dona Maria das Dores é uma senhora de apenas 41 anos de idade, mas, a maneira com que se expressa, quando fala de sua vida é como se tivesse vivido muito além da idade que tem. Deste modo, ela relata sobre a vida que leva no seringal:

Toda minha vida foi de sofrimento. Minha vida todinha foi vivida no seringal. A minha vida é de muita luta. Eu conto para minha nora: Ivone, eu criei esses meus filhos com o corte da seringa. nunca no mundo eu deixei de sofrer. Eu sou mãe de 11 filhos e, para eu sustentá-los, cansei de pegar eles e ir para o mato derrubar sorva,

cortava e colhia o leite. Quando vinha a chuva, eu pegava as folhas de bananeira braba e fazia na mata aquele **papirizinho** e passava a chuva de baixo.

As principais causas que levaram as mulheres a enfrentarem a dura realidade do trabalho do corte de seringa, foi o estímulo recebido desde criança pelos pais com o fito de alavancar a renda da família. Depois para ajudar os maridos, onde, na maioria das vezes encontravam-se endividados e, por último tinham que encarar essa atividade por conta da morte ou invalidez do marido, do pai ou de quem sustentasse a casa naquele momento, assim, a mulher passava a assumir as estradas de seringa, o sustento da casa e, também, todas as dívidas com o patrão.

Nessa perspectiva, em entrevista concedida pelo senhor Francisco Maia, pertencente à Comunidade Vila vitória, no dia 23 de janeiro de 2007, relatou-nos que sua irmã Francisca se destacava no corte da seringa, chegando a produzir mais do que muitos seringueiros. “Ela era seringueira igualmente a meu pai. A mesma produção que meu pai fazia lá no Acre, ela fazia também, fazia as peles de borracha de 90, 100 quilos”.

O papel desempenhado pelas mulheres nos seringais não se restringia apenas ao corte de seringa. Em certos momentos, a mulher de seringal além de cuidar das crianças tinha que ajudar o marido na busca de cavacos, cocos de babaçu ou de ouriço de castanha para a defumação da borracha. Trabalhava no roça, cuidando do plantio e limpeza, bem como, participava ativamente de todo processo de fabricação da farinha, cuidava da manutenção da casa, criação de animais e, muitas vezes, enquanto seu marido estava nas estradas de seringa colhendo o látex, ela própria é quem assumia a responsabilidade de sair pelos rios, lagos ou igarapés da redondeza em busca do alimento da família.

Além da coleta da castanha, do óleo de copaíba e da andiroba, da qual a mulher produzia sabão, as mulheres do seringal também tiveram a habilidade de aprender e desenvolver as curas por meio de ervas medicinais (curandeiras), por meio de rezas (benzedoras), bem como a ciência de fazer o parto (parteiras), também conhecidas pelos povos da região como “mãe velha”.

Tive todos com parteiras, nunca foi preciso vir para cidade para tê-los. No tempo que a gente morava no meio da mata tudo era com parteira.

(Maria das Dores do Nascimento Paiva, Seringueira, Lábrea, janeiro de 2007)

Comecei a fazer os primeiros partos com a minha sogra, mas, depois, comecei a fazê-los sozinha, por volta dos 20 anos de idade. A primeira vez que fui fazer, foi muito rápido, a mulher não sofria muito. Foi rápido! Agora, depois que comecei a fazer muitos partos foi que achei alguns difíceis. A mulher sofria... Oito dias... Sete dias... Mas, só sentindo. Às vezes passava uma noite, um dia sofrendo... Às vezes a

criança estava de lado, atravessada, estava com a cabeça para um lado... Aí, a gente pelejava até ajeitar para colocar do jeito certo. E nascia... nesse tempo eu já não acompanhava mais a minha sogra, ela fazia em um lugar e eu em outro

[...] E no interior fiz o parto da minha sobrinha. Um parto como nunca vi no mundo. Rogo a Deus que nunca mais veja. Acho que se fosse aqui no hospital tinha ido para faca ou então morrido. Um menino tirado com os braços para trás. Só Deus mesmo para ajudar a gente no seringal. A mão era em cima da outra, virada para trás, seguro no cangotinho. A minha sobrinha era muito gorda, muito alta... Era uma montanha. Era só eu e Deus. O marido dela e o irmão dele com a mulher estavam presentes, mas, por conta do nervosismo, ninguém chegava perto. E agora? Estávamos no centro (seringal), no igarapé do rio Pacιά, em uma casa do cunhado dela. Era um desmaio em cima do outro, devido aos cotovelos. Passou o dia, quando foi à noite, por volta de meia-noite ela entrou em trabalho de parto, mas, somente passou a cabeça. Ela era muito gorda para gente vira-la. Quando a mulher é magra se torna mais fácil. Eu lutei muito com ela, lutei, lutei... Ela vai morrer, mas, seja o que Deus quiser. Fiquei pensando, vou ver como é que está esse menino. E pensei que a criança estivesse morta, não estava. Então abaixei ela assim... Meti a mão aí consegui tocar nas mãos da criança. Empurrei uma assim para baixo e a outra tirei para... aí insisti de novo até que empurrei a outra mais para baixo. Agora nasce ou morrem todos dois. Ela tinha um desmaio encima do outro, mas quando foi na hora de tirar o menino, ela não desmaiou... Deus faz a obra, não é? Na vida da pessoa. O menino era enorme, todo mundo se admirava do tamanho daquela criança. Sei que eu lutei muito... Puxei o braço dele que até deslocou, mas, depois ajeitei. Eu pegava na cabeça e no braço... Fazia força para arrancar ele... Com muita luta eu o tirei... Aí ela ficou morrendo... Um desmaio em cima do outro... Aí tirei a criança e ajeitei... Mas quando tirei, a mão dele foi certinha para onde estava acostumada a ficar, tive que amarrar os braços dele aqui e ali, para não voltarem. Então precisei lutar muito para conseguir salvar a criança... Chamei outra parteira para me ajudar, mas, ela dizia não querer ver a morte do bebê... Eu dizia: não morre não... De meia noite até meio dia... Ela desmaiando e a placenta pregada... lutei muito... a pessoa só morre quando realmente chega à hora...

[...] Eu já fiz parto de mãe de doze, treze e quatorze anos. Eu já fiz muito parto de menina nova, tanto do interior como da cidade, meninas novinhas, novinhas.

[...] Quando elas ganhavam o bebê eu dizia para elas: antes dos quarenta dias vocês não aceitem o marido de vocês, por que se vocês aceitarem, adoecerão. Elas diziam que os homens, às vezes com quinze, vinte dias após o parto insistiam em ter relação, e quando elas não aceitavam até batiam nelas. Mas, eu dizia: não aceitem, de jeito nenhum, porque se vocês aceitarem vão ficar doente.

[...] Para mim um nascimento é muita coisa... Muito maravilhoso. É maravilhoso ver a criança nascer viva. É uma vida não é... Deus o livre... É muito bom.

(Brígida Ribeiro Lima, Parteira, Lábrea, janeiro de 2007)

A esse respeito, Eduardo Galvão (1976, p.88), fazendo referencia as parteiras que recebiam orientação de um posto de saúde, diz que:

As “curiosas” sentem-se até mais importante, embora na intimidade estejam firmemente convencidas que “conhecem” ou sabem mais a esse respeito que o médico. Esse sentimento de superioridade advém de um “conhecimento” que os doutores não possuem. São as rezas e benzeduras que necessariamente devem acompanhar o parto para que seja bem-sucedido.

Vendo como se estabelece as distinções dos trabalhos nos seringais e a discriminação da mulher por conta do desenvolvimento do corte de seringa e outras atividades tidas como de homem, nos remete o entendimento de Heleieth I. B. Saffioti (1982, p.8), quando argumenta

que a sociedade é que delimita o tipo de trabalho dos quais homens e mulheres são condicionados. Assim, diz ela:

A identidade social da mulher, assim como a do homem, é constituída através da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo. A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem.

Deste modo, nos seringais, a mulher desenvolvia muitas atividades que eram taxadas como de homem, mas, estas atribuições não lhes tiravam a incumbência de cuidar de todas as tarefas tidas como trabalho de mulher. Assim, a mulher detinha uma carga de trabalho até maior do que a desempenhada pelos maridos. É importante observar que mesmo nas sociedades modernas de hoje, as mulheres que se predispõem ao trabalho fora do lar, em sua maioria, não se desprendem dos afazeres domésticos e familiares, tendo, dessa forma, na maioria das vezes, que acumular funções.

Mulheres que, em sua grande parte, abandonaram sua terra não porque simplesmente tivessem a ambição de riqueza, mas, sobretudo, para não ver sua família desestruturada. Nesse particular, Benchimol (1992, p. 148), em entrevista com dona Maria Otávia, de João Pessoa, Paraíba, coloca da seguinte forma:

Ajudava meu marido na plantação. Vim mais meu marido e quatro filhos pelo Comt. Ripper faz seis meses. Vim para acompanhar meu marido que meteu na cabeça em vir para cá, não havia nada que lhe tirasse essa idéia. A minha avó se opôs quando ouviu essa história de vir. **Toma cuidado minha filha, que quando a cabeça não pensa o corpo é que padece.** O pessoal de lá está doido pra vir. Todo mundo diz por lá que é só chegar e ir juntando dinheiro com as mãos.

Essa nova morada se mostrou quase tão difícil quanto àquela vivida no sertão. Mas, a nova terra lhes dava a perspectiva de um mundo novo e a possibilidade de desfrutar de uma vida menos sofrida e mais justa. Não foram as dificuldades aqui encontradas que provocou no retirante o esquecimento de suas raízes, pelo contrário, ela estava sempre presente em sua mente e em sua alma, uma vez que estes não viam a hora de conseguir um bom dinheiro e retornar à sua terra natal.

A cultura nordestina foi marcante na nova configuração da região, onde é percebida em quase todo território amazônico. Esta, juntamente com a cultura local, de caráter fortemente indígena e possuidor de uma diversidade riquíssima, se fundiram, enriquecendo e fortalecendo ainda mais essa nova territorialização.

No obstante, observamos que contraditoriamente aos muitos relatos que o trabalho nos seringais era serviço pra “cabra macho”, muitas mulheres se embrenhando na mata em busca do látex, jogaram por terra, a nosso ver, esse preconceito, onde, a distinção de sexo no trato com os seringais não se configura, como tentaram mostrar às pessoas alheias, ao real modo de vida que essas mulheres impuseram nos seringais, onde, enfrentaram preconceitos, espancamentos, submissão, imensa quantidade de atividades e, ainda assim, sobreviveram à invisibilidade para nos agraciar com riquíssimos testemunhos de sua árdua luta nos campos de batalha os quais representavam os seringais da Amazônia brasileira.

CAPÍTULO 3 - LÁBREA E AS FESES DO SERINGAL

ELEGIA AO PROGRESSO

Elias Bezerra de Souza

Outrora tu foste “princesa”
Do Purus, nosso rio divagante.
Produtora maior do ouro-branco.
Conquistaste um título de glória.

E tiveste jornais periódicos:
O Purus, O Correio Labrense...
Que marcaram o passado de orgulho
De quem hoje é avilto pra história.

E o Labre, o que hoje diria
Conhecendo o presente e lembrando o passado?
É provável, se envergonharia,
Por não terem valido as vitórias.

E a Catita, por certo também,
No embalo do abalo ao progresso,
Tiraria seu nome das páginas
Do bom livro de nossa memória.

E, por fim, se Euclides da Cunha
Em visita por aqui voltasse,
E de longe a visão lhe mostrasse
Uma Lábrea despida de glória...

Certamente ele escreveria
Um poema igual a este meu,
Porque esta alegria nasceu
Quando o nosso progresso morreu.

3.1 Primeira Fase: 1877-1920

Por fim uma cidade, uma verdadeira cidade, Lábrea, repontou daquela forte convergência de energias, trazendo desde o nascer um caráter destoante do de nossos povos sertanejos, com o requinte progressista de uma imprensa de dois jornais, o Purus e o Labrense, e o luxo suntuário de teatro concorrido, e colégios, e as ruas calçadas e alinhadas; a molécula integrante da civilização aparecendo, repentinamente nas vastas solidões selvagens. (Euclides da cunha, 1905)

Desde o início da sua exploração, a borracha foi um produto tão fundamental para o Amazonas que a tornou conhecida no Brasil e no mundo. Aliás, é unânime entre os que escrevem sobre o povoamento da Bacia Amazônica em afirmar que a borracha foi o produto de maior expressão para a Amazônia.

Com início em meados do século XIX, o primeiro ciclo da borracha se estendeu até fins da década de 20 do século XX, gerando, no espaço amazônico, profundas modificações sócio-político-econômica, que vão da construção entre os anos de 1907 a 1912 da Estrada de Ferro Madeira Mamoré no Estado de Rondônia; a projeção das cidades de Belém e Manaus como cidades detentoras de grande prestígio, ostentando status de “metrópoles da Borracha”, bem como a integração do Acre ao território brasileiro. No entanto, o período de considerável crescimento e apogeu desse primeiro Ciclo situa-se entre os anos de 1877 a 1914, fazendo com que a produção da borracha chegasse entre os anos de 1898 e 1910 responder, em média por 25,7% da exportação total brasileira (MARTINELLO, 2004, p.55).

Entrementes, os seringais do sudeste asiático aumentavam substancialmente a produção de borracha cultivada. Como comparativo, podemos observar que entre os anos de 1910 a 1919, a produção de borracha na Ásia passa, respectivamente, de 8.553 para 381.860 toneladas (WEINSTEIN, 1993, p.247). Assim, a borracha produzida na Amazônia, apesar da boa qualidade, não conseguia competir com a produção dos países asiáticos devido a diversos fatores: custo relativamente baixo dos transportes, mão-de-obra abundante, o que tornava muito barata e, essencialmente, por se tratar de seringais de cultivo onde as árvores são plantadas a poucos metros uma da outra girando em torno de 70 a 100 árvores por hectare, enquanto que na Amazônia encontra-se uma média de 3 a 4 árvore por hectare. Deste modo, dá para se ter uma idéia da diferença da capacidade produtiva entre um seringueiro amazônico e um asiático, bem como o custo dessa produção. Essas características levou Weinstein (1993, p.248) a dizer que:

[...] Não é de se admirar, pois, que a área de cultivo da hévea crescesse de 5.342.000 hectares, em 1905, para 46.174.000 hectares, em 1910, e, a seguir, para o estarrecedor número de 101.696.000 hectares, em 1915. Se se calcular uma média de duzentas árvores por hectares, em tão pouco tempo, eclipsar a economia da borracha silvestre.

O fato das árvores de seringa serem dispersas umas das outras impunha, na maioria das vezes, ao extrator do látex na Amazônia, o corte de apenas uma **estrada de seringa** por dia. Esse fator se constituiu em um dos principais motivos de baixa produção, uma vez que o seringueiro era obrigado a percorrer uma distância muito grande para obter o látex, cortando em média 120 árvores.

A cada seringueiro lhe era concedido o direito e a responsabilidade de cotar duas ou três estradas de seringas, constituídas por, aproximadamente, uma média de cem a cento e vinte árvores, que eram exploradas em dias alternados para não exaurir a capacidade produtora da seringueira. Sua exploração, quase sempre, se efetuava no período de pluviosidade relativamente baixa, o que significa, tratando-se da Amazônia, em torno de seis meses de trabalho voltado à obtenção do látex.

A inegável importância da borracha no contexto amazônico levou Ferrarini (s/d., p. 65), a dizer que “Foi graças a esta espécie que em menos de um século de utilização industrial [...] moldou uma civilização e dotou o país de uma das maiores fontes de riqueza, capaz de projetá-lo no contexto mundial, como um país de franco desenvolvimento”.

Apesar de a borracha ter sido descoberta no Solimões, sua exploração espalhou-se aos poucos nos vales do Xingu, Tapajós, Madeira, até alcançar sua maior e mais rica região, no Purus e no Juruá. A partir do ano 1900, a região puruense foi destaque na produção de borracha conforme demonstram os dados da tabela abaixo, em toneladas:

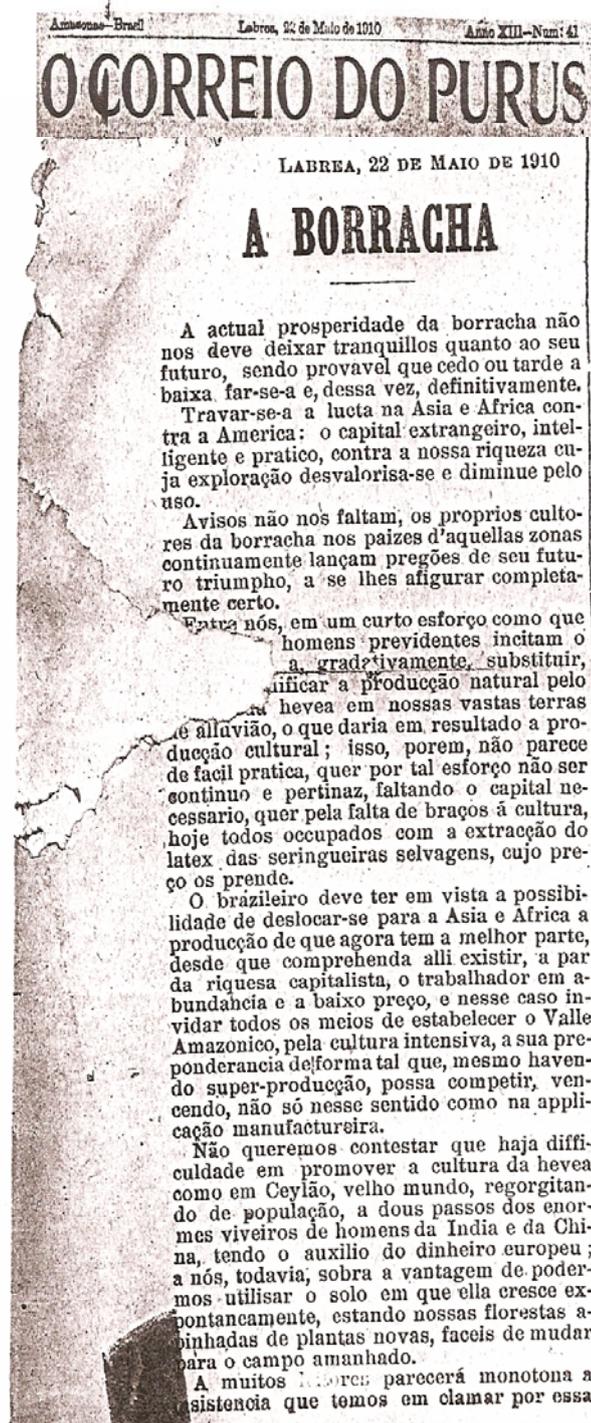
Tabela 1 - Dados comparativos da produção de borracha no Purus a partir de 1900 a 1902.

ANO	PURUS	JURUÁ	MADEIRA
1900	5.520	2.361	2.495
1901	6.016	2.925	2.694
1902	6.750	3.642	2.884

Fonte: Ferrarini (s/d., p. 69).

O aumento acelerado da produção de borracha nos seringais asiáticos no início do século XX deixava muitos brasileiros, especialistas no ramo da seringa, apreensivos com o

futuro desse seguimento de mercado. Esse fato pode ser percebido mediante um pequeno trecho que conseguimos recuperar do jornal labrense *O Correio do Purus* que publicou em 22 de maio de 1910, ano em que o preço da borracha alcançou o maior índice em sua história, chegando a ser pago 655 libras esterlinas por tonelada. Diante dessa preocupação, fica evidente o anseio pelo cultivo da seringa em território amazônico. Deste modo, *O Correio do Purus* dizia:



Essa preocupação enfática, desse cidadão brasileiro, sobre o modelo de exploração da borracha aplicado no sudeste asiático, exposta acima pelo *O Correio do Purus*, é merecedora, mesmo que de maneira superficial, de uma análise pontual de alguns trechos.

No segundo parágrafo, o autor demonstra sua preocupação expondo uma luta Ásia/África contra América, onde, a sustentabilidade, o âmago de todo avanço está centrado no capital estrangeiro que ele próprio denomina de inteligente. Inteligente por que lá o investimento é pensado e sob o foco capitalista, um olhar empreendedor, pensado de forma racional e organizado visando à formação de empreendimentos sólidos, duradouros e competitivos. Entrementes, a referência dada pelo autor ao modelo aplicado na Amazônia é como sendo uma “riqueza cuja exploração desvaloriza pouco a pouco”. Essa desvalorização é justamente por que, ao contrário do que acontecia no sudeste asiático, aqui os envolvidos no processo de extração do látex eram verdadeiros exploradores e se prenderam aos bons resultados obtidos até então e, não foram capazes de visionar outros meios para fortalecer e melhorar a exploração da produção do látex que não fosse à da seringueira silvestre.

No quarto parágrafo, o autor deixa claro o perigo por contar somente com as seringueiras nativas e sugere que sejam depreendidos esforços para que se comece gradativamente o cultivo da seringueira, reconhecendo, porém, que não seriam poucas as dificuldades que seriam encontradas, principalmente pela falta de capital necessário, uma vez que os que estavam inseridos no processo de extração do látex, de olho grande nos bons preços que a borracha silvestre lhes proporcionava não tinham interesse de se envolverem em plantio de seringueiras. Para que plantar seringueiras, visto que na Amazônica se tem em abundância só?

Percebe-se que o autor é um homem de grande visão no que tange ao mercado da borracha, tanto que sugere, como podemos conferir no parágrafo quinto, que brasileiros partam para aqueles seringais visando o aprendizado não só das técnicas de cultivo e corte, mas, também, levando em consideração que aqueles seringais além de serem constituídos por investimentos capitalistas, ainda são privilegiados por uma mão-de-obra farta e de baixo custo à biqueira do empreendimento. Assim, no parágrafo seguinte, ele deixa claro que se adotado o processo de cultivo da seringueira na Amazônia, os custos com mão-de-obra era evidente, porque, diferentemente da grande quantidade populacional existente na Índia e Ásia, a Amazônia era pouco habitada. Contudo, existiria a grande vantagem de cultivar seringa em seu próprio habitat e onde as mudas estavam prontas e em abundância.

Esse apelo para que seja posto em prática o cultivo da seringueira na Amazônia, era também um chamado aos homens ligados ao processo da exploração do látex para associá-se

ao capital estrangeiro e desenvolver aqui o que estava acontecendo no outro lado do mundo. No entanto, os aviadores sempre se comportaram de forma arreada, se fixando numa espécie de aldeia, uma coisa localizada e, com isso, não visionaram associá-se ao capital internacional, não trataram de dominar a técnica e ampliar o plantio. A visão era voltada nos bons preços do momento e aos gastos exorbitantes e, na maioria das vezes, sem controle e gasto com o supérfluo.

A explicação mais plausível para tal comportamento era que nessa fase, os capitalistas brasileiros ligados à extração da borracha, viviam um capitalismo primitivo, se é que podemos assim chamar, um capitalismo de ignorância. Salvo engano, nunca se viu falar em qualquer parte do mundo que os capitalistas, quando da corrida do ouro americano, de posse de muito ouro, muita riqueza, se algum deles acendia o charuto usando uma nota de dólar. Isso é ignorância. Quando e onde se vê uma pessoa dizer que não vai lavar suas roupas nesse ou naquele rio, sem nenhum motivo plausível. Com os “coronéis” donos de seringais isso acontecia, mandavam lavá-las na Europa. Isso mostra a característica primitiva desse capitalismo. Ele é tão primitivo que é predatório. Nele, o seringueiro é submetido a um regime muito duro de trabalho e sem nenhum amparo das Leis que regem as relações de trabalho. Esse capitalismo não teve capacidade de se articular com nada e por isso mesmo não se sustentou e foi à barrocada. Deste modo, vemos no texto do jornal *O Correio do Purus* um chamamento para que haja uma postura no sentido de transformar essa fase primitiva e partir rumo a um novo desafio, se inserindo a um capitalismo avançado e competitivo. Um capitalismo capaz de acompanhar os avanços e as mudanças seja onde for.

Os proprietários de seringais Amazônicos, diante de toda arrogância de que lhe era peculiar, sentiam-se imbatíveis, indestrutíveis, inatingíveis... Assim, não eram capazes de visionar outro mundo que não fosse a “força hegemônica” de seus seringais. Nesse particular, Lima (2002,.) retrata que muitos donos de seringais, caçoavam e esnobavam, quando alguém mencionava o plantio da seringueira no sudeste asiático, alguns diziam que ninguém fora dos seringais da Amazônia entendia de borracha.

No início do século XX, os jornais vinculavam as notícias de que as plantações asiáticas produziram vinte toneladas de borracha. Esse fato foi imediatamente ironizado pelos broncos e truculentos “coronéis” que debochavam dizendo que bastavam os seringalistas do Acre e do Purus fazer uma “vaquinha”⁶ e mandar de presente de natal, essas vinte toneladas.

⁶ Esse termo é utilizado no intuito de demonstrar cooperação. Assim, quando se diz que um grupo está fazendo uma vaquinha em prol de outrem, estão querendo dizer que estão ajuntando um pouco de cada um para doar a quem precisem.

No ano de 1905 a produção Nacional chegou a trinta e cinco mil toneladas, a maior produção até então. Isso levava os donos de seringais a uma euforia sem tamanho. A produção do sudeste asiático nesse mesmo ano atingiu a marca de cento e quarenta e cinco toneladas, que, apesar do bom crescimento, era motivo de gargalhadas e desprezo pelos “coronéis”. Diziam que os asiáticos plantavam seringa porque não tinham o que fazer, “[...] a gente aqui cheio de borracha nascendo sozinha na mata. É só pedir, que a nossa não acaba nem no dia do juízo [...]” (LIMA, 2002, P.202).

A quantidade de borracha produzida no sudeste asiático aumentava vertiginosamente a cada ano. Mesmo assim os donos de seringais relutavam em acreditar que um dia a produção de borracha asiática pudesse chegar perto da produzida nos seringais dessa região. “A gente tem seringa aqui, na Bolívia, no Peru e sei lá mais onde, seringa que nem o seu neto, o seu bisneto, o seu tataraneto vai dar conta dela” (LIMA, 2002, P.263).

Mesmo num ano em que os preços eram os melhores já visto para esse seguimento, a preocupação retratada no texto do jornal *O Correio do Purus* começou a se tornar realidade no início do segundo semestre deste mesmo ano de euforia, o preço da borracha passa a sofrer consideráveis perdas.

Em 1912 a borracha produzida nos seringais Amazônicos atingiu a histórica marca de quarenta e duas mil toneladas. Entrementes, a produção da Ásia estava na casa das vinte e nove mil toneladas. No ano seguinte, a produção Nacional caiu para trinta e nove mil toneladas, ao passo que a produzida na Ásia atingiu quarenta e oito mil toneladas (LIMA, 2002). Deste momento em diante, o que se viu foi à diminuição da produção de borracha na Amazônia, enquanto explodia de vez o crescimento e domínio da produção de borracha na região asiática.

Esses fatos propiciaram um avassalador declínio no preço da borracha, chegando a ser cotada em 1920 a menos de 25% do valor pago em 1910. Em 1932 é chancelada a derrocada desse ciclo da borracha, sendo esta cotada a apenas 34 libras esterlinas por tonelada, ou seja, pouco mais de 5% do valor vigente em 1910.

Nesse particular, vale a pena comentar que após toda tragédia que foi a construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, feita mediante acordo entre os governos do Brasil e da Bolívia, objetivando viabilizar o acesso ao Oceano Atlântico para a exportação de dos produtos bolivianos - manufaturados e extrativistas - bem como a importação de mercadorias para o abastecimento daquele país, o ano de sua inauguração (1912), coincide com a maior produção de borracha asiática que derruba os preços no mercado internacional e, de certa forma, sela o fim do primeiro ciclo da borracha Amazônica.

A partir de 1912 até início da década de quarenta do século XX houve uma acentuada evasão da população do território amazônico. Essa evasão foi motivada mediante a expansão dos seringais asiáticos que provocaram uma vertiginosa depreciação no preço da borracha, uma vez que o aumento da produção ultrapassou a demanda de consumo de mercado. Essa baixa nos preços da borracha ocasionou uma verdadeira quebradeira nas **casas aviadoras**, visto que não conseguiam honrar seus compromissos junto às instituições financiadoras. Diante da difícil situação, os **aviadores** abandonaram não só a Amazônia, mas, milhares de seringueiros largados à própria sorte. Deste modo, alguns conseguiram retornar à sua terra natal, enquanto uma outra parcela, sem condições de sobrevivência nos altos rios, procurou abrigo nas cidades mais próximas. Outros, pelo apego à mata, ou por não terem opção, ficavam e procuravam desenvolver outras atividades, como a coleta da castanha, a caça de animais para vender a pele e, inclusive, no cultivo de agricultura de subsistência.

O Estado do Pará e do Acre que tinham, respectivamente, 983.507 e 92.379 habitantes em 1920, passaram para 944.744 e 79.768 em 1940. Nesse mesmo período somente o Estado do Amazonas teve um pequeno aumento populacional, passando de 363.166 habitantes em 1920 para 438.008 em 1940. Esse aumento é atribuído às pessoas que fugiam das terras acreanas e dos altos rios para buscar a sobrevivência na calha central e na cidade de Manaus. Enquanto que no Pará as pessoas fugiam ou retornavam para o Nordeste (BENCHIMOL, 1992, p.216).

Assim, o seringueiro, entre os anos de 1920 a 1940 passou a vivenciar um novo modo de vida nos seringais até que a deflagração da Segunda Guerra Mundial no início da década de 1940 mudou novamente o modo de exploração produtiva nos seringais, voltando a ser incessantemente explorada o corte da seringa.

3.2 Segunda Fase: 1940 – 1960

Na década de 1940 eclode a II Grande Guerra Mundial. Plantações de borracha, tanto na Ásia quanto nas Índias Orientais, foram invadidas por tropas japonesas, as quais impedem o fornecimento de borracha para a Inglaterra e seus aliados. Esses acontecimentos levaram os Governos dos Estados Unidos e do Brasil, na tentativa de manter o abastecimento do consumo do produto no mercado americano, procurar viabilizar políticas de expansão da borracha na Amazônia. Assim, aliada à necessidade de aumentar a produção de borracha, fazia-se presente o desconforto de milhares de nordestinos que sofriam diuturnamente com os

conflitos no campo, seca e a iminente convocação para incorporar às fileiras do Exército Brasileiro para combater na Itália. Esses aspectos foram determinantes para o surgimento de um novo movimento migratório de nordestinos para a Amazônia. Apesar de a predominância, dos que vieram para a região amazônica, nos anos quarenta do século XX, ser de nordestinos, vale a pena ressaltar que diferente do primeiro movimento migratório, o qual foi constituído por nordestinos do Estado Ceará, da Paraíba e Rio Grande do Norte, o segundo, de acordo com Martinello (2004, p.246), foi formado por:

Cariocas do morro e da cidade, fluminenses de Niterói e do interior do Rio, capixabas de Vitória do Espírito Santo, baianos de Ilhéus e de Salvador, pernambucanos de Recife, mineiros da capital e das serras. De todas as classes, cores, profissões e idades, ferreiros, carpinteiros, engraxates, choferes de caminhões, operários de fábricas e usinas, cansados das máquinas e seduzidos pela oportunidade de conhecer, à custa do governo, terras e paisagens distantes; trabalhadores braçais e agricultores, cujo sedentarismo não podia vencer a emoção psicológica da aventura há muito recalcada e comprimida, eis a grande “arca de Noé” que formava esta segunda leva de *soldados da borracha*.

A expansão alemã sobre territórios europeus, aliada aos Estados Unidos, causou certa apreensão mundial no que diz respeito ao futuro das colônias cultivadoras de seringueiras do sudeste asiático. Essa insegurança levou o Governo Norte Americano criar medidas que pudessem assegurar o fornecimento de borracha, visto vez que o Estado Americano, em conformidade com Dean (1989, p.131), consumia em torno de 50 000 toneladas por mês a um custo superior ao adotado no mercado da época. Com isso, no ano de 1942, objetivando alavancar a produção de borracha, o Estado brasileiro firmou convênio com a empresa norte-americana *Rubber Reserve Company*, que mais tarde mudou o nome para *Rubber Development Corporation (RDC)*.

O caminho a ser percorrido pelas pessoas recrutadas para o serviço de extração da borracha era a primeira prova a ser vencida pelos retirantes sertanejos. Para chegar a Belém, muitos eram enviados por terra, percorrendo grandes distâncias até um porto mais seguro para seguir viagem, uma vez que havia submarinos na costa do nordeste brasileiro torpedeando navios. Tal hostilidade por parte da marinha alemã tinha como base prioritária neutralizar o acesso à extração de borracha na Amazônia. Assim, os navios eram escoltados por caças-minas. Essas viagens de navio permeadas pela apreensão de serem torpedeados a qualquer momento. Tendo que permanecer, boa parte do tempo, em completo silêncio e com as luzes apagadas. Segundo, pelas péssimas condições de higiene que propiciava a manifestação de doenças mesmo antes de chegarem aos portos das cidades amazônicas, sem contar a má qualidade das refeições.

Muitos dos contratados, para chegar aos seringais esperavam por meses, isso quando chegavam, seja pelo fato de serem acometidos de alguma doença e serem “sumariamente deixados às margens dos rios para morrerem sem dar trabalho aos contratantes” Matias (2005, p.65), ou simplesmente à espera de navios para transportá-los. Exemplo disso é o relato feito por Martinello (2004, p.268), fazendo menção a uma reportagem do jornal americano, *Daily News*, que cobria o movimento da *Batalha da Borracha*. Dizia o jornal:

Em Belém nós vimos cerca de 4.000 homens em um campo de concentração da SAVA. Em Manaus, em outro campo, vimos perto de 2.000. alguns deles, durante o longo período de sete meses tornaram-se preguiçosos entre estas cercas de arame farpado e costumavam brigar entre si ou a lutar contra os seus guardas. Tratavam-se de meninotes e mesmo homens fortes com um pouco mais de trinta anos de idade. Um dos jornalistas que falava português, conversou com muitos desses homens e descobriu que todos estavam desgostosos e ansiosos para retornar a seus lares. Dados procedentes de fontes fidedignas mostram que, de todos os 10.000 homens que a SEMTA trouxe para Belém e Manaus, apenas 900 homens foram encaminhados aos seringais. Os outros ficaram nos pousos ou foram espalhados em campos menores em outras cidades. Alguns deles tiveram permissão para arranjar emprego. Muitos desses homens são prisioneiros, preguiçosos e inúteis que custam aos contribuintes de impostos nos EUA dinheiro real para sua manutenção.

Apesar do alargamento da demanda mundial pela borracha e a disposição de alavancar tal segmento de mercado pelos governos dos Estados Unidos e do Brasil, que procuravam estruturar, propagar e estimular a extração da borracha na Amazônia, essa atividade produtiva na floresta Amazônica não se configurou como um legítimo e verdadeiro empreendimento de alto poder lucrativo, não só devido às dificuldades peculiares da região e do desconhecimento dela por grande parte daquele que se dispôs a este novo e desafiador modo de vida, mas, sobretudo, pela grande perda de vidas humanas diante um modelo perverso de produção. “No período da guerra, só o que dava dinheiro era a borracha. Cortava seringa, velho, menino, menina, todos que precisavam sobreviver” (Francisco Maciel Galvão, *Lábrea*, março de 2007).

Os que verdadeiramente lucraram com a extração da borracha foram os seringalistas, os donos das casas aviadoras e exportadoras, que, corriqueiramente desfrutavam de grande conforto nas principais cidades Amazônicas – Belém e Manaus – bem como nas cidades européias. Filhos eram enviados para estudar em instituições de ensino daquele continente. Por outro lado, os milhares de migrantes que se despiram do que mais amavam, buscando na Amazônia um refúgio e um meio de minimizar seu sofrimento, viram-se desprotegidos e desprovidos até mesmo da liberdade, convivendo com a exploração do sistema do barracão e a solidão inerente aos rios e floresta da região amazônica. Assim, os que verdadeiramente constituíram a fortuna esbanjada nos grandes centros, em sua maioria, foram obrigados a se

enclausurar nos arredores das cidades e nos seringais. Não tiveram sequer as condições necessárias para retornarem à sua Terra Natal.

A luta que estes retirantes desenvolveram no corte da seringa propiciou que a produção de borracha na Amazônia em 1912 atingisse a maior de sua história, chegando à marca de 43.370 toneladas, enquanto que, como comparação, nos anos que antecederam o grande conflito mundial, no início da década de quarenta, a produção da borracha estava bem aquém do período áureo, alcançando apenas 20.000 toneladas. A derrocada começou quando se iniciou a plantação na ilha do Ceilão, sob atenta fiscalização técnica. O “ouro branco” já não conseguia manter a hegemonia da Amazônia nesse seguimento.

Nessa trajetória de exploração gumífera, a calha do Purus continuou sendo uma das principais fontes produtora de látex, sendo o município de Lábrea um dos seus maiores destaque na produção de borracha, como é demonstrado na tabela abaixo.

Tabela 2 - Dados comparativos dos cinco municípios, em toneladas, que mais produziam borracha nos anos de 1920, 1940 e 1950.

	1920		1940		1950
Lábrea	1.053,2	Lábrea	821	Boca do Acre	1.784
F. Peixoto	623	Manicoré	724	Lábrea	1.513
Carauarí	621	João Pessoa	499	Carauari	1.046
Borba	465,9	Carauari	443	Borba	1.000
B. Constant	347,5	Boca do Acre	304	Humaitá	729

Fonte: Atlas Geoconômico do Estado do Amazonas (1966, p. 296).

Apesar dos seringais asiáticos estarem dominando o mercado mundial de borracha, vemos que em 1920 ainda houve uma grande produção dessa matéria prima. Por outro lado, a crise do setor levou o quase abandono dessa atividade. A década de trinta do século XX foi de plena decadência para o setor do látex. Assim, 1940 a produção, como vimos, diminuiu sensivelmente em relação aos anos do primeiro ciclo da borracha. Mas, dois anos mais tarde estaria sendo posto em prática um plano para alavancar essa produção.

Nesse período de queda na produção de borracha, os extratores buscaram compensar com outros produtos, como, por exemplo, a coleta de castanha demonstrada logo abaixo.

Tabela 3 - Dados comparativos dos cinco municípios que mais produziram castanha nos anos de 1940 e 1950.

1940 – em toneladas		1950 – em toneladas	
Lábrea	11.095	Coari	3.312
Coari	3.061	Manicoré	1.851
Manicoré	2.502	Borba	1.546
Codajás	1.896	Barcelos	1.426
Barcelos	1.309	Boca do Acre	1.343

Fonte: Atlas Geoconômico do Estado do Amazonas (1966, p. 310).

3.3 Terceira Fase: 1960 – 1990

Semelhante ao que aconteceu entre o fim do primeiro e o início do segundo ciclo da borracha, após a metade do século XX, houve também uma grande evasão dos seringais e, os que lá foram abandonados, desprovidos de qualquer tipo de assistência, trabalhavam apenas para manter a sobrevivência de suas famílias. A extração do látex praticamente desapareceu, abrindo espaço para outras atividades como a coleta da castanha, extração do leite de sorva, venda de peles de animais e roça.

Com o poderio da borracha chegando ao fim, a região puruense assistiu um período de verdadeira decadência e abandono. Em Lábrea, por exemplo, muitos empreendimentos simplesmente desapareceram: uma fábrica de sabão, uma olaria, os órgãos de publicidade, foram abandonadas as fazendas de gado, foi extinta a animada banda musical (FEERARINI, s/d, p. 74).

Lábrea, de início, tivera uma grande representatividade populacional no contexto do Estado do Amazonas. Em 1920, este município contava com 17.120 habitantes, ocupando a quarta posição em número de habitantes no Estado do Amazonas, ficando atrás de Manaus, Itacoatiara e Borba. Com a decadência da borracha, muitos foram os seringalistas, seringueiros e comerciantes locais que procuram outra atividade, bem como outras cidades para morarem. Deste modo, praticamente todo o território amazônico sofreu sobremaneira esse período de grande êxodo populacional. Contudo, o número de migrantes que Lábrea perdeu nesse período não superou o número de pessoas que vinham dos seringais localizados nos altos rios, tanto do Purus como do Juruá, principalmente do Estado do Acre.

Este fato proporcionou que o município de Lábrea tivesse, em 1940, 19.279 habitantes. É bem verdade que uma diferença de apenas 2.259 pessoas num período de vinte

anos não tem grande significância. Entrementes, não devemos esquecer que nesse mesmo período poucos foram os municípios ou cidades da Amazônia que não tiveram uma queda acentuada em sua população, exemplo disso foi os Estado do Pará e do Acre, que perderam, entre 1920 e 1940, respectivamente, 38.763 e 12. 611 (BENCHIMOL, 1992, p.216). Desse modo, vale lembrar que o Amazonas foi o único Estado da Região Norte que obteve aumento populacional. Apesar do aumento de população, Lábrea permaneceu como o quarto município mais populoso do Amazonas.

Em 1950 o censo acusava que o município de Lábrea era ocupado por 22.106 habitantes. Destes, apenas 1.247 moravam na sede do município. Nesse período ocupou a sétima posição. Em 1960 o município de Lábrea contava com apenas 16.556 habitantes, um número menor que o registrado há quarenta anos. Esse fato foi devido a queda dos produtos extrativistas, bem como às diversas doenças que assolava aquele município. Exemplo disso é o que o jornal ECO DO PURUS publicou na 8ª página em 08 de fevereiro de 1965, escrito pelo Revdo. Pe. Frei Augusto Nowaski, missionário da cidade de Taupauá, tendo como título: *Impaludismo e lepra, dois flagelos da selva amazônica*. Esse artigo retratava a importância do trabalho dos sacerdotes agostinianos na prelazia de Lábrea e o quanto era difícil suas tarefas. Assim, dizia o artigo:

[...] Lábrea é, sem dúvida, uma das mais difíceis e espinhosas prelazias do mundo. Entre os muitos fatores que concorreram para isso estão suas graves endemias, suas enfermidades tropicais, suas doenças terríveis, a insalubridade de seu clima e a pobreza de seu solo.

Essas enfermidades são cruelmente agravadas pela ausência quase absoluta de assistência médica e sanitária e pelo depauperamento do organismo, causado pela falta de alimentos. A avitaminose é uma realidade triste de grandes e graves conseqüências e de proporções assustadoras. As várias espécies de mosquitos e de insetos, tão abundantes ali facilitam a disseminação de diversas epidemias, sugam implacavelmente o desnutrido sangue e atormentam continuamente aqueles pobres habitantes.

OS FLAGELOS

A lepra é um tremendo e horrível pesadelo da Prelazia. Mas a praga maior da região é certamente o impaludismo. Pelo número de vítimas ceifa constantemente, por ser tão propagado pelos tremendos estragos e graves complicações que produz no organismo, debilitando-o extraordinariamente, pela dificuldade de experimentar seus focos e pela facilidade de contaminação, podemos afirmar que o impaludismo no Purus é uma verdadeira calamidade regional. Pode-se mesmo asseverar sem medo de errar, que praticamente todos os habitantes da região são palúdicos ou impaludados e que todos, exetando-se – é claro os acidentados, morrem de malária ou de complicações do impaludismo.

Já em 1952, escrevia em seu célebre “Itinerário” Dom José Afonso de Moraes Tôrres, intrépido arcebispo de Belém do Pará: “O rio Purus é muito epidêmico e as febres que atacam a seus navegantes são muito perigosas” É verdade que as condições de salubridade daquela região melhoraram um pouco nos últimos anos. Mas foi tão pouco o que se fez quanto é muitíssimo o que se resta por fazer ainda naquele abandonado território de nossa pátria!

“PESTE NEGRA”

É verdade também que a malária ou impaludismo constitui uma das endemias mais espalhadas pela face da terra, vitimando mais de oitocentos milhões de seres humanos, em inúmeros países. Mas em Lábrea assume aspectos particularmente e inexoravelmente ameaçadores, como se pode confirmar pelos dizeres de uma carta recebida há pouco: “A situação aqui em Lábrea é horrível. Há um surto de “peste-negra que está dizimando a população”.

A coisa é muito séria porque nos encontramos sem recursos. Dá pena e corta o coração assistir a cenas dolorosas sem poder fazer alguma coisa para minorar o sofrimento e a angústia desse bom povo, em completo abandono, mais ainda, a PANAIR cortou no material. Para complicar seus vôos semanais para cá. Estamos unicamente nas mãos da província. Pedimos a Deus que tenha compaixão de nós e que afaste quanto antes esta peste, já que as autoridades e os homens não nos enviam socorros e recursos médicos.

A LEPROSA

Se, como vimos, o impaludismo é a praga-mor da Prelazia de Lábrea, a lepra lhe segue de perto. É verdadeiramente impressionante o número de leprosos que vegetam miseravelmente nas margens da bacia do Purus. E que vida degradante, horripilante, levam esses pobres amaldiçoados pela humanidade!

Quando recordamos a vida dos leprosos da antiguidade, quando lemos as páginas que a descrevem, quando assistimos a filmes que a representam, como as cenas do Bem-Hur, sentimo-nos condoídos, consternados e julgamos que são cenas do passado.

Infelizmente, a vida dos leprosos do Purus não é muito diferente da que levavam os leprosos daqueles tempos!

Apesar da caridade dos missionários, que os visitam, que lhes ministram algum lenitivo dentro de suas escassas possibilidades, surpreendem tanta pobreza e indigência.

Sabemos que a lepra já deixou de era o pesadelo da humanidade e que o leproso, nos países civilizados, já não é mais aquela pobre criatura segregada da sociedade e condenada a esperar a morte entre privações e a mais terrível solidão. A lepra já é perfeitamente curável e seu tratamento nem sequer exige internamento como medida de isolamento, pois facilmente se consegue torná-la inofensiva e não contagiosa.

Mas tal não se dá nas regiões da Amazônia, onde a lepra continua sendo endêmica, contagiosa e incurável, devido ao mais absoluto abandono sanitário por parte das autoridades. O leproso daquelas regiões continua sendo aquele desgraçado indivíduo segregado de toda sociedade, abandonado e temido por todos, obrigado à solidão e condenado a esperar a morte na mais completa miséria.

Diante de tal quadro, a esperança do povo labrense de alavancar o desenvolvimento do município se sustentava nas políticas públicas, principalmente com a abertura da Rodovia Transamazônica, incentivo para abertura de indústria de beneficiamento da borracha, investimentos para o setor madeireiro para ampliação de serrarias.

Antes da abertura da Transamazônica, estrada que liga a cidade de Lábrea à cidade de Humaitá, dando, desta forma, acesso à cidade de Manaus e Porto Velho, a qual, por sua precariedade, só é trafegada no período de estiagem na região. Assim, Lábrea não contava com outro meio de transporte que não fosse o fluvial. Dessa forma, o município mantinha basicamente atividades comerciais com Manaus e Belém, comprando destes, dentre outros: tecido, estiva, ferragens, medicamentos e bebidas. Entrementes, vendia borracha, castanha, sorva, madeira e peixe seco.

A população do município de Lábrea sempre fora tipicamente rural, onde, dos 21.797 habitantes em 1880, cerca de 14.000 moravam na zona rural, ou seja, 66% da população. O censo de 1991 mostra um equilíbrio de pessoas residentes na área rural e urbana, onde dos 33.052 habitantes, 15.444 e 17.608 residiam, respectivamente, na zona urbana e rural. Deste total, 17.028 eram homens e 16.024 mulheres. Já no ano de 2.000 a população urbana superou em muito a população rural. Dos 28.956 habitantes, 19.276 moravam na sede do município, enquanto 9.680 moravam na zona rural (IBGE Censo 2000).

Entrementes, durante esse longo período, tido por nós como um seringal sem denominação, uma vez que, mesmo o seringueiro permanecendo na floresta, esquecidos, caçando, fazendo sua agricultura de subsistência, independente de políticas públicas, viram-se invisíveis perante o poder público e por que não dizer diante de toda a sociedade. Entretanto, em algumas regiões de seringal, houve por parte dos seringueiros uma organização política visando a manutenção do seu espaço. Nessa luta, travada contra o domínio de latifundiários, surge um seringueiro que virou símbolo da preservação da floresta Amazônica, chamado Chico Mendes. A partir de então, os olhos se voltam para o seringal. Começa-se a enxergar um novo seringal, um seringal existente, aquele seringal em que as pessoas continuaram lá. Dar-se início a uma nova visão de seringal. Nasce um novo modelo administrativo para manutenção das áreas de seringal.

3.3.1 Políticas Públicas para a Amazônia

Em decorrência do envolvimento do Brasil na II Guerra Mundial em 1942, o governo brasileiro forneceu contingentes militares para as frentes de combate e firmou convênio com a *Rubber Reserve Company*, assinando também os chamados *Acordos de Washington*, objetivando desenvolver a produção da borracha na Amazônia. (Nascimento Silva)

Sem poder contar com a borracha produzida nos seringais asiáticos, os Estados Unidos da América firma acordo com o Brasil para colocar em ação um plano para a revitalização dos seringais amazônicos. Assim, muitos foram os órgãos e as políticas adotadas para a consecução de tal propósito.

As preocupações por parte do Governo brasileiro com as transformações que atingiriam as populações locais se configuravam como inexistentes, visando, exclusivamente,

por meio de políticas migratórias, alavancar a exploração da borracha. Nessa perspectiva, objetivando sanar a falta de mão-de-obra para a produção da borracha, foram efetuadas campanhas promovendo o “eldorado” que a Amazônia representava, onde o enriquecimento era questão de tempo. Contudo, a principal razão para esta migração, ocorrera, acima de tudo, pela busca de sobrevivência, diante da falta de alternativa imposta pelas secas. Assim, pela segunda vez a Amazônia recebe um novo contingente de imigrantes que vem em busca, assim como da primeira vez, de fazer ou refazer sua vida, fugindo da guerra, dos conflitos sociais existentes no nordeste em virtude da concentração latifundiária e, principalmente das estiagens prolongadas (SILVA, 1994, p.25). Com isso, um novo movimento migratório se fazia presente rumo à Amazônia.

Para que efetivamente o governo brasileiro pudesse concretizar os compromissos assumidos quando da assinatura do Acordo de Washington, novas estratégias geopolíticas tiveram que ser adotadas na região amazônica. Esse Tratado vigoraria, de acordo com Dean (1989, p.139), por “um período de cinco anos a um preço mínimo, fixado inicialmente em 39 centavos de dólar a libra-peso para entregar acima de 10 000 toneladas”. Em contrapartida, o Brasil tinha garantias de receber assistência financeira e material que objetivavam proporcionar a infra-estrutura necessária à expansão do comércio da borracha. Com isso, o Brasil também se comprometera a dar exclusividade de venda de toda a produção de borracha excedente às necessidades internas do país, ao Governo Norte-americano.

A celebração do Acordo de Washington no governo Vargas, dentre outras medidas, institui e consolida o monopólio estatal da borracha por meio da criação de diversos órgãos, como por exemplo, o Banco da Amazônia, contando com a participação de 50% de capital norte americano.

Os órgãos e instituições foram criados pelo governo brasileiro e americano para viabilizar a extração do látex, destinados a fazerem o financiamento, processo seletivo, logístico e sanitário. Vale a pena ressaltar que a incumbência inerente aos órgãos nem sempre era cumprida de modo satisfatório, principalmente no quesito logístico/sanitário.

Dentre as instituições criadas para fomentar a extração do látex nos seringais amazônicos, podemos destacar o Banco de Crédito da Borracha – BCB, encarregado de realizar operações de crédito, fomentar a produção, financiar a empresa extrativista, bem como exercer o monopólio final da compra e venda da borracha, tanto interna quanto externa, criado por meio do Decreto-Lei nº 4.841, de 17 de outubro de 1945; o Departamento Nacional de Imigração – DNI – que tinha como finalidade recrutar e encaminhar trabalhadores para a Amazônia, como também fiscalizar outros órgãos envolvidos na mobilização; a Comissão de

Controle dos Acordos de Washington – CCAW, coordenando e auxiliando as atividades de grupos brasileiros e estadunidenses que atuariam na operação da “batalha da borracha”, criada por meio do Decreto-Lei nº 4.523, de 25 de julho de 1942; a Superintendência para o Abastecimento do Vale Amazônico – SAVA, tendo como finalidade abastecer com gêneros alimentícios o Vale Amazônico, e ainda coordenar as medidas a serem tomadas com o Estado da região visando o abastecimento e incremento da produção de alimentos, providenciando a aquisição das mercadorias, dentro e fora do país, e seu transporte para a Amazônia, formando estoques, criada por meio do Decreto-Lei nº 5.044, de 04 de dezembro de 1942; o Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia – SEMTA, depois substituído pela Comissão Administrativa de Encaminhamento de Trabalhadores para Amazônia – CAETA, cujo objetivo era recrutar, encaminhar e colocar trabalhadores nos seringais, transportando-os até Belém; o Serviço Especial de Saúde Pública – SESP, encarregado de prestar assistência médica e sanitária aos “soldados da borracha”; o Serviço de Navegação e Administração do Porto do Pará – SNAPP, encarregado de transportar os “soldados da borracha” dos portos de Belém para Manaus, Porto Velho e Acre.

Nesse processo de mobilização de trabalhadores para a Amazônia, o Departamento Nacional de Imigração (DNI) e a Rubber Development Corporation (RDC), somente no final de 1942 e início de 1943, conseguiram trazer para a Amazônia cerca de 15.000 pessoas, conforme Nascimento Silva (2000, p.52).

Nesse período o Banco de Crédito da Borracha – BCB, passou a se chamar Banco de Crédito da Amazônia – BCA, permanecendo a interpretar os interesses da Amazônia em benefício dos empresários extratores, destinando quase toda sua totalidade de recursos para o financiamento da borracha na Amazônia.

Em 1953, por influência de Felisberto Camargo, diretor do Instituto Agrônomo do Norte, foi proposto e criado o Fundo de Desenvolvimento do Amazonas, e ainda a Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia – SPVEA que, diante de sua ineficiência, foi substituída pela Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia – SUDAM, com o objetivo de supervisionar um programa de incentivos fiscais para novos investimentos na região. O Banco de Crédito da Amazônia – BCA, foi transformado em banco de desenvolvimento regional com o nome de Banco da Amazônia – BASA.

Foi criada ainda a Superintendência de Desenvolvimento da Borracha – SUDHEVEA, por meio da Lei nº 5.227, de 18 de janeiro de 1967, para cuidar do estoque estratégico do produto, também deveria realizar estudos de mercado e rever os planos governamentais e

particulares para o desenvolvimento da borracha, além da política de racionalização do setor da borracha.

Todavia, não podemos, ao falarmos de Amazônia e de borracha, deixar de mencionar as mais 70 000 sementes (LIMA, 2002) e (DEAN, 1989) que o inglês Henry Wickham, no ano de 1876, levou para o Jardim Botânico de Kew, na Inglaterra. Posteriormente as mudas foram levadas para as colônias britânicas, onde, germinaram e, em 1882, o Ceilão começava a produzir sementes, as quais se destinavam às novas plantações no próprio Ceilão, Índia e Britânia.

Muitos experimentos foram realizados para que conseguissem árvores resistentes e com boa capacidade de produção. Com o novo modelo de cultivo da seringa, também novas técnicas foram descobertas e aperfeiçoadas visando baixar o custo e aumentar a produtividade. Exemplo disso foi a projeção da faca de cortar seringa em substituição à machadinha, onde, a primeira permitia que o extrator fizesse pequenas e finas incisões na casca da seringueira. Descobriu-se também que os cortes repetidos na mesma porção da casca aumenta a quantidade de látex; que a seringueira poderia ser cortada em dias alternados durante todo o ano e que o processo de defumação poderia ser substituído pela coagulação do látex com ácido acético.

Com o bom desempenho das plantações em Ceilão e Malásia, únicas colônias tropicais que atingiram o nível da exploração comercial, propiciaram de acordo com Dean (1989, p.65), que:

Em 1913 foram vendidas no mercado mundial 47 618 toneladas de borracha proveniente dessas plantações, mais do que toda a borracha obtida no Brasil naquele ano. [...] A economia amazônica, por sua vez, foi arrasada pela concorrência do Ceilão e da Malásia. Os salários caíram junto com os preços a um quarto do seu nível durante o *boom*. Comerciantes, exploradores, banqueiros e corretores desesperados juntaram-se a seus seringueiros num êxodo da região. Manaus e Belém, as fulgurantes capitais equatoriais do comércio da coleta, iriam enfrentar um longo inverno de estagnação, inaugurado por bancarrotas em séries.

Os comerciantes que optaram por permanecer na região buscaram interior adentro outras fontes extrativas da região no intuito de alavancar as frotas de vapores e os cabisbaixos seringueiros. Contudo, não lograram grande êxito.

Em 1927, Henry Ford ganha a concessão de um milhão de hectares, isenção de impostos por cinquenta anos e direito indiscriminado de jurisdição interna. Essa concessão aflorou sentimentos nacionalistas que, de certa forma, colocou o governo do Estado do Pará em uma situação embaraçada. Ford iniciou o empreendimento dizendo que não gastaria mais de um milhão de dólares e que plantaria 1200 hectares de seringueiras naquela região.

Contudo, em 1929 somente 400 hectares exigidos na concessão foram plantadas, possivelmente pela decisão de se retirar toda madeira comerciável antes da queima. Outro motivo que retardou a plantação de uma maior área foi à falta de semente.

Em 1934 a empresa de Ford já havia gasto cerca de sete milhões de dólares, contudo as perspectivas de produção de extração da borracha não eram boas. Neste mesmo ano, Ford trocou 281 500 hectares da concessão de Fordlândia por outra do mesmo tamanho em Belterra. Nessa mesma época, o mal-das-folhas surgiu em Fordlândia de forma epidêmica, causando sérios danos à plantação.

Os dezoito anos de existência da empresa Ford no Estado do Pará, apesar de todos os esforços despendidos no processo de cultivo da seringueira em Fordlândia e em Belterra, o rendimento esperado não se configurou como um bom investimento, levando a diretoria da empresa em 1945 transferir suas plantações para o Governo brasileiro pela quantia de S\$ 250 000 (duzentos e cinqüenta mil) dólares. Valor este que a Ford devia a seus empregados em conformidade com a legislação brasileira.

Dean (1989, p.152) retrata os custos que a Ford destinou ao cultivo dos campos de seringa da seguinte forma:

Segundo estimativas, as duas plantações custaram à companhia mais de vinte milhões de dólares, embora as contas desta sugeriam que as despesas totais até o fim de dezembro de 1945, quando se completou a transferência, não ultrapassaram 12,8 milhões de dólares.

Mesmo o autor trazendo só as despesas que a empresa destinou ao empreendimento, sem nos dar à noção de quanto ela lucrou com a extração, principalmente, da madeira e da própria borracha extraída daquele lugar e, que os números abordados não alcancem aos valores estimados acima, mesmo assim percebe-se que a empresa não teve um empreendimento vultoso em lucratividade. O cultivo da seringueira foi desenvolvido em muitos Estados brasileiro. Contudo, nenhum da magnitude dos de Fordlândia e Belterra da Ford.

Mesmo com o término da Segunda guerra Mundial e apesar da apreensão por parte dos que estavam ligados ao comércio da borracha, o Brasil desfrutava do acordo com o Governo Norte-Americano que garantia a venda da borracha brasileira até junho de 1947 a um preço que seria o dobro do praticado no comércio mundial. Entrementes, o que se viu foi um crescimento da demanda de forma significativa da borracha no mercado interno brasileiro, fruto da expansão de empresas fabricantes de pneus que se instalaram logo após o início da guerra, fazendo com que o país não mais desse tanta importância à exportação desse produto.

A apreensão criada por pessoas ligadas ao comércio da borracha, com o temor de não terem para quem vender sua produção, não se configurou como verdadeira, uma vez que o que se viu foi o despencar da produção da borracha diante de uma demanda crescente do produto, chegando, segundo Dean (1989, p.164), a despencar de “32.930 toneladas em 1947 para 18.619 em 1950”. Este acontecimento vez com que o Governo brasileiro autorizasse, em 1951, a compra de quatrocentas toneladas de borracha advindas do sudeste asiático, fato este que desencadeou, por parte da imprensa e autoridades, muitos protestos, levando o Governo do Brasil a adotar novas medidas objetivando alavancar a produção da borracha capaz de suprir às necessidades internas.

Muitos foram os investimentos em pesquisas dentro e fora do país para o desenvolvimento de plantios de seringa resistentes ao mal-das-folhas. O Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuária do Norte - IPEAN (sucessor do Instituto Agrônômico do Norte - IAN) era bastante eficiente no apoio à climatização a vários produtos regionais, como o arroz, a juta, pimenta-do-reino e dendê. Contudo, no tocante da borracha ainda não tinham obtidos resultados satisfatórios.

Em 1976 foi criado o Centro Nacional de Pesquisa em Seringueira e Dendê – CNPSD, o órgão central de pesquisas muito almejado pelos detentores de grande conhecimento na área da borracha, subordinado à Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), do Ministério da Agricultura. Mudas e sementes de seringa foram espalhadas por boa parte do território brasileiro. Milhares de hectares de terra foram plantadas nos Estados do Amazonas, Espírito Santo, Bahia, Pernambuco, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro e São Paulo. Muitos experimentos foram realizados: análise do solo, clima, enxertia de copa, controle químico, pulverização aérea e termonebulizador. Contudo, o fungo *Microcyclus*, mais conhecido como mal-das-folhas, não se deixou eliminar.

Muitos foram os incentivos e planos para alavancar a produção de borracha no Brasil. Na década 70 e início da década de 80 do século XX, a SUDHEVEA desenvolveu o Programa de Incentivo à Produção de Borracha Natural – PROBOR 1, PROBOR 2 e PROBOR 3 que tinham por objetivo a pesquisa, plantio, recuperação de seringais plantados e desenvolvimento de viveiros comerciais, mas, a praga das folhas impediam que a produção de borracha atingisse um vulto que pudesse atender a demanda de consumo interno, no entanto, por conta dos investimentos no setor, pode-se dizer que houve um substancial avanço, uma vez que, anos atrás a produção de borracha extraída de seringueiras plantadas era irrisória, enquanto que em meados da década de 80 do século XX a produção de borracha cultivada no Brasil

atendia a mais 20% da demanda interna. Durante esse primeiro Programa de Incentivo à Produção de Borracha natural, Dean (1989, p.217) diz que:

A maior expansão do plantio da borracha ocorreu na região fronteira a noroeste do Acre e de Rondônia e ao norte do Mato Grosso, onde um vasto programa de colonização patrocinado pelo governo atraía centenas de milhares de migrantes rurais, a maior parte proveniente do Sul e também um número significativo de ex-seringueiros.

O mesmo autor relata que muitos colonos eram persuadidos ao cultivo de seringueiras contudo, obtinham orientações inadequadas e, ainda eram submetidos à espera da liberação do crédito. Essa falta de planejamento adequado no que tange o cultivo da seringueira fez com que em 1982 as plantações do Acre fossem completamente infestadas pelo mal-das-folhas.

Dean (1989, p.219) acrescenta que:

O PROBOR também ofereceu financiamento para os seringalistas recuperarem seus seringais silvestres. Em 1977 a SUDHEVEA afirmava que 13 648 deles haviam sido recuperados, embora a produção de borracha silvestre continuasse a declinar. É possível que quase todos esses financiamentos tenham sido desviados para projetos como o da Zona Franca de Manaus, mas os extensionistas começavam a chegar a alguns seringais, onde introduziam as técnicas de plantação do Sudeste Asiático. [...] a coagulação acídula do látex na vasilha de colheita. A borracha coagulada podia ser comprimida para secar e vendida a um preço mais alto do que a borracha “defumada” ao fogo.

A soma dos esforços para na extração do látex, apesar de não contar com muitos seringais, fez com que a produção de borracha silvestre aumentasse de quinze mil toneladas entre os anos de 1976 a 1985 (DEAN, 1989, P. 219).

Instituído pelo Decreto nº 85.929 de 23 de abril de 1981, o Terceiro Programa de Incentivo à Produção de Borracha Natural, foi criado para ser executado no período de 1982/1994. Dentre seus vários Subprogramas, estava o de número 4 que tratava do financiamento para recuperação de 5.000 "colocações" de seringais nativos e instalação de 500 mini-usinas de beneficiamento de borracha.

Com a implantação Desse Programa, houve uma considerável ampliação no cultivo da seringa, Estado que estavam fora do primeiro e segundo PROBOR, foram inclusos nos financiamentos, dente outros, o Estados de Pernambuco, Minas Gerais Rio de Janeiro Goiás Mato Grosso do Sul e São Paulo.

Os empréstimos obtidos pelo Brasil no exterior, principalmente para geração de energia, foram a um custo muito alto, uma vez que os juros eram bastante elevados, assim, no ano de 1984, houve uma substancial diminuição nos recursos destinados ao PROBOR. Essa

crise fez com que, dois anos mais tarde, a SUDHEVEA tivesse que fazer consideráveis cortes no quadro de seus trabalhadores.

Mesmo com toda dedicação promocional desenvolvida pela SUDHEVEA, houve pouco interesse por parte de pequenos e grandes agricultores brasileiros pelo plantio de seringueira. Essa atitude por parte desses agricultores era justificada, segundo Dean (1989, p.22), porque “ninguém acreditava que a seringueira podia ser cultivada de maneira lucrativa. Para os fazendeiros isso significava que, mesmo se conseguissem proteger seus seringais contra o mal-das-folhas até o início da produção, não havia mercado para tal produto”.

Os grandes fazendeiros viam, nos sete anos que tinha de esperar para que as árvores de seringueiras plantadas começassem a produzir, uma perda de lucro, uma vez que tinha outras atividades que lhes garantiria um retorno do investimento num prazo de tempo menor e com maiores garantia de sucesso. Assim, recursos destinados ao cultivo da seringueira foram, certamente, desviados para outros fins.

Já os pequenos agricultores, sem experiência no manejo do cultivo da seringueira, sentiam-se inseguros a trabalhar com um produto suscetível a pragas. Essa preocupação se manifestava também pelo fato de terem que aprender a lidar com as técnicas de enxertia e, acima de tudo, ter que contar, durante esse longo tempo, com assistência do governo, vista por eles, como não digna de confiança. Assim, preferiam trabalhar por conta própria e com que já estavam acostumados.

3.4 O Seringal no Contexto Atual

Hoje o seringueiro é considerado um empregado do governo que paga um salário para eles cortarem.
(Francisco Maciel Galvão)

As visitas efetuadas às comunidades ao longo da calha do rio Ituxi mostrou-nos um modelo administrativo nada parecido com o existente na época em que a figura do barracão representava o centro gerenciador da vida do seringueiro, impondo-lhes os regulamentos de acordo com a vontade do patrão daquele seringal. Assim, surge um novo modo de vida, dando uma nova formação espacial, bem diferente daquela do período áureo da extração da borracha, às localidades ribeirinhas.

Hoje, nota-se que a figura da mulher da mata representa o esteio da não segregação do homem com sua terra, indo muito além função de gerar filhos e cuidar dos serviços tidos

como de mulher, ou seja, cuidar do lar. Essas mulheres de hoje, desde muito cedo dão sua contribuição nas atividades desenvolvidas por seus familiares, de modo que, com o passar dos anos estas detêm um vasto conhecimento dos serviços inerente à sua família, seu grupo ou sua comunidade, tendo, desta forma, uma participação extremamente ativa na maioria das atividades desenvolvidas, quer seja no trato com as criações, no corte da seringa, na atividade pesqueira, botando roçado e fazendo a farinha, a goma, a tapioca ou, até mesmo como chefe de família.

Estou dentro de 41 anos, mas, toda vida foi de sofrimento. Minha vida todinha foi vivida no seringal, todinha lá com meus meninos.

[...] Meu ex-marido corta seringa, mas, é muito pouco, eu corto muito mais que ele. Era eu que o sustentava, por isso que meu sofrimento era assim, por que um marido que dá conta não deixa a esposa sofrer tanto.

(Maria das Dores do Nascimento Paiva, seringueira, Lábrea, 2007)

Se antes a presença feminina nos seringais se fazia de maneira bastante tímida, agora, essa população se constitui na maioria. Nos levantamentos feitos com as Comunidades, gerando um total de 131 pessoas, 68 eram do sexo feminino, ou seja, apesar da amostra não ser tão expressiva, acreditamos que esse percentual de 52% registrados nessas comunidades, represente no mínimo uma igualdade entre os gêneros que habitam a região dos seringais do rio Ituxi.

Um outro fator importante e que sofreu uma acentuada mudança diz respeito ao culto religioso. Desde o início da exploração amazônica, principalmente, na busca das drogas do sertão que se faz marcante a presença de missionários na Amazônia, tanto acompanhando o a exploração da região como procurando catequizar os índios e, desta forma, formando povoados e instalando prelazias nos mais diversos rincões da floresta. Em Lábrea, D. Antônio de Macedo Costa criou a paróquia em 06 de setembro de 1878. Nesse mesmo ano, os frades franciscanos Meteo Concioni e José Vila, fundaram, no rio Ituxi, a Missão de Nossa Senhora da Conceição, destinada à catequese dos índios. A partir de então, a força do catolicismo foi muito marcante em toda região do Purus e seus afluentes, levando os missionários a realizarem de tempos em tempos as chamadas “Desobrigas”, que tinham como objetivo levar a palavra de Deus e efetuar as confissões, batizados, crismas, comunhões, 1ª comunhão, encomendação e casamentos.

Nesse sentido, expomos abaixo os relatos, extraído do Livro Tombo da Prelazia de Lábrea II, página 41, de um missionário a respeito das desobrigas no rio Uaquiri no ano de 1962. Diz o missionário:

Como acontece de biênio em biênio, realiza-se pelos seringais da vasta bacia do Rio Uaquiri o serviço da santa desobriga. Dirigiu-se este ano para aquelas longínquas paragens, mandado pela obediência, o Revmo. Pe. Frei Cassiano Amorim de Santa Rita. Viajou a bordo da lancha Brasil Netto, partindo do porto de Lábrea no dia 29 de maio. Contrariando o costume anterior de iniciar pelos seringais do alto, a desobriga presente teve seu começo nos da parte baixa do rio. Visitou os doze seringais existentes. Sendo-se utilizado da canoa movida a remos apenas uma vez, o meio de transporte empregado foi quase unicamente o mular, o que tornou mais penosa a viagem, devido aos empecilhos que se apresentavam. Tem-se a impressão de que cada vez se despoeva mais o seringal. Há muitas doenças e os recursos são muito poucos. Nos barracões onde é recebido o missionário, empenham-se os patrões em fazê-lo da melhor maneira possível bem assim como os seringueiros se achegam não só para trazerem seus filhos a fim de serem batizados, mas ainda para cumprir com os seus deveres religiosos. A seita protestante tem feito alguns adeptos e devido à ignorância dos pobres seringueiros, tem-se infiltrado com algum sucesso, mas tem sempre por barreira a credulidade e a perseverança dos homens da borracha na sua maioria advindos das religiosas regiões cearenses. Também entrou o Padre missionário em contato com a tribo dos Cachararis, indígenas já quase completamente civilizados, sempre prontos a atender ao chamado do sacerdote, ao qual trazem seus curumins a fim de serem batizados.

(fac-símile do Texto original abaixo)

Como acontece de biênio em biênio, realiza-se pelos seringais da vasta bacia do Rio Uaquiri o serviço da santa desobriga. Dirigiu-se este ano para aquelas longínquas paragens, mandado pela obediência, o Revmo. Pe. Frei Cassiano Amorim de Santa Rita. Viajou a bordo da lancha Brasil Netto, partindo do porto de Lábrea no dia 29 de maio. Contrariando o costume anterior de iniciar pelos seringais do alto, a desobriga presente teve seu começo nos da parte baixa do rio. Visitou os doze seringais existentes. Sendo-se utilizado da canoa movida a remos apenas uma vez, o meio de transporte empregado foi quase unicamente o mular, o que tornou mais penosa a viagem, devido aos empecilhos que se apresentavam. Tem-se a impressão de que cada vez se despoeva mais o seringal. Há muitas doenças e os recursos são muito poucos. Nos barracões onde é recebido o missionário, empenham-se os patrões em fazê-lo da melhor maneira possível bem assim como os seringueiros se achegam não só para trazerem seus filhos a fim de serem batizados, mas ainda para cumprir com os seus deveres religiosos. A seita protestante tem feito alguns adeptos e devido à ignorância dos pobres seringueiros, tem-se infiltrado com algum sucesso, mas tem sempre por barreira a credulidade e a perseverança dos homens da borracha na sua maioria advindos das religiosas regiões cearenses. Também entrou o Padre missionário em contacto com a tribo dos Cachararis, indígenas já quase completamente civilizados, sempre prontos a atender ao chamado do sacerdote, ao qual trazem seus curumins a fim de serem batizados.

D. F. + +

Muitas foram às visitas dos missionários aos povos do rio Purus e seus afluentes, principalmente o Ituxi, pelo fato de ali se encontrar muitas famílias.

Na atualidade, a presença de evangélicos supera a de católicos. Nas Comunidades pesquisadas, de 126 pessoas, 74 são evangélicas, ou seja, cerca de 59% dos moradores daquele lugar. E, a tendência é ficar cada vez mais forte e mais ampla a disseminação do culto evangélico em toda a calha do Ituxi, primeiro porque a Igreja católica não se faz tão presente como há tempos atrás, segundo porque essas comunidades contam com a presença constante de um pastor, morador de uma delas, Vila Vitória.

Se o avanço das Igrejas evangélicas continuarem, não fica difícil de percebermos que essas comunidades estarão diante de novos aspectos culturais, uma vez que, por um lado terão o fortalecimento produtivo e familiar pautados no progresso e acúmulo de capital, uma vez que acreditam que a grandeza material é uma dádiva de Deus; por outro, certamente sofrerão a perda dos sentimentos da cultura herdada de seus ancestrais.

A mudança no modo de vida nos seringais do rio Ituxi está sendo de tal forma que até na área educacional, nas Comunidades por qual passamos, existe, em cada uma delas, uma escola de 1ª a 4ª série, que atende as pessoas que moram nas comunidades e as que moram mais próximo. Todos os dias de aula, bem cedo, vêm rio acima ou rio abaixo, canoas com as crianças para estudar na escola daquela comunidade. O professor é pago pelo município e, é obrigado a passar praticamente todo o semestre nas comunidades. Esse quadro pode mudar, uma vez que, percebe-se uma vontade muito grande em poder formar e capacitar professores das próprias comunidades, assim, estes estariam familiarizados com o ambiente ao qual desenvolveria suas funções. Grande parte das famílias com filhos estudando estavam recebendo o benefício do Programa Bolsa Família.

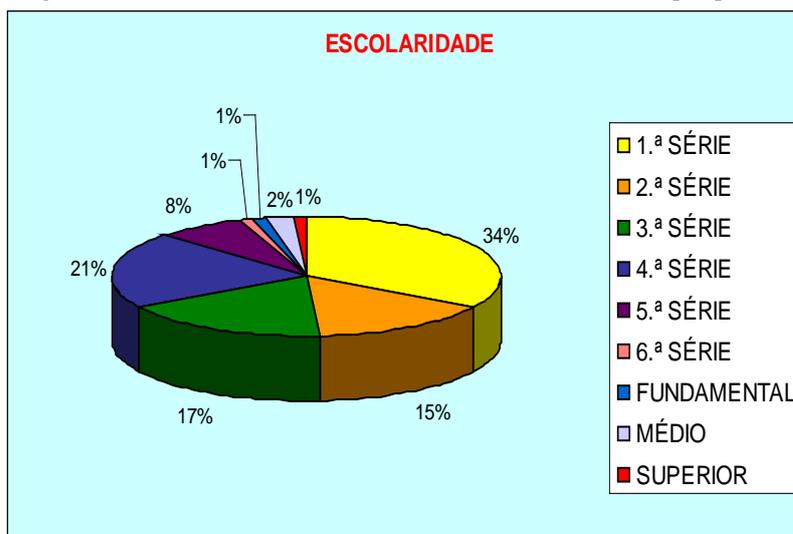
Assim, estas comunidades em nada se parecem com os antigos seringais. Antes, esse seguimento dificilmente chegava aos seringais, levando alguns pais, mesmo diante de uma grande apreensão e incerteza, faziam-se obrigados a mandar seus filhos para casas de parentes nas cidades ou, mudar-se para lá com o intuito que os filhos frequentassem a escola. Agora, mesmo sendo somente com séries iniciais, em vez destes abandonarem sua terra em busca da escola, esta é que se fazem presentes na vida dos seringueiros e de seus familiares.

Nas pesquisas realizadas procuramos saber a relação de homens e mulheres e o grau de instrução de cada um, assim, observamos que das 92 pessoas com idade para exercer as atividades escolares, os que tinham ou estavam cursando entre a 1ª a 4ª série, 41 eram mulheres e 39 eram homens. Entre 5ª e 8ª, 5 eram mulheres e 4 eram homens. Não tinha

nenhuma mulher com o ensino médio ou superior. Por outro lado, os homens se faziam representar com 2 pessoas com o ensino médio e 1 com o ensino superior.

Num segundo momento, procuramos ver a relação deste mesmo universo de pessoas (92) para saber o percentual de representatividade de cada uma com sua escolaridade. Assim, obtemos os resultados de acordo com o gráfico abaixo:

Figura 6: Gráfico do Grau de Escolaridade nas comunidades pesquisadas



Fonte: GALVÃO DA SILVA, Antônio Carlos. Pesquisa de campo, 2007.

Dos 34% que fazem parte da maior fatia, ou seja, os que concluíram ou estão concluindo a 1ª série, praticamente 22% é constituída por pessoas com idade acima de 15 anos. Contudo, em sua maioria, são as pessoas com idade superior aos 30 anos e que só agora têm tido a oportunidade de estudarem.

O segundo maior percentual, é do grupo que fizeram até a 4ª série. Isso é justificado por que são raras as escolas ali sediadas que o ensino abrange a 5ª série. A maioria das escolas só tem capacidade para desenvolver o ensino até a 4ª série, levando muitas vezes o aluno, para não ficar sem estudar, a fazer novamente a 4ª série. Assim, a maioria dos que concluiu a quinta série, não foi nas escolas instituídas nas comunidades. A tendência, se a escola continuar somente com a capacidade de ensino até a 4ª série, é o aumento do percentual para a casa dos 85% dos alunos com esse grau de escolaridade.

Os de 6ª série em diante somente foram concluídas na cidade. Os 2% que representam a conclusão do ensino médio são os filhos do pastor, o único graduado nas localidades pesquisadas.

Da grande parte das pessoas residentes nessa área, os que não nasceram na localidade, já estão há bastante tempo ali estabelecidos. Apesar do longo tempo de residência naquele local, 80% desses ribeirinhos relataram não possuir documentos da propriedade. A maioria está ali estabelecido porque os pais ou os avós exploraram aquele lugar que, é passado de geração para geração mas que são desprovidos de documentação.

As características das residências desses homens e mulheres da floresta acompanharam a mudança ocorrida nos últimos anos no contexto dos seringais. Assim, alguns aspectos estruturais já podem ser observados quanto ao tipo de material a ser utilizado na construção das residências. A estrutura tipo palafita é predominante em toda região, quer seja nas comunidades ou em casas isoladas. Inclusive, na própria cidade de Lábrea esse estilo de construção é bastante utilizado.

Essa mudança é mais sentida nas comunidades, onde o poder de organização em torno do bem comum já começa a sortir efeito. Em Vila Vitória, por exemplo, grande parte das residências não são revestidas mais com paxiúbas, em vez destas, pisos e paredes revertem-se de madeira, enquanto a cobertura recebe o zinco em vez da palha. São casas que se tomarmos como referência às que boa parte da população mora nas cidades, diria que são de boa qualidade.

A predominância de tal estrutura é mais perceptível nas comunidades, contudo, nem todas têm esse mesmo padrão, mas, pelo menos, o piso e as paredes de madeira se fazem presentes em quase a totalidade das casas nas comunidades que foram pesquisadas, tendo suas coberturas predominantemente feitas de palhas.

Uma terceira observação é que nas casas mais deslocadas, mais isoladas, o estilo das casas dos antigos seringueiros permanecem quase que inalterados. São casas muito modestas, compostas geralmente por um único cômodo, pisos e meias paredes revestidas de paxiúbas e cobertas com palhas. Deste modo, percebemos que, para a realidade vivida na floresta, 25% dos moradores residem em casas com boa conservação, 40% em casas com conservação regular e 35% em casas com estado de conservação precária.

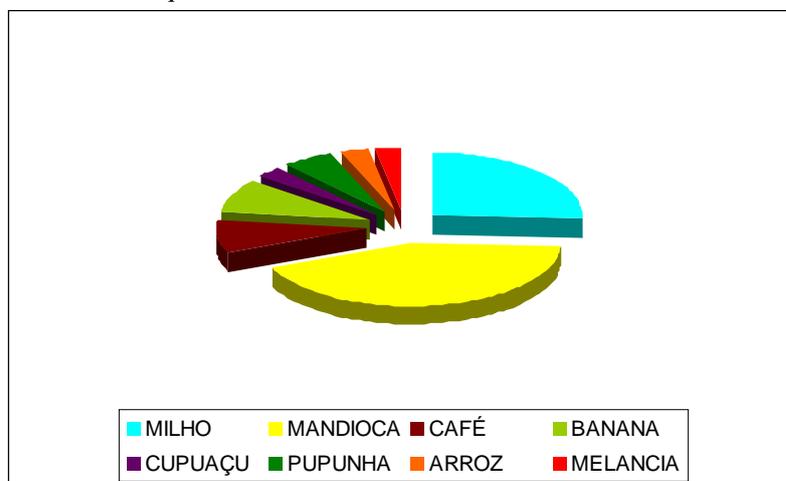
Sem ter a pretensão de negar a capacidade de organização desse ou daquele grupo, seja ele ribeirinho ou não, o fato é vemos nesse novo modelo de organização de famílias ribeirinhas do Ituxi, maior fortalecimento às pessoas que ali residem, tanto na ajuda mútua dos afazeres como também no acesso a benefícios que, para uma família que vive de forma isolada não passaria de mero sonho. Esse fortalecimento comunitário propiciou que 45% das famílias possam, mesmo por poucas horas durante determinado momento do dia, usufruir de energia elétrica gerada por motor. Esse fator fez com que fosse instalada antenas parabólicas

em Vila Vitória, onde há somente uma televisão, pertencente ao pastor, que é também presidente dessa comunidade. Geralmente o motor é acionado por volta das 19: 00h, ficando ligado por aproximadamente duas, às vezes, três horas. Ali boa parte da comunidade, homens mulheres e principalmente as crianças, se reúnem para assistirem as atrações televisivas.

Vale a pena salientar que a velha lamparina ainda faz parte dos principais itens pertencente a uma casa ribeirinha, e pelo visto permanecerá por muitos anos na lista de prioridades do seringueiro, aja vista que, mesmo desfrutando do compartilhamento comunitário, poucos são os que podem contribuir para terem acesso aos benefícios de geração de energia elétrica.

As atividades desenvolvidas pelas famílias ribeirinhas são as mais diversas possíveis. Hoje, para que o trabalhador da floresta possa sobreviver, não pode mais contar simplesmente com a exploração de um produto, como era o caso da extração da borracha. Assim, mostraremos abaixo os principais produtos cultivados pelas comunidades Floresta, Volta do Bucho e Vila Vitória.

Figura 7: Gráfico dos Principais Produtos Cultivados nas Comunidades Pesquisadas



Fonte: GALVÃO DA SILVA, Antônio Carlos. Pesquisa de campo, 2007.

Observando o gráfico, vemos que a produção de mandioca detém quase a metade dos esforços destinados ao cultivo. Esse elevado percentual dar-se pelo fato de que a farinha, além do elevado consumo das próprias famílias, também é o produto mais comercializado. O cultivo das demais culturas é basicamente para atender às necessidades de consumo doméstico. É bom que se diga que o índice elevado no cultivo da mandioca retrata que grande parte dos moradores dessas comunidades estão inseridos no processo da farinha, onde, praticamente cada pai de família tem seu pedaço de terra reservado para tal fim e não que

exista grandes quantidades de terra preparada para o cultivo da mandioca. Boa parte dos moradores cultivam pequenas áreas de terra, mesmo quando a família é constituída por um número elevado de pessoas, como é o caso de um casal da Comunidade Volta do Bucho que, apesar de terem dez filhos, só cultivam 01 hectare de roça. Assim, percebe-se que a produção tirada desse roçado restringe-se à subsistência da própria família.

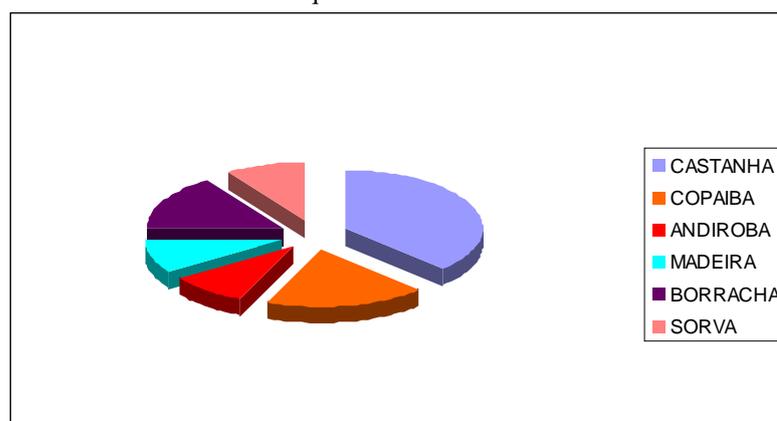
Além desses produtos, a extração de mel de abelha é outra atividade muito explorada pelos moradores dessas comunidades, o qual é levado para ser vendido na cidade de Lábrea.

A criação de gado é uma atividade que só foi observada na Fazenda Chefe e Fazendinha.

A pesca é outra atividade que está quase que exclusivamente voltada para a subsistência da família do próprio caboclo. Poucos são os moradores que fazem dessa atividade um meio de angariar algum recurso financeiro. A pesca é predominantemente artesanal, com uso de caniço, espinhel e tarrafas. Os principais tipos de peixe encontrados no rio Ituxi são, dentre outros, o filhote, o jaraqui, a jatuarana, a matrinchã, o piau, o pacu, o pirarucu, a sardinha, o tucunaré e o tambaqui.

Apesar de uma retração na demanda e, conseqüentemente, preços aquém do desejado, o extrativismo ainda hoje é um seguimento onde 70% dos moradores da floresta procuram explorar e comercializar. Deste modo, expomos abaixo um gráfico que demonstra os percentuais dos produtos mais explorados pelas comunidades em estudo.

Figura 8: Gráfico dos Produtos Explorados com Extrativismo nas Comunidades Pesquisadas



Fonte: GALVÃO DA SILVA, Antônio Carlos. Pesquisa de campo, 2007.

O gráfico retrata o resultado de uma pesquisa com vinte chefes de famílias nas três comunidades. Assim, de acordo com seus relatos pode-se traçar um perfil de atividades

extrativista que mais são trabalhadas pelos ribeirinhos do rio Ituxi, aqui compreendidos pelas comunidades estudadas.

A extração do látex que há anos ostentava como o produto mais explorado em toda a região amazônica, hoje, é o terceiro produto na preferência dos moradores dessa região. Pode-se até pensar que a pouca exploração da seringa possa está ligado ao fato de outro produto da floresta ser explorado no mesmo período da extração do látex. Essa hipótese não é verídica, uma vez que a castanha, produto com maior aceitação para ser trabalhada, é coletada num período compreendido entre fins de dezembro e início de março, ou seja, no período chuvoso, enquanto que a borracha é trabalhada entre os meses de junho a outubro, na estação da seca.

A coleta da castanha é um serviço que requer certa cautela para iniciar sua exploração. O seringueiro deve esperar que todos os **ouriços de castanha** tenham caídos, do contrário, o trabalhador corre sério risco de ser atingido por um, quando de sua queda. No período em que os ouriços estão caindo, os seringueiros evitam ao máximo passar por baixo das castanheiras, e, só começam o trabalho quando já não tem mais ouriços para cair.

Esse serviço geralmente é feito juntamente com os familiares ou então com amigos em base de troca da força de trabalho, ou seja, este presta-lhe tantos dias de serviço que serão pagos mais tarde com o mesmo número de dias trabalhados, desta forma estão sempre se ajudando.

Os ouriços, após caírem, se dispõem em torno do troco da castanheira, seguindo o formato da copa da árvore, que, geralmente, dependendo do porte da castanheira, pode proporcionar uma circunferência com diâmetro em torno de 60 metros. Assim, o seringueiro quando vai para mata quebrar castanha, começa juntando todos os ouriços da parte externa da circunferência para dentro, pega um ouriço e joga em direção ao troco da árvore e assim procede com todos, até que estes estejam reunidos em um ou mais montes de cocos. O seringueiro senta-se ali mesmo no chão e, com grande habilidade no manejo do facão, põe-se a quebrar aqueles ouriços. Duas ou três investidas com seu afiado facão e logo o coco expõe as nutrientes castanhas. Pega-se esse coco aberto, retira o **umbigo** e bate dentro de um panaco ou paneiro as duas partes do ouriço para desprender as castanhas. Quando a carga está pronta, o caboclo leva-a para beira de um rio onde faz o processo de lavagem, retirando as estragada. Após essa lavagem a castanha é levada para um depósito onde posteriormente será comercializada.

A extração do óleo da copaíba e da andiroba são obtidos entre os meses de janeiro a maio, contudo, alguns seringueiros relatam que a copaíba pode ser trabalhada durante todo ano. Desta forma, visando diminuir os custos da exploração, os seringueiros aproveitam para

extrair os óleos de copaíba e andiroba no mesmo período da coleta da castanha, tendo em vista que os igarapés nesta época estão cheios, tornando acessível o deslocamento até as colocações. Existem três tipos de óleo de copaíba, o óleo avermelhado e denso, utilizado na fabricação de tintas e vernizes, o óleo fino e amarelado e o óleo fino de cor quase azulado, usado na medicina e farmácia pelos seus efeitos balsâmicos. Fontes do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário do Estado do Amazonas - IDAM - afirmam que a produção ainda é pequena comparada ao potencial existente, uma vez que nesse município existem grandes concentrações dessa espécie, tanto nas várzeas como na terra firme. diz também que a maior quantidade concentra-se nas terras altas dos igarapés de terra firme, em terras centrais. Desse potencial, grande parte encontra em ares indígenas, sendo pouco explorado pelos índios.

O leite da sorva é extraído nos meses que vão de novembro a maio, sendo assim, extraída em sua grande parte no período da extração da copaíba, andiroba e castanha.

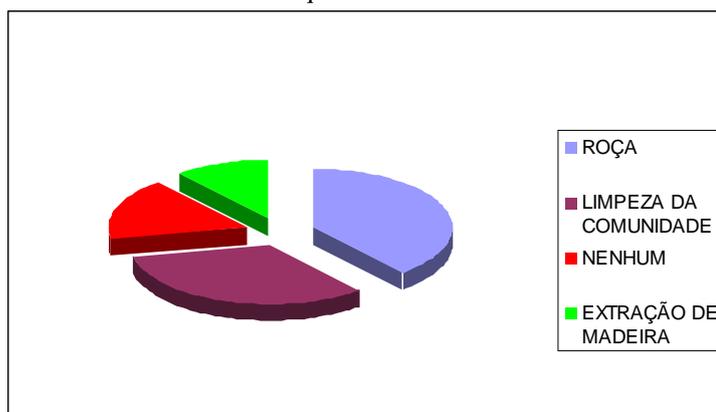
A madeira da copaíba é de boa qualidade, contudo, sua extração é proibida. Seu óleo é retirado por incisão com trado, onde a média de produção, de acordo com os próprios seringueiros, é de 15 a 18 quilogramas de óleo por árvore adulta. Os principais afluentes do Rio Purus que tem uma grande concentração de copaibeiras são: Rio Tapauá, Rio Ituxi, Rio Sepatini, Rio Mamuriá e Rio Pauini.

A madeira é retirada no período de janeiro a abril, mas, seu destino não são as serrarias, ela é retirada da floresta basicamente para atender às necessidades dos moradores locais, seja na construção dos meios de transporte ou para servir de assoalhos e paredes de suas casas. Uma pequena parcela de ribeirinhos ganha algum dinheiro trabalhando na confecção de embarcações do tipo cascos e canoas ou tirando prancha para outros ribeirinhos.

Quanto ao associativismo, foi constatado que 60% dos moradores dessas comunidades participam ativamente de algum tipo de associação e que estas já têm proporcionado alguns benefícios, como por exemplo, dentre outros: motor de luz, engenho, escola, orientação quanto ao plantio de andiroba, ajuda de materiais e ferramentas, bem como proposta de criação de uma Reserva Extrativista na região. Esses ribeirinhos também estão inseridos no processo de desenvolvimento da comunidade por meio de reuniões.

Um outro aspecto observado nessas comunidades diz respeito à ajuda mútua com que os moradores desenvolvem suas atividades, onde, o que prevalece é o bem comum. Deste modo, o gráfico abaixo mostrará as principais atividades partilhadas por boa parte das pessoas que compõem essas comunidades.

Figura 9: Gráfico dos Percentuais de Participação em Mutirão nas Comunidades Pesquisadas



Fonte: GALVÃO DA SILVA, Antônio Carlos. Pesquisa de campo, 2007.

O roçado sempre foi uma atividade que leva uma gama muito grande de pessoas a praticarem juntas as várias etapas do processo do cultivo da roça, principalmente quando chega à época da colheita, seja do milho, do feijão ou da mandioca, o fato é que os ribeirinhos afloram ainda mais o sentimento de felicidade por fazerem parte da fartura que a natureza põe em suas mesas.

Na região puruense é costume os parentes e amigos participarem ativamente da grande festa que a farinhada proporciona. Enquanto parte dos homens vão ao roçado arrancar mandioca, outros, juntamente com mulheres e crianças ficam na casa de farinha para raspar, ralar e colocar na prensa para enxugar. Dali a massa é retirada e levada para a peneira, onde são retiradas todas as impurezas como os fiapos e talos da mandioca, chamado de crueira pelo ribeirinho. Da peneira ao forno quente, onde, incessantemente é revirada de um lado para o outro com o auxílio de um remo e, algum tempo depois a farinha está pronta para ser apreciada com peixe assado na boca do forno. Da mandioca, além da tradicional farinha, ainda podemos obter o bolo de massa puba, o beiju e a goma, com a qual fazemos a farinha de tapioca e a própria tapioca.

Assim, não nos surpreendeu o fato dessa atividade ficar acima até mesmo das atividades desenvolvidas na comunidade. Contudo, um outro dado que chama atenção foi o percentual elevado de pessoas que não praticam do serviço de mutirão, isso, certamente está atrelado aos 40% dos moradores dessas comunidades que não mantêm vínculo com a associação e, na maioria dos casos por acharem que estas não o representam como deveriam. Deste modo, acena-se no sentido que esses fatos são frutos de comunidades jovens que ainda estão em fase de estruturação político-sócio-econômico-religioso.

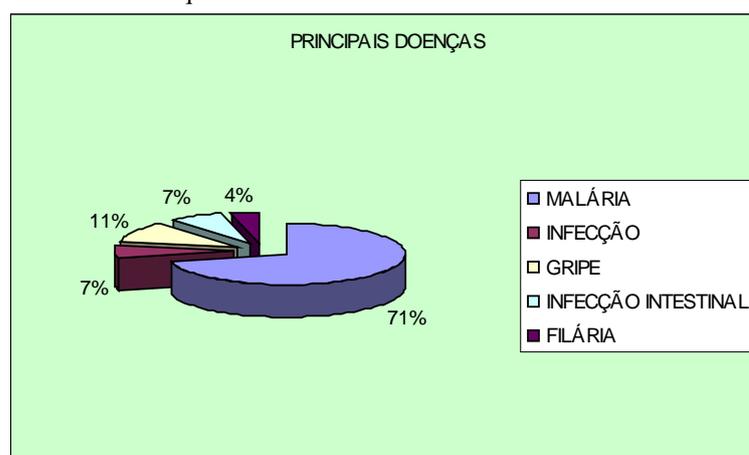
Olhando cruamente para os percentuais, diríamos que, pelo elevado número de pessoas que praticam a atividade de exploração de roçados, existem uma área consideravelmente grande desmatadas, ledô engano, esses homens e mulheres mantêm seus roçados quase que exclusivamente para o consumo de sua própria família, sendo negociado somente o excesso. Geralmente, o plantio não passa de 01 hectare por família.

O lucro advindo da força de trabalho desses ribeirinhos serve, numa ordem crescente de percentuais, para pagar pequenos empréstimos, comprar equipamentos, gastos com saúde, contribuições para a igreja e na subsistência da família, por meio de aquisição de alguns produtos alimentícios, munição, roupas gasolina, querosene dentre outros.

A vida na floresta é permeada por muitos sacrifícios, uma vez que não são poucos os obstáculos que os moradores de uma região como a que estamos tratando tem que enfrentar. No entanto, o que mais abala o ânimo do seringueiro não é o fato de está vivendo em um lugar isolado, não são os perigos representado pelos animais da floresta ou os dos rios e lagos, ou pelos inúmeros piuns, carapanãs e mutucas, mas, acima de tudo, pelas doenças que incessantemente assola as famílias que, por sua vez, não dispõem de meios suficientes para se prevenir, curá-las ou combatê-las.

Nesse particular, o gráfico abaixo ilustra as doenças que mais predominam nas localidades pesquisadas e que representam as principais preocupações para os moradores dos seringais.

Figura 10: Gráfico das Principais Doenças que Afetam as Comunidades Pesquisadas



Fonte: GALVÃO DA SILVA, Antônio Carlos. Pesquisa de campo, 2007.

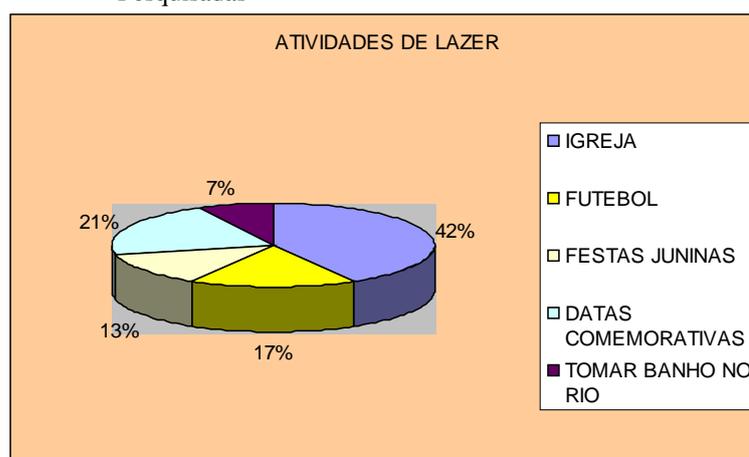
Para o tratamento dessas enfermidades, 39% dos moradores contam com o apoio do banco da Fundação Nacional de Saúde - FUNASA que por aquelas localidades, geralmente,

passam a cada 60 dias. Outros 33%, não agüentando esperar o barco da fundação, deslocam-se para a cidade de Lábrea à procura de cura para as enfermidades que lhes atormentam. Os 28% restante buscam o tratamento por meio dos recursos da própria natureza, ou seja, por meio de chás de casca de pau e ervas medicinais, como por exemplo, dentre outros: a casca da castanheira que serve para combater o colesterol, diabete e inflamações; a casca da copaíba para o combate de inflamações e gastrite; a casca do jatobá (fazer um melado) para asma; a casca do uxi para inflamação; quina-quina para malária; o óleo de andiroba com mel usado contra gripe, asma, bronquite e verminoses; o amor-crescido usado no combate a vermes e disenteria.

Apesar da maioria dos moradores das comunidades pesquisadas serem evangélicos, grande parte ainda cultua os ensinamentos que outrora faziam parte quase que indelével das famílias ribeirinhas daquela época, que foi difundido para seus descendentes, de modo que, mesmo numa comunidade onde a religião não cultua tal crença, é muito vivo o apego às curas por meio de benzedeiras, curadores, rezadores e parteiras.

Entrementes, a vida nos seringais não se resume somente em trabalho e doenças, existem momentos que o seringueiro e sua família desfrutam das atividades festivas e comemorativas como em qualquer outro lugar. Nesse particular, mostraremos por meio do gráfico abaixo as principais atividades de lazer que os ribeirinhos pertencentes às comunidades objeto deste estudo tem como entretenimento.

Figura 11: Gráfico das Principais Atividades de Lazer nas Comunidades Pesquisadas



Fonte: GALVÃO DA SILVA, Antônio Carlos. Pesquisa de campo, 2007.

Como vemos, ir à igreja e participar de seus festejos é o principal meio que aquelas pessoas têm como entretenimento e, sentem-se realizadas por fazerem parte daquele momento de alegria e confraternização.

As datas comemorativas se referem, dentre outras, aos aniversários das pessoas, da associação, da Igreja, dia das mães, dos pais e independência do país.

Um dos maiores divertimentos das populações ribeirinhas é o banho no rio, aonde, diversas brincadeiras são postas em práticas, desde uma disputa para ver quem nada mais rápido, quem tem o maior fôlego ou as “brigas” das duplas, um montado no ombro do outro. Além desta natural brincadeira, o povo da floresta também se diverte com as caçadas de baladeiras por parte das crianças e com arma de fogo pelos adultos.

Para falar de seringal no município de Lábrea, além da pesquisa de campo efetuada nas comunidades anteriormente mencionadas, buscamos informações também com alguns ex-seringueiros que moram na sede do município, bem como, junto aos bancos de dados da Comissão de Desenvolvimento do Agroextrativismo - CODAEX/AM e do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário do Estado do Amazonas IDAM, cujo objetivo é promover o desenvolvimento rural sustentável, centrado no fortalecimento das atividades agropecuárias.

Os ex-seringueiros que visitamos na cidade de Lábrea, sejam aposentados ou não, em geral seu padrão de vida são semelhantes, com o aposentado levando vantagem, uma vez que sabe que pode contar com o auxílio recebido todo o mês, enquanto que os outros, graduados somente nos serviços inerente aos recursos da mata, são obrigados a assimilar um novo modo de vida e viverem de pequenos serviços de capina, embarque e desembarque de mercadorias dos recreios, lavagem de roupas, trabalhos domésticos e assim por diante.

Nas conversas mantidas como ex-moradores de seringal, ficou bastante claro que sentiam saudades do lugar onde moravam, da terra, da mata, dos rios, do canto dos pássaros, da tranqüilidade que a vida na mata proporciona, do ar puro... Contudo, o que mais lhes emocionava e incomodava era quando falavam da fartura que a natureza lhes proporcionava.

Eu gosto muito do interior, gosto mesmo, acho bom, acho bom mesmo, porque tudo é farto. Lá ninguém compra peixe; a farinha a gente é quem planta, a gente faz, colhe... Quando eu estou no interior, Deus o livre, é muito difícil alguém me encontrar em casa, é só na mata. Ali eu tiro um cipó, tiro uma arumã. Arumã é uma pacovinha que tem uma palhazinha larga que tem a canelinhazinha bem lizinha que a gente faz peneira para peneirar farinha

(Maria das Dores do Nascimento Paiva, seringueira, Lábrea – AM, janeiro de 2007)

Lá nós tínhamos de tudo, íamos ao rio e trazia um peixe fresco, entrávamos na floresta e matávamos uma caça, plantávamos roçados e dali colhíamos milho, feijão, jerimum, melancia, maxixe, macaxeira, mandioca, e desta a farinha...Era muito farto. Aqui, na cidade, quando aparece um peixe já está mole e a gente tem que pagar caro para tê-lo.

(Dalila Gomes da Silva, ex-seringueira, Lábrea –AM, Janeiro de 2007)

O último relato é uma fala da vida da maioria dos ribeirinhos que não tiveram mais como viverem nos seringais e que optaram por tentar a vida nas cidades. Imediatamente vem a pergunta: se no seringal era melhor que na cidade, por que então essas pessoas saíram de lá? Mediante alguns relatos pudemos perceber que muitos saíram dos seringais por que não havia mais quem lhes aviassem. Nos tempos dos aviadores, apesar dos produtos serem caros, os ribeirinhos podiam comprar e pagar no fim do fábriço, agora, se tiverem que comprar os utensílios e mantimentos que precisam, os seringueiros tem que ir até a cidade comprá-los e, o pagamento só pode ser efetuado no valor total da compra e, de modo imediato, uma vez que o comerciante não tem interesse de vender de outra forma. Deste modo, o seringueiro sem poder aquisitivo para bancar suas necessidades, devido ao alto custo de transporte, bem como o tempo desperdiçado para tal aquisição, não tendo alternativa, vende ou abandona sua propriedade e procura se refugiar nas cidades.

A produção extrativista no município de Lábrea nos dias atuais, principalmente na extração do látex, está muito aquém da produção que, no período áureo da borracha colocou-o entre os principais municípios produtores de borracha do Estado do Amazonas e, por conseguinte, firmando-se também como uma das principais arrecadações do Estado.

De acordo com informações colhidas do relatório da Gerência da Unidade Operacional da Comissão de Desenvolvimento do Agroextrativismo - CODAEX/AM - em Lábrea, este município chegou a produzir 2.000 toneladas por ano, com mais de 2.500 seringueiros diuturnamente cortando seringa e que chegou a contar com uma indústria de beneficiamento para a produção do GEB (Granulado Escuro Brasileiro), que movimentava a economia da cidade, gerando mais de 400 empregos, sendo 150 diretos e 250 indiretos. Ressalta ainda que a atividade do corte de seringa nunca chegou a ser totalmente desativada, uma vez que a menor quantidade de produção de borracha que se tem notícia gira em torno 16.000 quilogramas anuais, tendo sessenta seringueiros trabalhado nessa produção.

No ano de 2002, o setor foi estimulado por políticas públicas do Governo do Estado do Amazonas por meio da - CODAEX, com distribuição de 350 kits para os produtores e com o pagamento de subsídio econômico no valor de R\$ 0,60 por quilo de borracha produzida. Foram beneficiadas 180 famílias, gerando um valor total de R\$ 34.159,20 em subsídios. Assim, em conformidade com o relatório da CODAEX/AM em Lábrea / IDAM, a média de Produção por comunidade foi de 1.211 quilos e a produção por Seringueiro de 327 quilos, onde a média do subsídio por seringueiro foi de R\$ 196,31 e média de renda agregada de R\$ 523,51, ou seja, o valor de mercado da borracha acrescido do valor do subsídio. Vale lembrar que a quantidade de borracha acima mencionada corresponde ao total de borracha produzida

pelas comunidades ligadas ao programa de subsídio, uma vez que a produção total de borracha no município chegou a 80.000 quilogramas.

Os kits são fabricados na cidade de Lábrea, tendo como matéria prima o zinco. Cada kit é composto por 250 tigelas, 02 terçados, 02 facas de cortar seringa, 02 baldes e 01 poronga, tendo um custo total de R\$114,00 (cento e quatorze reais). Além desses incentivos, havia para o ano seguinte, uma perspectiva de implantação de uma usina de beneficiamento, fato este gerador de muitas expectativas tanto por parte dos seringueiros como dos comerciantes, uma vez que teriam a garantia de que toda a produção, não só do município de Lábrea, seria comprada, mas também, às dos municípios vizinhos: Canutama e Pauini.

Segundo a Gerência da Unidade Operacional da CODAEX/AM em Lábrea / IDAM, no ano de 2002 foram cadastrados mais de 400 seringueiros pela Associação dos Produtores Agroextrativistas da Colônia do Sardinha - ASPACS. Onde, 186 já estavam produzindo borracha, ao passo que outros estão trabalhando em reabertura de estradas de seringa e colocações para explorá-las no ano de 2003, com expectativa de que a produção possa chegar a 150 toneladas.

Esses incentivos objetivam estimular a produção da borracha natural bem como outros seguimentos extrativistas, possibilitando a criação de mais empregos e, conseqüentemente, melhorando as condições de vida das famílias ribeirinhas. Tal mudança no perfil da economia fará com que essa população rural permaneça em suas terras, contribuindo para manutenção e preservação das florestas e dos rios.

Dentre as políticas governamentais do Estado do Amazonas, proposta para o setor extrativista, está o incentivo ao plantio da seringueira, por meio de enxertia de copa com clones resistentes às pragas. Desta maneira, no ano de 2002, houve a implantação de um projeto da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA – na Unidade de Observação na Comunidade do Tauaruã – localizada a pouco mais de duas praias a jusante da cidade de Lábrea, tendo como ponto de partida três produtores com 01 hectare plantada de seringueiras. Infelizmente esse projeto não teve continuidade, foi abandonado por falta de assistência técnica.

O programa de subsídio do Governo do Estado do Amazonas não permite que a figura do regatão se faça presente no processo, uma vez que o pagamento do subsídio é repassado diretamente à Associação que, por sua vez, repassará aos seringueiros.

As expectativas para o setor extrativista da região puruense, no ano de 2003, eram as melhores possíveis, no entanto, só não se configurou como uma total decepção por que os seringueiros que tinham recebido os incentivos no ano anterior puseram-se a cortar seringa.

Assim, motivada por questões políticas governamental, o acompanhamento da atividade extrativa não foi devidamente executada. Nesse ano, exceto os dados relativos à coleta do látex, como veremos na tabela 4, a CODAEX/AM em Lábrea / IDAM praticamente não registra dados da produção extrativista. A pouca exploração extrativista nesse ano foi sentida na economia do município, uma vez que mais da metade de sua economia provêm dessa frente de trabalho, o qual gera renda e emprega mais de 45% das famílias ativas.

No ano de 2004 houve um aumento significativo na produção da borracha. O mesmo aconteceu com o valor da subvenção por quilo produzido de borracha que passou de R\$ 0,60 (sessenta centavos de real) para R\$ 0,70 (setenta centavos de real) e o preço comercial de R\$ 0,80 (oitenta centavos de real) para R\$ 1,50 (um real e cinquenta centavos), perfazendo um valor final de R\$ 2,20 (dois reais e vinte centavos) por quilo de borracha produzida.

Apesar da boa produção, em comparação aos anos anteriores, alguns fatores contribuíram significativamente para que a produção de borracha no município deixasse de ser ainda maior: primeiro por que os seringueiros, desconfiados do que acontecera no ano anterior, muitos preferiram apostar no plantio de feijão de praia e não se dedicaram ao corte do látex como se esperava; a falta de Kits para trabalhar com a seringa também influenciou porque bastantes seringueiros novos vislumbravam exercer essa atividade, mas, não dispunham de material. Outro fator que contribuiu sobremaneira para não haver uma produção ainda melhor foi às eleições municipais, onde muitos seringueiros se dirigiram para a cidade durante o período das campanhas em busca de lograr algum favor ou qualquer doação dos políticos, retornando às atividades após as eleições, assim, pouco foi feito, pois já havia chegado o período das chuvas, os impedindo de cortar. Além disso, tem os que defendem a tese de que se os 30% do potencial de seringueiras do município não se localizassem em áreas indígenas, ao passo que são poucos os índios que se interessa por essa atividade, a produção poderia ser muito maior.

A continuidade do programa de incentivo aos ribeirinhos quanto ao corte da seringa, principalmente com distribuição de kits fizera com que a produção de borracha de 2005 tivesse um significativo aumento, conforme observado na tabela 4 abaixo. Deste modo, as políticas governamentais do Estado do Amazonas, por meio da Agência de Florestas e Negócios Sustentáveis do Amazonas – AFLORAM, em parceria com o Conselho Nacional dos Seringueiros – CNS, distribuiu para o município de Lábrea 125 Kits. Os quais foram confeccionados na sede do município de Lábrea.

No ano de 2004, a Castanha do Brasil se configurou, como demonstrado na tabela 4, logo abaixo, como o principal produto extrativo do município de Lábrea, não só pelo volume

ou pelo capital que o produto gera, como também pela quantidade de famílias que ele envolve, tanto no processo da coleta como da produção. Segundo informações do relatório da CODAEX/AM em Lábrea / IDAM, em torno de 40% dos castanhais explorados no período áureo da castanha em território labrense estão em reservas indígenas, e, por isso, deixam de serem coletados. Por outro lado, incentivos públicos, tanto Estadual como Federal, bem como a implantação do Programa das Boas Práticas de Manejo da Castanha, apresentando um produto de melhor qualidade junto ao mercado, proporcionaram uma substancial melhoria para o setor, passando de R\$ 3,00 em 2002 para R\$ 16,00 em 2004 o preço pago pela lata do produto.

A andiroba, abundante por quase toda área de várzea da calha do Rio Purus, apenas uma média de 20% da capacidade do produto estar sendo explorada, mesmo assim, no ano de 2004 houve um grande avanço no setor. Primeiro pelo fato da Comissão da Pastoral da Terra – CPT ter provocado uma concorrência direta com os regatões para a compra do óleo artesanal da andiroba produzidos pelos ribeirinhos, tornando o preço do produto um pouco melhor. Com a implantação da mini-usina de óleos vegetais, a ASPACS começou a comprar as amêndoas, aumentando ainda mais o interesse dos produtores, tanto na extração do óleo artesanal, como na venda das sementes excedentes para a usina.

A produção do óleo de copaíba no município de Lábrea em 2004 foi a maior registrada nos últimos anos, tendo como principais compradores o senhor Dário Pantoja, Geam Barros (atual prefeito do município), Santino Araújo e Suda Ferreira, os quais pagam ao produtor o equivalente a R\$ 5,00 (cinco reais) pelo quilo do produto. A indústria, por sua vez, paga aos intermediários R\$ 11,00 (onze reais) pelo mesmo quilo de óleo. Toda produção de óleo de copaíba comercializada no município é vendida principalmente nas cidades de Manaus e Belém.

De modo geral, o setor extrativista no ano de 2005 foi positivo, com ligeira diminuição de produção na extração do óleo de copaíba e na coleta de castanha, como mostra a tabela 4 abaixo. No entanto, com os incentivos e parcerias, junto à Associação de seringueiro, o setor do corte da seringa obteve um estímulo bastante acentuado na coleta do látex. O número de seringueiros em atividade aumentou consideravelmente ao passo que o Programa da Subvenção Econômica da Borracha deixou de ser uma exclusividade do município de Lábrea e foi expandida ao longo da Calha do Purus aos municípios de Canutama, Pauini e Boca do Acre. Deste modo, pode-se, nos anos seguintes, obter um substancial aumento na produção de borracha e na quantidade de seringueiros associados e dispostos a praticarem a extração do látex.

Tabela 4 – Exploração do Extrativismo no Município de Lábrea de 2002 a 2006

ANO	PRODUTO	PRODUÇÃO Kg/Lt/M ³	SUBVENÇÃO (R\$)	NÚMERO DE SERINGUEIRO PRODUZINDO	VALOR TOTAL DA PRODUÇÃO Kg/Lt/M ³
2002	Borracha	80.000	34.159,20	186	98.159,20
	Copaíba	-	-	-	-
	Andiroba	-	-	-	-
	Sorva	-	-	-	-
	Castanha	-	-	-	-
	Madeira	-	-	-	-
2003	Borracha	79.688	55.781,60	223	111.563,20
	Copaíba	-	-	-	-
	Andiroba	-	-	-	-
	Sorva	-	-	-	-
	Castanha	-	-	-	-
	Madeira	-	-	-	-
2004	Borracha	116.159	42.923,30	233	217.161,80
	Copaíba	42.382	-	220	466.202,00
	Andiroba	12.000	-	150	105.520,00
	Sorva	-	-	-	-
	Castanha	181.000	-	1.120	2.172.000,00
	Madeira	2.400	-	120	1.440.000,00
2005	Borracha	132.954	53.533,90	257	266.260,30
	Copaíba	35.570	-	220	254.990,00
	Andiroba	13.520	-	165	122.380,00
	Sorva	11.120	-	50	22.240,00
	Castanha	178.500	-	1043	3.343.000,00
	Madeira	-	-	-	-
2006	Borracha	71.805	41.113,10	410	135.085,90
	Copaíba	25.350	-	200	281.250,00
	Andiroba	16.510	-	111	80.633,00
	Sorva	11.120	-	50	22.240,00
	Castanha	131.250	-	1013	2.344.260,00
	Madeira	-	-	-	-

Fonte: Relatórios do CODAEX/IDAM, 2007.

Ao contrário do esperado, a produção extrativista no ano de 2006 teve, como mostra o quadro a cima, em praticamente todas as atividades extrativas, uma queda na produtividade, acentuando-se ainda mais no setor da coleta do látex, com uma redução de 46% em comparação ao ano anterior. Tal redução, de acordo com o relatório anual executado pela CODAEX/AM em Lábrea / IDAM, ocorreu devido aos três seringais: Independência, Cachoeira do Hilário e São João, potenciais produtores de borracha, terem sido incluídos na reserva indígena, o que ocasionou o impedimento dos seringueiros continuarem com suas atividades nesta região. Outro fator que influenciou significativamente está diretamente relacionado ao verão rigoroso que afetou as seringueiras, diminuindo a quantidade de leite

produzido. Por último, atribui-se também ao aumento de preço pelo quilo de feijão de praia que, passou de R\$ 0,80 (oitenta centavos de real) para R\$ 1,20 (um real e vinte centavos). Ora, boa parte dos seringueiros, no contexto atual, se fortalece de outras atividades, assim, dependendo do momento do mercado, os seringueiros passam à condição muito mais de agricultores, deixando em segundo plano a coleta do látex para investir em outra atividade. Contudo, as expectativas dos especialistas da CODAEX e do IDAM é que, no ano de 2007, a produção possa aumentar, visto que a Prefeitura Municipal de Lábrea criou a Subvenção Municipal no valor de R\$ 0,30 (trinta centavos de real) por quilo produzido. Além disso, as projeções para o preço do feijão de praia são de queda. Tudo isso, poderá levar os seringueiros a migrarem efetivamente para a produção da borracha.

A meta para 2007 é a viabilização da produção de 310 toneladas de borracha ao longo da calha do rio Purus, com expectativa que o município de Lábrea produza 80 toneladas. Para isso, dentre outras ações, precisaria que outros municípios sejam inseridos no programa de subvenção, cadastramento de seringueiros e distribuição de quites de seringa, bem como incentivar as prefeituras das cidades de Canutama, Pauini e Boca do Acre a seguirem o exemplo de Lábrea e criarem, também, a subvenção municipal para o setor da extração do látex.

Até pouco tempo a produção de borracha era levada para a cidade de Belém e Sena Madureira no Estado do Acre. No entanto, atualmente essa produção está sendo destinada à cidade de Manicoré - AM, visto que lá fora instalada, em outubro de 2007, uma fábrica de beneficiamento do produto.

A castanha, vitimada pelas oscilações naturais e costumeira entre as safras; o preço inferior ao do ano de 2005, desestimulou os coletores do produto; a falta de concorrência; e a questão da ocupação do Sul do município por fazendeiros, tudo isso contribuiu para que a produção tivesse uma redução de 23% em comparação à safra de 2005.

A previsão da Gerência da Unidade Operacional da Comissão de Desenvolvimento do Agroextrativismo - CODAEX/AM - em Lábrea, para o ano de 2007, é que pode haver uma queda nos preços, mas, por outro lado, as previsões levam a crer que a produção da castanha será ainda menor do que a de 2006, primeiro pela experiência que os ribeirinhos têm nessa atividade, onde, por motivo natural, existem variações de produção de uma safra para outra; segundo pela entrada de grileiros no alto Ituxi, região com grande potencial de castanha e onde os extrativistas estão sendo obrigados a saírem da terra.

A produção de castanha é destinada às cidades de Manaus, Belém, Minas Gerais e São Paulo. Esse produto segue de forma in natura. Vale a pena ressaltar que está previsto, para o

ano de 2008, a inauguração de uma fábrica de beneficiamento de castanha na cidade de Lábrea.

O crescente aumento na produção de óleo de andiroba no ano de 2006 teve como barreira a pouca procura pelo produto. O óleo artesanal produzido pelos ribeirinhos e comercializado com a empresa de processamento de purificação de óleo de copaíba e andiroba para os laboratórios de cosméticos e beleza, CRODA DA AMAZÔNIA S/A - CRODAMAZON - pela CPT, nesse ano, não dispuseram de mercado para sua comercialização; o Convênio da CPT não foi renovado, proporcionando falta de recursos para bancar a compra da produção de óleo, ficando, desta forma, uma quantidade considerável de óleo nas comunidades produtoras e, sem qualquer perspectiva de comercialização. Do mesmo modo, aconteceu com a produção do óleo industrial, falta de mercado, sendo somente vendida uma pequena quantidade, o que levou a associação, para não ter prejuízos, suspender a produção do óleo.

O baixo rendimento na produção do óleo de copaíba está ligado basicamente aos mesmos fatores que ocorreram com a produção do óleo de andiroba, sendo que o percentual de árvore de copaíba em terras indígenas é bem maior do que nas outras atividades - cerca de 60% - os quais não são praticamente explorados pelos índios. Contudo, estima-se que essa produção ainda está muito aquém do potencial que o município dispõe.

O preço do produto é outro fator que levou o ribeirinho a não explorar com afinco a extração do óleo de copaíba. A falta de concorrência obriga o seringueiro vender sua produção para os comerciantes, os quais pagam R\$ 4,00 (quatro reais) por quilo do produto. As associações existentes, por falta de capital não conseguem comprar, apenas a ASPACS, pagando um valor de R\$ 6,00 (seis reais) por cada quilo, consegue comercializar apenas 800 quilogramas, uma quantidade muito pequena em comparações com os 24.550 quilogramas negociados pelos comerciantes. O óleo da copaíba e andiroba é destinada à cidade de Manaus e São Paulo para uso medicinais e cosméticos.

A extração do leite da sorva está sendo pouco explorada, uma vez que a demanda pelo produto, assim como o seu preço, são relativamente baixos, sendo vendido a R\$ 2,00 (dois reais) o quilograma. A comercialização da produção de sorva é destinada exclusivamente à cidade de Lábrea, onde, é transformada em breu para atender às necessidades de calafetes de embarcações. De acordo com os relatórios apresentados pela CODAEX/AM em Lábrea / IDAM, talvez por engano, o fato é que a produção dos anos de 2005 e 2006 dispõe dos mesmos números de produção.

O potencial madeireiro do município de Lábrea é muito grande, contudo, a produção ainda se faz muito tímida diante da quantidade de árvores que poderiam ser exploradas, no entanto, essa pequena produção se justifica pela falta de projetos de manejo para legalizar a extração da madeira, licença do IBAMA, legalização das terras, necessidades de máquinas e equipamentos modernos. Mesmo diante de todas essas deficiências, o município, no ano de 2004, contou com a extração de 2.400m³ de madeira, gerando 120 empregos diretos e 210 indiretos, com faturamento anual de R\$ 1.440.000,00. Os principais tipos de madeiras extraídas são, dentre outras: Itaúba, Massaranduba, Piranheira, Angelim e louro preto. De toda a produção de madeira, 60% são usados para atender a demanda da própria cidade, os outros 40% são beneficiados em portas, cadeiras e móveis em geral e, destinados à cidade de Manaus.

Além dos produtos mencionados, a calha do rio Purus também é rica em outros produtos, como o cacau nativo, localizados principalmente nas **restingas** e colhido de fevereiro a junho. Assim como a castanha, o cacau também apresenta alternância em sua produção – se num ano a produção é boa, no outro, colhe-se muito pouco e, assim, segue o ciclo ano após ano.

Apesar de só poderem contar com os regatões para efetuarem a venda das sementes de cacau, visto que as associações existentes ainda não comercializam esse produto, mesmo assim, essa atividade se configura como uma boa alternativa para que as famílias ribeirinhas vislumbrem um aumento de renda e aproveitem uma parte das sementes para o consumo em forma de chocolate.

A produção de cacau em 2006 foi de 10.500 quilogramas, sendo vendido a R\$ 2,00 (dois reais) o quilo. O processo de coleta envolveu 62 famílias.

Outro produto que vem crescendo a cada ano no município de Lábrea é a produção do vinho de açaí. Sua fabricação é exclusiva para atender o consumo da própria comunidade labrense. A demanda interna pelo produto não consegue consumir toda a produção, fazendo com que os preços permaneçam o menor possível. Aliado a isso, o setor sofre pela distância do município dos grandes centros consumidores bem como pela falta de transporte e armazenamento adequado, o que propicia a estagnação desse segmento de mercado, impedindo, desta forma, uma maior expansão do produto.

A produção do vinho de açaí é tipicamente caseira e, os trabalhadores são, salvo raras exceções, membros da própria família. Estima-se que se houvesse demanda suficiente para consumir a capacidade produtiva do setor, a produção tinha condições de ser três vezes maior do que a que se apresenta hoje, conforme ilustrado nas duas tabelas abaixo. Primeiro expomos

os dados relativos à extração do produto, enquanto que na segunda tabela, demonstraremos a produção de vinho do açaí.

Tabela 5 – Produção de Caroços de Açaí

ANO	PROD. DE CAROÇOS / LATAS (18 LITROS)	Nº DE FAMÍLIAS ENVOLVIDAS	VALOR PAGO POR CADA LATA (R\$)	RECEITA DA PRODUÇÃO (R\$)
2004	15.080	110	5,00	75.400,00
2005	20.035	150	5,00	100.175,00
2006	33.783	108	5,00	168.615,00

Fonte: Relatórios do CODAEX/IDAM, 2007.

Tabela 6 – Produção do Vinho de Açaí

ANO	PRODUÇÃO EM LITROS	Nº DE FAMÍLIAS ENVOLVIDAS	VALOR PAGO POR LITRO (R\$)	RECEITA DA PRODUÇÃO (R\$)
2004	150.800	25	1,00	150.800,00
2005	200.350	30	1,50	300.525,00
2006	270.170	14	1,50	405.255,00

Fonte: Relatórios do CODAEX/IDAM, 2007

Fazendo uma simples e breve análise das tabelas apresentadas acima, percebe-se que os ribeirinhos que se dedicam no trabalho da coleta dos caroços de açaí, esbarram nos inevitáveis atravessadores que impõem uma ação muito forte de desvalorização da mão-de-obra dedicada pelos trabalhadores da floresta, uma vez que o valor pago por uma lata de açaí com capacidade de 18 litros e com rendimento para obter 10 litros de vinho do produto, custa 200% menos do valor final pago pelo vinho. Vale salientar que o custo de produção do vinho está condicionado, como é feito de forma artesanal, a apenas um pouco de fogo para amornar a água aos quais os caroços são submetidos para amolecerem, a força de trabalho para amassá-los, a água e os sacos onde o vinho é acondicionado. A venda do vinho de açaí é feita na própria residência do fabricante e, em alguns casos, por pessoas com caixas na cabeça andando pelas ruas a oferecê-lo.

CAPÍTULO 4 - NARRATIVAS

Entre seus pares?

Sebastião Ferrarini

Quem do nordeste
um dia foi vaqueiro,
a grande seca no agreste,
derrotou este forte guerreiro.

Buscando melhores dias,
abandonou o seco sertão.
Percorreu ignotas vias,
prá encontrar consolação.

De dinheiro fácil se falava
na Amazônia existir.
Quando o nordeste abandonava,
não sabia seu novo porvir.

De navio, de vaticano
longos rios percorreu,
demorando quase um ano,
no Purus, no Juruá se estabeleceu.

Em pouco tempo se desanuviou
o sonho de riqueza;
somente lhe restou
da mata sua grande beleza.

Ao patrão ficou aferrado,
proibido de ter roça;
com fábrica arrasado;
mofando em palhoça.

Sempre com a esperança de ter saldo,
pelo varadouro com seu balde;
pela madrugada pelas estrada avança,
sempre lutando de balde.

Terminada a euforia;
derrotada a produção,
a efêmera alegria,
o erradicou deste chão

Do centro ínvio saiu,
procurou de vida outro meio;
daquela colocação sumiu,
para a cidade veio.

Depois deste desatino,
que será dos seringueiros;
terão eles igual destino,
de seus pares brasileiros?

4.1 Entrevista com a Parteira Brígida Ribeiro de Lima

Em entrevista concedida em 25 de janeiro de 2007, a parteira Brígida Ribeiro de Lima, de 81 anos, conhecida por todos por dona Brígida, residente na cidade de Lábrea – AM, nos relata sua trajetória de vida e os ensinamentos adquiridos quando, ainda muito jovem, ajudava sua sogra nos trabalhos de parto. Detentora de uma grande habilidade na arte de realizar partos, dona Brígida perdeu a saúde que atuou na profissão e, no decorrer da vida, perdeu a filha, uma criança, orgulho que, de acordo com sua sogra, veio de cima de tudo, proteção divina, principalmente para ela realizar. Assim, sabedora da importância de sua profissão para as famílias, serenamente disse:



SOUSA, Lucileide Feitosa. Lábrea – AM, 2007.

*anos
uma
ia e,
a de
tada*

Meu nome é Brígida Ribeiro de Lima, nasci no **interior**, no rio Pacιά, onde era a nossa casa. Meu pai casou-se no Acre, minha mãe era bem novinha, casou-se ainda menina. Quando ela engravidou, eles vieram para cá procurar um lugar para eles. Vieram também meus tios e meu avô, todos em um **batelão**. A minha mãezinha grávida da minha irmã mais velha, que ela teve aqui abaixo de Terruã, onde, **encostaram**, passaram uns dias lá e minha mãe a teve, era interior mesmo, na boca do rio Pacιά, em uma praiazinha que tinha. O rio Pacιά, nesse tempo estava virgem, ninguém nunca tinha entrado, havia poucas pessoas na beira do rio. O senhor acredita que meu pai contava que tinha quatro ou cinco moradores daqui até à Terra Firme do Pacιά? Na Terra Firme tinha o velho Sabino com quatros filhos homens, todos solteiros. Esse senhor Sabino disse a eles: senhor Cândido e senhor Nogueira, aqui tem um rio que ainda não entrou ninguém... Nesse tempo não havia ninguém na beira do rio. Tinha uma família na Terra Firme do Pacιά, outra no Mucuripe, uma no Tauaruã e outra aqui na Lábrea. Não existia ninguém no seringal, diziam eles. Sei que por lá eles fizeram casa e constituíram família. A minha mãe teve quase todos meus irmãos lá, parece-me que só teve dois ou três aqui fora.

Quando eu tinha dez a onze anos nós saímos de lá e viemos aqui para fora. Nós moramos um inverno e depois meu pai fez a casa do lado de cá, em uma várzea que tem nesse local. Foi onde eu acabei de me criar. Saí de lá só depois de casada e vim morar em Tauaruã, um pouco mais acima.

Eu sou evangélica há vinte e oito, vinte e nove anos. Na hora do parto só tenho a proteção de Deus. Rezava o pai-nosso, pedindo a Deus... Toda vida eu orei a Deus pedindo para me ajudar no parto, porque eu não sou nada, mas, com ele na frente... Toda vida eu tinha minha obrigação de pedir a Deus para me ajudar. Nunca usei imagens em minha casa. A minha mãe dizia:

- Minha filha compre um quadro. - Eu dizia para ela: Não mãe, sabe por que não tenho? Porque acredito que exista Deus, mas quadro não, quadros servem para colocar fotos de pessoas.

- Eu não mamãe, não quero na minha casa, nunca gostei, nunca comprei quadro para minha casa. Mas, eu era católica, ia para igreja católica, para as novenas, todo esse negócio.

Tudo é dá vontade de Deus. Eu era contra... Mas, quando Ele chama não tem jeito. Quando cheguei aqui, tinha uns parentes que às vezes me chamavam para ir para a Assembléia de Deus... Seu Fred morava ali perto da delegacia velha, eu ia para lá assistir ao culto da igreja Filadélfia. Cansei de ir mais elas, mas não queria me converter. Teve um tempo que não sei se foi Deus que me escolheu e me converti. A palavra de Deus diz que Ele escolhe as pessoas no ventre da mãe. Teve um tempo em que eu estive muito doente, mas muito doente mesmo. Fiquei viúva e essa minha filha tinha 10 anos. Hoje, se a pessoa ficar viúva acha quem dê as coisas, se fica grávida, seja quem for, fazem um baby chá, e ganha tudo. Eu criei meus filhos trabalhando. Nunca achei quem chegasse aqui e dissesse: Olha, está aqui esse quilo de arroz para você dar para teus filhos... Eu trabalhei... E Criei todos. Meus filhos não andavam nas casas dos outros pedindo, eles viviam dentro de casa... Quem não estava trabalhando ficava dentro de casa. A caseira é essa que desceu agora a pouco... Tinha 10 anos, ficava em casa e os outros trabalhavam e, dizia a eles que não tinha ninguém que lhes dessem nada, por isso, tinham que trabalhar para sobreviver.

Teve uma época em que estive muito tempo doente. Aí, chegaram uns pastores aqui e, uma tia minha que morava em Rio Branco, veio para Lábrea. Ela era crente e me chamou para irmos ao culto. Eu disse a ela que já fazia um bom tempo que estavam aqui, há mais ou menos cinco ou seis meses. E assim ia com elas todas às noites. Depois de seguir às recomendações a pessoa ficava curada.

Eu era bem magrinha, só tinha o coró e os ossos. Trabalhava porque precisava muito, mas, era bem magrinha. Eu ia três vezes por semana para igreja, às vezes no domingo, mas, era muito difícil. Nos dias de oração nós fazíamos correntes. O pastor sempre dizia: quem tiver fé no pastor não fica curado. O pastor não cura ninguém, dizia ele. Andei oito meses e um dia fazendo essa campanha, mas, pensei em desistir. Mas, falei: não, vou fazer até completar um ano, se não resolver meu problema não irei mais. Quando foi com nove meses e uns dias fiquei curada. Me curei de tudo que sentia de ruim em minha vida. Do fio de cabelo ao calcanhar. Eu não sentia uma dor, como ainda hoje não sinto, graças a Deus. O que sinto hoje é a diabete, colesterol, mas, também não me maltrata. A pressão me ofende mais. Só tomo remédio caseiro para diabete. Toda vez que faço exame ela está normal, mas, quando fui pedir um exame, estava naquelas alturas, mas agora está normal. Os dias que me sinto ruim é a pressão, porque sou teimosa, não gosto de comida com pouco sal. Alguns médicos de Manaus me proibiram de comer comida salgada e carne... Então pode dizer que já estou morta, porque não gosto de peixe, meu pai quase nem **mariscava**, criou-nos somente com a caça, comer peixe era difícil, talvez seja por isso que não gosto. Quando eu puder direi: olha doutor, quando Deus quiser mandar me buscar não tem negócio de dieta. Não faço dieta, o que faço é não comer doce, mas às vezes como fritura de todo jeito. O remédio que faço para diabete é o limão, eu tomo limão maduro batido com casca no liquidificador e depois coado. Quando não quero tomar puro, coloco um pouco de adoçante, ou tomo puro mesmo. De início não é muito bom, mas, me acostumei. Estava com quase dois meses que não tomava, ontem bati um pouquinho para tomar, dei até para minha vizinha também.

Eu trabalhei muito. Na minha época, os pais eram muitos carrascos com os filhos, não tinham pena, por esse motivo, eram obedientes por que tinham de ser de um jeito ou de outro.

Comecei a fazer os primeiros partos com a minha sogra, mas, depois, comecei a fazê-los sozinha, por volta dos 20 anos de idade. A primeira vez que fui fazer, foi muito rápido, a mulher não sofria muito. Foi rápido! Agora, depois que comecei a fazer muitos partos foi que achei alguns difíceis. A mulher sofria... Oito dias... Sete dias... Mas, só sentindo. Às vezes passava uma noite, um dia sofrendo... Às vezes a criança estava de lado, atravessada, estava com a cabeça para um lado... Aí, a gente pelejava até ajeitar para colocar do jeito certo. E nascia... nesse tempo eu já não acompanhava mais a minha sogra, ela fazia em um lugar e eu em outro.

Tive que vir para cidade de Lábrea, com essa menina aí, que na época tinha três anos e hoje está com 42. Eu fiz muito parto aqui. Tinha poucas parteiras e havia muitas que o pessoal não gostava. Não sei o que elas faziam... Geralmente quando o parto era mais difícil, elas

olhavam, então saiam para me chamar. Era assim... E no interior fiz o parto da minha sobrinha. Um parto como nunca vi no mundo. Rogo a Deus que nunca mais veja. Acho que se fosse aqui no hospital tinha ido para fora ou então morrido. Um menino tirado com os braços para trás. Só Deus mesmo para ajudar a gente no seringal. A mão era em cima da outra, virada para trás, seguro no cangotinho. A minha sobrinha era muito gorda, muito alta... Era uma montanha. Era só eu e Deus. O marido dela e o irmão dele com a mulher estavam presentes, mas, por conta do nervosismo, ninguém chegava perto. E agora? Estávamos no centro (seringal), no igarapé do rio Pacιά, em uma casa do cunhado dela. Era um desmaio em cima do outro, devido aos cotovelos. Passou o dia, quando foi à noite, por volta de meia-noite ela entrou em trabalho de parto, mas, somente passou a cabeça. Ela era muito gorda para gente vira-la. Quando a mulher é magra se torna mais fácil. Eu lutei muito com ela, lutei, lutei... Ela vai morrer, mas, seja o que Deus quiser. Fiquei pensando, vou ver como é que está esse menino. E pensei que a criança estivesse morta, não estava. Então abaixei ela assim... Meti a mão aí consegui tocar nas mãos da criança. Empurrei uma assim para baixo e a outra tirei para... aí insisti de novo até que empurrei a outra mais para baixo. Agora nasce ou morrem todos dois. Ela tinha um desmaio encima do outro, mas quando foi na hora de tirar o menino, ela não desmaiou... Deus faz a obra, não é? Na vida da pessoa. O menino era enorme, todo mundo se admirava do tamanho daquela criança. Sei que eu lutei muito... Puxei o braço dele que até deslocou, mas, depois ajeitei. Eu pegava na cabeça e no braço... Fazia força para arrancar ele... Com muita luta eu o tirei... Aí ela ficou morrendo... Um desmaio em cima do outro... Aí tirei a criança e ajeitei... Mas quando tirei, a mão dele foi certinha para onde estava acostumada a ficar, tive que amarrar os braços dele aqui e ali, para não voltarem. Então precisei lutar muito para conseguir salvar a criança... Chamei outra parteira para me ajudar, mas, ela dizia não querer ver a morte do bebê... Eu dizia: não morre não... De meia noite até meio dia... Ela desmaiando e a placenta pregada... lutei muito... a pessoa só morre quando realmente chega à hora... No interior tinham umas que passavam mal. Mas, graças a Deus nunca aconteceu de morrer comigo. Agora, aqui e acolá a gente dava um remedinho, ajeitava... Até chegar a hora de ter bebê. Dava chá de alfavaca, de chicória... para dor, o melhor remédio que eu achei foi o da cana, o olho da cana para mulher que sentia muita dor para quando chegar na hora ela ter muita força para ter seu filho.

As mulheres que às vezes sofrem dois, três dias, eu fazia o chá. A gente faz do olho da cana, aquele que é plantado para nascer, com a palha. Corta bem, bate, coloca bastante açúcar, tem que ser bem doce e bem forte. Pode dá, a dor passa rápido. Agora quando vinha era para nascer, por isso eu dava para elas. Também fazíamos garrafadas para limpar o organismo da

mulher, a cena também é muito boa. Banguela com cena, fazia aquele efeito, aí limpava tudo, até o útero da mulher. Dava uma garrafa, duas.

É sempre bom a mulher tomar esses chá, naquele tempo as mulheres adoeciam, mas, não era como agora, é difícil você ver mulher sadia hoje. Além de serem cortadas, tem a pílula que tomam.

Não tinha chá para elas não terem tantos filhos. Somente se a pessoa quisesse fazer regime. Isso era muito difícil acontecer. Nesse tempo os homens tinham apenas sua mulher. Era difícil ter duas, três... Hoje dá para contar os homens que só tem uma mulher, era muito difícil... A gente não sabia fazer remédio para não ter filhos, então tinham o tanto que Deus consentisse.

Dávamos remédio caseiro, como a mamona, azeite doce, a gente dava, passava na barriga, asseava a mulher. O chá da preciosa é muito gostoso, o do cravo... Tinha muitas parteiras no interior que davam chá para mulher aumentar a dor, as vez fazia caldo, chá de canela, bem pimenta e alho. Eu não, eu nunca dei chá para elas aumenta a dor. Eu dava um chá normal. Depois que eu descobri o chá da cana eu dava porque quando a dor vinha já era para ela ter, é bom por isso, quando a dor vem, a gente já sabia que ela ia continuar. De qualquer jeito ele tem que vir.

Quando a criança nascia, no primeiro dia, nós recomendávamos para não dá banho. Eu só fazia enxugar, vestir e deitar ele lá, mas, quando era no outro dia bem cedinho eu dava banho nela. Quando o parto era de noite, eu ficava até umas horas do outro dia para ajudar com a mãe, após dar o almoço eu ia embora. Quando o parto era de dia eu ia embora só de tarde. Não precisava que eu ficasse, tinha outras pessoas para fazer as coisas, eu só dizia como fazer.

Eu não rezava para **quebranto**. Quando elas mandavam me chamar para ver se conhecia o que podia ser, dependendo do que fosse eu mandava rezar. Rezava em meus filhos, nessa época era católica mesmo. Não vou dizer que não porque eu mandava, não adianta mentir, não é? Naquele tempo a gente não sabia nem o que era ser crente, quando apareciam aqueles panfletos dos evangélicos. Eu me lembro quando ainda era nova, meu avô e meu pai queimavam. Eles não entendiam também.

As recomendações que eu costumava fazer às mães eram para que não fizessem força, para não levantar. Hoje, não tem disso não, a mulher se levanta, pisa na terra quente, sai na chuva, come **fruta reimosa**, anda no sereno, come limão... Naquele tempo não, ela passava um dia deitada, quando levantava era devagarzinho, não fazia nada. Por isso a mulher era mais saudável. Tinha delas que só fazia alguma coisa após uns cinco dias, tomava banho em

casa, muitas delas tomavam banho morno e outras queriam tomar na água fria. Quando passava o **resguardo**, estavam todas sadias. Faziam dieta, ninguém não andava no sol, não pisava em terra quente, não comia coisas reimosas, nem fruta. Assim, ficavam sadias. Eu dizia: vocês não façam nada disso. Assim, quando a mulher terminava o resguardo tava uma mulher sadia.

Hoje as mulheres vão comento de tudo. As frutas que eu recomendava para que as mulheres não comecem era a manga, limão, laranja, tangerina, abacaxi. Não era para deixar comer fruta azeda de jeito nenhum, somente depois de quarenta dias, antes disso ninguém comia comida reimosa, como peixe de coro. O que mais comiam era galinha. A gente criava muita galinha no interior. Às vezes comíamos caça do mato, pássaros. Uns, criavam porcos ou compravam, capavam e matavam quando a mulher ganhava nenê para fazer o rancho.

Recomendávamos para as mães terem cuidado com o bebê, e para não fazerem extravagância para não adoecerem, porque depois poderiam dizer que foi a parteira que não teve cuidado, porque muitos dizem assim mesmo. Mas, comigo não, as meninas que eu pegava, graças a Deus nunca adoeceram, por isso eu sempre alertava elas para não fazerem extravagância à noite para não adoecerem.

Para as mães que iam ter o primeiro filho, as recomendações eram as mesmas e, elas faziam porque tinham medo de adoecer. Eu já fiz parto de mãe de doze, treze e quatorze anos. Eu já fiz muito parto de menina nova, tanto do interior como da cidade, meninas novinhas, novinhas.

Quando as pessoas querem que eu faça um parto elas vêm me chamar. Depois que eu vim para Lábrea, depois de uns dois, três anos, chegou um doutor, fazíamos reuniões. Eles nos davam as luvas, os materiais para o preparo... para colocar no umbigo, sabonete... Uma coisa que eu nunca me acostumei foi usar luvas. Eu nunca fiz parto com luvas, porque eu fazia e não sabia, já estava acostumada. Graças a Deus, nunca morreu nenhuma criança na minha mão. Agora aconteceu de está, morre não morre, mas, todas às vezes os salvei. Porque quando a criança nasce, coloca para ali, está morto... não é assim... Não morre assim não. Passava de meia à uma hora lutando, fazendo massagem, assoprando, sacudindo para ele tornar a si.

Outro dia eu estava conversando aqui com outras mulheres e dizia: durante esse tempo eu já peguei quatro meninos mortos, um de sete meses e outro de tempo, mas, eu ia, eles já estavam mortos. Um foi de um sobrinho meu. Era a primeira menina deles... Mas, quando eu cheguei, já estava morta. Nessa época já tinha hospital na cidade, mas, ela não queria ir. Quando foi com dois anos ela engravidou de novo. Mandaram me chamar. Quando eu chego

lá a criança estava morta. Aquele eu tinha pegado, esse não, vão dizer que eu estou matando... já está morto... o útero dela não tinha força, de tanto ela sentir a dor, a criança morria... vá, vá para o hospital... ela não queria ir. Eu chamei o marido dela e a sogra... Leva mesmo, vou fazer o parto dela e depois vão dizer que estou matando teu filho. Chegou já morto no hospital. Ela passou uns quatro anos sem tomar remédio, saiu grávida de novo. Virou com Cinco meses. Falei: será melhor que o parto seja feito em Manaus, porque não poderá mais correr riscos, nem mesmo o médico descobriu o que aconteceu com ela no último parto. Antes de chegar o dia de a menina nascer o médico achou mais seguro tirar a criança para que não corresse o risco de morrer.

Graças a Deus eu fiz muitos partos... Agora, depois que eu me instalei aqui na Lábrea... Tem umas parteiras aqui que deixam muitas mulheres morrerem nas mãos delas. Mais nas minhas não. Tem uma aqui que Deus me livre... Teve um ano que morreu mais ou menos três a quatro mulheres nas mãos dela... Não sei o que faziam. Nos meus partos, no interior, tiveram umas que passaram mal, mas, graças a Deus nunca aconteceu de morrer. Agora, de vez enquanto dávamos um remedinho, ajeitava... Até chegar a hora de nascer o bebê.

Fiz muitos partos difíceis no interior. Fiz um parto de uma mulher no seringal, onde, minha sogra era quem estava com ela, aí a criança colocou a mão, ela, podendo recolher, puxou o braço da criança. Mandou me chamar em minha casa. Eu não sabia para que era, então fui. Quando cheguei lá, que vi... Pelo amor de Deus... A criancinha estava com uma das mãos roxinha, com os dedos arreganhados. Ela me disse para ficar que iria em casa. Não voltou mais. Na verdade, ela achou que a mulher iria morrer e me deixou sozinha, mas, graças a Deus não aconteceu o que ela tanto temia. Mandaram chamar o homem que aplicava injeção sabe... ia ao interior e aplicava uma injeção. Não deixava, disse: pode jogar fora, você não vai aplicar não, porque ela já está para morrer. Como é que essa criança vai nascer desse jeito? Vocês estão doidos? Ela já estava de nada, mais ajeitei, recolhi e tirei a menina. Nasceu viva, quase que não vivia.

Para tirar a placenta eu pegava o menino deitado... Pegava no colo com o cordão umbilical e puxava, tirava... Quando tava solta ela caía, quando não demorava. Passava o azeite doce na mão, passava na placenta e, então, tirava. Antes de a mãe ganhar o bebê eu dizia para elas não fazer certas coisas, não faça isso, faça assim. Cuidado com a criança.

Eu nunca **peguei uma criança** que o pai tenha engravidado a filha, mas, presenciei um caso de uma menina que veio do Ituxi. Ela veio dizendo que estava doente e que não sabia o que era, pensava que era um cisto. Falei para ela: isso aí é um filho. A tia dela disse assim: só

tem o pai dela lá, não existe outro homem. Eu respondi: então é dele. No final das contas era dele mesmo.

O menino se vira com oito meses, mas, com cinco, seis meses eu dizia: quero vê se esse menino com seis, sete meses está virando. Ou vira ou não vira. Quando está entrando no oitavo mês tem que se virar, ou fica direito ou fica torto. Toda criança se gera de pé. Criança não se gera de cabeça.

Tanto o menino como a menina dá o mesmo trabalho na hora do parto. Às vezes um mais que o outro. Depois que a criança nascia eu costumava dar assistência por um período. Fazia o asseio arrumava a mãe e levava-a para o seu local de descanso. Naquele tempo ninguém usava cama, era rede. Fazia também remédio, um chá para ela, fazia um caldo, dava uma massagem, aí ficava tudo normal, ficava tudo bem.

A diferença da mulher é porque tem umas mais duras e outras mais moles. Umhas são mais favoráveis para o parto, outras não, são mais acochadas. A mulher é como um elástico, ela já vem com o corpo preparado para dar a luz. A parteira precisa ter cuidado na hora do parto para que a mulher não fique escangalhada, mas quando não sabem fazer, a mulher fica sentindo alguma coisa, precisa tomar muito cuidado para ela ficar normal.

Quando elas ganhavam o bebê eu dizia para elas: antes dos quarentas dias vocês não aceitem o marido de vocês, por que se vocês aceitarem, adoecerão. Elas diziam que os homens, às vezes com quinze, vinte dias após o parto insistiam em ter relação, e quando elas não aceitavam até batiam nelas. Mas, eu dizia: não aceitem, de jeito nenhum, porque se vocês aceitarem vão ficar doente. Após o parto a mulher fica muito inflamada por dentro. Nem os animais são assim. Tinha homem que às vezes eu passava por perto dele e dizia: se eu vier aqui e ela se queixar, você vai ver, precisa suportar. Falava para eles: você não procure a sua mulher, deixa completar os dias. Muitos atendiam. Tem muita gente que não entende. Às vezes ela se queixava e eu passava esbregue neles: rapaz tu não tem vergonha? Deixa tua mulher se recuperar alguns dias para você procurar ela. Quando se tem um filho, a pessoa fica inflamada, não está sadia. Tem que ir ajeitando para ajustar a carne, para unir direitinho. Pensam que ter filho hoje, amanhã já está tudo normal.

Naquele tempo não existia câncer de útero, pelo menos eu nunca ouvi falar, nem quando eu era solteira, nem quando eu me casei. Certas doenças não existiam, muitas coisas que existem hoje não existiam naquele tempo. Quando me entendi por gente no mundo, não tinha nada, nada existia. Nem rádio. Depois que me casei foi que vi surgir, vi falar. Porque ver eu não via... Morava no interior não, é? Nada tinha. O que ainda tinha era telegrama e carta que a gente mandava. O que tem hoje aqui na cidade nada tinha, nem no interior nem na

cidade. Existia prato de louça e esmalte. Panela de esmalte e de ferro, mas, de alumínio não existia. Esse negócio hoje de seu fulano ter um rádio, fogão e geladeira... Só depois que eu me casei, depois que vim para a cidade de Lábrea, foi que começou a surgir. Podia ter na cidade, mas aqui no interior não havia, esse negócio de aparelho, não se ouvia nem falar.

Sobre esse negócio de doença da vida ninguém não ouvia falar. Assim que nós chegamos aqui em Lábrea às vezes víamos falar que tinha algumas mulheres que já eram assim meio idosas, mas que eram safadas. Dizem que os homens que vinham nos navios grandes as pegavam... Eu ouvi falar... As vi passando, mas nunca nem conversei com elas. Por conta dessa vida que levavam, pegavam aquelas doenças. Por isso, morrem uma, duas, três. Depois acabou. Agora, de certo tempo para cá, começou a aparecer de novo essas doenças. Esses homens que vinham nas embarcações traziam doenças e passavam para elas. Mais em relação a outras coisas... Tudo era diferente do que existe hoje.

Quando eu era chamada para fazer um parto, levava uma bolsinha com meu material dentro. Os serviços de parto não eram cobrados, às vezes faziam questão de nos dar um agrado. Houve um tempo que faziam reunião para que cobrássemos cinco reais. Eu disse: se é para cobrar cinco reais, eu deixo de graça. Eu disse para o Doutor Dedé: olhe, saímos de nossas casas, às vezes de tarde, passamos a noite, muitas vezes o dia para lhe cobrar cinco reais. É melhor deixar de graça, ainda não me fez falta, ele sorriu... Mas, não é mesmo? Às vezes davam uma gratificação para gente, mas eu nunca cobre nada de ninguém. Nós nos reuníamos todas as quintas-feiras num posto de saúde, perto do hospital. Lá nós cortávamos as gases e fazíamos bolas de algodão, nos davam esse material para fazermos curativos.

Eu não conheço quando uma mulher está nas primeiras semanas de gestação, a menos que ela more com a gente porque as vezes ela tem uns entojos, aí dá para perceber, contudo, quando a mulher está com oito meses de gravidez, eu já conhecia quando era homem ou mulher, mas, não é toda parteira que conhece.

Naquele tempo era difícil, mas, hoje, se a mulher não for cortada não tem mais filho. Querem cortar a mulher com faca. Naquele tempo era diferente, se esperava pela vontade de Deus. Eu vi muito parto perigoso. Muito mesmo! Menino atravessado! Coloca a mão. Outros colocam o pé. Para a gente tirar tinha que virar a criança, com cuidado ir ajeitando para poder nascer. Hoje não fazem isso. Criança que bota o braço, o pessoal não sabe recolher, mas, eu recolhia, ajeitava e a criança nascia. O pé, do mesmo jeito. Ele levava um, para poder tirar. Não é todo mundo que sabe fazer um parto de uma criança que vem de pé. É perigoso. Não é fácil, é só para quem sabe.

Sobre o meu trabalho, acho que foi muito legal, muito bom. Graças a deus, para mim foi muito útil o que fiz. Para mim um nascimento é muita coisa... Muito maravilhoso. É maravilhoso ver a criança nascer viva. É uma vida não é... Deus o livre... É muito bom.

4.2 Entrevista com o Soldado da Borracha Francisco Maciel Galvão

No dia 09 de março de 2007, o aposentado como Soldado da Borracha, Francisco Maciel Galvão, de 79 anos, residente na cidade de Lábrea – AM – relata-nos sua história de vida nos seringais nativos, constituída ao longo dos rios, lagos e igarapés da região do rio Purus. De descendência cearense, seu Chico Galvão (como é conhecido), é um homem de voz firme, determinado e de estilo



GALVÃO DA SILVA, Antônio Carlos. Lábrea – AM, 2007.

caracteristicamente tradicional, pautado nos pilares do respeito, da moral e da hora. Diferente de boa parte dos ribeirinhos, seu Chico Galvão é uma pessoa detentora de pouca inibição. Gosta de falar sobre sua trajetória de vida. Deste modo, esse senhor, que se reconhece como um autêntico seringueiro, nos prendeu a atenção quando começou a narrar sua história de vida dizendo:

Eu nasci em 1929. Naquela época todos eram imigrantes, vindos do Ceará para o Amazonas, para trabalhar nos seringais. Nesse tempo, a vida no Amazonas era somente seringa, seringa e castanha. No período da guerra, só o que dava dinheiro era a borracha. Cortava seringa, velho, menino, menina, todos que precisavam sobreviver, porque nada dava dinheiro nesse período, somente à borracha. Aos oito anos de idade comecei a trabalhar no mato. Perdi minha mãe e fui criado pelos meus tios, que eram cearenses, homens trabalhadores que vieram no período dos emigrantes para o Amazonas. Foi então que comecei a trabalhar no mato, abrindo estradas.

O meu pai nasceu chegando em **Canutama**, quando os meus avós vinham do Ceará. Primeiramente eles vieram para o Juruá, lá ficou uma tia minha, ficou uns parentes meus... Família Maciel, do Juruá voltaram para o Ceará novamente. Quando eles vieram, entraram no rio Purus para cá, o Juruá cai no rio Solimões, aí eles vinham de lá para cá e chegaram em Canutama, foi então que nasceu o meu pai. Lá eles trabalharam no seringal que tem de trás de Canutama, num lago muito grande. Lá eles trabalharam muito tempo. Depois vieram para o Cãinã, local onde eu nasci, no rio Cãinã, num igarapé na beira de um lago por nome de Livramento....é muito conhecido aqui...

Nessa época, existia muita fartura nesse lago. No verão esse lago ficava preso, só entrava no inverno. Tem um igarapé que entra para lá, mas, chega o verão ele fica preso, tem muita lama.

Quando os rios enchiam, as várzeas eram cobertas de água, mas tinha seringa na terra firme, seringa fraca. Chamávamos de seringa fraca, na língua indígena é conhecida como seringa vermelha. A diferença entre seringa forte e a seringa fraca é que a forte dava na várzea e a seringa fraca na terra firme. Então começamos a roçar, que é o mesmo que abrir estrada na terra firme, por isso muitas vezes o couro da minha mão caiu de tanto roçar o mato da terra firme, por ser muito duro. Meus tios eram exigentes, então tínhamos que deixar o mato bem curto para não furar o pé... passei maus momentos. Após tudo isso, passei a cortar seringa no rio Nauni. O rio Nauni fica próximo à Boca do Acre, no rio Purus. A seringa lá é boa, é seringa forte. Meu patrão chamava-se João Lopes de Souza, era conhecido por muita gente. Naquela época não existia prefeito e sim Coronel. O mesmo arrendou o Nauni, a partir daí, fui trabalhar com meu tio. Trabalhamos todo o período da guerra. Com o término da guerra, outros produtos passaram a dar dinheiro.

Mas, nesse período houve um grande sofrimento. Chegávamos às colocações do rio Nauni, onde existiam malocas de índios, e um igarapé conhecido por nome Arama... Eu trabalhei no igarapé com nome de São Domingos, afluente do Nauni que tinha um igarapé com nome de Poti e do Poti, tinha o Arama, aquele lugar era uma maloca de índio, só que lá ninguém ia, pois se fossem os índios matava na hora. Nesse período era um problema trabalhar no mato, existia essa grande dificuldade. O homem para trabalhar, tinha que ser muito corajoso, que não temesse o índio, porque nesse tempo os índios matavam a gente e comia assado. Aqui no Cãinã, onde eu nasci, os mais velhos contam que tinham malocas de índios e que eles tocavam fogo em barracões. Tiveram ocasiões de pegarem a mulher do seringueiro, matarem e deixarem-na toda flechada pendurada na porta. Isso aconteceu aqui no Cãinã, nesse lugar que nasci.

Depois viemos de lá e quando chegamos aqui trabalhei mais treze anos na seringa. Graças a Deus chegou à época que pudemos nos aposentar como soldado da borracha. De Lábrea fui para Rondônia, nessa época o Presidente do Brasil era José Sarney. Quem veio do nordeste se aposentava como soldado da borracha e nós que trabalhamos na época da guerra tivemos o direito de se aposentar. Eu dou graças a Deus que hoje eu estou comendo a custa desse meu trabalho, desde quando eu era criança, posso assim dizer. Porque se eu não tenho acompanhado homens trabalhadores como meus tios, hoje, eu talvez fosse uma pessoa que não tivesse esse direito. Mas, graças a Deus, nesse tempo as crianças trabalhavam. Hoje, menino não trabalha. A gente vê uns rapazes que, quando não é só negócio de estudo, não querem nada com nada. Tornando-se dessa forma cada vez mais difícil para pai e mãe criar os filhos. Agora tem a lei que o filho não pode trabalhar com os pais, uma coisa que eu acho muito errado, porque na minha época, o pai era que tinha por obrigação ajudar os filhos a trabalhar, e, desta maneira eu criei meus filhos, trabalhando. Graças a Deus, hoje estão em Manaus por conta própria.

Então, meu povo, esta parte que estou falando é verdadeira pode perguntar para as pessoas que passaram também por esta aflição, irão contar essa mesma estória. Era uma vida de muito sacrifício. Os patrões, os seringalistas, como eram conhecidos, procuravam homens de coragem, porque para entrar num igarapé desses tinha que ser homem de coragem, armado com rifle. Nesse tempo não existia espingarda, e sim rifle. Ali dava beribéri, sezão, hoje se chama malária, eram índios, cobras, espinhos, tudo a pessoa enfrentava na mata, onça... Conheço caso de onça ter matado o seringueiro. No rio Mucuim, a onça pegou o seringueiro, matou, comeu a carne dos peitos dele e deixou o resto enterrado. O companheiro quando chegou a casa, notou que seu amigo ainda não havia chegado, então pegou o rifle e foi atrás pela perna da saída da estrada. Encontrou um monte de folhas, notou que tinha acontecido algo desagradável, infelizmente viu que era o companheiro que estava ali de baixo daquelas folhas. Ele subiu numa árvore... As pessoas que trabalham no mato têm experiência, quando deu uma hora mais ou menos a onça veio chegando, então ele foi, atirou e matou. A mão dessa onça deu cinco quilos, cortada na **munheca**. Aqui no Tauaruã, próximo à Lábrea, tem um lugar por nome Pinaunim. Tinha um barracão na beira do rio Purus e um varador de três horas que ligava o barracão às colocações. Então entrou um seringueiro, ele bebia muito e já estava muito pesado da bebida, então arriou o paneiro com as coisas que levava, deitou e dormiu. De noite a onça veio e matou ele, comeu o quanto pôde e foi embora. Esses causos aconteceram com vários companheiros de luta.

Existe um igarapé dentro do rio Ituxi, por nome de Arraia, quem conhece o rio Ituxi, conhece este igarapé. Eu ia entrando numa viagem para lá, então encostamos no porto de um homem que tinha um filho de doze anos, quando esse menino vinha com o leite, a onça botou para pegá-lo, ele levou o balde e a onça pegou o balde, nesse momento ele deu uma facada nela, então ficou se batendo, ele furou bem seguro e acabou matando-a. Vi o coro dessa onça, eu e os outros companheiros que conosco estavam. Então, muitos casos aconteceram com homem do campo, que trabalham no mato. Graças a Deus a onça foi uma fera que pouco eu vi, nunca fui atacado por onça, mas, conheci companheiros que foram rasgados... Às vezes escapavam. Bom, mas nós passamos por essas aflições e graças a Deus hoje em dia tem muitos companheiros que podem contar tudo isso que estou falando.

No rio Ituxi tem diversas cachoeiras. Esse rio tem um igarapé por nome Querequetê, afluente do rio Ituxi, lá existem muitas cachoeiras. Eu fiz muitas viagens para lá, passei por três cachoeiras. Fomos levar alguns homens para tirar sorva. Trabalhava no mato, era mateiro. Mateiro é o que entra no mato, se não for possível sair durante o dia, é só forrar o chão, deitar e dormir lá mesmo. Isso aconteceu diversas vezes comigo. Lá eu passei por muito sofrimento, mas, graças a Deus nunca fui atacado por feras, cobras. Vi muitas cobras, de correr, voar e pegar na boca da minha calça e eu sair arrastando ela agarrada na calça, mas, nunca tive meu corpo ferido. Graças a Deus sou vitorioso nessa parte. Eu lutei muito no mato, a minha vida foi toda dessa maneira.

Conheci a nossa cidade de Lábrea com poucas famílias, pouca gente morava aqui. Hoje em dia está muito avançada, graças a Deus, mas, por um lado existe uma bondade e por outro uma dificuldade, porque hoje em dia essa meninada que não trabalha, está deixando uma grande perda para Brasil. Não trabalham, e dizem que o estudo deles é mais importante que trabalhar, mas até que vale a pena quando eles procuram aprender realmente, mas há outros que não querem aprender nada. Nem querem estudar e muito menos trabalhar, aí está acontecendo uma coisa muito triste. Isso não é só aqui, mas em muitas cidades. Dá um desespero de ver formar gangues. Saem cinco, seis arrombando as casas, outros matando, bebendo, é a droga, tudo isso acontece na cidade de Lábrea.

Eu conheço várias cidadezinhas pequenas, a maior cidade que conheço é Manaus, mas também conheço Rio Branco, Porto Velho, Plácido de Castro, Guajará-Mirim, Bolívia, Ariquemes, Campo Novo... Não andei nessas cidades somente passeando, andei também quando precisei me deslocar de Lábrea para Porto Velho. Quando comecei a andar naquela cidade, já estava com certa idade, foi então que mudei de trabalho. Fui trabalhar como guarda. Nesse tempo tive a oportunidade de conhecer a palavra de Deus, foi então que me converti ao

evangelho. Nessas cidades andei pregando a palavra de Deus. Hoje em dia prego o evangelho, graças a Deus. Então me chamo soldado da borracha, mas, eu estou mais alegre é porque me sinto um soldado de cristo, graças a Ele hoje em dia tenho a palavra para anunciar a qualquer pessoa que me perguntar. Então, fico muito agradecido por está escutando essas palavras.

Eu já fui entrevistado em Rondônia por três moças que vieram de Brasília. Elas me perguntaram como os seringueiros resistiam e como era a situação deles dentro da Amazônia. Fiquei muito satisfeito em poder relatar para elas um pouco do que sabia sobre eles, e o quanto eles realmente sofriam. Porque na época que eu cortava seringa, ela tinha uma grande classificação, o leite tinha que ser defumado com bastante cuidado para não **engranitar** porque se engrantasse seria vendido como **sernambi**.

Dávamos duas voltas na estrada, à primeira cortando e a segunda colhendo o leite, isso no mesmo dia. Hoje existe uma coisa que estão usando, na hora do corte eles colocam na tigela. No outro dia vão para outra estrada e fazem a mesma coisa. No dia seguinte passam na primeira estrada colhendo aquele leite coalhado e fazendo um novo corte. Essa técnica é uma coisa que muito favorece ao seringueiro porque se chover o leite não estraga, diferente da época que eu cortava que se viesse uma gota de chuva, pronto acabou, perdia o leite. Outra vantagem é que hoje o seringueiro é considerado um empregado do governo que paga um salário para eles cortarem. Com toda essa vantagem o povo não quer cortar seringa. Se na nossa época tivesse esse benefício, tenho certeza que tinha muito seringueiro rico, porque naquele tempo tinha homem trabalhador, faziam dois mil quilos de borracha num verão. Meu tio fazia dois mil e quinhentos quilos. Hoje em dia coitadinho dos caras , não querem saber de cortar. Na época em que estou falando, o cabra só recebia se produzisse a borracha, se não, nada tinha de retorno. Sem contar com a classificação: coalhar ou granitar o leite virava sernambi, por conseguinte o preço era menor do que o da borracha. Esse granitar eram granitinhos parecidos com caroços de farinha que se formava no leite e coalhava, tínhamos de retirá-los no momento da defumação para não ser classificada como sernambi.

Para evitar coalhar o leite, nós pegávamos um cipó no mato, batia com um pau, espremia a goma no leite para engrossar um pouco, então o defumava bem ligeiro para não ser classificado como sernambi. Quando chegava o mês de agosto para setembro, a seringueira florava, essa mesma flor caia na tigela e coalhava o leite.

Esse cipó é chamado de cipó de junta, tem esse nome por ser cheio de juntas. Ele é fininho assim... Mais ou menos da grossura de um dedo de uma pessoa. Ele cresce na **mata de capoeira**, onde já foi feito roçado. Ele tem uma flor azul.

Para iniciar a **defumação**, pegávamos um rolo de pau de **imbaúba** da grossura de dois litros, metíamos um **cavador** e começava a defumar ali em cima, vai colocando o leite e vai defumando, quando defumava todo o leite, rasgávamos aquela capa, colocávamos numa tábua e enrolava a borracha em outro cavador mais ou menos da grossura de uma lata de leite moça para ficar o buraco para meter o outro cavador quando fosse defumar. Ali nós deixávamos enroladas. No outro dia, metia o cavador maior e defumava em cima. Tinha uma grade de um lado e de outro na qual se apoiava o cavador e ia colocando devagar o leite que ficava numa bacia e ia girando a borracha para defumar.

Quando está no começo da defumação, que a borracha está começando a ser formada, nós chamamos de princípio. Fazíamos borrachas de cinquenta, sessenta quilos. Se nós morássemos numa colocação que fosse difícil carregar aquela borracha nas costas, porque muitos e muitos seringueiros moravam em colocações bem distantes, aí, fazíamos borracha somente com quarenta ou cinquenta quilos. Tínhamos um paneiro que chamávamos de **jamachi**, no qual colocávamos a borracha, forrava as costas e saía com aquela borracha para o barracão, para a casa do patrão.

Acima da fortaleza do Ituxi chama-se Uaquiri. Aqueles seringais ali do rio Ituxi, do Acre e naquelas linhas que tinha aqueles seringueiros, eles começaram a colocar burro para levar mercadoria e trazer a borracha do seringueiro, aí facilitava. Levava para o barracão. Esse meio de transporte facilitava.

Dali onde o senhor esteve, na Fortaleza do Ituxi, tinha um varador que saía no Abunã, no rio Madeira, onde tem uma balsa e a estrada que vai até Porto Velho e Rio Branco. Do outro lado é a boca do rio, que entra e já vai para o lado da Bolívia. Eles tinham um varador, porque no começo da luta da borracha, quando a mercadoria não chegava, porque era muito distante para chegar mercadoria, principalmente no verão, que para vir de lá para Lábrea e voltar, a lancha demorava, às vezes faltava mercadoria, aí, eles tinham que ir em comboio pelo varador até Abunã, vender um bocado de borracha e comprar mercadorias. Só passava animal por essa estradinha, só era burro, cavalo... Essas coisas. A luta de um seringueiro foi esta uma luta muito cansativa, mas, existia uma bondade, havia muita fartura nesse tempo, às colocações tinham muita caça para a própria manutenção, o que saía mais caro era farinha porque tinha muito seringueiro que não plantava roça, achava melhor comprar para não perder de fazer a borracha, assim, não fazia roçado, preferia comprar. Tinha muito seringueiro sozinho, às vezes só ele e a esposa. No Iquiri aconteceu o seguinte: quando exploraram o Iquiri, um homem por nome de Freitas. Ele era um português. Foi ele quem explorou todo o rio Ituxi e Iquiri. No início só iam homens para lá, eles não levavam as esposas, nem família. Era muito dificultoso e

foi um tempo que começou a vir um povo chamado de brabo... Vieram os emigrantes, depois os brabos, e logo vieram os arigós, eram valentões, por isso, não levavam. Depois de muitos anos é que começaram a levar família para lá, mas, era desse jeito, era muito pesada à vida do seringueiro, foi uma vida muito cansativa naquela época, mas, tinha uma vantagem, todo mundo trabalhava... Podia chegar numa casa, se tivesse cinco, seis meninos, todos aqueles meninos ajudavam o pai. Às vezes o pai cortava uma estrada grande de duzentas madeiras, aí quando dava àquelas horas a mãe dizia: meus filhos vão ajudar o pai de vocês a colher a estrada. Fazíamos as estradas e também fazia bordos, assim, ele saía colhendo aquele bordo, ajudando o pai. Quando era de tarde, lá pelas 17:00 hs, chegava todo mundo com aquele leite, chegava o pai, os meninos com aquele leite...aí iam defumar. Mas, todo mundo tinha sua fartura em casa, todo mundo, graças a Deus.

Com toda essa dificuldade que houve, por conta dos quatro anos de guerra, havia muita fartura. Mas, uma coisa muito pesada era o problema do fogo. Tinha seringueiro na época da guerra que fazia o seguinte: derrubava uma árvore que fosse boa de fogo, árvore grande, fazia o fogo, ali, aquele fogo ficava queimando aquela árvore por dias, ele chegava lá puxava umas brasinhas dali e fazia o fogo. Para economizar o fósforo, pois a venda era regrada. Assim, os seringueiros que eram prevenidos faziam isso. Nós, para defumar a borracha, fazíamos em fonalha ou em boião. Para fazer a fonalha, a gente fincava um tanque fundo, da altura dos peitos, na terra. Aí nós fazíamos um buraco por baixo e outro mais adiante. Nós furávamos e encontrava com o outro, aí nós fazíamos em cima um boião, feito com varas enfiadas com o formato arredondado e amarrado com cipó, tudo bem direitinho, pegava um barro bem ligado e cobria aqueles cipós e aquelas varas bem cobertinhas. Aquele barro quando secava ficava petrificado. Quando nós acabávamos de defumar, fechávamos embaixo e em cima. Quando nós chegávamos, de tarde, quatro, cinco horas, era só puxar aquilo ali, cutucava, jogava o cavaco e já acendia de novo. Aquilo passava o verão todinho acesa, era uma benção, já boião, o senhor acabava de fumar tinha que tirar o boião, colocava do lado, pronto... Acabavam aqueles caroços ou cavaco. Todos os dias tinham que fazer o fogo, já à fonalha não. A fonalha passava o verão todinho com o fogo aceso. Uma fonalha bem feita não apaga durante o verão, passa o verão todinho aceso, defumando todo dia, passa o domingo não vai cortar mais, na segunda feira vai e o fogo está do mesmo jeito, é só puxar a brasa e colocar uns cavaquinhos para o fogo levantar. Usávamos coco, cavaco... No rio Nuni, nós defumávamos com coco de jaci, por que lá não tem coco de babaçu, só tem coco de jaci e ele é do tamanho do coco de **urucuri**, ele é bom, agente come até a carne, tem um cacho comprido, grande assim. Era com ele que a gente defumava.

No barracão era bom por uma parte, por que se faltasse mercadoria, o senhor chegava lá e tinha de tudo, só que era caro, mas de tudo tinha. Quando a pele seca estava dando dinheiro, a pessoa matava uma onça, um gato maracajá, um porquinho ou um veado e vendia o coro. Quer dizer, essas coisas tudo dava dinheiro, mas, quando chegou à guerra, nada disso deu dinheiro, ai ficou mais difícil para a pessoa sobreviver. Além disso, as coisas custavam caro e existia uma classificação na borracha, o sernambi era um preço, a borracha defumada era outro e o sernambi de rama (coalhado, granitado) era outro preço.

O outro tipo de sernambi é tirado... Quando a seringueira era muito boa de leite, derramava o leite no tronco dela. A minha esposa fez muito isso... Ela ajuntava e botava de molho assim batido e levava para vender, ali era outro preço, tudo era mais baixo do que a borracha.

Muitas mulheres cortavam seringa. Minha avó cortava. Quando eles chegaram aqui no Amazonas ninguém cortava seringa com faca, só era de machadinha, ela tinha um cabo comprido. Não podia efetuar os golpes com muita força porque poderia atingir o pau da seringueira, o que provocava um nó. Tinha que ser cortada só na meia casca, cortava lá em cima, o leite descia. Minha avó cortou no machadinho, juntamente com meus tios. Eu não cheguei a cortar de machadinha, quando eu comecei a cortar já foi com a faca.

Quando eu morava no paciá, eu cheguei a criar até um índio. Mataram os índios, mataram o pai dele de chumbo, de tiro e, a cabocla ficou com três filhos. Meu tio se dava muito com ela e falou para que me desse um caboclínho, porque nesse tempo só era eu e minha esposa. Eu o criei até a fase adulta, depois arranhou uma cabocla e foi morar com ela.

Durante a minha vida dentro do mato eu vi muita coisa. Perto da cabeceira do Paciá, tem um poço muito grande. Para se chegar lá no verão, a pessoa enfrenta muita dificuldade, por que o rio fica raso e com as voltas muito cheias de paus, é muito ruim para ir.

O senhor Sandoval Cruz, morador daqui de Lábrea me contratou para fazer uma viagem subindo o rio Paciá até onde eu pudesse ir, eu e mais quatro homens, onde não desse mais, eu encostaria e sairia à procura do campo da natureza. Quando me procurou perguntou-me se eu tinha coragem de ir, disse: tenho, mas, me dê homens que tenham coragem de dormir no mato, porque essa viagem será muito cansativa.

Ele arranhou quatro pessoas e nós subimos o rio Paciá, isso no verão, até onde desse. Chegando nesse poço imenso, na ponta de baixo, tinha um monte de folha, aquelas camas grandes e aí nós vimos e falamos: isso é um jacaré muito grande que mora aqui, é um bicho enorme. Aí nós fomos embora. Ainda viajamos meio dia, lutando com motorzinho, não deu mais para continuar de canoa, deixamos o motor e a mercadoria e saímos por terra. Batalhamos

uns oito dias até que chegamos ao campo da natureza para fazermos um local para aterrissar esses aviões pequenos.

Nessa viagem, nós vimos uns rastros de um animal. Ele anda em pé igual a uma pessoa. O pé dele é grande, do tamanho do rastro de um homem, só que o calcanhar é estreitinho, enquanto que a frente é larga e os dedos finos. Eu observei que aquele bicho andava em pé por que o rastejei por certo tempo. No mato existe uma arvorezinha que a gente chama samambaia. Ela cresce na altura de um a dois palmos, e ele saiu pisando naquilo ali, depois passou num lugar que tinha areia, aí nós observamos, medimos a marca no chão com o nosso pé... Do mesmo tamanho do rastro de uma pessoa, nós vimos isso aí, os companheiros ficaram muito assustados. Falei para que ficassem tranqüilos e que deixassem a espingarda preparada para nos defendermos se fosse preciso, mas, esse bicho nós não chegamos a ver, foi somente o rastro.

Bom, aí nós chegamos ao campo da natureza. Muita lagoa bonita, muita garçazinha, tucano, nambuzinhas voavam aqui e acolá, veado-galheira... Observamos tudo e acabou a farinha, o mantimento, aí foi preciso voltar. Quando fomos chegando nesse dito canto que vimos à cama, aí falei para os homens: vamos caladinhos para vermos se aquele bicho está em terra.

Quando chegamos, que fizemos à volta no rio, ela estava em terra, era uma cobra, ela não era muito grossa, era da grossura de um tambor de trinta litros, esse tamborzinho de óleo de trinta litros. Estava toda enrolada. Ela tem escama que nem escama de pirarucu. Aí um rapaz disse: deixa que eu vou atirar com a minha espingarda. Nós encostamos e, eu disse: o chumbo não rompe não adianta atirar, mas, tinha um muito teimoso, e disse: a minha espingarda eu quero é ver se não rompe. Eu disse: pode atirar, mas, não rompe, isso aí só rompe se atirar assim, de trás para frente ou então com bala de aço. Ele saltou em terra, chegou assim pertinho e atirou... Tá... O chumbo bateu, caiu todinho na areia. Parece que ela estava dormindo, acordou e já foi... Eles deram uns três tiros, ela entrou na água. Essa foi a cobra mais grossa que já vi lá. Mas, aqui no rio Purus, na boca do Mufuá, às cinco e meia da manhã, eu vi uma cobra da grossura de um tambor de duzentos litros, ela talvez more ainda ali. Ela estava boiada assim, só ali, no meio do rio, aí nós passando, vimos: rapaz olha que cobra grande! Ela foi, afastou-se devagarzinho, silenciosa, sem fazer um banzeiro. Parecia uma tora de pau. Muita gente diz que não existe cobra da grossura de um tambor, mas, eu vi essa... Nós a vimos, eu e outro rapaz, cinco e meia, o dia vinha clareando, ali na boca do Mufuá, abaixo da boca do Pacιά. Não sei se ela mora ali ou se mora em outro canto ou se andava viajando, eu sei que nós a vimos ali, mas, isso faz muito tempo.

A cobra mais grossa que vi em terra foi essa do Pacιά e na água foi essa do rio Purus. Essa do rio Pacιά todos nós vimos, todos os cinco. Uma cobra daquela tinha condições de engolir dois ou três homens.

A luta foi essa com a minha vida, hoje, voltei para Lábrea novamente porque aqui eu considero minha terra, mas infelizmente, existe muita coisa que não me agrada. Eu passo pela vida porque eu passo. Falo como falou o apóstolo São Paulo, não me conformo com este mundo e a renovação de vosso entendimento. Porque vejo hoje em dia as leis muito diferentes daquelas que comecei a minha vida, muito diferente, muito diferente, mas a gente está passando, graças a Deus. Eu agradeço muito ao senhor por ter chegado até aqui para conversarmos sobre este assunto. A vida foi esta. Hoje em dia já existe seringa, tem umas pessoas cortando seringa aqui no igarapé que tem em cima da cidade de Lábrea. Eles estão cortando seringa lá e me disseram que existe esse ordenado dado pelo governo. Assim, acho que é para quem está nesta luta e tem coragem de lutar na mata... Agora não tem mais o índio para perseguir-nos... Só tem a malária, a malária dá em todos os igarapés aqui do rio Purus, ela ataca todo o povo. A malária é uma doença perigosa.

Hoje em dia a maleita é chamada de malária e, tudo quanto é igarapé aqui no rio Purus dá. Agora, o beribéri só vi dá no ri Coiti, afluente do Querequeté. No tempo que vieram os arigós, 18 famílias foram para lá. Morreram mais da metade. O beribéri incha as pernas e o sangue vira água. Rapidinho morria. Morreu esse povo, chegaram, foram para lá cortar seringa, mas, não demorou muito para acabar com muita gente. Os que sobraram, vendo o que estava acontecendo, saíram todos de lá.

A aposentadoria como Soldado da Borracha era um projeto do tempo do Presidente Getúlio Vargas e o Presidente Sarney liberou. Getúlio Vargas deixou todo esse plano feito, mas estava engavetado, quando o Presidente Sarney assumiu a presidência, ele tirou da gaveta, então todos que tinham o direito de aposentar-se conseguiram. Quando aposentou todo esse povo, ai ele queria formar uma lei para depois da guerra, que teve muitas pessoas que cortou muitos anos, cortando muito tempo, mas foi o tempo que ele saiu e não chegou a vigorar esta lei.

O Dr. Jaime Ferreira, um promotor público que existia em Rondônia, fez muita reunião conosco, onde falava quais eram os nossos diretos, dizia que não estávamos recebendo o que merecíamos. Olha, não é para chamar vocês de soldado, vocês são da época da guerra, que nasceram debaixo da seringueira, vocês não são soldados, soldados são os que vieram de lá. Vocês são sargentos. Como era que vocês faziam? O sargento não é quem ensina o soldado? Eu disse: justamente, é assim. Pois é, vocês não ensinavam os arigós quando vieram para o

Amazonas? Não eram vocês que ensinavam eles a cortar? Eu disse: era sim senhor. Pois é, essa parte aí está até errada, porque vocês são sargentos. Eu estou satisfeito com o que estamos recebendo, mas, teríamos que receber três salários, mas recebemos apenas dois. Existia uma deputada em Rondônia, por nome de Raquel Cândido, que em Brasília defendeu um projeto que dizia que o seringueiro da época do soldado da borracha vivia muito bem e que não precisava de três salários mínimos, e sim de apenas dois, disse-nos o Promotor Público Dr. Jaime Ferreira. Assim, eles concordaram somente com dois. Esse mesmo doutor falou o seguinte para nós: vocês poderiam receber pensão, aposentadoria somente quando chegasse à idade de se aposentar. Era para receber essa pensão e depois a aposentadoria.

Fizeram com que isso não chegasse até nós. Mas, ele dizia: vocês têm direitos e não estão recebendo. E infelizmente não posso ajudar, pelo fato de não depender somente de mim e de haver autoridades maiores. Não posso fazer para vocês o que realmente merecem. Vocês eram para ter casa própria... O sargento da reserva, da época da guerra... Eles têm casa dada pelo governo... Tem água, tem luz, tudo dado pelo governo. E vocês poderiam ter do mesmo jeito... Não pagar nenhum tipo de imposto, mas infelizmente não chegou isso para vocês. Então, graças a Deus eu digo mais uma vez... Que eu estou consciente que estou recebendo pela misericórdia de Deus, o meu direito, estou vivendo e não agüento mais trabalhar, torci o ombro que me colocou de cama, fui operado. Peguei muitas malárias de ter passamentos, nos igarapés por onde eu trabalhei, mas Deus me conservou e hoje em dia estou vivo contando esta estória. Passei dois anos andando com bastão por conta de um reumatismo, mas, graças a Deus e aos muitos remédios da mata. Fizemos remédio de índio mesmo, e fiquei bom. Sofro hoje em dia, mas estou muito melhor.

Então, a nossa vida foi essa, graças a Deus eu tenho honra de falar da minha vida e da vida de outros companheiros que lutaram na extração da borracha e dizer que existia esse perigo. O perigo maior que existia quando começou era o índio, depois veio uma lei que não podia mexer... Aí, muita gente, por segurança por lá, foi amansando. Agora, o perigo maior era a onça, muitos seringueiros perderam a vida...

Quem luta no mato passa por muita coisa pesada, porque o mateiro dorme no mato, dorme molhado, às vezes com fome, passa por muito sofrimento pesado. É como o seringueiro que, naquela época, não podia comer na boca da estrada. Levava comida, um peixinho torrado, não chegava a comer direito porque chegava lá, às vezes acabava de cortar, estava ali se preparando para comer aí vinha o trovão, deixava aquela comida e corria para colher. O serviço era feito numa agonia muito grande. Era luta. Essa luta era pesada. Essa foi a nossa vida, hoje eu volto a agradecer a Deus, por estar aqui nessa cidadezinha comendo do que eu consegui

nessa época. Sou aposentado desde a época do Presidente José Sarney e recebo dois salários mínimos. Graças a Deus nós chegamos ao fim da caminhada, estamos aqui. Eu agradeço a oportunidade. Em nome de Jesus, muito obrigado.

4.3 Entrevista com a Seringueira Maria das Dores do Nascimento Paiva

Dona Maria das Dores é uma jovem senhora que desde muito cedo foi direcionada à extração do látex.

De voz mansa e olhar que procura sempre desviar-se do olhar de seu interlocutor, demonstra uma passividade e simplicidade notoriamente característica às acolhedoras pessoas que moram nas beiras dos rios e igarapés da região puruense.



GALVÃO DA SILVA, Antônio Carlos. Lábrea – AM, 2007.

Mãe de onze filhos, essa valente mulher e seringueira, que esteve somente quatro vezes na cidade de Lábrea, todas por motivo de doença, recebeu-nos na tarde do dia 25 de janeiro de 2007 e nos agradeceu com uma história de vida regada de muito trabalho e sofrimento. Deste modo, vamos enveredar pelos piques que dona Maria corajosamente enfrentou ao longo de sua vida.

Eu nasci e me criei no município de Pauinin, dentro do Serini, outro seringal fora de Lábrea, meu pai é misturado com índio⁷, ele e minha mãe nasceram por lá.

Eu tenho quarenta e um anos e sou mãe de 11 filhos. Tive todos com parteiras, nunca foi preciso vir para cidade para tê-los. No tempo que a gente morava no meio da mata tudo era com parteira. O parto mais difícil foi desse último, ele me deu um grande trabalho. Essa daqui também, eu passei doze dias sofrendo, vendo anoitecer e amanhecer para eu poder tê-la.

⁷ Com essa expressão, “misturado com índio”, dona Maria quer dizer que seu pai tem descendência de indígena.

Quando eu me separei do meu marido, eu tive que me virar para fazer outra casa, por que ele ficou com a casa que morávamos, assim, fui para o mato, eu e meu irmão, para bater umas paxiúbas, porque no interior as casas são de paxiúbas tiradas do açazeiro.

O seringal onde eu morava fica muito longe, pro lado de cima, em Arundá, mas nós morávamos dentro da aldeia, que ficava dentro de um igarapé. Para chegar lá são dois dias de viagem de motorzinho, sem parar. A principal atividade que temos no seringal é o corte da seringa e o plantio de mandioca, feijão, milho... Essas coisas.

Com oito anos eu já fazia companhia à minha mãe. Ela era seringueira. Quando eu cresci mesmo e já não tinha medo de andar só, quem me acompanhava era meu irmãozinho, aí pronto, de lá para cá, até nessa idade, até o dia treze do mês passado, antes de sair de lá, ainda fiz 18 (dezoito) quilos de borracha. Eu gosto muito de cortar seringa. Quando eu vou para o mato eu só levo o terçado. Minha estrada tem cento e cinquenta seringueiras, mas, tem uma lá que a gente corta quase duzentas madeiras. Dá um bom leite. Para cortar estas estradas eu saio às 05:00 horas da manhã para chegarmos às 03:00 horas da tarde.

Vendo a borracha para o pessoal que viaja pra lá, só pego um recibo e entrego para o Melo⁸. Nós recebemos entre R\$ 1,20 e R\$ 1,50 (um real e vinte e um real e cinquenta centavos) por quilo de borracha. Guardamos os recibos porque serve para recebermos o subsídio de R\$ 0,30 (trinta) centavos de real por quilo vendido. Esse dinheiro é repassado para a Comunidade José Gonçalves do Rio Purus da qual faço parte e eles entregam para a gente. Para essa comunidade, cada participante paga R\$ 3,00 (três reais) por mês.

Quando nós estamos cortando mesmo, a gente faz muito. De nove a dez quilos de seringa num só dia. Ele me manda guardar todos os recibos, porque como ele tem muita pena de mim, ia ver se conseguia fazer um salariozinho, uma aposentadoria. Que seja ao menos uma ajuda, porque eu luto muito para sustentar meus filhos, não é mesmo? Eu não tenho nada de valor meu irmão. Esse ano eu não peguei nenhum recibo, a única borracha que eu fiz foi só uns 13 (treze) quilos, mas eu não fiquei com ela, eu entreguei para os meus meninos. Eu me achei tão aperreada que eu tirei o papel⁹ para aqueles meninos¹⁰ me dá uma ajuda rapaz, mas, não dão de jeito nenhum.

Com dezoito anos eu abandonei a casa do meu pai, estou dentro de 41 anos, mas, toda vida foi de sofrimento. Minha vida todinha foi vivida no seringal, todinha lá com meus meninos. Vim para cá com um deles muito doente. Ele apresentou um negócio na garganta...

⁸ Funcionário do IDAM responsável pela Gerência Operacional.

⁹ Dona Maria está se referindo aos documentos de identidade e CPF, bem como o de atestado de pobreza.

¹⁰ O termo menino é atribuído aos vereadores e funcionários públicos municipais do município de Lábrea.

Aí está a Mara com uma enfermidade tão grande, tão grande que apresentou assim sem vê nem pra que, aí eu vim aqui pra cidade. É apenas a terceira vez que venho à cidade.

A saída da casa de meu pai foi um grande desmantelo que deu. Sai com esse cara sem meu pai nem minha mãe querer. Foi tudo por boato. A gente quando é nova não pensa, não sei como é que é... Minha mãe foi atrás de saber e, se encontraram no meio do caminho. Minha mãe falou pra ele: quer dizer fulano que você vai **carregar minha filha**? Porque se você carregar eu vou tomar. Ele era meio revoltado, disse: eu não disse que ia carregar não, mas, agora eu vou carregar, hoje mesmo! Ela não acreditou na palavra dele. Aí ela subiu pra casa da irmã dele pra saber se as coisas que ele estava carregando era dele, porque ele estava carregando as coisas da casa do pai dele para a casa da irmã, porque ela tava apoiando. Aí ele fez só descer e ela subiu, quando ela chegou lá em cima, as coisas dele estavam todinha lá mesmo. Mas esse casamento que minha irmã tava fazendo comigo sem eu saber - ela mandando ele ajeitar outro cara para ela que ela me ajeitava né - contudo, eu não tava sabendo. Aí, no instante que alarmaram que ele queria fazer isso com meu pai, essa grande traição, ele foi lá em casa. Quando ele veio, o meu pai tava muito revoltado. Minha irmã dizia - porque era a mais velha - olha minha irmãzinha foge com ele porque o papai disse que vai te matar. Infernizaram-no tanto que ele ficou muito revoltado a ponto de dizer que ia me matar. O medo é tudo né. Pensando que ele tinha mesmo coragem de me matar, acompanhei-o. Meus pais ficaram muito revoltados. E, por tanto, nem deu certo mesmo. Hoje em dia, eu já sofri e ainda estou sofrendo pra criar meus filhos.

Quando meu pai soube da verdade ficou de bem comigo e de mal com minha irmã, ainda deu umas lapadas nela.

Quando eu me juntei não gostava nem um **farelo**, o meu coração não ia porque nós éramos parentes legítimos, éramos primos legítimos. Hoje em dia ele está lá, sozinho na casa dele. Eu queria ficar pra cá porque fica muito difícil eu vir com essa menina aí doente, a pessoa só vem do interior para a cidade com alguém doente, a pessoa não vem... não tem gosto de dizer: eu vou para a cidade passear. A gente não tem com que mesmo né? É vi de lá pra cá pra gastar.

A primeira vez que eu vim foi guiado por um professor, eu estava muito doente... me falaram pela fonia e foram me buscar de voadeira. Eu não sabia nem onde era a cidade de Lábrea. Vim outra vez quando meu pai estava muito doente. Veio a morrer no ano retrasado. Eu vim agora com essa daqui muito doente e essa daqui de novo, me batendo no meio da

chuva, toda valência é que o pessoal, os moradores de lá tem muita pena da gente aí fazem aquela casinha de lona dentro da canoa. Cobre. A gente baixa de lá pra cá¹¹.

A gente vem de carona, porque a gente não tem motor, não tem canoa, não tem nada. Eu disse se visse esse governador, eu ia pedir um motor a ele, podia ser que ele me desse um motor. Mas, o sofrimento é assim meu irmão. Hoje, eu conversei sobre isso com a dona Altaíza, que ela viaja, ela trabalhava dentro da aldeia do Canacury. Ela nos conhece e é uma pessoa muito boa. Ela era agente de saúde, agora ela saiu.

Meu ex-marido corta seringa, mas, é muito pouco, eu corto muito mais que ele. Era eu que o sustentava, por isso que meu sofrimento era assim, por que um marido que dá conta não deixa a esposa sofrer tanto.

As pessoas que me viam cortando seringa achavam muito diferente, ficavam admirados. Nós morávamos dentro do igarapé, lá não chegava nem um tipo de notícia e, quando nós íamos cortar em outro seringal a beira do rio Purus, as pessoas achavam... Deus o livre, eu saía 05:00 horas da manhã, nós atravessávamos o Purus para cortar, do outro lado, madeira da várzea. Eles ficavam olhando, todos prestando atenção na saída e na chegada, que hora era que eu ia voltar do mato. As vezes, mesmo grávida de nove meses dessa menina, era cortando seringa sem parar. A dona desse seringal mora ali por trás dessa pista, pode chegar lá que ela diz. Ela é minha comadre. Ela é **mãe velha** dessa menina e dessa, porque **foi ela quem pegou**. Ela dizia: ô minha comadrezinha, choro com pena de você. Choro por você. Minha comadre! leve uma rede, leve ao menos um paninho para senhora! Tenho certeza que a senhora um dia vai **descansar** no mato e aí a senhora vai trazer o menininho num pano, na sarrapilha. Eu dizia: será? Minha comadre, a senhora no mês de descansar é **cortando direto**. Eu dizia para ela que era o jeito, porque se não, não conseguia comprar o enxoval da minha filha. Nove meses eu tirava cortando seringa, até no dia que descansava. Era a precisão. A precisão faz né.

Eu fazia todo o processo de defumação. Agora mudou, após o corte a gente pega o leite, coloca na bacia aí bota uma aguazinha¹² dentro, aí fica coalhado. Depois de coalhado a gente dobra e bota na caixa. Na caixa a gente a imprensa, porque quando a gente tira da caixa a borrachinha já está feita. Essa borrachinha feita, vendo para o pessoal que chega ao porto da gente pra comprar. Vendo por R\$ 1,50 (um real e cinquenta centavos) o quilo. Aí a pessoa compra aquelas coisinhas e leva. Uma lata de óleo lá no interior é R\$ 4,00 (Quatro reais), R\$ 3,00 (três reais) um quilo de sabão. O quilo de açúcar é R\$ 2,50 (dois reais e cinquenta

¹¹ “A gente baixa de lá pra cá” significa se deslocar do seringal com destino à cidade de Lábrea descendo o rio.

¹² A aguazinha que dona Maria está se referindo é o coagulante ácido acético, utilizado para coagular o látex.

centavos) o quilo de açúcar. Tudo é assim. Deus o livre, eu tenho que trabalhar bastante para poder comprar essas coisas. Olha, se vocês chegassem no **interior** e vocês vissem o tanto de produto que a gente produz, e você visse a gente descer para o porto e subir levando a mercadoria na palma da mão. No interior a gente compra os produtos dos regatões. Às vezes nós compramos os produtos fiado e em outras é a vista. É muito sacrifício. Tanto faz na castanha como na borracha, tudo nós somos lutador.

Quando eu subo com esses poucos produtos e vejo que trabalhei tanto por tão pouco dá uma revolta, uma vontade de desistir do corte da seringa. O corte da seringa é bom, mas, o negócio é que o produto é que não anima. O preço da mercadoria é de mais, a gente compra pouca coisa com tanto produto. É isso que desanima, só isso daí, mas se a mercadoria cobrisse, fosse pelo menos do jeito daqui da cidade, ninguém desprezava o interior não, porque é bom lá. No seringal tem festejo de São Francisco das Chagas, de São Raimundo. Sou devota de São Francisco, ele me socorre porque a gente se acha muito aperreada, aí a gente pedi. Quando a gente pensa que não, a gente recebe.

O que eu mais eu gosto no interior é a amizade do povo que é uma beleza. Em relação ao trabalho, eu gosto é de tudo, é na farinha, na seringa, e eu gosto de mais, eu gosto, eu gosto de cortar seringa, mas eu faço é gostar mesmo, tem vez que os meninos dizem: mamãe abandone...por isso que esse daí quer tirar eu de lá...mamãe abandone, a senhora não vai findar a sua vida só no trabalho brabo assim.

A derrubada para fazer o roçado é feita pelas minhas mãozinhas aqui, essas daqui, era no machado. Tudo isso a gente faz no meio da mata com maior sacrifício. Mesmo assim, eu gosto muito do interior, gosto mesmo, acho bom, acho bom mesmo, porque tudo é farto. Lá ninguém compra peixe; a farinha a gente é quem planta, a gente faz, colhe... É fartura mesmo. E aqui na cidade só é bom por causa disso, porque tudo as coisas é mais barato, existe mais pouco sacrifício da gente colher uma mercadoriazinha, um ranchozinho.

As minhas filhas não me ajudam no corte da seringa, somente em casa...Davi tava dizendo que não quer que eu saia porque diz ele que acha muito beleza eu cortando seringa. Aí eu disse: Davi não dá meu irmão, a gente sofre muito para comprar as coisas... eu tenho muita conta aqui. Eu tenho uma conta que eu saí de lá com os meninos doentes, fiquei devendo, eles estavam aí aperreados, aí eu fui pedir ajuda daquele Adenir que é vereador, mas ele me enganou de todo jeito e não me socorreu de jeito nenhum.

A gente vê muita coisa no meio da mata. Tem vez que a gente escuta gritos no meio da mata. Não dar nem sono por conta do medo que a gente sente no meio da mata. Esses gritos

eu não sei nem dizer, o pessoal que diz que é o pai da mata, outros diz que não é, que são outros bichos que gritam.

Eu nunca fiquei perdida na mata, mas o meu filho já ficou perdido, eu tive muito trabalho pra tirá-lo. Esse dia, eu não gosto nem de falar porque quando eu lembrava do acontecido, chorava noite e dia dentro da alagação. Ele saiu para matar **guariba no gapó**. Estava na enchente, ele saiu bem cedinho e disse: mamãe, eu vou já matar uma guariba. Eu disse: vai meu filho, mas cuidado para você não se perder nessa alagação - nós tínhamos chegado há pouco tempo no Purus para morarmos - Disse: nada mamãe, não faz medo não. Ele saiu de casa. Quando deu umas 3:30h e nada dele chegar. Eu já comecei me alvoroçar. Já comecei a agoniar. Comecei a alvoroçar o pai dele, porque ele não ligava. Ele dizia que não tinha perturbação. Deu 06:00h da tarde e nada de notícia dele. Nós entramos com a canoa dentro da alagação também. Você acredita que nós desabamos no meio da alagação. O pai dele batendo çacupema com o machado, dentro da alagação. Ele buzina e, tudo ele fazia e nada de notícia.

Çacupema são aqueles paus que tem umas pranchas de lado. Quando a gente bate, soa muito longe. A gente tira qualquer pessoa perdida, porque quando ela escuta, responde e a gente tira. Deu 06:00h da tarde e nada de saí. Nós tiremos no meio da alagação¹³ mesmo, fazendo aquele caminho para voltarmos. O senhor acredita que quando ele foi sair... ele saiu umas 08:00h da noite, foi quando ele veio chegar. Já tinha deixado a canoa lá por onde ele tinha topado terra, tudo isso já tinha ficado, ele chegou sozinho. Eu fiz uma grande promessa pra São Francisco das Chagas, para que meu filho voltasse para minha casa de novo, porque eu tava com muita saudade do meu filho o dia todinho perdido no meio da mata. Foi São Francisco das Chagas que me conseguiu ele. Eu pensava que era um jacaré que já tinha comido ele, uma onça... diz ele que já tinha encontrado duas onças nesse dia. Dentro da alagação tinha assim uma ilha de terra, e lá estavam essas duas onças. Ele achou de parar mesmo no canto em que estavam essas onças. Quando olhou de trás assim tinha um pau caído, elas estavam atrás, todas duas. Ele só fez voltar por dentro d'água, com a água assim na cintura e saiu.

Nessa época eu acho que ele tinha entre 16 e 17 anos, é encostado desse daqui. Ele ficou até de vim agora pra cá. Vige, no meio da mata, a gente vê muita coisa.

No rio eu já vi cobra grande, grande mesmo da gente até dizer que não é mais cobra. Também existe peixe grande de engolir qualquer pessoa. Tem muita cobra grande, muita

¹³ Saíram em disparada à enfrentar a alagação

mesmo. A cobra que eu vi era Sucuriju. Estava no rio mesmo, porque elas saem para o seco para se esquentar, aí elas fazem aquela ruma grande para se esquentar. O meu irmão e o meu pai todos os dois já foi **ofendido** por cobra, e o meu filho, que mora aqui, também.

Mas eu gosto muito da mata e do rio, gosto mesmo. Eu gosto de andar na mata. Quando eu estou no interior, Deus o livre, é muito difícil alguém me encontrar em casa, é só na mata. Ali eu tiro um cipó, tiro uma arumã. Arumã é uma pacovinha que tem uma palhazinha larga que tem a canelinhazinha bem lizinha que a gente faz peneira para peneirar farinha. Tudo isso eu sei fazer. Eu só vivo pelo meio da mata. teve uma vez que sai às 05:00 horas da manhã, levei um cachorro. Quando eu dei fé o cachorro latiu. Era perto da casa do meu filho mais velho, porque eu ia fazer minha casa encostada na dele. Quando o cachorro latiu, eu fui olhar, levei somente o terçado, olhei para um canto, não vi nada, não vi movimento de nada, pensei: não deve ser nada. Voltei, peguei o machado e encostei numa árvore e sai para casa. O cachorro latiu de novo. Chamei meu filho e fomos olhar. Isso era bem cedinho, a mata estava fria. Quando eu cheguei, tinha uma árvore inclinada, um pouco arriada. Quando eu olho para cima... Valha meu Deus! É uma onça meu filho. Cadê mamãe? Lá está! Vou gritar para barraca! Gritei, meu filho respondeu. Gritei novamente: aqui tem uma onça. Venha cá menino, olha a onça trepada! Olha a onça! Pois é, os meninos acharam que eu tive muita coragem por não ter saído correndo de medo.

Para algumas doenças a gente utiliza alguns chás, como o da preciosa para acalmar a pessoa, baixar a pressão, porque às vezes está alterada. Tem o chá do cipó cravo. Para dor de barriga eu dou o chá do olho da goiabeira... Não tem o marupazinho encarnadinho? Pois é, a gente faz o chazinho. Para verme, quando estão atacados, a gente dá o chá do mastruz. Para anemia não conheço nem um tipo de chá. Para malária a gente alivia com o chá da carapanaúba, mas, não cura não. Quando a malária pega mesmo o jeito é trazer para a cidade. O meu pai era índio mas não nos ensinou muitas coisas de cura, porque no tempo em que o pai dele e a mãe dele morreu, ele ficou pequenininho e foi criado pelas mãos de outras pessoas. Ele não foi quase ensinado sobre a cura dos índios, porque quase todo remédio de hoje em dia da mata é ensinado pelos índios. Já minha mãe era descendente de cearense.

Os políticos não tem me ajudado nem um farelo. Não tem nenhum desses daí que a gente chega... Olha, me achei, no tempo desse menino, que eles queriam me botar pra Porto Velho, mas sem nenhuma condições, nem para deixar, nem para levar para esse menino. Eles queriam me botar para Porto Velho, aí eu digo: meu Deus! Tenha pena de mim!

Eu fui com uma mulher que também trabalha na borracha. Ela me levou na delegacia para tirar esse papel. Eles tiraram e disseram que levasse nos supermercados para ver se

conseguia ajuda. Eu disse: não vou muito longe não, vou na mãe do Gean Barros, que é a mãe dele né. Quando ele saiu fica o seu Luizão. Eu levei pra eles me dá um ranchinho e me dá uma rede, porque era o que eu não tinha. Há meu irmãozinho de Deus, mas eles me enganaram a vida inteira, você me acredita? De não me consegui um... ainda me consegui a rede porque está lá na loja das redes. Aí, lá, essa mulherzinha que trabalha na casa das redes, ela viaja também com o Melo para riba, diz ele que teve muita pena, mas teve tanta pena que pegou vinte reais e me deu, eu vim embora. Eu vim atrás deles. Eles não me serviram de jeito nenhum. Eu queria pelo menos dez reais para eu comprar uma **boinha** para essa menina aí. disseram: Não tenho de jeito nenhum, não dou porque não tenho. Mas, como é que um cara daquele não tem né, é o ajudante do Gean. Eles não me deram de jeito nenhum. Eu cheguei em casa à boca da noite, às 06:00 horas. Chegou essa mulherzinha que trabalha com o Melo. Ela chegou com um rancho para mim. Ele me deu só a rede. Tanto é que... Acredita que o Nelson, que é o vice-prefeito, quando eu cheguei aqui com essa daqui que não andava de jeito nenhum, lutando com ela doente, eu disse: olha seu Nelson, eu queria que o senhor me desse uma ajuda hoje, que eu to precisando, porque eu nunca cheguei aos seus pés precisando, ele disse: mais de que? Eu disse: pelo menos de cinco reais para eu comprar de farinha. Ele disse: ô dona Maria! Eu não tenho, mas vou dá uma lata de carne. Me deu somente uma lata de carne. Eu disse: rapaz agora aí é um vereador ruim. Mas, só assim é o povo daqui.

Uma outra vez, acho que eu andei uns três dias ou mais com a esperança dele me dá uma ajuda. Não era nem para pagar, era para ele me dar uma ajuda. O cara quer receber...o papel era grande, fui eu quem rasgou...olha aí, tá aqui, essa conta aqui é o que eu mais desejo é atender o homem, é cinqüenta que eu devo e, ele não me atendeu de jeito nenhum.

Eu não votei nele não. Nesse tempo eu ainda não votava, eu vim tirar meu título agora. Eu votei já pelo seu Gean. Meu voto foi dado assim, porque eles juntam as comunidades e pegam aquele papel e pede que a família da gente que tiver título, juntar para votar por eles, foi o que eu fiz.

Eu estou pelejando pra ver se eu consigo um terreno. Se eu conseguir, eu queria fazer uma casinha aqui. Uma casinha assim, pedindo uma ajuda de um e de outro, pra ver se eu consigo uma casa. Se eu conseguisse uma casinha eu vou ficar morando aqui. Vou deixar aqui e, quando for no mês de maio aí eu volto para o seringal.

Eu pedi esse terreno para o prefeito, ele mandou-me com o chefe né, o que trabalha na terra. Diz ele que já está conseguindo o terreno. Mas, é a maior luta meu irmão para a gente conseguir uma coisa, Deus o livre. É luta, é luta mesmo, não socorrem ninguém não.

A minha vontade de morar na cidade é por conta dos meus filhos, por causa de doença. Fica muito difícil para gente vir pra cá nos **emboléu**.

O meu filho que mora aqui não está trabalhando porque ele não quer abandonar os estudos. Agora, a mulher dele trabalha. Ele trabalha quando está de férias, ele **marisca**, ele faz qualquer tipo de trabalho, ajuda qualquer pessoa. Ele estuda de tarde, ele não quer largar a aula de jeito nenhum.

Eu matriculei todos eles aqui. Esse daí vai estudar também aqui, porque lá no interior não tem mais aula para ele estudar, assim, ele vai estudar aqui. Conversando com o Frei Miguel, ele disse que se interessa muito que eu venha morar aqui, porque ele me conhece de lá. Diz ele que eu luto demais lá. O Frei Miguel me ajuda, me dá de vinte, me dá rancho, ele compra, ele... Deus o livre, o Frei Miguel é muito beleza, ele me ajuda bastante, bastante mesmo. Fora isso, não tem quem ajuda ninguém aqui não.

O tempo em que estou aqui na cidade eu sinto muita saudade do seringal. A gente se lembra de muita coisa que a gente passa no seringal, muita chuva no meio da mata, tirando cipó para fazer vassoura, um paneiro, tudo isso eu sei fazer. A gente passa muita crise no meio da mata. Tem vez que a gente sai às 05:00 horas, não leva um farelo de farinha e nem nada para comer. Passa o dia todinho com fome. A acabação da gente no meio da mata é mais essa, a gente sofre muito.

A minha vida é de muita luta. Eu conto para minha nora: Ivone, eu criei esses meus filhos com o corte da seringa. Nunca no mundo eu deixei de sofrer. Eu sou mãe de 11 filhos e, para eu sustentá-los, cansei de pegar eles e ir para o mato derrubar sorva, cortava e colhia o leite. Quando vinha a chuva, eu pegava as folhas de bananeira braba e fazia na mata aquele **papirizinho** e passava a chuva de baixo. Já levava uma rede para o outro balançar ele.

Por isso eu ando atrás, porque fica muito difícil. Sou só, e, tenho esses filhos pra dá conta, assumi todos eles a custa de muito trabalho.

CAPÍTULO 5 - FOTOS E VERSOS: Narrativas de dois Ex-Seringueiros Cordelistas

EMIGRANTES IMIGRANTES

Elias Bezerra de Souza

Ai que saudade que temos
Do que fomos e não somos
Do que tivemos e não temos
Do que juntos partilhamos

Ai que saudosas lembranças
Dos nossos dias de glórias
Que o presente da história
Noutros rumos colocou

Quão grande é o ressentimento
Por todos os contratemplos
Que como raios de um tempo
A muitos fatalizou

E a persistente esperança
No coração agoniza
E morre qual a semente
No chão ressequido da vida

E vão-se os nossos sorrisos
Em troca nos vem a tristeza
E já não temos certeza
Se o amanhã nos virá

E em cada rosto que olhamos
Vemos aberta a ferida
Do trágico que a vida
Sem receios desferiu

Caminhando sem sentido
Em direções diferentes
Lá se vai toda essa gente
Em busca de outros lugares

Tão fria quanto perversa
É a crueldade dos homens
Que irônica é a vida
Quão desigual é o mundo

Sigamos noutros caminhos
Tenhamos perseverança
Como nasce um novo dia
Nascerá nova esperança

Se nos fizeram excedentes
Façamo-nos persistentes
Provemos ser competentes
Aqui ou noutros lugares

Hoje somos emigrantes
Amanhã imigrantes seremos
Aos que nos fazem cativos
Por eles a Deus roguemos.

Este capítulo nasceu da inquietação de tentar demonstrar visualmente, àqueles que de certa forma mantiverem contato com este trabalho, um pouco da vivência do trabalho de campo e, assim, poder compartilhar por meio das fotografias e dos versos o espaço do seringal e do seringueiro desenvolvido na região do município de Lábrea.

A disposição das fotografias foi elaborada de forma que se observe uma evolução seqüencial, começando por elementos formadores e que, ao mesmo tempo, afirmam a representatividade de um seringal, estendendo-se até a composição da cidade de Lábrea.

Três versos compõem as narrativas deste capítulo. O primeiro é do poeta José Valentim da Silva, intitulado *A Vida do Seringueiro*, o segundo e o terceiro são do poeta Elias Bezerra de Souza, intitulados *Ode Lábrea* e *Ode Lábrea II*. Escritos em épocas diferentes, retratam bem os momentos distintos vividos pelo autor.

“Um poeta de Lábrea”. Assim era chamado o cordelista *José Valentim da Silva*, um homem de cor morena, nascido aos vinte e um dias do mês maio de 1935, na cidade de Lábrea. Filho do cearense Eduardo Valentim da Silva e da amazonense Francisca Ovídia da Silva. O ilustre poeta foi agricultor, seringueiro, barbeiro e cabeleireiro, essas duas últimas profissões exerceu até a morte. Coursou apenas até a 3ª série da educação colegial em Lábrea, mas foi suficiente para o homem pacato se confundir com o poeta em sua magnífica literatura de cordel. Aos 28 anos casou-se com a amazonense - nascida no lugar denominado Barranco da Catita em Lábrea - Luisa Freire da Rocha a qual passou a adotar o nome de Luisa Rocha da Silva, mas era conhecida por todos como professora Luisa Freire. Do casamento nasceram 8 filhos. José Valentim faleceu em Lábrea (AM) aos 28 dias do mês de abril de 1993, Suas Obras mais conhecidas são *A Vida do Seringueiro; O Atentado ao Papa; Vida e Morte do piloto Valdomir*.

A narrativa que José Valentin faz da vida do seringueiro, na verdade é um retrato bem humorado de sua própria trajetória de vida como seringueiro nos seringais da região puruense. Deste modo, cremos que por conta da vivencia dos anos em que estivera nos seringais, expôs com tanta sutileza e detalhes um pouco do modo de vida que o seringueiro levava nas matas. Assim, o autor retrata a árdua e agonizante luta do seringueiro para manter-se vivo diante de um regime de trabalho cruel, numa região inóspita e cheia de perigo, deixando claro que os seringueiros foram vítimas de promessas enganosas e, quando se deparam com a realidade do seringal perceberam que teriam que se doarem na luta do corte da seringa se almejassem um dia obter saldo. Contudo, mesmo diante de todo sacrifício, dificilmente conseguiam sair da condição de devedor. Assim, logo na primeira estrofe, José Valentin expõe a luta do

seringueiro dizendo: “[...] vejam o quanto sofre esse infeliz brasileiro, que trabalhando a vida inteira e não sai do cativoiro”.

Elias Bezerra de Souza nasceu a 05 de agosto de 1964, em Pauini (AM). Filho de Francisco Bezerra de Souza e dona Valdecir Bezerra do Vale. Em março de 1975, com 11 anos de idade, o menino seringueiro sai de sua terra natal para Lábrea (AM). No início da década de 80 publicou pela primeira vez uma das suas poesias na revista “Mocidade”; em 1986 participa do “Anuário de Poetas do Brasil”; em 1994 publicou seu primeiro livro de poesias intitulado *Retalhos de Mim*; em 1996 publicou a antologia poética *Nossos Momentos*; em 1998 publicou *Palavras & Versos* (poesias); e em 2007 publicou *Educação & Aprendizagem: frases que educam e frases que ensinam*. É graduado em Pedagogia pela Fundação Universidade Federal de Rondônia e pós-graduado em Metodologia do Ensino Superior e também em Gestão Escolar pela mesma Universidade. É tutor de ensino a distância da ULBRA no POP Lábrea onde trabalha com acadêmicos do curso de Sociologia. Casado com Júlia Maia Galvão Neta com a qual tem duas filhas: Elis Dávine e Júlia Ívine. Laís e Mitchell são seus filhos mais velhos, do primeiro casamento.

Elias Bezerra de Souza no poema *Ode a Lábrea*, engrandece as belezas naturais que fazem de Lábrea, em sua visão, uma cidade destaque dentre outras da região. Onde, enaltece a presença e luta dos caboclos seringueiros nas matas e rios como sendo os merecedores de glória. Posteriormente, em *Ode Lábrea II*, percebe-se no autor um homem desolado e impotente diante de um povo sofrido, de uma Lábrea abandonada, lançada ao descaso, sendo explorada por pessoas sem comprometimento com ela. Mas, por meio de seus escritos procura retribuir a morada que esta terra lhe propiciou. Assim, mantêm-se esperançoso de que essa cidade “um dia triunfarás”.



GALVÃO DA SILVA, Antônio Carlos. Sr. Claudino Soares, nascido em 1926 na Bahia, Ex-Seringueiro e aposentado como Soldado da borracha, Porto Velho – RO, 2006.

A Vida do Seringueiro (José Valentin da Silva)¹⁴

“Vou descrever uma história, / Falando do seringueiro. / Vejam o quanto sofre / Esse infeliz brasileiro / Que trabalha a vida inteira / E não sai do cativeiro. / O patrão chama o freguês / Para ir pro seringal, / Dizendo que lá é bom, / Como lá não tem igual. / Ainda paga o produto / Do preço da capital. / O besta vai na conversa / E fica todo animado. / Na primeira aviação / Fica logo **encalacrado** / e ali por uns dez anos, / vai viver **aperreado...**”



GALVÃO DA SILVA, Antônio Carlos. Vista do rio Ituxi, Lábrea – AM, 2007.

“... O patrão diz para ele: / “Está feita a aviação; / Agora vou lhe botar / na melhor colocação, / que estava reservada / para pôr o meu irmão. /. Quando o pobre chega lá, / que vai correr as estradas, / diz logo: “estou liquidado, / sei que aqui não faço nada. / Para tirar algum leite, / tenho que pôr estradas...”

¹⁴ SOUZA (1995, p.16). Versos de José Valentin da Silva, colhidos em Lábrea, Rio Purus, AM



GALVÃO DA SILVA, Antonio Carlos. Barco a vapor. Fortaleza do Ituxi, Lábrea - AM, 2007.

“... E assim o pobre faz / e começa a trabalhar. / A estrada, quase morta, / muito pouco leite dá. / E ele, arrependido, / falta pouco pra chorar.. / Mas faz da fraqueza força, / bota mesmo pra valer, / pedindo à virgem Maria / para não adoecer, / para ver se faz borracha, / que dê ao menos pra comer. / O pobre seringueiro / levanta de madrugada; / cuida logo do café / em um lata amassada. / Veste uma camisa suja / e uma calça rasgada...”



GALVÃO DA SILVA, Antônio Carlos. Borracha, Balde e Tigelas, Lábrea – AM, 2007.

“... Bota um chapéu na cabeça, / feito de **brim coringa**. / Cuida logo em calçar / um sapato de seringa. / Por onde ele vai passando / vai **recendendo a catinga**. / Aí ele ganha a mata / Com uma faca na mão. / Um saco com peixe assado, / quase da cor do carvão, / pra quando **fechar o corte**, / pegar a sua refeição...”



GALVÃO DA SILVA, Antônio Carlos. A espora é uma ferramenta utilizada para subir na sorveira e extrair o leite. Vila Vitória, Rio Ituxi, Lábrea – AM, 2007.

“... Quando ele fecha o corte, / já vem um pouco cansado; / puxa o saco de comida / e come uns dois bocados. / E diz: “eu não quero mais, / Senão eu morro entalado”. / Aí bebe uns goles d’água / e diz: “eu vou já colher. / Já cortei a estrada toda, / Meu leite eu não vou perder. / Vejo o tempo se formando, / parece que vai chover...”¹⁵



SILVA, Josué da Costa. Nas cheias, a água toma a mata formando imensos igapós. Rio Pacιά – Lábrea – AM, 2007.

“... Deixa a faca e pega o balde / e volta logo colhendo. / Escuta o trovão roncando, / Aí sai quase correndo. / Depois cai, derrama o leite. / Parece até que estou vendo. / Quando ele se levanta / com a cara toda melada, / os olhos cheios de leite, / sem poder enxergar nada, / mas naquela ocasião / até mesmo com o cão / ele topava parada...”

¹⁵ A chuva estraga o látex.



GALVÃO DA SILVA, Antônio Carlos. Casa ribeirinha tipo palafita, Rio Ituxi, Lábrea – AM, 2007.

Assim ele fecha a colha / e põe o leite no “saco”, / e faz ali, bem ligeiro, /
um cigarro de tabaco. / E diz: “eu, chegando lá, / Ainda vou partir cavaco”.
/ Depois de partir os cavacos, / bota fogo no buião. / Diz: “agora vou em
casa, / temperar o meu feijão; / faz três dias em que eu não como, / desse
jeito, só pro cão”. / (versos de José Valentim da Silva).



GALVÃO DA SILVA, Antônio Carlos. Na parte de baixo, a casa de farinha, no alto, a casa do seringueiro. Rio Ituxi, Lábrea – AM, 2007.

“... Depois que ele limpa os olhos, / sai fedendo a couro cru, / vendo a hora
de topar / com uma **surucucu** / ou então ser atacado / por uma **onça
canguçu**. / Volta ao **defumador**, / bota o leite na bacia. / Senta em uma
caixa velha, / que vem com “**sabão cutia**”. / E começa a **defumar**, / já
pensando no outro dia...”



GALVÃO DA SILVA, Antônio Carlos. No interior é assim, o local de lavar roupa serve também para tratar o peixe. Fazendinha, Rio Ituxi, Lábrea – AM, 2007.

“... Termina de defumar. / Toma banho e troca o calção. / Pega a panela e um prato / E senta mesmo no chão. / Come que só um bicho, / somente o puro feijão. / Depois ata o mosquiteiro / todo cheio de buracos / e deita em uma rede velha, / que tem o fundo de saco, / rogando pra no outro dia / matar ao menos um macaco. / (versos de José Valentim da Silva)...”



GALVÃO DA SILVA, Antônio Carlos. Processo de debulhação do açafá. Fazendinha, Rio Ituxi, Lábrea – AM, 2007.

“... O patrão nunca tem / nada para vender ao **freguês**; / de comida, só farinha; / de **fazenda**, só xadrez. / Às vezes tem espoleta, / mas só pode arranjar três. / Pois é assim, meus amigos, / a vida do seringueiro. / Eles vivem iludidos / como porco em chiqueiro; / trabalham todos os dias / e nunca ganham dinheiro...”



GALVÃO DA SILVA, Antônio Carlos. Crianças na hora do lazer. Fazendinha, Rio Ituxi, Lábrea – AM, 2007.

“... Quem pensa cortar seringa / ser uma facilidade, / é só vir pro interior / e abandonar a cidade. / E entrar mata adentro, / pra ver a dificuldade. / Vou continuar falando / do freguês e do **patrão**, / quando recebe a borracha / levada ao barracão, / depois que vamos saber / qual é a sua situação...”



GALVÃO DA SILVA, Antônio Carlos. Cabeça de macaco cozida. Muito apreciada pelo ribeirinho, Rio Ituxi, Lábrea – AM, 2007.

“... O patrão pesa a borracha / em uma balança velha / e diz para o freguês: / “Você quase não fez nada, / pois se assim continuar, / sua conta será cortada”. / “Mas vou **somar seu talão**, / como as compras do outro mês. / De vinte se leva dois, / mas pra você vão três. / De cinquenta leva cinco, / mas pra você vão seis...”



GALVÃO DA SILVA, Antônio Carlos. Vista da Comunidade Vila Vitória, Rio Ituxi, Lábrea – AM, 2007.

“... O pobre diz para os outros: / “O patrão quer me ajudar; / já sei que minha vida / agora vai melhorar; / estou muito satisfeito / com seu modo de somar”. / O patrão diz pra ele: “Vou fazer sua aviação, / mas vamos economizar / pra não passar de um milhão, / esse mês você só leva / uma barra de sabão...”



GALVÃO DA SILVA, Antônio Carlos. Escola em Vila Vitória, Rio Ituxi, Lábrea – AM, 2007.

“... Ele sai dali dizendo: / O que é que eu vou fazer? / Quando eu chegar em casa, / o que é que vou comer? / Nem leite e nem café / não tenho pra beber!” / Quando o pobre chega em casa, / nada tem para jantar: / põe uma lata no fogo, / de repente faz um chá. / Depois bebe e ata a rede, / se deita e fica a pensar...”



GALVÃO DA SILVA, Antônio Carlos. Antigo Depósito de borracha beneficiada. Lábrea – AM, 2007.

“... No outro dia, bem cedo, / ele sai para cortar / com a espingarda no ombro, / mas não vê o que matar. / Ele diz: “é outro dia / que eu vou dormir sem jantar”. / Fecha o corte e deixa a arma / lá na boca da estrada. / Sai colhendo bem ligeiro, / pela **perna da estrada**. / Antes de chegar no **“rodo”** / Encontra-se com **os queixadas...**”



GALVÃO DA SILVA, Antônio Carlos. Do roçado, uma parte da mandioca é posta de molho e a outra é transportada para a casa de farinha para ser raspada, Rio Purus, Lábrea – AM, 2007.

“... Ele diz consigo mesmo: / “Eu estou fazendo asneira, / Me arrependo de ter botado / a arma na bandoleira. / Bastaria eu dar três tiros / para fazer a minha feira”. / Aí ele sai bufando / mais do que um jacaré. / Lá adiante ele pisa / em um tronco e fura o pé. / Na passagem de uma ponte / cai dentro do igarapé...”



GALVÃO DA SILVA, Antônio Carlos. Após três dias de molho, a mandioca é tirada e levada para prensa. Desse processo é obtido a farinha d'água, Bairro da Fonte, Lábrea – AM, 2007.

“... Quando ele se levanta / vê o leite derramado. / Diz uns nomes e chuta o balde, / pensa: “estou desgraçado, / como é que eu colho o resto, / com esse troço amassado?” / Assim mesmo ele colhe; / Chega em sua choça de palha. / Aí parte uns cavacos / e põe fogo na fornalha. / Enquanto isso faz um cigarro. / Muitas vezes o leite coalha...”



SOUZA, Lucileyde Feitosa. Processo de raspagem de mandioca. Após essa fase, segue para ser ralada e prensada. Desse processo resulta na farinha tida como branca ou seca. Vila Falcão, Lábrea – AM, 2007.

“... Aí ele vai para casa / e começa a reclamar, / dizendo: “maldita a hora, / quando inventei de cortar. / Se eu soubesse que era assim, / Nunca tinha vindo cá...”



GALVÃO DA SILVA, Antônio Carlos. Quando é retirada da prensa é peneirada para retirar os talos (crueira) e levada para ser torrada , Bairro da Fonte, Lábrea – AM, 2007.

“... E, de julho em diante, / que a tendência é piorar, / da seringueira caem as folhas, / e tem dois meses pra enfolhar. / Só de setembro em diante, / que o leite vai aumentar. / Em setembro o leite aumenta, / Mas já começa a chover. / Muitas vezes o pobre corta, / mas não dar tempo de colher. / Vem a chuva e toma o leite, / nada ele pode fazer...”



GALVÃO DA SILVA, Antônio Carlos. Torrando farinha. Última etapa do processo da farinha. Bairro da Fonte, Lábrea – AM, 2007.

“... Ele corre para a casa / e pega se maldizer. / “Quanto mais dia se passa, / mais aumenta o meu sofrer. / Ah, se adivinhasse / que hoje ia chover”. / Ele diz: “agora sim, / que as coisas vão piorar, / por que vão cair as folhas / do tal do matamatá. / Aí sim, vêm as **mutucas**, / botando pra desgraçar”...”



GALVÃO DA SILVA, Antônio Carlos. Torrando farinha. Bairro da Fonte, Lábrea – AM, 2007.

“... Termina-se assim o **fábrico**. / Ele no mesmo fracasso. / Mesmo assim ele ainda diz: / “não pude sair do caço; / esse ano eu não fiz nada, / mas no outro, eu faço.” / O pobre do seringueiro, / tem uma sorte precária. / Parece até estar pagando / uma indulgência plenária. / Pior é quando com ele / se atraca a malária...”



GALVÃO DA SILVA, Antônio Carlos. Mulher Seringueira e seus filhos em visita à cidade de Lábrea – AM, 2007.

“... Ele vai com o patrão / atrás de umas cloroquinas, / ele diz: “aqui não tem / nem sequer a metoquina. / O melhor é tu tomar / uns dez quinaquina” / “E mesmo a sua conta / está um pouco alterada. / Antes do fim do mês / eu não vendo mais nada / te agüenta no pincel, / que eu já vou tirar a estrada”.



Foto cedida por amigos residentes na cidade de Lábrea. Primeira agência dos correios, sito à Rua Dr. João Fábio de Araújo. Lábrea – AM, SD.

Ode Lábrea (Elias Bezerra de Souza)¹⁶

“... Com o Labre explorando a grandeza / Da extensão flores e d’umilde Purus, / Verde mata, floresta garbosa, / Numa vasta e distante planície, / Descobriu-se, pra orgulho da pátria, /Lábrea d’oje, terra varonil...”



Foto cedida por amigos residentes na cidade de Lábrea. Igreja de Nossa Senhora de Nazaré. Lábrea – AM, SD.

“... Quando o sol traça o nosso horizonte, / Engalarda-se nossa “Princesa”. / Nosso ocaso é a moldura das tardes. / Nosso céu estrelado, a beleza das noites. / A floresta, a riqueza da terra. / O Purus, a riqueza das águas...”

¹⁶ SOUZA (1994, p.49). Poema *Ode a Lábrea*



Foto cedida por amigos residentes na cidade de Lábrea. O Coreto faz parte da história de Lábrea e foi erguido no centro da praça Coronel Labre, bem em frente à Igreja Nossa Senhora de Nazaré . Lábrea – AM, SD.

“... Nosso pendão retrata o passado / De lutas sangrentas, límpidas vitórias. / O caboclo em distantes rincões / É o guerreiro na árdua história. / O seringueiro na árdua luta / É o orgulho da terra febril...”



Foto cedida por amigos residentes na cidade de Lábrea. Antigo Mercado Municipal. Hoje, é sede da Secretaria Municipal de Esportes, sito à Rua Dr. João Fábio de Araújo. Lábrea – AM, SD.

“... As paisagens nos mostram beleza. / A matriz, monumento histórico. / É formosa, em moldura a primeira. / Do Brasil, pra louvor e memória. / Centenário dos anos remotos, / Marca hoje o passado de outrora...”



Foto cedida por amigos residentes na cidade de Lábrea. Colégio das Irmãs Agostinianas Recoletas. Atual Educandário Santa Rita, sito à avenida 14 de maio. Lábrea – AM, SD.

“... Da Catita¹⁷ a paisagem gigante, / E do Labre o início da história. / D’altas terras o cantar do canário. / Do baixio a gaivota pesqueira. / Calejadas mãos do agricultor / Plantam o solo, engrandecem o Brasil! / Lábrea, mão do caboclo guerreiro, / Tens dos anos o poema de amor, / Do canário o cantar orquestrado, / Do teu povo a luta e o louvor”.



Foto cedida por amigos residentes na cidade de Lábrea. Antes de ser transformado no Mercado Municipal, este prédio fora uma escola, onde, dentre seus os muitos alunos que por ela passaram, destacamos o ilustre filho de Lábrea, o ex-governador do Estado do Amazonas e atual senador da República, Gilberto Mestrinho. Hoje, este espaço é ocupado pela Feira Livre. Lábrea – AM, SD.

Ode Lábrea II (Elias Bezerra de Souza)¹⁸

“... È longa tua história. / Tamanha é ela / que não sei contá-la. / É negro o teu manto. / Mais negra é a mente / dos que não te ajudam a melhorar. / É pesado o teu fardo. / Tão pesado é ele / que não posso carregá-lo. / São farrapos tuas vestes. / Mais farrapos vestem os pobres / e riem pra não chorar...”

¹⁷ Uma velha moradora que habitou as barrancas onde hoje é a cidade de Lábrea.

¹⁸ SOUZA (1998, p.51). Poema *Ode a Lábrea II*



Foto cedida por amigos residentes na cidade de Lábrea. Este antigo prédio da SUDHEVEA - Superintendência do Desenvolvimento da Borracha – é hoje a sede da APNOL – Associação dos Pequenos Moveleiros de Lábrea. Lábrea – AM, SD.

“... A sujeira te invade. / Mais suja ainda é a mente / dos que só sabem te explorar. / A destruição te consome. / Lamento dizer que teu povo / não sabe te preservar. / As críticas até te rebaixaram, / Mais baixa é a mentalidade / dos que só sabem criticar. / É triste demais teu presente. / Mais triste e amargo é o presente / dos que vivem a labutar...”



GALVÃO DA SILVA, Antônio Carlos. Vista Aérea da Cidade de Lábrea. No centro da praça Coronel Labre, a catedral Nossa senhora de Nazaré. Lábrea – AM, 2003.

“... Foi de glória teu passado. / Mais glorioso é o futuro esperado / que te dignificará. / Vim de uma terra distante. / Cheguei aqui viajante. / Te fiz meu refúgio, meu lar. / É vez, é tempo e hora / de neste contexto da história / o teu nome propagar. / Lábrea, mãe da minha infância, / quem por Deus espera, não cansa. Um dia triunfarás”!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nascida e fomentada por força do extrativismo, principalmente no que tange à produção de borracha, Lábrea, logrando de grande prestígio, esteve no período de grande exploração do látex inserida no contexto amazônico como sendo uma das principais cidades econômicas do Estado do Amazonas.

Assim, analisar o Seringal no Município de Lábrea, bem como o trabalho e o viver dos ribeirinhos com o meio onde vivem, levou-nos a perceber que o seringal de hoje não é mais demarcado pela existência da hevea. A extração de borracha é uma ação muito pequena no contexto da realidade produtiva de um seringal nos dias atuais. É um seringal que não gera muita riqueza, mas essencial para preservação e manutenção do meio ambiente.

Nesse cenário, o destaque ficou por conta dos milhares de nordestinos, que de um modo ou de outro vieram para região amazônica, cortar a seringa, onde, a virtualização por dias melhores levava-os a visionarem a seringueira como sendo a “árvore da fortuna”, e à Amazônia como um lugar bom para se viver, onde, em pouco tempo poderiam se tornar pessoas de posses.

Ao deixarem sua terra natal e tudo que mais amavam, os retirantes, marcados pelo processo de des(re)territorialização (HAESBART, 2004), foram obrigados a desenvolver um novo modo de vida, mas, mesmo diante das adversidades peculiar à região amazônica, esse povo não esquecendo suas raízes procurou disseminar esses conhecimentos culturais. Essas heranças fundiram-se com outras locais e, aos poucos formava-se um novo modo de ser, de viver e de conviver. Assim, esse grupo social que foi movimentado para a Amazonia, para um espaço desconhecido e inóspito, se integram nesse espaço, constroem seu próprio espaço e entendem desse espaço. Porque o seringueiro passou a entender da floresta mais do que qualquer um outro.

A força do capital provocou inúmeros conflitos, onde seringueiros e, principalmente, os índios foram as principais vítimas, tornando-os, como consequência desse modelo de exploração do látex, uma população ainda mais empobrecida e socialmente excluída da riqueza gerada pela produção da borracha.

Grande parte desses seringueiros que contribuíram com as políticas governamentais brasileiras e estrangeiras viram-se simplesmente abandonados e esquecidos nos mais diversos pontos dessa hiléia amazônica e na periferia das grandes cidades. Tendo, muitos deles, que se adaptarem a um novo espaço e, deste modo, a um novo modo de vida.

O descaso por parte do governo do Brasil foi muito sentida pelos homens que, quando convocados para a “batalha da borracha”, vislumbraram a possibilidade de ajudar o país e ao mesmo tempo poderem sonhar com uma vida mais justa. Tal mágoa está muito viva na fala do soldado da borracha aposentado Claudino Soares, em entrevista concedida¹⁹ em 26 de dezembro de 2006.

[...] nós era para ter outro valor [...] felizmente a gente é brasileiro e tem orgulho de ser brasileiro, mas um orgulho com sentimento, o senhor entendeu? Um orgulho com sentimento, por que o sofrimento nosso foi demais, acabava a roupa, tinha que amarrar estopa na cintura para poder cortar borracha, procurar borracha [...]

As palavras acima ditas por seu Claudino Soares retratam bem o motivo de sua mágoa diante da difícil vida que estes bravos seringueiros tiveram que suportar no meio da mata - opressão e exploração por parte dos “coronéis”, as doenças, a solidão, os animais selvagens e por fim o abandono -. Todos esses esforços destinados à atividade de extração do látex na selva amazônica e de toda dedicação e vidas doadas nessa árdua guerra, não levou estes seringueiros a lograrem os frutos que mereciam. Todavia, a atual configuração territorial da Amazônia Brasileira é fruto, em grande parte, desses longos períodos de exploração do látex no interior da mata.

A grandeza da mata e dos rios amazônicos, seus mitos e lendas, desde sempre levou os muitos que por ali passavam e, os que se prontificaram a explorá-los ou fixarem-se na região, deterem um modo de vida regado de referência e temor diante da exuberância e mistérios contidos na imensidão daquele labirinto mesclado de florestas e águas. Hoje, muitas dessas concepções místicas pouco a pouco estão se tornando coisa do passado ficando preso, quase que exclusivamente, na memória dos mais velhos, homens e mulheres que quando são indagados, com muito entusiasmo procuram retratar um passado carregado de sofrimento, mas, vivido com imensa intensidade com o meio onde moravam e trabalhavam. Seu espaço, seu lugar.

Essa perda paulatina das lendas e mitos amazônicos não está ligada exclusivamente ao novo modo de se organizar - uma vez que acreditamos que esse sistema por si só não teria forças suficiente para destruir ou apagar uma cultura de gerações - mas, sobretudo, por uma nova ordem religiosa, a doutrina evangélica que gradualmente está sendo difundida e disseminada em boa parte da região. Por outro lado, se procurarmos pensar do ponto de vista capitalista, onde a base maior é o acúmulo do capital, a igreja evangélica possivelmente

¹⁹ Entrevista concedida ao pesquisador Antônio Carlos Galvão, como suporte à dissertação do Mestrado em Geografia, da Universidade Federal de Rondônia.

poderá fortalecer e propiciar uma melhor condição de vida aos moradores daquelas comunidades, fato que não pode ser desprezado diante das poucas condições de vida da maioria das pessoas residentes naquelas comunidades. Mas, vale registrar que muitos moradores dessas comunidades ainda levam uma vida tipicamente de acordo com a cultura tradicional, ou seja, mantêm uma relação bastante dialética com a natureza, tirando desta somente o necessário para sua sobrevivência e de seu grupo.

Durante todo o desenvolvimento deste trabalho utilizou-se várias expressões, dentre outras, seringueiros, ribeirinhos, homens da mata, moradores da floresta. O fato é que hoje, é muito difícil dizer que o ribeirinho é isso ou aquilo, pois o novo modo de vida nos seringais levou estes moradores da floresta a tornarem-se pessoas detentora de uma diversidade de trabalho bastante acentuado. Antes, os seringais faziam jus ao nome, pouquíssimas atividades eram desenvolvidas paralelamente e o seringueiro era verdadeiramente tido como seringueiro, como é o caso de todos os seringueiros antigos que tivemos o privilégio de entrevistá-los, os quais, procuravam demonstrar o quanto tinham orgulho do que realizaram.

Nos dias atuais, com raras exceções, como, por exemplo, o caso de dona Maria das Dores, que em sua entrevista deixa claro que sua vida nos seringais está ligeiramente condicionada ao corte da seringa, atividade que ela gosta muito. Mas, na maioria das vezes, nem o próprio ribeirinho sabe o que ele realmente é, sua alta denominação. Não há uma identidade que se configure como própria e legítima, com a qual possamos identificar os atuais moradores das comunidades pesquisadas.

Com o subsídio da borracha foi efetuado um cadastro, em cada comunidade, das pessoas envolvidas no corte da seringa, fato que leva estas pessoas inseridas nesse processo a serem entendidas e a responderem como seringueiro ou seringueira. Contudo, não há, por parte da maioria destes homens e mulheres uma real posição do que eles realmente são. Dizem que são simplesmente pessoas que moram no interior e que trabalham com roça, castanha, sorva, seringa, madeira, cacau, mel, andiroba, copaíba...

Mesmo estando organizadas em comunidades e procurarem trabalhar num constante somatório de forças, receberem auxílio do programa bolsa escola, contarem com eventuais visitas dos agentes da Fundação de Saúde e dos subsídios para extração do látex, essas comunidades necessitam de um melhor apoio, como por exemplo, ao sistema de comunicação, com instalações de fônias; no transporte da produção, com planejamento mensal, bimestral ou semestral do escoamento da produção, levando em conta o período de exploração de cada produto; com projetos e treinamentos que viabilize alavancar o potencial produtivo de cada comunidade; e, ao nosso entender, projetar esforços para viabilizar maiores

condições de atendimento e combate às várias doenças existentes nessa região - principal causadora de preocupação das famílias ribeirinhas -, obrigando-as, muitas vezes, a partirem rumo à cidade em busca de melhores garantias de vida. Do mesmo modo como ocorre com os professores que ficam nas comunidades em cada período letivo, a melhoria de atendimento na área de saúde poderia ser por meio da fixação de agentes de saúde nesses mesmos locais, uma vez que as escolas estão fixadas em comunidades maiores e estrategicamente bem posicionadas para receber os alunos de outras comunidades, tanto a jusante com a montante.

Nas comunidades pesquisadas, mesmo diante de um novo modo de vida, grande parte dos moradores, mesmo frente às adversidades encontradas na mata, o seringueiro leva sua vida permeada de muita doação e, simultaneamente, uma interação muito viva com a mata, rio, lendas e mitos. A mata para ele é um lugar de liberdade, onde, a saudade para os que viviam nos seringais é atribuída e expressa pelas relações construídas com a natureza.

Nesse entendimento, vale a pena registrar que nos seringais de hoje, a relação de grande parte dos seringueiros com o lugar onde mora e tira seu sustento, ainda é permeada pelos sentimentos dos tempos de seus ancestrais. Ali estão presentes o significado e a importância de virtualizações de gerações, às quais, imensuráveis por quem não têm a sensibilidade suficiente de compreensão da cultura desse povo da floresta. Esse espaço representa, para o seringueiro, toda uma história de vida, a mata é vida. É um lugar que muito exige do seringueiro, mas, que também lhe proporciona liberdade, liberdade de sentir-se parte e, ao mesmo tempo, senhor da natureza, de poder ir ao rio ou à mata pegar o peixe ou a caça para o sustento de sua família ou, ainda, plantar mandioca, milho, melancia e jerimum. Esse modo de vida faz com que o seringueiro sinta-se o senhor de si mesmo, buscando na natureza o suficiente para sua existência, bem como daqueles que com ele vive. Para ele, apesar de todas as dificuldades que os seringais lhes impõem, a mata representa a sua existência, a existência de sua família e de seu grupo.

O seringueiro, não tem intenção nenhuma de sair da floresta e, quando o faz, é por conta das extremas dificuldades de permanência, principalmente, em virtude de doença, ou quando são coagidos a saírem. Finalmente, o governo despertou e passou a entender que é importante que o seringueiro permaneça nas florestas amazônicas, porque ele é uma barreira contra o desmatamento. Nesse entendimento, o setor público tem tido uma ação de criar políticas, dentre outras, a de subsidiar a borracha, exatamente para que o seringueiro continue seringueiro e no seringal. Deste modo, o seringueiro torna-se uma espécie de “guarda florestal” que, para os cofres públicos, custam quase nada comparado à estrutura que o

governo teria que constituir para manter, por exemplo, um regimento que pudesse manter essa preservação.

Esse novo modo, por parte do poder público, de visionar o seringal com o estabelecimento de políticas para o atendimento destes, mantendo presente o seringueiro na mata, faz com que o seringal hoje tenha uma nova conceituação que é uma conceituação voltada para reservas, para preservação e manutenção do meio ambiente. Nessa perspectiva, pode ser que se criem condições para que o seringueiro possa sustentar sua família com dignidade. Mas, para que isso aconteça, é necessário que os governos continuarem imbuídos na manutenção e alargamento dos incentivos que leve o seringueiro a permanecer na mata, principalmente quanto à assistência médica, educação e subsídios à produção.

Nessa perspectiva, podemos afirmar que o seringal vinculado aos ciclos da borracha que gerou riqueza, mas também, muito sofrimento e que foi a zero, está superado como forma de produção e como regime de trabalho que ele conteve. Ele foi muito duro, muito cruel, muito impiedoso com o trabalhador. Hoje, esse modelo de seringal não tem mais espaço dentro da economia regional, porque o extrativismo da borracha num contexto amplo de exploração como fora anteriormente, não compensa, é inviável e, por que não dizer, intolerável. Assim, hoje, as atividades que garantem a sobrevivência das famílias ribeirinhas em uma área de seringal são, basicamente, o cultivo da roça, a coleta da castanha, a extração do leite da seringa, da sorva, do óleo de andiroba e copaíba, bem como a exploração do açai e do mel.

Assim, mesmo diante dos esforços depreendidos na consecução deste estudo, temos consciência que este é um trabalho que pelo volume, pelo fôlego, tem muito ainda a fazer e a analisar, principalmente diante da crescente preocupação de preservação do meio ambiente, de modo que desde já estamos inquietos por saber qual a projeção que tomará o seringal? E, também, que papel ele poderá ter diante da sociedade moderna?

REFERÊNCIAS

- ÁLVARES, Maria Luzia Miranda; D'INCAO, Maria Ângela. **A Mulher Existe?** Uma Contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia. Belém: GEPEM, 1995.
- AMARAL, Januário; SILVA, Maria das Graças Silva do Nascimento; SOUZA, Mariluce Paes de. **Pesquisa na Amazônia:** Intervenção para o Desenvolvimento.
- AMARAL, Januário. **Mata Virgem:** Terra Prostituta. São Paulo: Terceira Margem, 2004.
- ANDRÊ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia na Prática Escolar.** 14ª ed., Rio de Janeiro: Papirus, 2008.
- BELTRÃO, Otto. **Realidade da Amazônia Brasileira.** Manaus: s/e, s/d.
- BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia:** Formação Social e Cultural. Manaus, Valer, 1999.
- _____, **Romanceiro da Batalha da Borracha.** Manaus: Imprensa Oficial, 1992.
- BOSI, Ecléa. **Lembrança de Velhos.** São Paulo, T. A. Queros Editor Ltda/USP, 1987.
- BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar:** ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- CAMARGO, Luís Henrique Ramos de. **A Ruptura do Meio Ambiente:** Conhecendo as Mudanças Ambientais do Planeta através de uma nova perspectiva da ciência: A Geografia da Complexidade. Rio de Janeiro: Bertrand, 2005.
- CASTRO, Iná Elias de; COSTA GOMES, Paulo César; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia:** Conceitos e Temas. 8 ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2006.
- CASTRO, Josué de. **Geografia da Fome.** 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- _____, Josué de. **Homens e Caranguejos.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- CHAYANOV, Alexander V. **La Organización de la Unidad Económica Campesina.** Ediciones Nueva Visión. Buenos Aires.
- CLAUDE, Raffestin. **Por Uma Geografia do Poder.** Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Editora Ática S.A, 1993.
- CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural .** Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 2ª ed. Florianópolis: UFSC, 2001.
- _____. IN: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Matrizes da Geografia Cultural.** Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

_____. IN: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia Cultural: Um Século** (2). Rio de Janeiro: UERJ, 2000.

_____. IN: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia Cultural: Um Século** (3). Rio de Janeiro: UERJ, 2002.

_____. IN: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Introdução à Geografia Cultural**: Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

COUTO, Rosa Carmina; CASTRO, Edna Ramos de. MARIN, Rosa Acevedo. **Saúde, Trabalho e Meio Ambiente**: Políticas Públicas na Amazônia. Belém: NAEA, 2002.

CUNHA, Euclides da. **À Margem da História**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DEAN, Warren. **A Luta Pela Borracha no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1989.

DIEGUES, Antonio Carlos (org). **Desmatamento e Modos de Vida na Amazônia**. São Paulo, Gráfica e Editora Alves Ltda, 1999.

EVANS-PRITCHARD, E.E. **Os Nuer**: Uma Descrição do Modo de Subsistência e das instituições políticas de um povo nilota. São Paulo: Perspectiva, 2005.

FERRARINI, Sebastião Antônio. **Transertanismo**: Sofrimento e Miséria do Nordeste na Amazônia. Petrópolis, Vozes, 1979.

_____. **Lábrea**: 1881 Ontem – Hoje 1991. Manaus, Imprensa Oficial, 1981.

_____. **Progresso e Desenvolvimento no Purus**. São Paulo: Editora FTD, s/d.

_____. **Cenários Amazônicos**. Porto Alegre: CMC Editora, 2006.

FRÉMONT, Armand. **A Região, Espaço Vivido**. Tradução Antônio Gonçalves. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico: Elaboração e Formatação. Explicação das Normas da ABNT**. 14^a. ed. Porto Alegre: 2006.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens**: um estudo da vida religiosa de Ita, Baixo Amazonas. 2^a ed. São Paulo, Ed. Nacional; Brasília, INL, 1976.

GIDDENS, anthony. **As Conseqüências da Modernidade**. Tradução Raul Fiker. São Paulo: ed. UNESP, 1991.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, Amazônia**. 2. ed. São Paulo: Contesto, 2005.

_____. Carlos Walter Porto. **Os Descaminho do Meio Ambiente**. 5^o ed. São Paulo: Contexto, 1996.

- GREGÓRIO, José. **Contribuições Indígenas ao Brasil: Lendas e Tradições – Usos e Costumes, Fauna e Flora – Língua – Raízes, Toponímia – Vocabulário. Volume 3.**
- HAESBART, Rogério. **O Mito da Desterritorialização: Do “Fim dos Territórios” à Multiterritorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- _____. **Concepções de Território para Entender a Desterritorialização.** IN: Santos, Milton. et al. **Território, Territórios: Ensaio Sobre o Ordenamento Territorial.** 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna.** 15ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- KAUSTKY, Karl. **A Questão Agrária.** São Paulo: Nova Cultura, 1996.
- KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto.** 2. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.
- KROEMER, Gunter. **Cuxiuara: O Purus dos Indígenas: Ensaio Etno-Histórico e Etnográfico sobre os índios do médio Purus.** São Paulo: Edições Loyola, 1985.
- LEFF, Enrique. **Epistemologia Ambiental.** Tradução de Sandra Valenzuela; Revisão Técnica de Paulo Freire Vieira. 3 ed. São Paulo, 2002.
- LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, Enxada e Voto: o município e o regime representativo no Brasil.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- LIMA, Cláudio de Araújo. **Coronel de Barranco.** 2ª ed. Manaus: Editora Valer, 2002.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma Poética do Imaginário.** Belém: Cejup, 1995.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental: Um Relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. (Os Pensadores).** 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MARQUES, José Roque Nunes. **Direito Ambiental: Análise da exploração madeireira na Amazônia.** São Paulo, LTr, 1999.
- MARTINELLO, Pedro. **A “Batalha da Borracha” na Segunda Guerra Mundial.** Rio de Janeiro: EDFAC, 2004.
- MARTINS, José de Souza. **O Cativo da Terra.** São Paulo, Hucitec, 1996.
- MARX, Karl. **O Capital.** Edição Resumida por Julian Borchardt. 7ª ed. Rio de Janeiro: LTC Editora S.A, 1980.
- MATIAS, Francisco; LIMA, Abnael Machado de. **Síntese da Formação Histórica do Estado de Rondônia: do século XVI ao século XX.** Porto Velho, 2005.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. **A Ilha Encantada: medicina e xamanismo.** Belém, Universidade Federal do Pará, 1990.

MEDEIROS FILHO, João; SOUZA, Itamar. **Os Degredados filhos da seca.** Vozes, Petrópolis, 1983.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral.** 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MELO, Anísio Taumaturgo Soriano de. **Vocabulário etimológico tupi do folclore amazônico.** Manaus, SUFRAMA, 1983.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória: A Cultura Popular Revisada.** 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.

MORAES, A. C. R. **Ideologias Geográficas.** São Paulo: Hucitec, 1998.

MORAES, A. C. R; COSTA; WANDERLEY, Messias da. **Geografia Crítica: A Valorização do Espaço.** 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

MOURA, Margarida Maria. **Camponeses.** São Paulo: Editora Ática, 1986.

MULLER, Mary Stela; CORNELSEN, Julce Mary. **Normas e Padrões para Teses, Dissertações e Monografias.** 5 ed. Atual. – Londrina: Eduel, 2003.

NASCIMENTO SILVA, Maria das Graças Silva. **O Espaço Ribeirinho.** São Paulo: Terceira Margem, 2000.

NOGUEIRA, Ricardo José Batista. **Amazonas: Um Estado Ribeirinho.** Manaus, Universidade do Amazonas, 1999.

OLIVEIRA, Ariovaldo U. **Integrar para não entregar: políticas públicas e Amazônia.** 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1991

RAPOSO, Gilberto Mestrinho de Medeiros. **Amazônia: Terra Verde: Sonho da Humanidade.** São Paulo: Editora Três, 1994.

RIBEIRO, Berta. **O índio na cultura brasileira.** 3. ed. Rio de Janeiro, 2000.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O Poder do Macho.** São Paulo: Moderna, 1987.

SANTOS, Maria Luzia; SILVA, Maria das Graças Nascimento. **A Mulher nos Seringais da Amazônia.** Mimeog., CNPq/UNIR, Porto Velho, 1996

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____. **Da Totalidade ao Lugar.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

_____. **Por Uma Geografia Nova.** 3ª ed. São Paulo: Editora HUCITEC, 1986.

_____. et al. **Território, Territórios: Ensaio Sobre o Ordenamento Territorial.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SANTOS, Nilson. **Seringueiros da Amazônia: Sobreviventes da Fartura**. São Paulo, USP, Tese de Doutorado, 2002.

_____. **Os Propósitos da Conservação Ambiental na Amazônia**. In GEOUSP – Dept. de Geografia – USP, n. 2, São Paulo, Humanitas Publicações, Março de 1998. p. 91-7.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 22ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Ângela Maria; FREITAS PINHEIRO, Maria Salete de; FREITAS, Nara Eugênia de. **Guia para Normalização de Trabalhos Técnico-Científico: Projetos de pesquisa, monografias, dissertações e teses**. Uberlândia: Edufu, 2000.

SILVA, Josué da Costa. **CUNIÃ**: Mito e Lugar. Dissert. , Mimeog., FFLCH/USP, São Paulo, 1994.

SIMONIAN, Ligia T. L. **Mulheres Seringueiras na Amazônia Brasileira: uma vida de trabalho silenciado**. IN: ÁLVARES, Maria Luzia Miranda; D'INCAO, Maria Ângela. **A Mulher Existe? Uma Contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia**. Belém: GEPEM, 1995.

SOUZA. Elias Bezerra de. **Retalhos de Mim**. São Paulo: Editora Scortecci, 1994.

_____. **Nossos Momentos** (antologia poética). São Paulo: Editora Scortecci, 1995.

_____. **Palavras & Versos**. São Paulo: Editora Afiliada, 1998.

SOUZA, Márcio. **A Expressão Amazonense: do Colonialismo ao Neocolonialismo**. São Paulo: Alfa-Omega, 1977.

TOCANTINS, Leandro. **O Rio Comanda a Vida: Uma Interpretação da Amazônia**. 9ª ed. Ver. Manaus, Valer, 2000.

_____. **Amazônia: Natureza, Homem e Tempo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1882.

WAGLEY, Charles. **Uma Comunidade Amazônica: Estudo do Homem nos Trópicos**. 3ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

WAGNER, Philip L.; MIKESELL, Marvin W. IN: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Introdução à Geografia Cultural**: Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

WEINSTEIN, Bárbara. **A Borracha na Amazônia: Expansão e Decadência (1850 – 1920)**. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

WOLFF. Cristina Scheibe. **Mulheres da Floresta: uma história: Alto Juruá, Acre, (1890-1945)**. São Paulo: HUCITEC, 1999.

GLOSSÁRIO DE TERMOS UTILIZADOS NO UNIVERSO PESQUISADO

Amapá - Tipo de árvore encontrada na Amazônia, cujo látex é muito utilizado pelo caboclo da região para fins medicinais.

Aperreado – Esse termo significa que o seringueiro ficará com grandes dificuldades de se manter, levando uma vida sem com muito sacrifício e endividado.

Areadas – Esse termo era usado pelo fato dos objetos serem limpos, esfregados com areia.

Açaizeiro – Tipo de palmeira encontrada na Região Norte do qual se extrai o açaí.

Atiçar - Para os caçadores amazônicos, esse termo é utilizado tanto para avivar o fogo como para instigar o cachorro contra a caça.

Aviadores - Grandes empresários donos de casas aviadoras que financiavam os seringalistas na abertura do seringal bem como mantinha os barracões sortidos com os mais diversos tipos de mercadorias.

Aviamento – Era toda a mercadoria ou mantimentos que o seringueiro comprava no barracão para o período do fábriço.

Baleeira - Os dicionários trazem como sendo uma embarcação usada na pesca da baleia, contudo, para os ribeirinhos amazônicos, baleeira é uma embarcação com o fundo de formato achatado, assim, é muito utilizada para transportar carga, propício para a navegação da região.

Bandeira ou Pano - Nome dado pelo seringueiro amazônico para designar uma determinada parte da madeira da seringueira na qual seriam feitas as incisões para a extração do látex.

Barracão - NASCIMENTO SILVA (2000, P.74) define Barracão como “o local onde morava o gerente do seringal e famílias de trabalhadores assalariados, formando pequeno lugarejo. Neste lugarejo ficava o armazém de mercadorias e o de borracha”.

Barrotes – Esteios de madeiras que sustentam as casas de palafitas.

Batelão - Barco grande de madeira, muito utilizado no transporte de pessoas e principalmente de carga.

Batermos água – Termo usado quando está se aprendendo a nadar. Assim, em vez de dizer que uma pessoa está aprendendo a nadar ou nada mal, diz-se que ela está batendo água.

Beiju – Bolo preparado com a massa da mandioca.

Bicho de Casco - Termo utilizado pelos ribeirinhos da região puruense para se referir às tartarugas, tracajás, capitari, pitiu, iacá, zé-prego, ou seja, às famílias do quelônios conhecidos na região.

Bico de Gaita – Um tipo de corte feito na diagonal de pequenas árvores, cujo fica com formato de um bico de gaita, só que bem pontiagudo.

Boião - Fogão feito de barro em formato de uma pirâmide, com uma boca redonda na extremidade, e serve para defumação do látex da seringueira.

Boinha – É muito comum as populações ribeirinhas atribuir o termo bóia às refeições diárias, assim, tudo que dona Maria queria era adquirir um pouco de comida para alimentar sua filha.

Brabo – Termo utilizado pelos patrões e seringueiros para designar um seringueiro que ainda não tem boa habilidade no corte da seringa.

Brim Coringa – Tipo de tecido muito vendido no seringal.

Bubuia – Quando não é necessário remar ou utilizar qualquer força que não seja a da correnteza para descer rios e igarapés.

Canço – Vara comprida à qual é amarada uma linha com um anzol na ponta para pescar.

Canoa - Embarcação feita do tronco de árvore e acrescida de tábuas na parte superior do casco, tornando-a maior.

Capoeira - Espécie de galinheiro. Lugar onde se abrigam aves.

Carregar minha filha – Dona Maria ao fazer uso desse termo estava se referindo ao ato de que seu pretendente a levaria à surdina, escondido de seus pais, sem os consentimentos destes. Esse termo tem também o sentido de roubar e de fugir.

Casas Aviadoras – Denominação dada às casas ou estabelecimentos que financiavam a exploração do látex.

Casco - Pequena embarcação feita exclusivamente do tronco de árvore.

Cavaco – Pequenos pedaços de paus, geralmente quando o ribeirinho termina de cortar a lenha para abastecer seu fogão ficam muitos pedaços e lascas de paus, chamado cavacos.

Cavador – Nome atribuído a um pedaço de pau de formato arredondado e de aproximadamente dois metros de comprimento e que serve como ferramenta no processo de defumação da borracha.

Centro - NASCIMENTO SILVA (2000, P.73) diz que “o Centro era constituído por várias colocações juntas, em média de três a quatro, porque nesse local estavam as várias “estradas de seringa”. Era para esse Centro que o seringueiro de outras colocações vinha no final de semana, quando não estava caçando ou pescando, para conversar ou participar de festas”. Entrementes, o caboclo da região puruense também usa o termo centro como referência ao local que reside, ou seja, no seringal.

Centro Administrativo – Nome denominado à figura Barracão porque é dali que todos que tem relação com aquele seringal são gerenciados.

Cernambi - Quando o seringueiro corta a árvore de seringa e colhe o leite, no outro dia, o restante do leite que ficou escorrendo está coalhado, a essa seringa, dar-se o nome de cernambi. Quando há muita impureza na borracha, esta é qualificada como cernambi, por conta da qualidade inferior.

Colocação - NASCIMENTO SILVA (2000, P.73) usa o termo Colocação como sendo “uma casa coberta de palha com piso alto, tipo palafita, para proteger os moradores de onças e outros animais. A metade da casa pode ser cercada com o caule de uma palmeira denominada *pachiúba* (sic) ou palha, formando um cômodo apenas. Havendo somente o casebre, o lugar de defumação e a floresta”.

Crueira – Restos de talos que se retira da mandioca quando se faz o processo de peneiração.

Debulhação – Ato de debulhar, ou seja, retirar os caroços da vassoura ou cacho.

Defumação – É o ato de defumar. É o momento em que o seringueiro coloca o leite para coalhar com a quentura e fumaça expelida pelo boião.

Defumador – Local onde o seringueiro faz a defumação

Defumar – É o ato de fazer a defumação.

Descansar – Em linguagem ribeirinha, uma mulher quando está preste a descansar, significa que ela está preste a dá à luz, ou seja, de ter um filho.

Dourado – Espécie de peixe, classificado pelos ribeirinhos como sendo liso ou de couro. Peixe de grande porte. Diferencia-se do **filhote** por ter uma cor um pouco dourada

Embarcações de grande calado – Barcos com grande capacidade de carga.

Emboléu – De qualquer jeito, sem recursos.

Encalacrado – No contexto exposto por José Valentim, esta palavra significa uma pessoa que está na condição de devedora, vivendo no cativo e na dependência.

Encerado - Saco impermeável feito do próprio leite da seringa. É muito utilizado no seringal.

Encostar – É o ato de parar o barco no porto; atracamento da embarcação.

Engranitar – Formar caroços quando do ato da defumação do látex.

Espinhel - Equipamento de pescaria que consiste numa série de anzóis presos por pequenas linhas a uma linha maior e distante entre si.

Espora - Ferramenta de ferro no formato de um anzol com uma robusta espora do lado interno. Esse equipamento é preso nas pernas do extrator que utilizada para subirem nas árvores de sorva e efetuarem seu corte no topo de tronco. Com essa técnica não precisaria mais sacrificar as árvores para extrair seu látex.

Estradas de Seringa – É formada por um caminho que liga uma seringueira a outra. Seu formato é em forma de gota e, geralmente, é constituída por uma quantidade de madeira que gira entre 100 a 250, tudo dependerá da concentração das árvores neste local.

Farinha d'água – Os ribeirinhos lhe atribuí este nome pelo fato desta farinha ser fruto de um processo que resulta do apodrecimento da mandioca posta de molho em um cercado feito no leito do rio ou numa canoa alagada.

Fazenda de pano – Significa uma peça de tecido ou pano para fazer roupas.

Fechar o Corte – Quando o seringueiro termina de cortar todas as seringueiras da estrada de seringa. após esse ato, ele se prepara para colher o leite.

Filhote – Espécie de peixe muito parecido com o dourado mas, com uma cor um pouco mais escura. Esse peixe, segundo alguns pescadores, chega a atingir os 100 quilos.

Foi ela quem pegou – Designação dada à parteira que fez o parto.

Freguês – Denominação dada ao clientes do Barracão, ou seja, aos que faziam suas compras naquele local.

Fruta Reimosa – As frutas consideradas reimosas são, dentre outras o limão, a laranja, a manga o abacaxi, ou seja, praticamente as que contem um teor de acidez.

Furo – É um atalho que se forma quando as águas dos rios estão elevadas, assim, uma volta de rio que no período da seca é feita num determinado tempo, nas cheias esse mesmo trecho, feito por meio do furo, leva em muitos casos um quinto do tempo.

Gapó – Para os ribeirinhos, gapó é mesmo que igapó.

Goma – Massa branca que se retira da mandioca ralada quando esta é posta na prensa e aparada o líquido. Deixa algumas horas em repouso e a massa fica no fundo do recipiente.

Guariba – Espécie de macaco de pelos avermelhados. São conhecidos também por barbado e bugio. Geralmente gritam alto e em coro tanto no amanhecer como no entardecer.

Imbaúba – De acordo com o dicionário virtual Editora Rideel, imbaúba ou embaúba significa: s.f. Árvore brasileira típica das regiões tropical e equatorial, da família das moráceas (*Ceropia adenopus*), de folhas grandes e lobadas, cujos brotos servem de alimento à preguiça. □ Var. umbaúba e imbaúba.

Interior – Expressão usada pelos ribeirinhos para designar o local onde moram, ou seja, na mata. O mesmo que centro.

Jaraqui – Espécie de peixe de escama muito encontrado no rio Purus e seus afluentes.

Jibóia – Tipo de cobra muito encontrada na região amazônica, não é venenosa porém sua mordida pode causar infecção.

Jirau – Espécie de área suspensa, tipo palafita. Esse jirau pode ser na parte da frente da casa ou na parte de trás.

Lamparina – Recipiente feito de flandres tendo no seu interior material líquido, como, por exemplo, querosene ou óleo diesel e um pavio mergulhado que ultrapassa a extremidade superior onde é acendido para iluminar o local. Muitos ribeirinhos, não dispendo de dinheiro para comprar as lamparinas, fazem uso de latas pequenas, como de leite em pó.

Levar uma vida de regatão – Passar a viver vendendo ou trocando mercadoria por produtos junto aos seringueiros ao longo dos rios amazônicos.

Mãe Velha – É a designação dada à parteira que fez o parto, que pega a criança.

Mariscar – O mesmo que pescar.

Massa de Mira – Pino fixo na extremidade da arma de fogo. Serve para fazer a pontaria.

Massa Puba – Massa da mandioca que foi posta de molho e após três dias está podre e pronta para ser retirada.

Mata de Capoeira – É a mata que cresceu onde um dia fora um rosado, ou seja, uma área que teve sua mata nativa derrubada e hoje cresce uma nova mata.

Matrinchã – Peixe de escamas. Muito apreciado pela população local, pesando em média dois quilos.

Moqueado - O caboclo amazonense atribui essa palavra aos peixes que são assados com as escamas.

Mosquiteiros - É uma espécie de cortinado, o qual protege dos mosquitos. No seringal é muito utilizado pelos ribeirinhos.

Motor de Rabeta - Motor equipado com um tudo de ferro ou galvanizado que serve como proteção da hélice. Geralmente tem um comprimento entre 2 e 3 metros.

Mujangué - Prato muito apreciado pelos ribeirinhos, feito da gema dos ovos do tracajá, tartaruga ou pitiu, batidos com açúcar e farinha.

Mulheres Penduradas – Esse termo é usado para demonstrar a inaceitabilidade, por parte de alguns proprietários de seringais, do seringueiro poder ser inserido num seringal levando uma mulher.

Munheca – É onde chamamos de pulso. Parta da mão que se liga ao braço.

Mutuca – Espécie de inseto sugadora de sangue.

Nadando de um esteio para o outro –

Navios Gaiolas – Tipo de embarcação típica da região norte, muito utilizada na época do seringal

Ofendido – Termo utilizado para dizer que uma pessoa foi picada por uma cobra. O uso dessa expressão está ligado à crença ribeirinha que acreditam que se usarem o termo picada o indivíduo vitimado possa ter maiores complicações ou, até mesmo, vir a óbito.

Onça Canguçu – É o mesmo que onça pintada.

Os Queixadas – Espécie de porco do mato. Maior que o caititu e muito mais valente. Anda em bando e quando atacam, também o fazem em bando. É muito parecido com o javali.

Panaco – Espécie de paneiro feito na mata pelo ribeirinho com palhas do babaçu e forrado com folha de sororoca. Serve para carregar castanha ou qualquer outro produto.

Paneiro – Cesto feito de cipó pelo caboclo da Amazônia.

Paperzinho – O mesmo que tapiri, ou taperi.

Para-Peito - Termo usado na região puruense para designar uma parede que tinha a altura aproximada a do peito (tórax) de um caboclo.

Patrão - Modo como eram conhecidos e tratados os donos dos seringais.

Paxiúba - Os caboclos do município de Lábrea, estabelecidos ao longo do Rio Purus e seus afluentes, a retiram preferencialmente dos açazeiros por darem um melhor acabamento quando da construção dos assoalhos e paredes. Para se obter a paxiúba parte-se o açazeiro ao meio e raspa-se a parte externa, a qual será fixada no assoalho com essa extremidade voltada para cima.

Peixe Escalado - Peixes de escama tipo pacu, sardinha, jaraqui e matrinhã, limpos, abertos ao meio, salgados e secos ao sol. O ribeirinho se utiliza muito dessa técnica para ter uma ração menos perecível.

Peixe liso – O ribeirinho amazônico atribui esse termo para designar um peixe sem escamas, ou seja, para dizer que aquele peixe é de couro, por isso ele é liso.

Pequiá – Fruta muito apreciada pela população ribeirinha. Uma vez colhida na mata, é descascado e levado para cozinhar. Muitos ribeirinhos comem acompanhado de café e farinha.

Perna da Estrada – Como a estrada tem o formato de uma gota, a perna da estrada é a parte anterior a volta da estrada.

Picada – São marcações de um pequeno caminho aberto na mata a golpes de facão.

Pirarara – Peixe de couro de corpo robusto e cabeça achatada.

Pium – Pequeno inseto que ferra a pessoa para sugar o sangue. Tem também os meruins, mucuins, carapanãs, borrachudos, potós e as mutucas, todos sugadores de sangue.

Poronga - Luminária fabricada com flandres, com pavio de pano, alimentada à querosene, usa pelo o homem da floresta acoplada na cabeça para percorrer os caminhos/estradas no período da noite.

Quebra-Jejum - Primeira refeição do ribeirinho. Na maioria das vezes o seringueiro leva para o seu dia de trabalho na mata peixe ou carne de caça frita dentro de uma lata com farinha.

Quebranto – De acordo com a superstição popular, uma pessoa está com quebranto quando ela está prostrada, com fraqueza. Esse estado é resultado de mau-olhado que certas pessoas produzem em outras.

Quebrei castanha – Esse termo não se restringe somente ao ato cortar os ouriços e retira as castanhas de dentro, mas, a todo o processo da coleta da castanha, que vai da limpeza do caminho, juntar os ouriços, quebrá-los para retirar a castanha, carregar, lavar e medi-la.

Recendendo a Catinga – Exalando o mau cheiro da borracha defumada.

Resguardo – Dieta; período após o parto, em que a mulher fica acamada ou em repouso.

Restinga - Corresponde a uma faixa de terra que beira igarapé ou rio ou que emergem destes quando das enchentes e inundações.

Rodo - Alguns seringueiros do vale do Purus chamavam de rodo a volta da estrada de seringa.

Sabão Cotia – Tipo de sabão em barra muito vendido nos Barracões.

Sapatos de seringa – O seringueiro confeccionava os calçados de que precisava sua família com o leite de seringa.

Seringalista – Donos de seringal, onde, muitos eram conhecidos por coronel. Geralmente eram pessoas que conduziam esses seringais com muito rigor.

Somar seu Talão – Calcular a receita e as despesas do seringueiro. Ver se o seringueiro tem saldo ou não.

Sororoca - Espécie de planta encontrada na floresta amazônica, tendo suas folhas muito parecidas com as da bananeira, só que em tamanhos menores. É muito utilizada pelo caboclo para forrar os panacos e paneiros para armazenar farinha.

Sorva – A sorveira é uma árvore de grande porte e muito abundante na produção de látex. Esse látex possui uma cor esbranquiçada e bastante concentrado e, de sabor adocicado.

Também produz frutos no formato de um limão, quando está maduro a cor verde passa à cinza. São de um paladar muito apreciado. O leite também pode ser ingerido, contudo, aconselha-se que seja diluído em um pouco de água. Para extrair o látex, o sorveiro dispõe de duas técnicas: uma bastante radical, sendo preciso derrubar a árvore e fazer incisões em formato de anéis, ao longo de todo o caule, com uma ferramenta chamada tarisca. As incisões medem aproximadamente entre 3 e 5 centímetros de largura, enquanto que a profundidade é de acordo com a espessura da casca. O látex é aparado por bandas de latas de 18 litros. Na outra técnica, o sorveiro utiliza-se de uma ferramenta chamada espora para, paulatinamente, ir subindo e fazendo as incisões em formato de V arredondado. Vale ressaltar que com a utilização da última técnica em pouco tempo a árvore se recompõe das incisões, enquanto que no primeiro caso ela é sumariamente morta. Esse látex também é bastante utilizado nas indústrias como matéria-prima, exemplo disso é fabricação da famosa goma de mascar. Os extratores da região puruense, armazenam esse látex em paneiros forrados com folhas de sororoca, onde se solidifica. Hoje, sua extração é muito tímida, ao ponto que no município de Lábrea a extração desse produto é basicamente toda utilizada para calafetes de embarcações. Pode, também, ser utilizado industrialmente na produção de vernizes.

Sucuri – Espécie de serpente de grande porte, chegando a atingir, de acordo com relatos de ribeirinhos, 12 metros de comprimento e uma grossura de cinquenta centímetros de diâmetro.

Surucucu – Serpente muito venenosa.

Çacupema - MELLO (1983, p.79) expõe que a çacupema é um “[...] tronco de árvore que é transformado em instrumento para chamar o povo para festas e reuniões [...]”. Esse troco de árvore também serve de comunicação na floresta. Muito utilizado por quem se encontra perdido ou para achar alguém. Para tirar o som dele é só batê-lo com um pedaço de madeira (porrete).

Tapioca – Espécie de bolo feita da goma retirada da mandioca.

Tapiri - GREGÓRIO (vol. 3, p.1154) diz que “o Tapiri é uma espécie de cabana de palha, sem janela, apenas uma entrada; o teto em forma cônica, com pequena abertura para a saída da fumaça, com o mesmo sentido aparece a forma paperi ou papiri”.

Tarrafa – Rede de pesca em formato de seio, muito utilizada pelos ribeirinhos.

Toros – Parte do tronco de uma árvore.

Umbigo da Castanha – Parte interna do ouriço de castanha que prende este nos galhos da castanheira.

Urucuri – Espécie de coco nas cores verde e amarelo. Quando maduro, retira-se as cascas e comem uma estreita massa adocicada que fica entre a casca e o caroço. Seu formato lembra o do babaçu.

Uxi – Fruto do uxizeiro encontrada na mata espécie de

Voadeira – Pequena embarcação, geralmente feita de alumínio com um motor de alta rotação instalado na popa.

Vou tira a Estrada – Quer dizer que o seringalista vai retirar a estrada da mão do seringueiro e passar para outro. Geralmente isso acontece por falta de saldo do seringueiro.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Pesquisa: O Modo de vida no seringal no contexto atual do município de Lábrea

Entrevistador: data:/...../.....

I - IDENTIFICAÇÃO DA COMUNIDADE/ENTREVISTADO

1. Nome -----, idade ----- Estado civil -----

Local de nascimento -----Total da área do imóvel:-----

Nome do Imóvel ----- tempo de moradia no local:-----
quais são as distâncias para os lugares que frequenta?

Próximo vizinho : tempo:----- tipo de transporte-----

Próxima vila:tempo:----- tipo de transporte -----

Próxima cidade: tempo:----- tipo de transporte: -----

2. Número de pessoas que residem no imóvel:

Nome	Idade	Parentesco	Sexo	Instrução (Série)	Local de Nascimento	Religião

II - CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

1. Tempo de moradia na localidade:
até 1 ano () 1 - 3 anos () 3 - 5 anos () 5 - 10 anos () mais de 10 anos ()

2. Em que ano foi adquirida e como foi adquirida o imóvel?

() compra/troca de outro proprietário anterior

() compra/troca de terceiros não-proprietário (p.e. grileiro)

() eu ocupei a terra (ex: posse, invasão)

() outros _____

3 Possui documento: sim () não () Se sim, qual:

(...) recibo ou contrato de compra e venda - : (...) escritura pública : (...) escritura : (...) Outro

4. O dono atual desta propriedade possui alguma propriedade rural em outra localidade? Onde? -----
 ----Desenvolve nela algum tipo de atividade? Qual?-----

5. caracterização da habitação:

(parede): 1. alvenaria 2 taipa 3 madeira 4 palha 5 lona 6 barro 7 paxiuba 8 outros _____

(Cobertura -telhado): 1 palha 2 telha amianto 3 telha de zinco 5 outros _____

(Piso): 1 cimento 2 barro 3 tábuas 4 outros _____

(conservação da moradia): 1. boa 2 regular 3 precário

(Sanitários): 1. interno com fossa séptica 2 interno sem fossa séptica 3. externo com fossa séptica 4. externo sem fossa séptica 5. não há

(Abastecimento de água): 1 poços artesianos 2 poços amazônicos 3. rio 4 outros

.....

(distância da casa) para o rio ----- para a mata -----

(energia elétrica) () sim () não

6. Bens existentes no imóvel

() fogão a gás () rádio () televisão () microondas () geladeira () freezer () carro () outros

III – CARACTERÍSTICAS DA POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA

PRODUÇÃO

1. O que produz aqui na propriedade?-----

2 que tipos de ferramentas utiliza no trabalho da propriedade?-----

3. Com quem comercializa a produção? -----

4. Qual o rendimento anual da família?-----

5. que investimento faz em caso de lucro?-----

6. Tem alguma área preservada com vegetação natural (mata/floresta)? () sim () não

7. Qual a função desempenhada pelos membros da família

Nome	Atividade	Setor	Período

8. Alguém da família participou de algum curso de capacitação ou de formação? () sim () não Qual curso/órgão responsável: -----

9. Contrata mão de obra? Para que atividade?-----

10. Retira produtos da mata?

Produto	período	quantidade	Quem faz	Onde vende	Lucro médio

11. Trabalha com corte de madeira? () sim () não

12. A localidade possui um plano de manejo florestal para a exploração de madeira? (....) sim (....) não

13. Outras fontes de rendas: (....) aposentados R\$ _____ (...) assalariados R\$ _____ (....) venda de artesanato R\$ _____ (...) outras R\$ _____ citar _____

14. Trabalha com extrativismo? (....) sim (....) não
(se sim) com que produtos e em que período do ano pratica extrativismo?-----

15. Que atividades desenvolvia antes do extrativismo?-----

16. Extrativismo Cultivados:

espécies	produção	destino	Valor unit. da venda	Vende p/quem
N de seringueiras	Kg			
N de castanheiras	Kg			
N de copaíba	Kg			
Produção de mel	Kg			
outras	Kg			

17. culturas permanentes/temporárias

Nome da cultura	Área (Ha)	idade	Quant. De produção	destino	Valor unit.
Arroz			sc		
Feijão			Sc		
Milho			Sc		
Mandioca			Kg		
Cacau			Sc		
Café			Kg		
Soja			Sc		
Banana			Cacho		
Cupuaçu			Kg		
Pupunha			Kg		
Mamão			Kg		
hortaliças			Kg		
Pomar					
Lavoura consociada *					
outros					

MOU – mão-de-obra utilizada – destino: cp – consumo próprio; vt – venda a terceiro; vdc –venda direta ao consumidor.

(*)especificar lavoura consumida ---(**)especificar consócio agroflorestais

18 – que tipo de produção (qualquer tipo) pretende realizar nos próximos 02 anos?-----

19 – atividade de pesca:

espécie	Quant. De produção	Período do ano	destino	Valor total

20 – criação doméstica:

espécie	Número de cabeças	destino	Valor total

TRANSPORTE

1. Como ocorre o escoamento da produção?-----

2. qual é o custo do transporte da produção?-----

3. Qual é a frequência do oferecimento do transporte de passageiro?-----

4. Qual é o custo do transporte de passageiros?-----
5. Há outras formas de pagamento de passagens além do dinheiro? () sim () não
(se sim) quais?-----

ASSOCIATIVISMO

1. participa ativamente de alguma associação? () sim () não
(se sim): Que tipo de serviços esta entidade oferece?-----

(se sim) Esta entidade já desenvolveu ou esta desenvolvendo algum tipo de projeto na comunidade? -----

(se sim):Qual o resultado alcançado?-----

2. participa de alguma atividade com sua comunidade? Quais-----

- 3- troca dias de serviço? Em que atividades? Quando?-----

4. participa de multirão? Para que atividade? Quando?-----

SAÚDE

1. quais as principais doenças existentes na região?-----

2. como são tratados?-----

3. a localidade possui posto médico? Como é feito o atendimento?-----

4. utiliza os serviços de curadores, benzedores, rezadores, parteiras? () sim () não
(se sim) acredita na eficácia desses tratamentos? por que?-----

(se sim) como é feito cada tratamento?-----

5. utiliza ervas para tratamento de saúde? () sim () não
(se sim) que ervas utiliza para cada caso de doença?-----

6. (se sim) como é feito o uso das ervas?-----

EDUCAÇÃO

1 Existe escola pública próximo da moradia? () sim () não – distância:-----

2. A escola oferece merenda? () sim () não

3. A escola oferece até que série?-----

4. Estrutura da escola: (...) tapiri (...) madeira.....(...) alvenaria

5. Condições da escola: (...) boa (...) regular (...) precária (...) insuficiente

6. Recebe algum auxílio governamental? () sim () não

7. (Se sim) que auxílio?-----

CULTURA/LAZER

1. quais são as atividades de lazer que a família participa?

atividade	local	Período do ano	Numero de participantes	É religioso?

2. Quais são os festejos locais?

festejo	local	Período do ano	Numero de participantes	É religioso?

IV – OUTRAS CONSIDERAÇÕES

1. Quais as razões que lhe levaram a morar nesta localidade?-----

2. o que significa para você morar aqui?-----

3. Gostaria de Morar em outro lugar? Onde e porque?-----

conte a história deste local:

conte uma história da mata

conte uma história das águas:

APÊNDICE B: Mapa de Pontos Amostrais – Comunidades.

